

Evelyn Correia
Marcos Ruiz da Silva
Tatiane Calve
(Orgs.)

EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDOS SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS PRESENCIAIS, HÍBRIDAS E REMOTAS



REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO- Dra. Renata Burgo Fedato

CAPA- Esp. Ana Lucia Zattar Coelho

EDITORA CHEFE- Dra. Dinamara Pereira Machado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calve, Tatiane

Educação física [livro eletrônico] : estudo sobre práticas corporais presenciais, híbridas e remotas / Tatiane Calve, Evelyne Correia, Marcos Ruiz da Silva. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : Escolha Certa Editora, 2023.

PDF

ISBN 978-65-85446-03-7

1. Educação física 2. Ensino híbrido 3. Práticas corporais 4. Professores - Formação profissional
I. Correia, Evelyne. II. Silva, Marcos Ruiz da.
III. Título.

23-165133

CDD-613.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física : Estudo e ensino 613.7

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Escolha Certa Editora

Curitiba- Pr

editoraescolhacerta.com.br

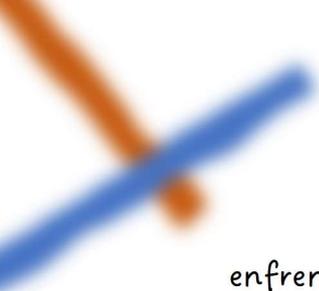
APRESENTAÇÃO

Ensino à distância (EaD) não é uma inovação que chegou com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), muito menos pela necessidade da transformação do ensino presencial em remoto, decorrente da obrigatoriedade do distanciamento social imposto pela pandemia do COVID-19. Há registros de que, o ensino, na modalidade EaD, surgiu em 1904, com cursos por correspondência. Entre as décadas de 20 e 40, os cursos à distância, ganharam espaço no rádio e, posteriormente, nas revistas e na TV, com os telecursos.

O Instituto Universal Brasileiro, formou e profissionalizou milhões de pessoas, com seus cursos por correspondência, oferecendo educação e formação profissional para aqueles que não tinham condições de cursar um ensino presencial.

São vários os motivos para uma pessoa buscar o ensino à distância, como dificuldade no transporte e acessibilidade à universidade, falta de tempo para o deslocamento, fator financeiro, praticidade de estudar onde e quando desejar.

Em 2020, mais um motivo levou aos estudantes, de todos os níveis educacionais e cursarem, remotamente, o ensino infantil, fundamental, médio e superior. O distanciamento social imposto pela pandemia do COVID-19 obrigou todos a estudar e realizar as atividades teórico-práticas em suas residências, sobre orientação dos professores e materiais didáticos enviados pelas instituições de ensino. Durante o período pandêmico, crianças foram alfabetizadas, jovens estudaram para prestar vestibular e graduandos concluíram seus estágios de maneira remota. Com isso, aulas práticas, como as de educação física, também foram realizadas à distância. Profissionais se adaptaram para oferecer educação física escolar, dança, ginástica e treinamento esportivo através de ferramentas digitais, como aplicativos e as diversas redes sociais.



Independentemente da modalidade de ensino e das adversidades enfrentadas por professores e alunos, a prática da educação física está diretamente relacionada com a compreensão e desenvolvimento do movimento humano e suas nuances. Entende-se, portanto, que as práticas corporais, sejam elas realizadas em caráter educacional, lazer ou competitivo, podem ser planejadas, orientadas e realizadas de maneira presencial, à distância e/ou híbrida.

A obra "*Educação Física: estudos sobre práticas corporais presenciais, híbridas e remotas*" apresenta ao leitor, ao longo dos 14 capítulos, o acesso a pesquisas, propostas de ensino e experiências práticas, envolvendo variedade de temas relacionados a Educação Física, nas modalidades, presencial, híbrida e remota.

O primeiro capítulo intitulado "*A dimensão da prática na formação em educação física no século XXI: uma análise a partir da pandemia da COVID-19*", busca caracterizar práticas pedagógicas na formação do profissional de educação física na Educação à Distância, estabelecendo relação entre o ensino e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).



"*A necessidade de desenvolvimento humano durante a pandemia de COVID-19*" é o segundo capítulo que descreve as dificuldades encontradas por professores e estudantes durante o processo de ensino e aprendizagem da educação física. São enfatizados o conhecimento e crescimento pessoal neste período.

No capítulo três "*A percepção de discentes de educação física, sobre estratégias de formação em período de pandemia (Corona Virus Disease - COVID-19)*", reflete a respeito da percepção dos graduandos do curso de Educação Física sobre as estratégias e experiências pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem na educação à distância.

Durante a pandemia do COVID-19 inúmeras foram as estratégias utilizadas por educadores em diferentes níveis de ensino e as redes sociais foram primordiais para a educação e interação. A proposta do capítulo quatro "*Articulação de*

atividades pedagógicas do ensino a distância e as redes sociais – facebook” discute sobre a relação das atividades pedagógicas do ensino à distância e as redes sociais na formação e engajamento de estudantes dos cursos de Artes Visuais, Educação Física e Música em uma Instituição de Ensino Superior (IES).

No quinto capítulo, os autores de **“Aulas remotas em educação física: tematização das aulas e problematização da realidade”**, discutem os desafios da docência universitária, a formação em educação física e as práticas de ensino elaboradas e aplicadas remotamente durante a retomada as aulas no período pandêmico.

O capítulo seis, **“Boas práticas no ensino remoto envolvendo a recreação e as micro aventuras na educação física”**, indaga as práticas relativas a educação física, no ensino remoto, em relação a ludicidade denominadas micro aventuras, no qual relata a experiência de atividades desenvolvidas para a formação continuada e recreação realizadas com o auxílio da tecnologia dos ambientes virtuais.

“Cenários da educação física em época de SARS-COV-2”, é o sétimo capítulo, no qual os autores expõem os desafios de manter o desenvolvimento físico e mental de crianças, pais e professores durante o distanciamento social realizando atividades práticas ao vivo e virtual.

Os autores de **“Ensino remoto em tempos de pandemia: um olhar para a educação física”**, oitavo capítulo relatam a perspectiva dos alunos do ensino fundamental em relação as aulas remotas de educação física durante o período pandêmico COVID-19.

O **“Relato de experiência de um professor durante a quarentena”**, é o capítulo nove, no qual a experiência relatada pelo autor, expõem a transição de um professor de educação física de uma escola de ensino fundamental, de uma região central do município de Itatiba-SP, para a zona rural. O professor descreve as adaptações e adequações efetuadas pelas escolas e secretaria de educação do município, para

atender de maneira satisfatória os alunos da rede municipal de ensino, durante o distanciamento social imposto pela pandemia.

No décimo capítulo, o autor de **"Reflexões sobre os caminhos para o ensino a distância para Educação Física"**, traz discussão sobre as mudanças no ensino da educação física e o avanço do ensino à distância, em todos os níveis educacionais, em decorrência da pandemia do COVID-19, indicando mudanças de paradigmas e adaptações em relação à prática de atividade física e ao ensino da educação física à distância.

A leitura do capítulo 11, **"Os jovens em isolamento social: uma proposta de vivências de práticas corporais e educação para a saúde por meio das mídias sociais"**, proporciona uma reflexão sobre as ações realizadas pelo projeto de extensão "Educação física escolar: a prevenção e o combate à obesidade por meio de práticas corporais", no qual os professores e autores desse capítulo utilizaram as mídias sociais, com *facebook* e *whatsapp*, para realizar uma proposta de educação e estímulo na prática regular de atividade física e promoção da saúde de crianças e adolescentes, durante o período pandêmico.

O capítulo 12, **"Recursos tecnológicos na pandemia: práticas corporais online nos cursos de educação física EAD"**, descreve o processo de reformulação das aulas práticas dos cursos de educação física, perante o cenário da pandemia do COVID-19. Os autores indicaram recursos utilizados para manter contato entre os graduandos e os docentes do curso sem que houvesse prejuízo no processo de ensino e aprendizagem.

"Políticas públicas de esporte e lazer e sua (des)contextualização como o sistema de garantia de direitos", é o capítulo 13 da obra, no qual, é analisado o subcampo das políticas públicas de esporte e lazer, enfatizando os direitos destinados à criança e ao adolescente. Os autores discutem, neste capítulo, o esporte como fenômeno multidimensional e a sua relação com as políticas públicas.



Os autores do capítulo 14, “Práticas pedagógicas para o ensino da Educação Física no Ensino Médio na modalidade EAD”, apresentam uma reflexão sobre as características dos estudantes considerados nativos digitais e os desafios dos profissionais da área da educação, principalmente professores de educação física. Durante as aulas remotas, em decorrência da imposição do distanciamento social, durante a pandemia do COVID-19. Os autores indicam a metodologia e exemplificam algumas atividades desenvolvidas, buscando ampliar as competências e habilidades para o novo contexto educacional.

Finalizando a obra, os autores do capítulo 15, “Programas de iniciação científica e monitoria em cursos de Educação Física em EAD”, apresentam as características e os benefícios dos Programas de Monitoria e Iniciação Científica dos cursos de Educação Física em EaD, em relação às experiências nas práticas pedagógicas no auxílio de seus pares e na pesquisa para a formação do estudante universitário.

Esta obra proporcionará aos profissionais da educação e afins a ampliação de conhecimentos e estratégias de ensino para o enfrentamento de novos desafios envolvendo a aplicação das práticas corporais, na modalidade presencial, híbrida ou remota.



SUMÁRIO

1- A DIMENSÃO DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19

**Emerson Liomar Micaliski
Katuscia Mello Figuerôa
Marcos Ruiz da Silva**

2- A NECESSIDADE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Barbosa, Walnizeti Guedesa

3- A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO EM PERÍODO DE PANDEMIA (CORONA VIRUS DISESE - COVID19)

**Maffei, Willer Soares
Carvalho, Dariel De**

4- ARTICULAÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DO ENSINO A DISTÂNCIA E AS REDES SOCIAIS - FACEBOOK

**Coelho, Ana Lucia Zattar
Sandy, Danielly Dias**

5- AULAS REMOTAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA: TEMATIZAÇÃO DAS AULAS E PROBLEMATIZAÇÃO DA REALIDADE

**Silva, Morgana Cláudia da
Fonseca, Rubiane Giovani**

6- BOAS PRÁTICAS NO ENSINO REMOTO ENVOLVENDO A RECREAÇÃO E AS MICROAVENTURAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

**Risso, Helli Faria Ferreira
Junior, Cleber Mena Leão
Pimentel, Giuliano Gomes de Assis**

7- CENÁRIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM ÉPOCA DESARS-COV-2

**Camargo, Gustavo Machado
Gouveia, Thatiane Alves**

SUMÁRIO

8- ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

**Maffei, Willer Soares
SILVA, Wesley Raimundo Pereira**

9- RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROFESSOR DURANTE A QUARENTENA

Giovanni de Almeida Andreotti

10- REFLEXÕES SOBRE OS CAMINHOS PARA O ENSINO A DISTÂNCIA PARA EDUCAÇÃO FÍSICA

ALBANO, Marcos Vinícius de Moraes

11- OS JOVENS EM ISOLAMENTO SOCIAL: UMA PROPOSTA DE VIVÊNCIAS DE PRÁTICAS CORPORAIS E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE POR MEIO DAS MÍDIAS SOCIAIS

**Júnior, Arestides Pereira da Silva
Doebber, Gabriela Dalpissol
Tosti, Lauana de Lima
Souza, Dayane Cristina de**

12- OS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA PANDEMIA: PRÁTICAS CORPORAIS ONLINE NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EAD

**Carlos Alberto Holdefer
Marina Toscano Aggio
Eduardo Emílio da Costa**

13- POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER E SUA (DES)CONTEXTUALIZAÇÃO COM O SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS

**Rosa, Ricardo Lemes da
Silva, Jéssica Adriane Pianezzola
Eyng, Ana Maria**

14- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE EAD

**Bravalheri, Rubens de Sousa
Santos, Felipe Haleyson Ribeiro dos**

15- PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E MONITORIA EM CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM EAD

**Correia, Evelyne
Calve, Tatiane
Milleo, Thaisa**

1 A DIMENSÃO DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19

Emerson Liomar Micaliski¹

Katiuscia Mello Figuerôa²

Marcos Ruiz da Silva³

Resumo

Em decorrência da pandemia da COVID-19, várias medidas sanitárias foram adotadas para conter a propagação do vírus. Diversas cidades do país foram obrigadas a cumprir regras de isolamento social, forçando instituições e pessoas a se adaptarem ao uso dos mais diversos recursos tecnológicos para a realização das atividades cotidianas. Seguindo as recomendações dos órgãos de saúde, as Instituições de Ensino Superior se adequaram ao ensino remoto para a realização das aulas. Diante desse cenário, em particular nos cursos de Educação Física, foi necessário rever alguns paradigmas, como, por exemplo, a necessidade e a forma de realização de atividades corporais, como a prática das modalidades esportivas, de jogos, ginásticas ou lutas para legitimar a formação inicial na área. A partir disso, a proposta deste trabalho foi a de caracterizar o sentido de prática na formação profissional em Educação Física e estabelecer uma discussão sobre o ensino a partir do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação e as práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância.

Palavras-chave: Formação profissional; Prática. Educação Física; Tecnologias da Informação e Comunicação.

¹ Mestre em Teologia e Sociedade. Especialista em Educação Física Escolar e, Formação Docente para EAD. Graduado em Educação Física. Professor dos cursos de especialização *Latu Sensu* da UNINTER.

² Doutora em Ciências da Atividade Física e Desportiva. Especialista em Educação Física Escolar, História e Cultura Afro-brasileira e Indígena e Formação Docente para EAD. Licenciatura Plena em Educação Física, Pedagogia e Filosofia. Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNINTER.

³ Doutor em Educação Física. Mestre em Educação Física. Especialista em Educação Física Escolar, Administração de Recursos Humanos. Graduação em Educação Física e Pedagogia. Professor dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNINTER.

A prática como componente curricular é contemplada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de Educação Física, seja na sua relação teoria-prática existente nas unidades curriculares, no estágio supervisionado, ou em outras atividades práticas, distribuídas ao longo do processo formativo. A orientação é para que o estudante vivencie diferentes áreas de atuação profissional, tanto na licenciatura, quanto no bacharelado, o que tem como princípio assegurar “o aprofundamento e diversificação nos estudos, experiências e utilização de recursos” (BRASIL, 2018, p. 7).

No documento proposto pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), há algumas definições sobre o quantitativo de horas a serem cumpridas nessas atividades práticas, como, por exemplo: os estágios devem corresponder a 20% da carga horária total do curso e as atividades extensionistas precisam somar um total de 400 horas (BRASIL, 2018). No entanto, o documento não se propõe a discutir epistemologicamente ou pedagogicamente a compreensão atribuída ao sentido de prática, o que permite diversas interpretações.

A prática como componente essencial na formação inicial é um tema recorrente nas discussões no âmbito do ensino superior, no qual, pesquisadores de diferentes áreas têm se debruçado sobre o assunto e realizado questionamentos sobre diversas perspectivas de análises. Entre eles, a existência equilibrada na distribuição da carga horária teórica e prática, presentes nas matrizes curriculares (PAIXÃO; CUSTÓDIO; BARROSO, 2016).

Na visão de Tozetto e Gomes (2013) existe um problema na articulação entre a teoria e a prática. Para os autores, há um descompasso entre a ênfase atribuída a cada um desses elementos, no qual a teoria alcança um espaço de destaque em detrimento da prática. Afirmam, ainda, que há a construção de conhecimentos teóricos e práticos de forma segregada, como se fossem coisas distintas. Esta abordagem deixa claro que, sob este ponto de vista, teoria e prática são tratados como elementos distintos, sob a ideia do binômio teoria-prática.

Os argumentos apresentados indicam outro ponto de análise quanto às discussões sobre o sentido de prática nos cursos de formação inicial: a forma como esse objeto é tratado. O fio condutor dos debates, segundo Franco (2016), está atrelado à perspectiva adotada para considerar o sentido de prática. Para o autor, são distinguíveis duas abordagens: uma vista como *práxis* e outra como *poiesis*. Sendo,

respectivamente, uma tecida pedagogicamente e outra, pela técnica. Contudo, a autora destaca que há uma mistificação da prática sob a ideia de técnica, de um agir mecânico, valorizando-a, dessa forma, como um produto.

Com o aparecimento dos processos pedagógicos vinculados às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), o debate sobre o universo das práticas na formação inicial ficou mais complexo. Seja pelo crescimento da educação na modalidade a distância (EAD) ou pelo ensino remoto⁴ – provocado, em caráter emergencial devido à pandemia causada pela COVID-19.

Nesse cenário de aulas remotas ou na modalidade EAD, as instituições de ensino superior (IES) ministraram as aulas teóricas, teórico-práticas e outras atividades práticas por intermédio de Ambiente Virtuais de Aprendizagem (AVA), independentemente da plataforma que utilizam, de forma síncrona e assíncrona. Embora o foco deste trabalho seja a prática enquanto objeto constituinte da formação inicial, vale destacar que são diversos os desafios enfrentados pelas IES para se adequarem às transformações tecnológicas, influenciando, dessa forma, a própria prática docente (VALENTE *et al.*, 2020).

O ensino por intermédio das TICs, seja ele na configuração da modalidade EAD ou do ensino remoto, tem provocado uma ressignificação nas suas práticas pedagógicas. Dessa forma, a busca por estratégias nos ambientes virtuais de aprendizagem e que contribuam para a formação dos estudantes de educação física é um dos grandes desafios para não prejudicar a qualidade de ensino (VALENTE *et al.*, 2020).

A partir desses pressupostos, elaboramos a seguinte questão: como deve ser efetivada a prática na formação inicial do profissional em Educação Física?

Como objetivo geral deste estudo, propusemos levantar subsídios para pautar, discutir e interpretar o conceito e o sentido de prática na formação inicial do profissional em Educação Física. Os objetivos específicos foram estabelecidos como: a) caracterizar “prática” na formação inicial do profissional em Educação Física; b) compreender a relação entre “teoria” e “prática” no ensino superior, especificamente, nos cursos de Educação Física antes e depois das restrições impostas pelas medidas sanitárias relacionadas à pandemia da COVID-19 e suas variantes; c) averiguar os usos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo de ensino

⁴ No decorrer do artigo os termos EAD e ensino remoto serão tratados..

desenvolvido nos cursos de Educação Física na modalidade EAD, em particular, na articulação no trato com a prática.

Para alcançar tais objetivos, utilizamos a metodologia bibliográfica de cunho qualitativo, realizando uma análise dos principais estudos publicados na área.

CARACTERIZAÇÃO DA “PRÁTICA” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A formação profissional em Educação Física existe no Brasil desde a década de 1960 e seu currículo é o resultado de um processo histórico, influenciado pelos diversos agentes e instituições. Em cada época, houve a predominância de discursos que influenciaram, dentro de um contexto das políticas de Estado, a forma como os cursos deveriam ser organizados. Assim, por exemplo, há um currículo organizado sob o discurso de construção de uma nação forte e saudável, representado por intermédio de um currículo tradicional -esportivo -, que iniciou no final da década de 1960, consolidando-se na década de 1970, que contribuiu para estabelecer a ideia de prática sob o fundamento de sua execução e demonstração de habilidade, destrezas e capacidades físicas, realizadas na quadra esportiva, na piscina, na pista de atletismo ou em outro espaço próprio para a prática da atividade física. E, de outro lado, a teoria era o conteúdo aplicado na sala de aula (BETTI, 1996).

Outra perspectiva de currículo, segundo Betti (1996, p. 1), é o de “orientação técnico-científica, surgido na década de 1980, consolidando-se no início da década de 1990”. Nesse caso, há uma valorização das disciplinas teóricas – gerais e aplicadas, e o conceito de prática passa a ganhar o status de “ensinar a ensinar”. Na visão do autor, há limitação nessa forma de currículo, pois o graduando ainda é levado a aprender a executar as técnicas, sobrepondo-se à essência do aprender a aplicar.

Apesar das discussões promovidas por Betti (1996) refletirem um olhar construído na década de 1990, é razoável considerar que essa concepção – binômio teórico-prática - ainda é prevacente. Em pesquisa realizada por Paixão, Custódio e Barroso (2016), os sujeitos da pesquisa – alunos do curso de graduação em Educação Física – relataram que o seu processo de formação não proporcionou formação adequada, em virtude da ausência de atividades práticas que os tornassem aptos à realização de aulas de ginástica – disciplina do tema da pesquisa. Nas considerações dos autores, isso também é reflexo do distanciamento existente entre teoria e prática.

Estudos específicos da área Educação Física destacam um olhar sobre a prática que se descola da concepção de habilidade técnica na execução de um movimento, para a relevância e a necessidade de aproximação do contexto da formação inicial com situações-problema e dilemas de caráter prático próprios do cotidiano da profissão (TANI, 1995; FORMOSINHO, 2001; BEHETS; VERGAUWEN, 2006). Tais estudos demonstram que, no processo de ensino e aprendizagem, estas situações práticas oportunizam experiências diversificadas que inserem o estudante-docente no mundo profissional, desenvolvendo competências práticas fundamentais para uma atuação docente adequada e responsável.

É interessante notar as diversas dimensões que Tani (1995) atribui à prática para os cursos de graduação em Educação Física. Segundo o autor, na década de 1990 eram oferecidas poucas oportunidades práticas aos estudantes no que se refere aos procedimentos didático-pedagógicos. Tal fato está ligado a oportunidades em que os alunos pudessem assumir o papel de professores ou mesmo de assistir a aulas práticas na condição de observadores ou avaliadores e não de praticantes – executores dos movimentos – fora das disciplinas de estágio supervisionado ou prática de ensino.

Seguindo o raciocínio de que o sentido de prática pode transcender a ideia de habilidades técnicas motoras, Marcon *et al.* (2011) asseguram que há possibilidades de planejar e implementar diferentes modalidades de práticas pedagógicas com distintas estruturas e níveis de exigência nos programas de formação inicial em Educação Física, o que, para os autores, atende às peculiaridades de cada instituição, programa de formação e suas unidades de ensino.

Ainda sobre o assunto, Lazzarotti Filho *et al.* (2013) destacam que há diferentes saberes sobre as práticas corporais: o saber fazer, ou executar os movimentos referentes a determinadas práticas corporais, os saberes científicos sobre as práticas ou sobre seus conteúdos teóricos, e os saberes didático-pedagógicos, que se referem a como ensinar tais práticas.

Autores como Behets e Vergauwen (2006), Formosinho (2001) e Tani (1995) apontam que tanto uma única unidade pedagógica, ou seja, uma disciplina ministrada para professores da própria IES, quanto para escolares, propiciarão distintos subsídios à construção e desenvolvimento do conhecimento pedagógico dos estudantes-professores.

Perrenoud (2002) adiciona que é necessário construir, junto aos discentes, interpretações positivas quanto às práticas pedagógicas para que estes considerem tais momentos como oportunidades para avaliar e aprimorar seus conhecimentos pedagógicos sobre o conteúdo, assim como para se equivocar enquanto podem, juntamente com seus colegas e com o apoio de professores-formadores.

Outro aspecto que merece destaque é a menção de experiências práticas vivenciadas pelos alunos ao longo do curso de formação inicial. Segundo estudos realizados os graduandos conferiram segurança na fase inicial da carreira profissional, adquirida por intermédio das experiências ocorridas no ambiente profissional. Dentre essas experiências, destacam-se os estágios curriculares e extracurriculares nas academias de ginástica (PAIXÃO; CUSTÓDIO; BARROSO, 2016).

As práticas experimentadas pelos discentes no ambiente profissional, segundo Tardif e Lessard (2008) podem ser consideradas como saberes experienciais que se referem aos saberes desenvolvidos por professores a partir do conhecimento do seu meio e de seus trabalhos cotidianos, ou seja, têm origem na experiência e são validados por ela. O autor aponta que os saberes advindos da experiência do dia a dia fundamentam a prática e a competência profissional, já que tal experiência é a condição para que o professor adquira e produza seus próprios saberes referentes à sua profissão.

Corroborando com a ideia, Cotta *et al.* (2013) indicam que a aprendizagem é garantida e condicionada pela ação, pois o estudante assume uma atitude autônoma, participativa, comprometida e implicada com seu processo de aprendizagem, deixando de lado uma posição dependente, receptiva, passiva, individual e pouco comprometida.

Na mesma direção, Junges e Behrens (2016) afirmam que a experiência possibilita a ampliação e refinamento dos conhecimentos advindos da teoria desde que realizada com reflexão.

Outra contribuição de Betti (1996) sobre a formação inicial do professor/profissional de Educação Física que auxilia na concepção da prática dentro da proposta curricular dos cursos é a ideia da reflexão-ação, que ocorre a partir do que o autor denomina de experiência prática reflexiva. Organizada de forma problematizadora, o aluno assume diferentes papéis no processo, como participante das experiências motoras.

A RELAÇÃO ENTRE “TEORIA” E “PRÁTICA” NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ANTES E DEPOIS DAS RESTRIÇÕES IMPOSTAS PELAS MEDIDAS SANITÁRIAS RELACIONADAS À PANDEMIA DA COVID-19 E SUAS VARIANTES

Com o advento da pandemia da COVID-19 e as medidas de segurança adotadas no Brasil, a sociedade teve que adaptar diversas práticas cotidianas de uso remoto para serem realizadas por intermédio das TICs. Em particular, os cursos de formação inicial em Educação Física foram obrigados a adotar estratégias para o desenvolvimento das aulas durante esse período. Dessa forma, instituições de ensino e professores buscaram recursos para atender a essa necessidade.

Com a publicação da Portaria 343/2020⁵, que autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas remotas, observou-se que após 45 dias do início da pandemia, 78% das IES particulares migraram suas atividades presenciais para remotas, e 22% suspenderam as aulas para o semestre seguinte (ABMES, 2020). Entretanto, a prorrogação do isolamento social fez com que as IES continuassem o ano letivo por meio das TICs.

Essa migração para a realidade virtual conduziu alunos e professores a diversas reflexões no sentido de repensar estratégias de adequação ao uso de novos modelos de ensino, especialmente das instituições ou professores que precisaram reavaliar práticas tradicionais e encontrar novas habilidades sem afetar os princípios da educação (BEZERRA, 2020).

Tal fato despertou a percepção de que os recursos de aplicativos audiovisuais ou plataformas digitais se tornaram comuns e necessários para a realização de reuniões pedagógicas de professores, mas, principalmente, das aulas ministradas a distância ou de forma remota, às quais os estudantes acompanharam desde suas próprias casas, de forma síncrona ou assíncrona.

Ainda sobre o tema, algumas reflexões no que tange aos cursos que exigem vivência prática, entre eles, os de Educação Física, foram pauta de debates e

⁵ Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 10 ago. 2022.

pesquisas no ambiente acadêmico. A forma como as práticas corporais seriam trabalhadas e desenvolvidas por meio de vídeos e demais recursos eletrônicos foi um dos principais temas levantados por alunos e professores, principalmente, daqueles vinculados às instituições de ensino presencial.

Em pesquisa realizada por Godoi *et al.* (2020), os autores apontam que, dentro das especificidades da Educação Física, no que se refere ao novo contexto devido à pandemia, a utilização de vídeos pode ser considerada um recurso satisfatório para abordar e debater as diferentes práticas corporais envolvidas no currículo. Essa afirmação reforça o que Pasquali *et al.* (2019) publicaram em pesquisa anterior, na qual apontam que, na EAD, o uso de vídeos de práticas corporais é um bom recurso didático.

Nessa perspectiva de estudos publicados sobre o ambiente da Educação Física na modalidade EAD, especialmente, que envolvem algumas discussões ou debates sobre as práticas corporais, Lazzarotti Filho, Silva e Pires (2013) destacam que a utilização de vídeos ou imagens se justifica pelo fato de favorecer a compreensão de determinadas práticas corporais. Como exemplo, destacam-se vídeos ou imagens editadas com descrições de partes ou de todo o corpo conforme os movimentos executados, bem como as técnicas ou táticas manifestadas de cada modalidade esportiva.

Vale ressaltar que os benefícios desse tipo de recurso voltado à tecnologia e comunicação não foram explorados apenas no período da pandemia. Já em 2007, Bianchi e Hatje registraram que havia uma busca pelo seu uso por professores do ensino superior, mas destacavam que o uso de tais recursos deviam ser ampliado. Nesse caminho, Ferres (1996) citado por Mendes e Mezzaroba (2012, p. 60) declara que “se vivemos na sociedade da informação, é necessária uma educação com as tecnologias informacionais e para o uso destas, bem como de seus conteúdos”.

Ainda nessa mesma direção, Hammerness *et al.* (2019) colocam que os professores precisam refletir e compreender o processo ensino-aprendizagem de forma bem diferenciada daquela que experimentaram como estudantes. Para além disso, acrescenta-se o pensamento de Godoi *et al.* (2020) de que os professores devem refletir e compreender tal processo de forma diferente daquela de antes da pandemia.

É preciso mencionar, assim como destacam Silva *et al.* (2020), as críticas em relação à educação mediada pelas tecnologias, especialmente em um país com

tamanha desigualdade social, econômica e educacional, como é o caso do Brasil, em que muitos estudantes têm ou não acesso aos equipamentos tecnológicos e banda larga. No entanto, o uso das tecnologias no ensino superior é uma realidade e uma necessidade que foi acelerada e potencializada a partir da pandemia da COVID-19. Os professores tiveram que se adaptar, aprender a utilizar e integrar tais ferramentas às suas aulas. Além disso, o desenvolvimento de conteúdos envolvendo as TICs, estão, a cada dia, mais presentes na formação dos futuros profissionais de todo o planeta.

USOS DAS TICs E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA MODALIDADE EAD SOB A ÓTICA DA PRÁTICA

No Ensino Superior na modalidade EAD as formas de interação entre professores e alunos, bem como o aprendizado e o desenvolvimento do estudante, é mediado pelo uso das TICs (ALMEIDA, 2003; OLIVEIRA *et al.*, 2020). Essas interações buscam uma aproximação da sala de aula virtual a presencial, por intermédio dos ambientes virtuais de aprendizagens (AVA), redes sociais, entre outras formas que, conforme Mattar (2011, p. 6), “passa-se simultaneamente a conceber um novo formato para o processo de ensino-aprendizagem, aberto, centrado no aluno, interativo, participativo e flexível”.

Nesse sentido, a modalidade EAD é entendida como um fenômeno processual de inovação educacional, especialmente, devido à integração das novas tecnologias da informação e comunicação nos processos educacionais (BELLONI, 2002; ALMEIDA; CRUZ; SANTOS, 2019). Tal fato é visto a partir da consolidação da oferta de diferentes cursos de graduação na modalidade EAD em nosso país. Entre eles, alguns com características que exigem a realização de práticas no processo de formação, como o exemplo da graduação em Educação Física – bacharelado e licenciatura – com o surgimento de novos cursos em IES com a premissa de atender à demanda existente de milhares de alunos em todo o país (ALMEIDA; CRUZ; SANTOS, 2019).

O Ministério da Educação tem apresentado em seus documentos de orientação como as DCNs, a necessidade das IES propiciarem aos estudantes oportunidades de

acesso a atividades práticas no decorrer de sua formação. No entanto, por falta de clareza do conceito de prática, cada instituição adota o formato que julga adequado. Nessa direção, vemos situações bem particulares em cada entidade, nas quais encontramos desde aquela que leva o aluno aos locais adequados para a vivência corporal dos conteúdos das diversas disciplinas, de forma complementar aos conteúdos eminentemente teóricos, àquelas que se utilizam do formato híbrido, no qual o aluno realiza as práticas corporais de forma presencial, parcialmente, complementando com atividades promovidas pelas TICs. Há também aquelas que propõem ao aluno todas as atividades práticas mediadas pelas TICs, com a produção de vídeos pelos alunos, por exemplo, para demonstrar alguma atividade corporal realizada.

Há uma preocupação recorrente no meio acadêmico quanto à formação inicial e com a necessidade de ofertar atividades práticas – vivenciadas corporalmente – para que os alunos possam compreender os conteúdos promovidos pelas diversas disciplinas de forma mais articulada. Para Lisboa e Pires (2013) e Lazzarotti Filho *et al.* (2015), a análise e discussão do movimento humano são essenciais para uma prática pedagógica adequada no âmbito da Educação Física na EAD. Portanto, quando tratamos da execução de atividades práticas num curso de Educação Física em EAD, entendemos que os estudantes serão levados a vivenciar as atividades aquáticas, ginásticas, lutas, esportes coletivos ou individuais, musculação, entre outras práticas corporais que necessitam de sua presencialidade.

As atividades presenciais têm o objetivo de prepará-los para futuras intervenções profissionais. Sobre isso, Lazzarotti Filho, Silva, e Pires (2013, p. 705) destacam que alguns estudos no campo da Educação Física sobre os saberes oriundos da experiência com as práticas corporais são feitos na tentativa de compreender “como tais saberes influenciam, determinam, e integram a formação e intervenção profissional, atuando na reprodução do campo”.

No estudo de Aggio, Pagnan e Pagnan (2020) é apresentado um programa de formação de orientadores educacionais de Educação Física de uma IES para o desenvolvimento das práticas corporais, denominadas de aulas de campo. Dentro das disciplinas que formam a matriz curricular do curso, várias delas têm atividades práticas. Essas atividades são organizadas em três etapas presenciais: na primeira, os estudantes devem, obrigatoriamente, dirigir-se ao polo para conversar com o orientador educacional, que dará as primeiras orientações referentes à proposta

pedagógica. Além de contar com orientação virtual em formato de videoaula preparada pela coordenação do curso. A segunda etapa da aula de campo, como demonstrado pelos autores, estabelece nova reunião no polo presencial para pesquisar e planejar as atividades da próxima etapa. A última etapa da aula de campo, denominada de Práticas Corporais, consiste em um encontro com duração de 4 horas contínuas, para cada disciplina, no espaço apropriado para a atividade, seja em uma piscina, academia de ginástica, quadra de atletismo, ou outros espaços, conforme o conteúdo a ser ministrado.

Desse modo, paralelamente à prática vivenciada presencialmente com a supervisão de um profissional, as atividades online, realizadas por intermédio das TICs permitem flexibilização de tempo e espaço para a formação do curso superior em Educação Física.

Conseqüentemente, percebe-se o avanço dessa modalidade de ensino em outros cursos de caráter prático graças às atividades elaboradas, sejam presenciais ou por meio dos recursos das plataformas online, essenciais para a mediação pedagógica para com os alunos (FIGUERÔA; MICALISKI; MILEO, 2019).

A formação na modalidade EAD ocorre por meio de interação síncrona ou assíncrona entre professores e alunos graças aos espaços de comunicação mediados por equipamentos conectados à rede. Na interação síncrona, os usuários que se comunicam estão conectados ao mesmo tempo e, na assíncrona, em horários diferentes.

A comunicação de forma assíncrona pode ser vantajosa, pois os comunicantes podem interagir em tempos e em espaços oportunos, sem a necessidade do contato face a face. É possível enviar comentários e opiniões, que serão armazenadas, para que outros usuários possam visualizar, reagir/responder e reconstruir o conhecimento em outro momento (NAIDU; JÄRVELÄ, 2006; (FIGUERÔA; MICALISKI; MILEO, 2019).

O curso de graduação em Educação Física em EAD conta com flexibilização de tempo e a utilização dos recursos tecnológicos, relacionando e adequando os conhecimentos da área aos ambientes de aprendizagem que demonstram que essa é uma realidade e um caminho possível para que o aluno seja contemplado com as oportunidades de vivências práticas corporais, adequadas à sua formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença dos cursos de Educação Física na modalidade EAD é uma realidade crescente em nosso país e, de forma geral, no âmbito educacional, o avanço das tecnologias da informação e da comunicação amplia ainda mais a ação da EAD, que ganha novas dimensões no que se refere à demanda por formação, justamente por articular os processos de formação, de disseminação e de construção do conhecimento às possibilidades tecnológicas digitais.

Desde sua implantação, ocorreram várias transformações e inovações desse campo, especialmente, com as novas ferramentas das plataformas digitais. Após o período da pandemia do coronavírus, percebeu-se que a modalidade EAD se tornou crescente em diferentes IES e, em novos cursos de caráter prático, que até então, tinham resistências das próprias instituições de ensino e/ou dos conselhos fiscalizadores de suas respectivas profissões.

As IES presenciais precisaram se adequar à realidade da sociedade no período da pandemia e buscaram recursos que permitissem a continuidade das aulas. Tal fato contribuiu para que houvesse, de certa forma, a democratização do acesso aos recursos das TICs e, concomitantemente, a construção de um olhar menos preconceituoso sobre o ensino na modalidade EAD.

São diversas as formas de levar aos alunos a possibilidade de vivenciar corporalmente os conteúdos das diversas disciplinas, seja de forma eminentemente presencial, híbrida ou totalmente por intermédio das TICs. Porém, é razoável considerar que essa prática deveria estar circunscrita em alguns aspectos, como: a) a efetiva vivência corporal do aluno dentro de um marco temporal minimamente adequado para que ele consiga estabelecer relações dessa vivência com situações mais amplas; b) a articulação dessa vivência com o conteúdo da disciplina; e c) sob a perspectiva de Betti (1996), que as práticas corporais sejam planejadas para levar o aluno à uma prática reflexiva.

O ensino na modalidade EAD conta com recursos pedagógicos e tecnológicos adequados para levar os alunos à uma formação integral, contemplado de forma satisfatória as atividades práticas. Apesar de algumas IES adotarem como estratégia somente aulas práticas por intermédio das TICs, é importante destacar que é

necessário estabelecer critérios e itens de controle que garantam a qualidade e quantidade – horas vivenciadas – dessas práticas.

Nessa direção, consideramos que haver somente a oportunidade de vivências corporais por intermédio das TICs produz limitações nessas experiências e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem. Isso porque, entre outros fatores, há fragilidade na realização de atividades coletivas, como os esportes, danças, lutas, jogos, entre outras. Existem situações que precisam ser vivenciadas coletivamente e isso não está ligado somente à aprendizagem de técnicas e táticas, mas a aspectos que transcendem questões motoras e são essenciais na formação do profissional, como: negociação, resolução de conflitos, relação interpessoal, entre outras que contribuem para a constituição de competências.

REFERÊNCIAS

AGGIO, M. T.; PAGNAN, J. C.; PAGNAN, D. S. L. Práticas corporais do curso de Educação Física no EAD: desafio da comunicação. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 17, p. 126-136, 2020.

ALMEIDA, M. E. B. de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 2, p. 327-340, 2003.

ABMES - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR. **Até o fim de abril, 78% das faculdades particulares migraram aulas para ambientes virtuais**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/noticias/detalhe/3770>. Acesso em: 13 jan. 2023.

BEHETS, D.; VERGAUWEN, L. Learning to teach in the field. In: KIRK, D.; MACDONALD, D.; O' SULLIVAN, M. (Org.). **Handbook of physical education**. London: Sage, 2006. p. 407-24.

BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional de educação física. **Motriz**, Motriz Rio Claro. v. 2, n. 1, p. 10-15, 1996.

BEZERRA, I. M. P. Estado da arte sobre o ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia do coronavírus. **J. Hum. Growth Dev.** [online], vol. 30, n. 1 [citado 2022-09-02], p. 141-147, 2020.

BIANCHI, P.; HATJE, M. A formação profissional em educação física permeada pelas novas tecnologias de informação e comunicação na Universidade Federal de Santa Maria. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 2, p. 291-306, 2007.

BRASIL. **Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018**. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 48 e 49. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104241-rces006-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 ago. 2022.

COTTA, R. M. M.; COSTA, G. D. da; MENDONÇA, E. T. Portfólio reflexivo: uma proposta de ensino e aprendizagem orientada por competências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 6, p. 1847-1856, 2013.

FIGUEROA, K. M.; MICALISKI, E. L.; MILEO, T. R. Tutoria online: tipos de dúvidas/interações dos alunos dos cursos de bacharelado e de licenciatura em educação física na modalidade EAD. In: MICALISKI, E. L.; FIGUERÔA, K. M. (org.). **Educação física na EAD: histórico, cenários e perspectivas**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2019. p. 121-143.

FORMOSINHO, J. A formação prática de professores. Da prática docente na instituição de formação a prática pedagógica nas escolas. In: CAMPOS, B. (org.) **Formação profissional de professores no ensino superior**. Porto: Porto Editora, 2001. p. 46-64.

FRANCO, M. A. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. pedagog.** (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n247/2176-6681-rbeped-97-247-00534.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GODOI, M. *et al.* O ensino remoto durante a pandemia de covid-19: Desafios, aprendizagens e expectativas dos professores universitários de Educação Física. **Research, Society and Development**, vol. 9, n. 10, 2020, p. 1-19. Disponível em: <https://orfee.hepl.ch/handle/20.500.12162/4387>. Acesso em: 20 set. 2021.

HAMMERNESS, K. *et al.* Como os professores aprendem e se desenvolvem. In: DARLING-HAMMOND, L.; BRANSFORD, J. (Org.). **Preparando os professores para um mundo em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 34-74.

JUNGES, K. dos S.; BEHRENS, M. A. Uma formação pedagógica inovadora como caminho para a construção de saberes docentes no Ensino Superior. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 59, p. 211-229, jan-mar/2016.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* A dinâmica, os principais problemas e as qualidades no desenvolvimento de um curso de licenciatura em educação física na modalidade à distância. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 3, p. 636-650, 2015.

LAZZAROTTI FILHO, A. SILVA, A.M.; LORENZI PIRES, G. Saberes e práticas corporais na formação de professores de educação física na modalidade à distância. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, p. 701-715, 2013.

LISBOA, M. M.; PIRES, G. L. Tecnologias e a formação inicial do professor de educação física: reflexões sobre a educação a distância. **Atos de pesquisa em educação**, v. 8, n. 1, p. 60-81, 2013.

MATTAR, J. **Guia de educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, Portal Educação, 2011.

NAIDU, S.; JÄRVELÄ, S. Analyzing CMC content for what? *In: Journal Computers & Education* — Methodological issue in researching CSCL, v. 46, n. 96, p. 96-103, Jan. 2006.

OLIVEIRA, N. P.; SILVEIRA, J. L.; JESUS, R. H. G.; RODRIGUES, T. V. A evolução da universidade no contexto do ensino a distância e das TICs. Texto Livre: **Linguagem e Tecnologia**, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 13, n. 2, p. 201-215, 2020.

PAIXÃO, J. A.; CUSTÓDIO, G. C. C.; BARROSO, Y. W. S. O processo de aprendizagem do professor de educação física atuante em academias de ginástica no início de carreira. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 19, n. 2, p. 286-299, abr./jun. 2016.

PASQUALI, D. *et al.* (2019). Trabalho docente virtual na formação profissional em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 3, p. 256-262, 2019.

PERRENOUD, P. A. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, E. H. B. *et al.* Pedagogia da Pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, v. 1, n. 4, p. 29-44, 2020.

TANI, G. Vivências Práticas no curso de Graduação em Educação Física: necessidade, luxo ou perda de tempo? **Caderno Documentos** – n. 2, p.1-27. Escola de Educação Física - Universidade de São Paulo, 1995.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TOZETTO, S. S.; GOMES, T. de S. Formação inicial e a manifestação dos acadêmicos sobre a relação teoria prática. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 645-666, maio-ago/2013.

VALENTE, G. S. C.; MORAES, Érica B. de; SANCHEZ, M. C. O.; SOUZA, D. F. de; PACHECO, M. C. M. D. Remote teaching in the face of the demands of the pandemic context: Reflections on teaching practice. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e843998153, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.8153. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>. Acesso em: 12 jan. 2022.

2**A NECESSIDADE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**Barbosa, Walnizeti Guedes⁶**Resumo**

Considerando a importância do tema na área de estudos da Educação à Distância (EAD) e seus vários cenários, o propósito desse capítulo é apresentar um estudo sobre a necessidade de desenvolvimento humano durante a pandemia, abordando as dificuldades encontradas por professores e alunos, em contextos pessoais e profissionais. Foram realizadas pesquisas sobre as experiências, o suporte recebido, aproveitamento do aluno, analisando se há uma distância existente entre a teoria e a prática. O objetivo é refletir sobre os motivos da busca pela EAD, por meio de cursos, graduações e especializações durante o quadro de limitações impostas pela situação epidêmica com o intuito de argumentar se a busca por conhecimento seria por oportunidade de crescimento pessoal, por intenção de valorização profissional ou somente uma expressão da necessidade perante a situação. A metodologia utilizada consiste na análise bibliográfica de artigos, análise de livros das áreas afins, pesquisas na internet sobre experiências relatadas, além de outros materiais referentes a temática.

Palavras-chave: Educação Física; Educação à Distância; Pandemia de COVID-19

1. AS DIFICULDADES ENCONTRADAS**1.1 O DESAFIO DOS PROFESSORES**

Em meio ao cenário de pandemia, a área educacional teve que adaptar seus espaços e costumes para integrar as tecnologias digitais na educação, de modo criativo. Porém, muitos obstáculos surgiram, abreviando o processo de adaptação à tecnologia na área de educação, resultando em dificuldades, como a falta de equipamentos e conhecimento dos envolvidos.

Silva (2020), no site Educa Mais, mencionou uma pesquisa “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios de Coronavírus no

⁶ Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Internacional UNINTER — Grupo de Pesquisa “Entre EAD e presencial: vários cenários de docência, aprendizagem e políticas públicas”.

Brasil”, realizada pelo Instituto Península em 2020, revelando que 83% dos professores se sentiam despreparados para dar aulas online.

Os professores, como toda a população, foram surpreendidos e tiveram que lidar com a nova realidade, estando preparados ou não. Muitos aprendendo por conta própria como utilizar as tecnologias ou gravar vídeoaulas. Com isso, se depararam com uma didática diferente para o ensino remoto.

Demonstrando boa vontade para dar conta de transmitir o necessário aos alunos, alguns professores tiveram dificuldades com a gravação das aulas, pois tinham que resumir a aula de 50 min para vídeos de 30 min. De acordo com Silva (2020), os professores também relataram que os equipamentos que possuíam em casa não eram suficientes para a preparação dos vídeos e outras atividades. O estado emocional dos professores também foi colocado à prova, pois muitos se sentiram inseguros e preocupados em relação às novas situações e ao futuro.

Ricardo (2020), em uma reportagem ao site do Sindicato dos Professores (SINPRO-DF), mencionou uma pesquisa “Trabalho Docente em tempos de pandemia”, feita pelo grupo de estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) em 2020, e mostrou que a maioria dos professores estavam lecionando dentro de suas casas e, por isso, as horas de trabalho aumentaram. Também afirmaram que o envolvimento dos alunos diminuiu durante a pandemia.

Os entrevistados afirmaram que a principal dificuldade dos estudantes é a falta de acesso à internet e computadores e que há dificuldades das famílias em apoiar os estudantes. Com essa realidade, além do desconhecimento no uso dos recursos tecnológicos os alunos sentiram-se desmotivados, considerando ser difícil captar a atenção do aluno e fazer com que ele siga as instruções, pois a dispersão é maior sem estar ao lado dele (RICARDO, 2020).

Muitos professores, principalmente no início, mencionaram a falta de interesse dos alunos nas aulas online. Houve o rompimento do vínculo professor-aluno e essa desconexão causou danos para ambos os lados. A impessoalidade das aulas através das câmeras, a falta da resposta não verbal dos alunos, o “olho no olho”, desencadearam momentos de frustração, afinal o ser humano é um ser social por natureza e o processo de aprendizagem é coletivo.

1.2 ALUNOS E PAIS

Entre as maiores dificuldades dos alunos, principalmente da rede pública, está o acesso à internet.

A Revista Galileu reportou um estudo, apoiado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pelo Itaú Social, que coletou dados das Secretarias Municipais de Educação em 2020 e mostrou que, além do acesso à internet, a infraestrutura escolar foi um problema enfrentado. Considerando o Centro de Mídias SP e suas dificuldades de conexão ou acesso, e a disponibilização de aulas pela TV, os alunos ainda precisavam de equipamentos (OSATO, 2020).

Osato (2020) cita ainda que, alguns pais possuíam somente um aparelho de Smartphone para uso de uma numerosa família. Com uma renda baixa, não havia condições de comprar outro aparelho. Assim, muitos alunos puderam acessar suas aulas somente quando os pais retornavam do trabalho e disponibilizavam o aparelho. Outros pais tiveram que escolher entre comprar alimentos ou providenciar material para que o filho estudasse.

Em uma reportagem da BBC News Brasil em maio/2021, foi relatado que a presidente do Sindicato dos Educadores da Infância (SEDIN) informou que a Prefeitura de São Paulo não distribuiu o material necessário para que alunos e professores pudessem ter aulas à distância e que até foram enviados tablets para as escolas, mas quase nenhum foi entregue porque estavam sem chip. Algumas escolas conseguiram doações de aparelhos para alguns alunos. Outros professores chegaram a pagar plano de internet para que o aluno pudesse acessar os conteúdos. Pais tinham que levar os filhos a locais onde o sinal de internet era melhor. E com toda a tecnologia disponível no mercado, muitos alunos tiveram acesso às atividades somente com material impresso.

A Revista Nova Escola, na publicação de 27 de julho de 2020, menciona que as desigualdades de acesso às tecnologias mostraram a necessidade de professores encontrar estratégias para possibilitar o acesso dos alunos às atividades, garantindo sua aprendizagem. Os professores, formados para trabalhar com o aluno presencialmente, tiveram que adaptar a didática, preparando materiais que, muitas vezes foram impressos em casa, e organizar como seriam distribuídos, levando em consideração os protocolos sanitários exigidos para a pandemia. Muitas vezes não

tenham contato com a família e buscaram alternativas inovadoras como utilizar pontos de comércios locais para a troca das atividades dos alunos.

Também foi apresentado pela reportagem que professores também prepararam vídeos explicando sobre as atividades remotas aos pais, distribuindo-os por *pen drives* nos pontos comerciais frequentados pela comunidade. Muitas propostas de integração do trabalho online e offline foram apresentadas em todo o Brasil e o acolhimento dos pais foi muito importante. Essa retomada do contato pelos professores foi essencial para os alunos e suas famílias.

2. AS NECESSIDADES IDENTIFICADAS

Diante da situação de pandemia e da emergência na resolução dos problemas foram identificadas diversas necessidades para realizar o trabalho de educação. Além de equipamentos necessários para professores e alunos, desde um *chip* até um computador, celular, plano de internet, papel, impressora houve também as despesas com deslocamento.

Na reportagem da BBC News, Souza (2021) mencionada no item 1.2, a coordenadora do Centro de Mídias da Secretaria Estadual de Educação, informou que o governo paulista, adotou diversas medidas para manter alunos conectados, transmissão de aulas na TV aberta, fornecimento de *chip*, *webcam*, *smart TV*, *notebooks* e *tablets*. Que mesmo assim os alunos não entregaram nenhuma atividade em 2020, mas tiveram a chance de passar de ano ao apresentar um trabalho de recuperação no início do ano.

Na mesma reportagem, a presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) afirmou que o Estado falhou ao deixar de investir e modernizar a educação (SOUZA, 2021).

A diferença na infraestrutura das escolas é muito grande. Além de equipamentos, há a necessidade de estrutura nos prédios. Foi relatado que algumas escolas não têm mais de 2 banheiros e não possuem bebedouros. Há necessidade de garantir a segurança sanitária da população escolar. Somente material de protocolo, como máscaras e álcool em gel não será suficiente para garantir um ambiente seguro.

Será necessário registrar também a necessidade de acompanhamento psicológico para professores e alunos, visto que a situação da pandemia trouxe problemas de estresse, pânico, depressão para toda a população.

O governo precisará estudar novas políticas públicas de formação para que, além de infraestrutura, seja providenciada a capacitação dos profissionais de educação para que possam utilizar as ferramentas tecnológicas com segurança e a didática necessária e para que promovam práticas pedagógicas inovadoras.

3. O SUPORTE DISPONÍVEL

Considerando a experiência constatada dos docentes no uso das tecnologias de informação e comunicação, podemos entender que a necessidade de suporte vai além de equipamentos e rede de internet.

É de grande importância para a gravação de uma aula, por exemplo, que o professor se sinta seguro sobre o seu conteúdo, que tenha a didática apropriada para que suas aulas sejam assistidas até o fim, que possua autocontrole para gerenciar as próprias emoções, principalmente em momentos de estresse. Esses momentos foram os verdadeiros desafios perante o cenário de pandemia. Além de “driblar” a doença, as pessoas tiveram que enfrentar suas próprias inseguranças. Entendemos que foi necessário um suporte psicológico para o momento. E esse suporte veio principalmente da família.

Foi necessária a integração dos pais com as escolas para que organizassem o fluxo de informações.

Numa reportagem sobre Educação na UOL em 2020, foi relatado que os alunos e seus pais tiveram muita dificuldade com o aplicativo da Secretaria da Educação. Informaram que, além do aplicativo houve as transmissões pela TV e distribuição de kits de material escolar com apostilas impressas. Os pais se sentiram confusos sobre qual meio utilizar (BERMÚDEZ, 2020).

Na mesma reportagem, Bermúdez (2020) indica que, a Secretaria de Educação do Estado negou que houve instabilidade técnica com o aplicativo, no entanto, pais informaram que o aplicativo estava instável, que demoraram para conseguir acessá-lo ou que o acesso foi negado. Ainda assim, a Secretaria informou que foram elaborados vídeos explicativos para auxiliar em dúvidas sobre o funcionamento do aplicativo.

Os governos tiveram que definir estratégias de ensino e aprendizagem nesses tempos de pandemia. De acordo Redação Pátio (2020), em texto disponível na Revista Pedagógica Pátio em 2020, alguns Estados recorreram ao Amazonas para dispor da experiência de 10 anos oferecendo tele aulas para alunos do ensino fundamental e médio. Essa experiência fez com que o estado do Amazonas desenvolvesse um centro especializado em conteúdos escolares televisivos, com estúdios e equipe técnica de mais de 100 professores. Além de disponibilizar aulas em canais abertos de TV, o projeto também fornece conteúdo para alunos da rede pública de ensino estadual e municipal através de site e aplicativos (REDAÇÃO PÁTIO, 2020). Além do celular, computador e da TV, outras ferramentas foram utilizadas pelos professores na organização e preparação dos conteúdos, acompanhamento do aluno e atividades em grupo. Dentre as ferramentas de Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC's), listamos:

- WhatsApp;
- Facebook
- Instagram
- Telegram
- Youtube (vídeos);
- Mindmeister (mapa mental das disciplinas);
- Google Docs (editor de documentos do Google – parecido com Word);
- Google Forms (criação de formulários);
- Google Drive (armazenamento de arquivos);
- Google Slides (parecido com o Powerpoint);
- Zoom (chamadas de vídeos)
- Canva (plataforma de design visual);
- E-class do PROESC (sistema de gestão escolar online);
- AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem);
- Skype;
- Microsoft Team (chat em equipe, compartilhamento de arquivos e chamadas de vídeo);
- Google Hangout Meets (Webconferência para até 100 pessoas).

Enfim, ferramentas que muitos, professores ou não, não haviam ouvido falar antes do momento de pandemia, mas que tiveram que conhecer a fundo.

Uma das ferramentas muito utilizadas foi o aplicativo Whatsapp, como recurso mais acessível para a maioria dos alunos. Como ferramenta pedagógica trouxe contribuições no processo de ensino e aprendizagem. O aplicativo auxiliou no desenvolvimento da aprendizagem colaborativa, em trabalhos coletivos, discussões em grupo, proporcionando cooperação e parcerias.

O Instagram também foi utilizado com criação de perfis fechados onde foram ministradas aulas teóricas expositivas, enquetes, vídeos demonstrativos, gravados previamente, e recursos do aplicativo para promover a interação, como *lives*, publicações nos *stories* e conteúdo no *feed*. A entrega de trabalhos ocorreu de forma privada por meio do *direct*, onde também era realizado o *feedback* aos alunos.

A tecnologia, de maneira geral, é um elemento facilitador da execução de práticas que se abrem para novos campos de ação, podendo ser realizados com menor esforço e melhores resultados, segundo Bacich, Tanzi Neto & Trevisani (2015).

De acordo com Moran (2013) as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) proporcionam enormes possibilidades de como organizar os processos de aprendizagem de forma interessante, atraente e eficiente dentro e fora de sala de aula, aproveitando o melhor de cada ambiente, o presencial e o digital.

4. A INCLUSÃO

No atual contexto educacional, considerando as diversas dificuldades apontadas como infraestrutura insuficiente das escolas e carência de formação adequada aos professores no que se refere a tecnologias, nos deparamos com as peculiaridades do aluno com necessidades especiais no Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Num artigo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, apresentado no VII Congresso Internacional das Licenciaturas em dezembro de 2020, a respeito de “reflexões sobre a inclusão durante o ensino remoto em escolas do Rio Grande do Norte”, foram mencionados os desafios enfrentados por professores da educação básica para fornecer um ensino de qualidade inclusivo com aulas transmitidas pelas mídias digitais (OLIVEIRA; SILVA; MEDIEROS, 2020). No entanto, dos alunos entrevistados, dois abandonaram os estudos por não

conseguirem acompanhar as aulas. Também foi mencionado que os professores estão despreparados ou não possuem a capacitação profissional necessária em educação inclusiva e qualificação em mídias.

Embora existam dificuldades na utilização de tecnologias para o ensino do aluno com necessidades especiais, muitos recursos utilizados de maneira apropriada podem auxiliá-los com a aprendizagem.

No artigo “A convergência tecnológica e digital, o ensino remoto emergencial e os alunos com TDAH que frequentam os anos finais do ensino fundamental” publicado na Revista periódica Texto Livre da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é mencionado que a maioria das ferramentas digitais e aplicativos não foram desenvolvidas propriamente para uso dos alunos com TDAH, contudo diante de uma intervenção adequada, esses recursos podem ser úteis e facilitar o ensino/aprendizagem desses alunos (GONÇALVES; FERREIRA, 2021).

Além das ferramentas já mencionadas nesse texto, o *Trello*, um gerenciador de projetos, pode estimular a organização pessoal, pois permite visualizar as tarefas pendentes, definindo a situação de cada uma. Os alunos também podem ser incentivados a criarem *Blogs*, que possibilitará ao docente compreender o nível de aprendizagem do aluno, principalmente para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da criatividade. E os jogos virtuais, que são ferramentas interativas que podem beneficiar o indivíduo em sua aprendizagem e ao professor minimizando os problemas de desatenção dos alunos.

No artigo “As influências das TIC’s na formação do indivíduo – prós e contras” de Barbosa & Kottel, publicada na Revista Intersaberes, Vol. 8, nº 14 em 2019, os jogos são apresentados como ferramenta positiva, podendo beneficiar o indivíduo em suas funções cognitivas, executivas e sociais, desenvolvendo o planejamento estratégico, o reflexo, a tomada de decisões, o pensamento lógico, a cooperação em grupo, a interatividade, o aprendizado de idiomas, a agilidade no raciocínio, a estimulação de outras áreas do cérebro, a cultura de outros países, a leitura, a criatividade, a concentração, a organização especial e as atividades físicas (através do *Kinect*, um sensor de movimentos).

Barbosa & Kottel (2019) mencionam um estudo do Departamento de Multimeios da Universidade de Campinas (UNICAMP), no qual, Hildebrand (2016) apresenta o uso dos jogos eletrônicos no processo de cognição de surdos, em que foram realizadas adaptações para que houvesse interação do surdo por meio das telas. Ou

seja, o uso dos jogos é considerado ferramenta facilitadora no contexto da educação especial, “desde que seja orientado por uma proposta pedagógica que considere o educando como um construtor-colaborador do seu próprio processo de crescimento”, Lima (2016, p.7) *apud* Barbosa & Kottel (2019).

Gonçalves & Ferreira (2021), em um texto publicado na Revista Texto Livre, menciona relato do professor Seiji Isotanido do Instituto de Ciências Matemática e de Computação (ICMC) da USP de São Carlos, que afirma que: “Estamos diante de uma oportunidade fantástica porque a pandemia acelerou um processo, que já estava em curso, de integração entre as TDIC’s e a educação”.

5. A NECESSIDADE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Com a chegada da pandemia, todos, sem exceção, foram surpreendidos. A ordem primeira: distanciamento social. Maior que o medo da doença foi o medo do isolamento. O ser humano é um ser social por natureza, que precisa pertencer a uma coletividade e o distanciamento social resultou em emoções negativas, como a ansiedade. Como efeito da pandemia, pessoas que já apresentavam quadros psicológicos alterados, como problemas de alcoolismo, entorpecentes, autoestima baixa, tiveram os sintomas alterados.

Houve a necessidade de se adequar ao trabalho em casa (*home office*), muitos ficaram desempregados, tendo que buscar alternativas para o sustento da família, inclusive contando com ajuda de terceiros. Foram necessários a mudança de hábito e o controle do estresse em acumular as atividades de casa e do trabalho. O convívio com a família em tempo integral fortaleceu o vínculo, mas também criou animosidade entre os indivíduos.

Para muitos a solução foi buscar algo para preencher o tempo. Muitas pessoas começaram a realizar atividades diversas como artesanato, costura, jardinagem. Outras buscaram cursos para se autodesenvolver, aproveitando o tempo disponível, dentre eles cursos de graduação, pós-graduação, cursos livres e específicos para atualização de suas áreas de trabalho ou estudo.

Muitos aproveitaram o momento para se capitalizar através do oferecimento de cursos online. Diversas escolas apresentaram transmissões digitais ao vivo (*Lives*) por meio das redes sociais. Foi uma expansão muito rápida e abrangente desse tipo

de apresentação digital com assuntos dos mais diversos. Foram tantas demandas que foi difícil escolher e ser capaz de assistir e participar de todos os assuntos disponíveis.

Entretanto, é curioso presenciar essa situação e observar qual o motivo dessa busca ávida à cursos e apresentações online. Supomos que, no início da quarentena, fosse a preocupação com o ócio, mas depois, tornou-se uma busca de oportunidade de crescimento pessoal, uma chance de aperfeiçoamento, buscando a valorização profissional, considerando a concorrência do meio.

A quarentena da pandemia foi um fator de risco que aumentou a probabilidade de uma consequência negativa no desenvolvimento humano, porém muitos tiveram a capacidade de se adaptar à situação.

A mudança e a estabilidade ocorrem em vários domínios, ou dimensões, do “eu”. Os cientistas do desenvolvimento fazem distinção entre desenvolvimento físico (crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e a saúde), desenvolvimento cognitivo (aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade) e desenvolvimento psicossocial (emoções, personalidade e relacionamento sociais). No entanto, esses domínios são inter-relacionados. Ao longo da vida, um afeta os outros. Uma pessoa é mais do que um conjunto de partes isoladas, pois é um processo unificado.
(Papalia, Olds & Feldman, 2009, p.10)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos vários cenários da docência a evolução tem sido uma subida íngreme. Antigamente somente os meninos estudavam, enquanto as meninas se preparavam para ser boas donas de casa. Com o passar do tempo a escola passou a ser mista. Não era permitido conversas, o professor era detentor do conhecimento e as opiniões dos alunos não eram consideradas. Muitas lutas foram travadas para que a educação tivesse prioridade no país. Com o tempo e a reforma educacional houve a ampliação do acesso a todos os níveis de ensino. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a população adquiriu o direito de ter acesso à educação gratuita de qualidade e regulamentou a Educação à Distância.

Com o impacto da pandemia, ficou claro para a sociedade o real valor dos profissionais da educação e da necessidade de infraestrutura das escolas.

Nas décadas passadas as escolas não tinham a tecnologia que existe hoje e, embora com muitas falhas atualmente, a evolução da tecnologia possibilitou uma nova forma de relação entre as pessoas.

A escola é onde acontece parte do processo educativo e o bom desempenho envolve a boa relação entre a família e a escola.

Podemos observar neste capítulo que com todas as dificuldades enfrentadas, tanto professores, quanto alunos e suas famílias, em sua maioria, entenderam o quão importante é o processo educacional para o desenvolvimento humano e social do indivíduo.

Os pais se viram como o único suporte de direcionamento aos filhos, e fizeram o papel de educadores em sua essência, investindo tempo e atenção no processo de desenvolvimento do aluno, ciente de que ele, o filho, necessita aprender.

Da parte do governo será imperativo rever as políticas públicas educacionais, com o propósito de regularizar a infraestrutura das escolas e promover a capacitação dos professores na utilização de ferramentas tecnológicas que modernize suas práticas pedagógicas.

No intento da inclusão, sabendo da distância existente entre teoria e prática, e considerando o avanço da tecnologia que beneficia os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), é significativo que seja dada oportunidade aos profissionais da educação para se aprimorarem para esse trabalho em especial. Desse modo, como sugestão de futuras pesquisas, é interessante desenvolver temas que envolvam inclusão e tecnologias, no intuito de encontrar ferramentas que desenvolvam a prática educativa e facilitem a aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais.

O ser humano exibe o desejo pelo desenvolvimento pessoal e social na busca de valorização, igualdade e reconhecimento como indivíduo.

Referências

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. **Ensino Híbrido – Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARBOSA, W. G.; KOTTEL, A. **As influências das TIC's na formação do indivíduo – prós e contras**. Curitiba: Caderno Intersaberes, v.8, nº 14, 2019.

BERMÚDEZ, A. C. **Volta às aulas remota em SP tem dificuldades com app e reclamações dos pais**. São Paulo. UOL, 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/04/28/volta-as-aulas-em-sp-tem-dificuldades-com-app-e-reclamacoes-dos-pais.htm>. Acesso em 25/08/2021.

GONÇALVES, S.; FERREIRA, B. E. B. A convergência tecnológica e digital, o ensino remoto emergencial e os alunos com TDAH que frequentam os anos finais do ensino fundamental. Belo Horizonte: **Revista Texto Livre**, v. 14, nº 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/25043>. Acesso em 25/08/2021.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos – Novos desafios e como chegar lá**. 5ª edição. Campinas: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, J. I.; SILVA, M. M. L.; MEDEIROS, L. R. **Reflexões sobre a inclusão durante o ensino remoto em escolas do Rio Grande do Norte**. Recife: Anais do VII Congresso Internacional das Licenciaturas. Instituto Internacional Despertando Vocações, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VIICOINTERPDVL.0327>. Acesso em 25/08/2021.

OSATO, T. **Acesso à Internet foi maior dificuldade de alunos da rede pública em 2020**. São Paulo: Revista Galileu, 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/03/acesso-internet-foi-maior-dificuldade-de-alunos-da-rede-publica-em-2020.html>. Acesso em 25/08/2021.

ONIPRESENTE nos lares brasileiros, TV vira plataforma para aulas. Porto Alegre: Redação Pátio, 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/aulas-pela-tv-ensino-basico>. Acesso em 25/08/2021.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RICARDO, L. **Para 82% dos professores, trabalho remoto traz aumento da jornada de trabalho**. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/para-82-dos-professores-trabalho-remoto-traz-aumento-da-jornada-de-trabalho/>. Acesso em: 30/05/2022.

SALAS, P. **Nem só de tecnologia vive o ensino remoto: estratégias off-line ampliam acesso às atividades na quarentena**. São Paulo: Revista Nova Escola, 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19547/nem-so-de-tecnologia-vive-o-ensino-remoto-estrategias-off-line-ampliam-acesso-as-atividades-na-quarentena>. Acesso em 25/08/2021.

SILVA, G. **Pesquisa revela que 83% dos professores se sentem despreparados para dar aulas online**. Salvador: Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/pesquisa-revela-que-83-dos-professores-se-sentem-despreparados-para-dar-aulas-online>. Acesso em 25/08/2021.

SOUZA, F. **Ensino remoto na pandemia: os alunos ainda sem internet ou celular após um ano de aulas à distância**. São Paulo: BBC News, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56909255>. Acesso em 25/08/2021.

3

**A PERCEÇÃO DE DISCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
SOBRE ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO EM PERÍODO DE
PANDEMIA** (COrona Vlrus DiseSe – COVID19)Maffei, Willer Soares⁷Carvalho, Dariel De⁸**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo investigar a percepção dos discentes do curso de Educação Física sobre as estratégias e experiências de ensino e aprendizagem em sua formação no período pandêmico de COVID 19. Para isso foi constituído um grupo com 70 discentes do Curso de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) dos períodos integral e noturno. Para levantamento de informações foi utilizado questionário aplicado pelo *Google Forms*, com o objetivo de coletar informações sobre as experiências e estratégias de ensino remoto utilizadas em sua formação superior no período de pandemia no ano de 2020. Para análise dos dados foi utilizada estatística descritiva e análise de conteúdo, sendo que, a análise se limitou a discutir a percepção e o potencial das ações formativas para a aprendizagem. Os discentes assinalaram para uma avaliação mediana da sua própria aprendizagem, identificaram diferentes estratégias aplicadas pelos docentes, sendo que sua maioria está ligada as metodologias ativas, predomínio de atividades síncronas e percepção positiva em relação ao potencial formativo. Conclui-se que apesar da nova situação emergencial imposta pela pandemia a docentes e discentes, a percepção sobre a formação dos participantes da pesquisa neste período foi positiva e poderá promover mudanças significativas e ampliação da prática pedagógica.

Palavras-chave: Discentes de Educação Física; Estratégia de Ensino; Pandemia de COVID-19

INTRODUÇÃO

O ensino superior, desde março de 2020, vem sendo reconfigurado e reprogramado para atender demandas surgidas com o distanciamento social promovido pela variante do *COrona Vlrus Disease*, conhecido como Sars-CoV-2, vírus causador da Covid-19, que em estágio grave pode levar a síndrome

⁷ Professor Assistente Doutor – Departamento de Educação Física Universidade Estadual Paulista (UNESP)

⁸ Professor do Programa de Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

respiratória aguda, hospitalização e a morte. Esse fato supôs a necessária mudança na relação professor/aluno/componentes curriculares. Entre os muitos documentos oficiais orientadores, surgidos no período, destacam-se a Portaria MEC nº 343/2020, alterada pela Portaria MEC nº 345/2020, PARECER CNE/CP Nº 5/2020, Portaria MEC nº 473/2020, Portaria MEC nº 544/2020, que dentre outras providências, trataram da reconfiguração dos cursos para atendimento das horas letivas anuais, sem a necessidade de cumprir o quantitativos de dias letivos, conforme assegura a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996), sendo que, no cômputo da carga horária poderiam ser utilizadas atividades pedagógicas não presenciais, mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), com a finalidade de minimizar a necessidade de reposição de horas no formato presencial ao final da pandemia.

Diante disso, os componentes curriculares dos cursos superiores foram reprogramados em três formatos: disciplinas teórico-práticas adaptadas para o formato remoto; disciplinas em que os saberes conceituais foram desenvolvidos e as atividades de campo/laboratório/vivenciais, reprogramadas para serem realizadas de forma condensadas quando a situação sanitária permitisse; outras em que houve necessidade de reprogramação total, não sendo ofertadas durante a pandemia.

Ainda que a reprogramação tenha sido utilizada como forma de minimizar os danos à formação, a falta de conhecimento sobre ambiente de ensino remoto nos cursos presenciais, motivou grande desgaste nos docentes e discentes não habituados a essa modalidade de ensino. Dadas as circunstâncias, o fortalecimento das relações humanas e o respeito à diversidade foram pontos fundamentais para que os componentes curriculares tivessem sequência, mesmo que remotamente, sem afetar a qualidade do ensino/aprendizagem. Ainda assim, a reprogramação do ensino se apresentou como um desafio a ser superado por docentes e discentes do ensino superior.

Diante dessa nova situação surgida nos cursos de formação superior, surge a inquietação: Qual a percepção dos estudantes do ensino superior sobre as experiências desenvolvidas com o ensino remoto? Diante disso, o objetivo desta produção é investigar a percepção dos discentes do curso de Educação Física sobre as estratégias e experiências de ensino e aprendizagem em sua formação no período da pandemia de COVID 19.

Além deste objetivo buscou-se também verificar, segundo a percepção dos estudantes do curso de Educação Física, quais são as estratégias tecnológicas mais aplicadas no processo de ensino e aprendizagem e identificar o potencial das ações formativas para a aprendizagem.

Tecnologia e estratégias de ensino no período pandêmico

A pandemia de COVID-19 que teve medidas restritivas aplicadas no mês de março de 2020, provocou a necessidade de aplicação de mudanças no planejamento das ações pedagógicas que estavam em curso. A necessidade de encontrar recursos e adaptar estratégias para atender de forma efetiva as restrições sanitárias impostas, fez com que os docentes, em um curto espaço de tempo, tivessem que reprogramar suas ações para atender as necessidades do ensino remoto.

A proposta de utilizar o ensino remoto, autorizada pelo Ministério da Educação, foi uma das possibilidades encontradas para manter o processo de ensino e aprendizagem. Para isso, muitos docentes buscaram recursos e metodologias para serem aplicadas no contexto virtual, com o intuito de que a qualidade do processo de ensino/aprendizagem pudesse ser mantida.

Segundo Vieira e Santos (2020), as atividades remotas e plataformas digitais foram intensificadas e por meio da modalidade a distância.

[...] as metodologias ativas de ensino, aprendizagem através de aulas remotas, se tornaram a ferramenta das instituições de ensino, levando adequação ao “novo” modo de ensinar. Promovendo adaptação do corpo docente e discente a inclusão de novas tecnologias (VIEIRA e SANTOS, 2020, p. 5).

Este fato segundo Soares, Santana e Comper (2020) foi visto como um ponto positivo quando relacionado ao desenvolvimento de novas habilidades para o manejo das ferramentas digitais. Em sua pesquisa que teve como objetivo descrever o processo de adaptação das atividades de ensino de um projeto de extensão universitário para a modalidade de ensino remoto, observaram que:

A criação de possibilidades para a condução do ensino remoto permitiu a emancipação para novas formas de aprender e ensinar que puderam ser incorporados aos novos ciclos de estudo do projeto de extensão e aos componentes curriculares de semiologia e propedêutica clínica. Em síntese, consideramos que o planejamento compartilhado do plano de aula, o uso do ambiente virtual de aprendizagem como apoio ao ensino remoto, o uso de

metodologias ativas como estratégia pedagógica e o gerenciamento da participação dos estudantes são estratégias potencializadoras do ensino remoto por oportunizar a autonomia do estudante no processo de aprendizagem (SOARES, SANTANA e COMPER, 2020, p.45).

É importante ressaltar que diante das necessidades os docentes precisaram realizar mudanças muito rápidas e assim, romper com a prática tradicional que era aplicada.

Segundo Bezerra (2020), gestores das faculdades e universidades no mundo inteiro que ofertavam cursos presenciais tiveram que reinventar novas formas de promover o ensino, com preocupação na qualidade, além do desafio de promover a sensação de imersão no ambiente virtual, enquanto isso o educador tentava não transformar os momentos de aprendizagem em uma simples educação à distância. Por outro lado, nas Instituições de Ensino Superior, que ofertavam cursos à distância, o desafio não foi intenso, visto que, já possuíam recursos e metodologias adequadas a esse tipo de ensino no ambiente virtual.

Apesar de toda a dificuldade apresentada, pode-se identificar na literatura pontos positivos que apontam para a ressignificação no uso das tecnologias da informação e comunicação (TDICs), e podem assim, em todos os níveis de ensino, receber um novo papel no processo de ensino e aprendizagem (BARRETO e ROCHA, 2020; AVELINO e MENDES, 2020).

[...] apesar das dificuldades em transpor o ensino presencial para a modalidade remota e pela utilização das tecnologias digitais, o momento pandêmico é desafiador e enriquecedor para a prática pedagógica (RONDINI, PEDRO e DUARTE, 2020, p.41).

O cenário de pandemia fez emergir também, novas discussões sobre o uso dos recursos tecnológicos na Educação, principalmente em situações emergenciais, além de ampliar as discussões e práticas de metodologias ativas que utilizam a tecnologia como recurso para promoção da aprendizagem. Este fato, segundo Martins (2020), fez surgir reflexões e discussões sobre a qualidade do processo de ensino e aprendizagem e das metodologias de ensino centradas nos estudantes.

Estas metodologias podem ser compreendidas como estratégias de ensino que colocam o aluno como protagonista, centrando suas ações na aprendizagem ativa dos alunos. São elas: sala de aula invertida (*flipped classroom*), aprendizagem baseada

em projetos, ensino híbrido, aprendizagem por pares, entre outras (FONSECA; NETO, 2017).

Os recursos utilizados pelos professores que colocam os alunos no centro do processo também podem ser uma novidade para os alunos.

Todos estão passando pelo processo de adaptação do novo normal, o que também é compreensível que o discente sofra o impacto da inserção de aulas não presenciais. Principalmente por não ter mais o curso que era presencial com práticas em laboratório, simulações realísticas e estágio curricular [...] (VIEIRA e SANTOS, 2020, p. 10).

Desta forma, podemos afirmar que todos estão passando pelo novo, tanto os docentes como os discentes. As transformações foram grandes e segundo Moreira, Henrique & Barros, (2020), os docentes foram transformados em youtubers, pois passaram a realizar suas aulas e gravá-las, fazer videoaulas, lives e videoconferências, passaram a utilizar novos recursos como: WhatsApp, Google Meet, Zoom, Instagram, facebook, entre outros. Além disso, organizar e intermediar suas aulas por meio de plataformas de aprendizagem como: Microsoft Teams, Google Meet, Google Classroom e Zoom. Porém, um ponto importante levantado pelos autores é que, em grande maioria dos casos, a transposição didática não ocorreu para tais tecnologias, ou seja, os docentes de forma imediata passaram a utilizar os recursos de forma instrumental e sem reflexões elaboradas a respeito de sua utilização.

Para Silus, Fonseca e Jesus (2020, p.6 – grifo do autor):

A emergência do trabalho com as tecnologias nos espaços educativos com a ampliação da pandemia, “forçou” alunos e professores a redesenhar suas formas de conceber o processo de ensino e aprendizagem.

Os computadores, notebooks, dispositivos móveis passaram a ser as salas de aulas, e até as formações continuadas passaram a ser com frequência e para quem buscava, sem sair de casa.

Quase todos os dias temos diversas atividades síncronas e assíncronas com os mais renomados especialistas em educação, desenvolvimento humano e gestão do país, promovendo aos docentes um rápido acesso ao contínuo preparo para o uso de ferramentas para suas práticas no ensino remoto emergência (SILUS, FONSECA e JESUS, 2020, p.7).

Mesmo com todas as ofertas de formação os docentes precisaram enfrentar muitos desafios em aprender a utilizar novos recursos tecnológicos, já aplicando-os no contexto educacional de forma imediata. Além de passar a ter novas preocupação que até então não existiam, tais como a qualidade de conexão de internet e recursos

para manter os encontros síncronos possíveis de serem realizados. Foram novas experiências necessárias, impostas pelo contexto pandêmico.

Tendo como pano de fundo o contexto apresentado em consonância com o momento vivido por jovens universitários propôs-se um questionário para levantamento da percepção desses jovens sobre as estratégias de ensino remoto adotadas por docentes e a consequência delas para a formação dos estudantes do Curso de Educação Física que participaram da pesquisa.

DADOS CONTEXTUAIS E METODOLÓGICOS

Na busca por informações a respeito dos objetivos propostos para o estudo, optou-se pelo estudo de campo, que segundo Gil (2002, p.53):

[...] focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.

A constituição do grupo de colaboradores se deu por meio de formulário eletrônico (Google Forms), elaborado pelos próprios pesquisadores e respondido por alunos do Curso de Educação Física. Para a constituição do grupo, foi encaminhado e-mail para alunos do primeiro e do último ano do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física de uma Universidade Pública Paulista, e que, no ano de 2020 tiveram experiência com estratégias de ensino remoto na formação superior.

O e-mail dos alunos foi disponibilizado pelo coordenador do curso, no qual, foi encaminhado o *link* para acesso ao formulário, que ficou disponível 15 dias para resposta. O questionário foi encaminhado para 114 discentes, porém, apenas 70 o responderam. Assim, o grupo de colaboradores está constituído por 70 discentes do Curso de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) dos períodos integral e noturno.

O questionário respondido pelos participantes se estrutura em cinco blocos: 1. informações sobre a pesquisa; 2. Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE); 3. Perfil do aluno/Curso (7 questões fechadas); 4. Estratégias de Ensino e Experiências do aluno na Formação (5 questões abertas e 3 fechadas); 5. Percepção

sobre o Potencial das Ações Formativas para a Aprendizagem (10 questões fechadas e 1 aberta).

Para análise dos dados quantitativos foi utilizada Estatística Descritiva (Média, Desvio Padrão, Mediana, Mínimo e Máximo), sendo que, a Análise se limitou a discutir Percepção sobre o Potencial das Ações Formativas para a Aprendizagem. Na análise das Estratégias de Ensino e Experiências do aluno na Formação utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

Esta pesquisa integra o estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Nº 3.261.852 e atendeu aos preceitos éticos requeridos às pesquisas com seres humanos.

RESULTADOS DE DISCUSSÕES

Integram o estudo 70 discentes do Curso de Educação Física, dos quais, 23 (32,8%) são do sexo feminino e 47 (67,2%) do sexo masculino. Destes, 38 (54,3%) cursam o período integral, 42 (60%) são do curso de Licenciatura e 28 (40%) discentes cursam o primeiro ano do curso, enquanto, 42 (60%) estão matriculados no último ano.

Em relação ao meio digital utilizado para acompanhamento das aulas durante a pandemia, 54 (77,1%) colaboradores utilizam computador, enquanto, 16 (22,9%) afirmam utilizar o smartfone, sendo que, para acesso à internet, 67 (95,7%) colaboradores utilizam rede wi-fi ou internet a cabo, enquanto os demais utilizam dados móveis no smartfone ou chip fornecido pela Instituição para acesso.

QUESTÕES FECHADAS

O Quadro 1 apresenta as respostas ao seguinte questionamento: “Em relação a aprendizagem, como você avalia o aproveitamento, sua aprendizagem e a contribuição dos conteúdos trabalhados nas disciplinas durante o trabalho remoto? Essa questão integra o bloco 4 de questões e se destina a verificar a percepção dos alunos em relação à experiência com o ensino remoto na formação. O intervalo de respostas era de 1 a 5, sendo 1 o conceito mínimo e 5 o máximo.

Quadro 1. Percepção sobre aprendizagem por meio remoto

Percepção sobre aprendizagem por meio remoto							
Média	Mediana	Modo	Desvio padrão	Intervalo	Mínimo	Máximo	Contagem
3	3	3	0,63	3	1	4	70

Fonte: Próprio autor

Com relação a percepção dos discentes do curso de Educação Física no processo de aprendizagem por meio dos recursos tecnológicos durante o ensino remoto os resultados apontaram para uma média de 3, desta forma, pode-se observar que os respondentes acreditam ter aprendido, porém sua visão sobre esse aprendizado não foi surpreendente, sendo que nenhum respondente atribuiu 5 para essa pergunta que se referia a muita contribuição, aproveitamento e aprendizagem.

Essas respostas nos levam a refletir sobre a visão dos discentes sobre o processo de aprendizagem que poder ter sido efetivo, porém, não superou as suas expectativas. Este fato pode ser refletido principalmente pelo momento delicado e diferente que todos passaram.

A pandemia afeta estudantes e professores, de modo que todos estão sofrendo modificações e interrupções em suas vidas, durante o período de isolamento social. Portanto, é preciso compreensão de ambos os lados, pois todos estão passando por momentos atípicos e de adaptação (RONDINI, PEDRO e DUARTE, 2020, p.48).

Desta forma, fica difícil analisar se a percepção dos discentes sobre as contribuições, seu aproveitamento e aprendizado ter sido mediana se deu pelo fato da qualidade do material e didática recebida no momento da aprendizagem ou pela sua dedicação frente a esse novo desafio e mudanças de perspectivas em um curto espaço de tempo.

Soares, Santana e Comper (2020) assinalam em seu estudo, como um ponto negativo, a baixa interação entre os participantes na sala de aula virtual, quando comparado a participação dos estudantes em ambiente presencial.

A maior parte dos participantes mantiveram suas câmeras e microfones desligados e os questionamentos, as dúvidas e os posicionamentos foram menos frequentes. Tais fatores podem estar relacionados à queda ou ausência de conexão para acessar a plataforma digital, receio da exposição em um ambiente online, dificuldade em se adaptar a nova metodologia de ensino, entre outros. (SOARES, SANTANA e COMPER, 2020, p.40).

Esses fatos passam a ser relevantes, principalmente quando se pensa nos discentes, neste novo contexto, em sua adaptação ao novo modelo de ensino e,

principalmente, no processo de análise das contribuições deste novo normal proporcionado pelo ensino remoto a seu processo de aprendizagem. Não tem como não levar em consideração as dificuldades e adaptações que tiveram que ser aplicadas durante esse processo.

O Quadro 2 apresenta a percepção dos alunos a respeito de algumas ações formativas, frequentemente utilizadas por docentes nas aulas. Da mesma forma que a questão do bloco 4, o intervalo de respostas para as questões do bloco 5 variava de 1 a 5 (sendo 1 pouco e 5 grande potencial formador). Tais questões integram o bloco 5 do questionário e contava com as seguintes estratégias: 5.1 Aula expositiva síncrona (todos alunos na sala remota) ministrada pelo formador, com leitura de texto prévia e sugerida anteriormente; 5.2 Apresentação de exemplos da prática profissional para ilustrar o conteúdo trabalhado na aula síncrona (todos alunos na sala remota); 5.3 Experiências (ainda que remotas) realizadas no futuro campo de atuação profissional (estágio supervisionado, prática pedagógica/prática como componente curricular/prática formativa, projeto de extensão, monitoria, oficina ministrada para a própria turma); 5.4 Elaboração e apresentação de Seminários/trabalho (individual ou em grupo); 5.5 Aula gravada pelo docente e disponibilizada para o aluno assistir de forma assíncrona; 5.6 Participação em grupos de estudo / pesquisa on line; 5.7 Participação em programas e projetos de Iniciação Científica on line; 5.8 Aulas síncronas dialogadas e com discussão em grupo, no qual, as conclusões individuais ou dos grupos são apresentadas para os demais (plenária); 5.9 Utilização de outros recursos audiovisuais (vídeos, filmes, lives, palestras); 5.10 Aula remota, síncrona, com a participação de profissionais da área debatendo o campo profissional.

Quadro 2. Percepção sobre o Potencial das Ações Formativas

	Q5.1	Q5.2	Q5.3	Q5.4	Q5.5	Q5.6	Q5.7	Q5.8	Q5.9	Q5.10
Média	3,37	3,8	3,62	3,45	3,6	3,45	3,02	3,9	3,82	4,18
Mediana	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4
Modo	4	4	4	4	5	4	4	5	4	4
Desvio padrão	0,96	0,77	0,93	1,1	1,27	0,87	1,11	1,21	1,16	0,68
Mínimo	1	2	2	1	1	1	1	1	1	3
Máximo	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

Fonte: Próprio autor

Com relação ao potencial formativo das questões há destaque para a Q10 Aula remota, síncrona, com a participação de profissionais da área debatendo o campo profissional, que apresentou a maior média de respostas, seguida por 5.8 Aulas síncronas dialogadas e com discussão em grupo, no qual, as conclusões individuais ou dos grupos são apresentadas para os demais (plenária); 5.9 Utilização de outros recursos audiovisuais (vídeos, filmes, lives, palestras).

Destaca-se ainda que, das três estratégias apontadas como de grande potencial formativo, apenas uma delas (5.8) pressupõe participação ativa do aluno. Ainda assim, com exceção da Q10, não há um consenso dos participantes com respeito ao potencial de formação das estratégias, visto que, em quase todas as questões a variação de respostas está entre 1 e 5, ou seja, enquanto alguns participantes entendem que o potencial de formação da questão é fraco, outros a entendem como alto.

A análise das questões que seguem foi realizada por meio da “Categorização Temática” por critério semântico (sintático, léxico e expressivo), conforme proposto por Bardin (2011). Para tanto, procurou-se inicialmente construir um inventário com todas as proposições de estratégias citadas pelos alunos como ferramentas utilizadas nas aulas. Em seguida, foi realizado o agrupamento temático (seguindo os critérios léxicos – relativo ao sentido das palavras, com emparelhamento de sinônimos e sentidos próximos; e expressivo, que considera as diversas perturbações da linguagem).

Para levantamento da percepção dos alunos a respeito das estratégias mais utilizadas pelos docentes na aula durante a pandemia, foi proposta uma questão aberta, no bloco 4 do formulário: “Quais a(s) estratégia(s) são mais utilizadas por seus professores do Ensino Superior nas aulas durante a Pandemia Covid19?”. Nessa fase foram encontrados 148 apontamentos. Após a construção do inventário foi realizado o agrupamento temático. Nesse processo foram reunidas 31 diferentes estratégias, agrupadas em dois campos semânticos/categorias temáticas, denominados nesse estudo como Atuação Ativa (AA), que coloca o discente como protagonista e ativo no seu processo de aprendizagem e Atuação Passiva (AP), onde o docente é protagonista da ação.

Quadro 3. Estratégias mais utilizadas pelos docentes no período.

Metodologias ativas (MA) – 22	Metodologias passivas (MP) - 9
<p>Envio de materiais para auxiliar nas aulas como plenária, ou o conteúdo apresentado no decorrer das aulas; roda de conversa; prática, discussões, seminários, avaliações; leitura e discussão de texto e estudo de artigo; Além da indicação de livros, mostrando ao final das aulas as referências a serem buscadas na biblioteca, e textos em forma de artigos, para a discussão em aula; apresentação de seminários, com banca composta pelos colegas de sala, e observações de projetos; aula interativa; Questionários; Sínteses de artigos científicos; leitura de texto e anotações para discussões nessas aulas; trabalhos após a segunda metade das aulas; estudos dirigidos; provas pelo google formulário; muitos trabalhos; Aulas expositivas dialogadas, vídeos e aulas interativas, menos "teóricas"; reflexão de assunto a partir de filmes; trabalhos simples semanais sobre o conteúdo; criação de projetos; utilização do site Menti para fazer perguntas sobre o tema das aulas e ao mesmo tempo descontrair com a turma;</p>	<p>Slides, textos e livros, lousas escritas; Aula expositiva; Apresentação de slides, com os assuntos, resumido ou com um pouco mais de amplitude, utilizando fotos e alguns vídeos; palestras; Aulas síncronas através do Google Meet; aulas assíncronas gravadas; Aulas síncronas e gravadas para que possamos ter acesso posteriormente</p>

Fonte: O próprio autor.

Mesmo após a construção do inventário, percebe-se a variedade de recursos e estratégias utilizadas pelos docentes durante o processo de ensino e aprendizagem. Dentre os recursos apresentados a maioria ficou por conta das ações centradas no aluno. Desta forma, o professor seguiu um papel de mediador do processo de aprendizagem transferindo para os estudantes o protagonismo de aprender. Estas estratégias, compreendidas como metodologias ativas, podem tornar o aprendizado mais significativo para o aluno, principalmente quando relacionado a uma situação que envolve a resolução de problemas, aplicações de conceitos para solucionar problemas que envolvem conhecimentos prévios, conceitos novos estudados em um contexto específico.

Esses resultados corroboram com a ideia de que “A metodologia ativa de aprendizagem é uma das alternativas a ser considerada no ensino remoto” (SOARES, SANTANA e COMPER, 2020, p.43).

A grande quantidade e a diversificação de estratégias utilizadas pelos professores, pode ser resultado da busca constante de aprimoramento das práticas pedagógicas neste novo contexto, uma inquietude dos docentes, ou até uma variação

proposital de estratégias para manter a participação e o interesse dos alunos que se encontram distantes, pelo menos do presença física, dos seus professores.

Para levantamento da percepção dos alunos a respeito das estratégias de ensino que eles mais gostam, foi proposta uma questão aberta, no bloco 4 do formulário: “De acordo com a sua experiência, qual(is) estratégia(s) utilizada(s) nas aulas remotas os alunos mais gostam?”. Na fase do inventário foram encontrados 92 apontamentos e, após realizado o agrupamento temático foram reunidas 40 diferentes estratégias, agrupadas em dois campos semânticos/categorias temáticas, denominados nesse estudo como Atividades Síncronas (AS) e assíncronas (AA), conforme o quadro a seguir:

Quadro 4. Percepção dos alunos sobre estratégias que mais gostaram

ATIVIDADES SÍNCRONAS (19)	ATIVIDADES ASSÍNCRONAS (11)
<p>Explicação mais aprofundada do que está sendo falado; Prática e discussões; realização de seminários; apresentação de slides e um complemento do professor sobre aquele assunto abordado; Discussão dos artigos; Quando o professor interage com os alunos, não apenas ficar falando a aula inteira (monólogo); As palestras Questionários e aulas síncronas; A discussão e participação junto dos textos; Discussões em grupo separados, onde no final é feito uma exposição para a sala toda; Convidados especiais e rodas de conversa; Aulas interativas, na qual os alunos podem se expressar e interagir mais; Variar as estratégias para evitar monotonia, principalmente em conteúdo expositivo, cuidado em apenas expor e considerar conteúdo aprendido; Debates e discussões, onde o professor intermedia as aulas porém sempre ouvindo e respeitando as falas dos alunos e acrescentando no aprendizado; trabalhos em grupo durante a aula, pois dá a oportunidade dos alunos debaterem entre si e expor suas ideias, ajudando a manter o foco durante as aulas remotas; A estratégia de debate; Os encontros síncronos são bem vistos; Aulas que apresentam situações que em aulas presenciais são mais difíceis, como conversas com convidados; As que geram interação entre os alunos e permitem a participação e o desenvolvimento da atividade de forma síncrona; os diálogos após a apresentação de um seminário; aulas ao vivo; A estratégia de debate; Google Forms semanais para que a matéria seja absorvida de forma melhor.</p>	<p>Aulas gravadas e Atividades (Não considerando em atividades; provas; atividades muito extensas e/ou com prazos curtos); Aulas assíncronas, estudos dirigidos e seminários; Que as aulas ficam gravadas e não marcando falta pra quem não pode estar nas aulas online; Quando o professor deixa a aula gravada aulas assíncronas; aulas gravadas para que a aula ao vivo tenha menos tempo, google forms semanais para que a matéria seja absorvida de forma melhor e o site menti para descontrair; Tive uma experiência com aulas curtas (30 minutos) disponibilizadas no youtube com acesso restrito aos alunos da disciplina que foram bem proveitosas; As dúvidas poderiam ser colocadas nos comentários do vídeo, ou em e-mail para professor ou durante uma aula síncrona realizada a cada 20 dias, em média; aulas gravadas para que a aula ao vivo tenha menos tempo; Questionário abordando determinado tema realizado na aula por meio de sites que classificam os participantes, assim estimulando a realização do mesmo e fomentando o aluno a aprender o conteúdo.</p>

Fonte: o próprio autor.

Pode-se observar que os discentes indicaram mais atividades síncronas como as preferidas. Este fato reforça a compreensão da importância da troca ativa e em tempo real dos professores com os seus alunos, da valorização da presença, mesmo que mediada por recursos tecnológicos e proporcionada graças a um ambiente virtual.

Essa possibilidade amplia a visão da educação e sugere novas reflexões sobre as possíveis transformações que a educação poderá passar nos próximos anos.

É possível inferir hipoteticamente que a educação superior brasileira passará por uma grande transformação híbrida, entre o analógico e digital, no entanto os professores que não foram capacitados e não receberam a infraestrutura necessária das IES para o uso das tecnologias digitais educacionais estarão com altos níveis de stress ou resistência devido aos aspectos socioemocionais pessoais, dos alunos, dos colegas e das famílias, que envolvem a dinâmica da prática docente (SILUS, FONSECA e JESUS, 2020, p.14).

Esse movimento reflexivo poderá acontecer por parte dos docentes e discentes, principalmente após terem experimentado novas possibilidades e novas práticas pedagógicas.

Para levantamento da percepção dos alunos a respeito das estratégias com que eles mais aprendem, foi proposta uma questão aberta, também no bloco 4 do formulário: “De acordo com a sua experiência, com qual(is) estratégias(s) de aula remota você mais aprende?”.

De acordo com a análise proposta, inicialmente foram reunidas 64 diferentes estratégias, agrupadas em dois campos semânticos/categorias temáticas, denominados nesse estudo como Ações Centradas no docente e Ações centradas no discente. Após o agrupamento temático, as estratégias de ensino foram agrupadas em 4 ações centradas no docente e 7 centradas no discente, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 5. Percepção sobre as estratégias que mais aprendem

Ações centradas no docente (4)	Ações centradas no discente (7)
Aula Expositivas; Avaliações; Quando o professor sabe dosar a quantidade aulas e trabalhos; Quando lemos um texto e o professor começa a discussão expondo os pontos mais importantes.	Leituras e discussões posteriores; relatos e debates com a turma; trocas de experiências mediadas pelo professor; participação dos alunos no processo de desenvolvimento do conhecimento; Seminários; interpretação de textos em pequenos grupos; realizar tarefas junto como professor explicando passo a passo nas aulas

Fonte: O próprio autor

Os resultados indicam que as estratégias preferidas pelos participantes são as centradas nos docentes e nos alunos. Porém podemos observar um número maior de estratégias centradas nos alunos. As metodologias ativas, mais uma vez presente nos resultados dos estudos voltados ao ensino remoto em período de pandemia, nos remetem ao entendimento da necessidade de envolver os alunos no processo de aprendizagem atribuindo-lhes a responsabilidade que lhes cabe, a de aprender.

As metodologias ativas desconstroem o perfil do professor conservador, transmissor de conteúdos, e exige novas atitudes e conhecimentos. Em contrapartida, os alunos tornam-se partícipes do processo de aprendizagem, desenvolvem sua autonomia a autoaprendizagem (LAZARO, SATO e TEZANI, 2018, p.10).

Por mais que as mudanças provocadas pela necessidade do distanciamento social estejam presentes atualmente na educação, e tenham sido apresentadas como um novo cenário, as possibilidades e utilização das TDICs na educação e sua utilização como recursos para aplicar metodologias ativas para a promoção da aprendizagem é um debate conhecido e amplamente discutido.

A possibilidade de relacionar as TDIC às metodologias ativas proporciona uma vivacidade as aulas do Ensino Superior auxiliando no preparo de futuros profissionais para o trabalho na sociedade da atualidade que é repleta de conexões, redes e tecnologia (LAZARO, SATO e TEZANI, 2018, p.10).

Acredita-se que a necessidade de aplicação dos recursos e metodologias ativas propostas durante o ensino remoto emergencial possa ser uma mola propulsora de mudanças já discutidas e necessárias no contexto do ensino superior no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar de forma geral, que os alunos foram capazes de expressar suas percepções acerca das ações realizadas pelos docentes no processo de ensino e aprendizagem durante a experiência de ensino remoto aplicado no período de pandemia, e que foram capazes de identificar as ações realizadas pelos docentes apontando para um potencial positivo das ações formativas no curso superior de Educação Física.

Foi possível identificar a preferência dos discentes por um número maior de estratégias envolvendo ações de ensino síncronas mesmo que mediadas pela tecnologia em ambiente virtual, pela utilização de recursos e metodologias ativas, aquelas nas quais colocam o estudante como protagonista do processo de aprendizagem.

Entretanto, vale ressaltar que a aplicação dessas metodologias tem uma exigência, dedicação e responsabilidade maior por parte dos discentes em relação ao seu aprendizado.

Pode-se observar também que os estudantes não tiveram uma visão muito positiva com relação a contribuição deste processo de ensino e aprendizagem para a sua formação profissional, contudo, apesar de verem potencial nas ações formativas, o fato de ser algo novo, e ter provocado mudanças significativas nas rotinas e adaptações nos processos de estudo, pode de alguma forma ter impactado na percepção sobre o seu aprendizado.

Outras reflexões provocadas por este estudo, fazem referências às possíveis mudanças nas práticas pedagógicas nas Instituições de Ensino Superior, impulsionadas por essas experiências vividas por docentes e discentes durante esse período de ensino remoto. Tal fato leva a concluir que, apesar das ações terem sido realizadas de forma emergencial, terem causado grandes rupturas nas práticas pedagógicas por parte dos docentes e no processo de apropriação de novos conhecimentos por parte dos alunos, pode-se enxergar novas oportunidades de ampliação da prática pedagógica e mudanças significativas nas relações de aprendizagem no ensino superior, com influência de novas tecnologias e novas metodologias de ensino.

Referências

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/AvelinoMendes/2892>. Acesso em: 07/2019 setembro 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. COVID 19 E EDUCAÇÃO: RESISTÊNCIAS, DESAFIOS E (IM)POSSIBILIDADES INSS 2675-1291- DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/encantar.v2.0010>. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade** - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-11, jan./dez. 2020.

BEZERRA, I. M. P. Estado da arte sobre o ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia do corona vírus. **J Hum Growth Dev**; 30(1), 141-147. 2020.

FONSECA, S. M.; NETO, J. A. M. Metodologias ativas aplicadas à educação a distância: revisão de literatura. **Revista EDaPECI**, v.17, n. 2, p.185 -197, 2017.

Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/viewFile/6509/pdf>>. Acesso em: 10 set 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: **Atlas**, 2002.

LAZARO, A. C.; SATO, M. A. V.; TEZANI, T. C. R.; Metodologias ativas no ensino superior: o papel do docente no ensino presencial. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias e Encontro de pesquisadores em Educação à distância**, p.01 a 12, 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/234/282> Acesso em: 17 set 2021.

MARTINS, R., X. A COVID-19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio. **Revista de Educação a Distância**, v.7, n.1, p.242-256, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/620>. Acesso em: 15 set 2021.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. S.; Pandemia da COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. **Interfaces Científicas**, Aracaju, V.10, N.1, p. 41 – 57, Número Temático, 2020.

SOARES, T. L. F.; SANTANA, I. S.; COMPER, M. L. C. Ensino remoto na pandemia de COVID-19: lições aprendidas em um projeto de extensão universitário. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 35-48, set./dez. 2020.

VIEIRA, T. D. G. F.; SANTOS, M. L. S. C.; Estratégias pedagógicas e uso de metodologias ativas na graduação em Enfermagem em tempos de pandemia do Coronavírus - COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, 2020.

4

ARTICULAÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DO ENSINO A DISTÂNCIA E AS REDES SOCIAIS - FACEBOOKCoelho, Ana Lucia Zattar⁹Sandy, Danielly Dias¹⁰**Resumo**

O presente artigo trata de uma pesquisa realizada com base na observação da articulação e relação entre atividades pedagógicas do ensino à distância e as redes sociais. Para tanto, foram consideradas novas metodologias destacando o uso da rede social Facebook como objeto de estudo e análise a partir das interações propostas e seus retornos. Como embasamento, foram utilizadas as informações aplicadas aos discentes dos cursos de Artes Visuais, Educação Física e Música de uma IES (Instituição de Ensino Superior) com o intuito de verificar os resultados do envolvimento e engajamento dos estudantes. Assim, esse trabalho é de natureza descritiva o qual se desenvolveu considerando a metodologia aplicada com uso de análise documental a partir das postagens supracitadas e suas métricas.

Palavras-chave: Atividades pedagógicas; Ensino a distância; Redes sociais.

INTRODUÇÃO

Desde o crescimento do uso dos *smartphones* e conseqüentemente do uso de redes sociais como ferramenta de comunicação entre os diferentes setores da sociedade, abriu-se também a possibilidade de novas práticas de mediação no processo de ensino-aprendizagem, isto é, da relação do professor com seu aluno. Com isso observamos distintas ferramentas surgindo e sendo utilizadas

⁹ Especialista em Gestão e Liderança Educacional – Grupo de pesquisa EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas, Professora do Centro Universitário Internacional Uninter.

¹⁰ Mestre em Museologia – Grupo de pesquisa EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas. Professora do Centro Universitário Internacional Uninter

para tanto, fomentando a amplificação das metodologias ativas. Esse processo tem se demonstrado exitoso em um terreno bastante fértil com grandes possibilidades.

Novas metodologias de uso das redes sociais como ferramentas que aproximam os atores do processo à realização de ações pedagógicas e atividades, passam a ser discutidas a partir do momento que se percebe uma notável lacuna educacional que pode ser preenchida. Isso pode acontecer quando o professor busca falar a linguagem próxima do estudante e adapta à ferramenta, oportunizando também que o aluno aprenda em um ambiente informal. Não obstante a isso, todos os cuidados pedagógicos são tomados e todo o processo minuciosamente planejado para que possa atingir os seus objetivos considerando que ainda se trata de uma vereda recente e com muito ainda a ser explorado.

O que vem sendo observado, é que essas ações tendem a estreitar a ligação entre alunos e professores justamente pela informalidade que uma rede como, por exemplo, o Facebook passa; porém, sem perder a oportunidade de um ganho de conhecimento. E isso porque até mesmo pelas redes sociais o aprendizado é passível de ocorrer. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo a análise da utilização da plataforma do Facebook como uma ferramenta ativa no processo de ensino-aprendizagem em EAD, considerando o panorama observado na interação dos conteúdos e os recursos que a ferramenta oferece.

Sendo assim, esse artigo foi embasado nas informações coletadas das ações aplicadas aos discentes dos cursos de Artes Visuais, Educação Física e Música de uma Instituição de Ensino Superior (IES) na modalidade de Ensino à Distância (EAD). Neste bojo encontram-se cursos de Bacharelado e Licenciatura. O estudo aqui apresentado é de natureza descritiva e abordagem quanti e qualitativa, realizado por meio da análise documental das postagens e suas métricas (interações, alcance, impressões, comentários, dentre outros). Para esse trabalho foram selecionadas postagens identificadas como ações de acolhimento, de alunos calouros e veteranos, e os eventos que foram transmitidos por essa ferramenta no ano de 2020, na página da área dos cursos.

Vale ressaltar que com as tendências da comunicação do século XXI, com suas múltiplas plataformas, aplicativos e ferramentas, fica totalmente inviável que as

práticas dos docentes não acompanhem essa tendência global. Cada vez mais serão necessárias ações pedagógicas atreladas a essas possibilidades na grande rede, que são ambientes que podem ser amplamente aproveitados como oportunidades de aprendizagem ativa e efetiva. Com base na análise dessas ações em redes sociais (Facebook), bem como no desenvolvimento das atividades realizadas pelos discentes, espera-se entender como essas práticas pedagógicas poderão ajudar no desenvolvimento global do acadêmico a partir do contexto analisado.

1. O EAD E AS REDES SOCIAIS

O ensino na modalidade à distância vem se tornando cada vez mais presente na vida das pessoas. Trata-se de um impressionante fenômeno social que acompanha o desenrolar dos eventos que se apresentam na contemporaneidade. De acordo com Dinamara Machado (2015, p. 26), “as mudanças sociais, tecnológicas e epistemológicas vivenciadas, impõem a necessidade de uma formação aberta às incertezas, às diferenças, às emergências nesta sociedade moderna”. E a preferência ao EAD que começa a aumentar à olhos vistos, se deve não apenas à facilidade quando a questão é o acesso também às metodologias dinâmicas e envolventes, mas sobretudo devido às possibilidades que o estudante passa a oferecer.

Todavia, o EAD cobra do estudante determinada disciplina e muita dedicação que, em alguns casos, no ensino presencial pode passar despercebido porque a presença em aula em alguns casos já representa o aprendizado. E isso sem contar que há muitas práticas em sala de aula que podem ser desenvolvidas mediante a presença dos estudantes, porém nem sempre com a sua atenção e real dedicação. Certamente isso não é uma regra, mas compreendemos que há ainda dinâmicas distintas com seus respectivos problemas em ambas as possibilidades.

O que ocorre é que esse mito de que o ensino à distância é inferior ao ensino presencial vem se desfazendo e passando a trazer ao EAD o devido reconhecimento. E no arcabouço do EAD surgem novas metodologias com suas ferramentas, mas também com a possibilidade e abertura para outras ferramentas que não necessariamente tenham sido criadas para o processo de ensino-aprendizagem, tal como as redes sociais. Sobre isso, conforme aponta Phillips:

A proliferação de tecnologias digitais, sociais e móveis criou uma cultura em que a juventude participa mais da criação e do compartilhamento de conteúdo, mudando profundamente a maneira como os alunos se comunicam, interagem e aprendem. Em muitos casos, os alunos passam a mesma quantidade de tempo (ou mais) on-line em um ambiente de aprendizagem informal interagindo com colegas e recebendo comentários do que passam com seus professores na sala de aula tradicional (PHILLIPS *et al.*, 2012, p. 03).

Isso faz das redes sociais ambiente de continuidade das práticas acadêmicas proporcionando ao estudante determinada interação a aprendizagem.

Atualmente a ideia do aprender e ensinar encontra-se conectada às tecnologias virtuais, e as redes sociais, como o Facebook, podem ser ferramentas de apoio pedagógico. Algumas ações que anteriormente aconteciam no ambiente escolar definido por uma sala de aula física, hoje podem e devem naturalmente acontecer em um ambiente virtual de forma séria e eficaz para a complementação de conteúdos que são abordados de um meio mais tradicional.

Essas novas conexões e novos comportamentos mediante ao conteúdo pedagógico que antes era exclusivamente ligado ao espaço da sala de aula, hoje alcança o mundo virtual. O bom uso das redes, com uma metodologia adequada, promove o engajamento (envolvimento) dos estudantes e a interação (troca de informações, de questionamentos) com as redes sociais de seus respectivos cursos, seja ele presencial ou EaD.

2. A PANDEMIA E O AUMENTO DO USO DAS REDES SOCIAIS

Após a pandemia mundial iniciada no ano de 2020, na China, ocasionada devido à grande transmissão do vírus SARS-CoV-2, foi decretada a quarentena devido à necessidade de isolamento social na tentativa de cortar a transmissão. Dessa forma, escolas, universidades, shoppings, restaurantes e outros espaços de uso coletivo precisaram ser fechados conforme as indicações de cada país. Da mesma forma, foi recomendado que as pessoas permanecessem em suas casas evitando ao máximo de se exporem nas ruas.

Tal evento implicou em múltiplos e distintos resultados, incluindo o aumento do uso das redes sociais, além de outras estratégias virtuais para coisas que naturalmente eram feitas de forma presencial. Assim, pode ser observado que as

redes sociais se tornaram palco para possibilidades de troca, ensino e aprendizagem, além de também terem se intensificado como espaços de cultura e maior socialização.

Considerando a visão de Lima Junior:

Diante do exposto, é possível conceber uma rede social online como: [...] forma de comunicação mediada por computador com acesso à internet, que permite a criação, o compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente. (LIMA JUNIOR, 2009, p. 97).

Essa descentralização do conhecimento a partir das redes sociais tornou-se ainda mais evidente com a pandemia. Com isso foi constatado o aumento do número de diversas atividades ocorrendo gratuitamente na rede e no mundo todo como palestras, lives, *webnários* e mais. Os eventos acadêmicos somente se tornaram possíveis graças ao uso do *cyberespaço* que permitia que jovens do mundo todo pudessem ter acesso a determinados conteúdos e discussões. Contudo, observamos que “a Internet oferece uma série de facilidades que, uma vez bem exploradas, como é o caso de uma Rede Social, podem dar suporte efetivo às CoP’s.” (MOSER e ALENCASTRO, 2015, p. 107).

E o conceito de *comunidade de prática* (CoP) foi desenvolvido por Etienne Wenger e “em síntese, pode ser esclarecido como um grupo de indivíduos que se reúnem periodicamente, por possuírem um interesse comum no aprendizado e na aplicação do que foi aprendido” (TAKIMOTO, 2012, s/p). Tal conceito se aplica tanto no mundo empresarial como também acadêmico e, tal como afirma Moser e Alencastro (2013), as redes sociais podem ser um suporte efetivo para esse modelo de comunidade.

Sendo assim, “construir comunidade é uma estratégia central para compartilhar, entre todos os membros, os encargos e os benefícios da mudança e da troca” (BROWN; ISAACS. In SENGE, 1997, p.479). Essa interação, contato virtual frequente e também a valorização de atividades por meio de participação por redes sociais são ações importantes que contribuem, de certa forma, com o acolhimento do estudante calouro no grupo já formado. E, além do mais, fazem aflorar o sentimento de pertencimento ao grupo e obviamente à instituição.

3. O PROGRAMA DE ACOLHIMENTO DE ALUNOS CALOUROS E VETERANOS

Conforme inicialmente destacado, o presente artigo apresenta algumas das ações de um programa de acolhimento realizadas durante o ano de 2020, voltadas aos alunos calouros e veteranos de uma IES (Instituição de Ensino Superior), no que se refere ao uso da rede social Facebook como ferramenta de metodologia ativa. Assim, destacamos que o mencionado programa teve abrangência sobre os estudantes matriculados nos cursos de Licenciatura e Bacharelado que compõem uma área, sendo eles Artes Visuais, Educação Física e Música.

O mencionado Programa foi voltado aos estudantes calouros e veteranos e buscou realizar ações de acolhimento para que estes estudantes tivessem maior relação e sentimento de pertencimento com o curso e, conseqüentemente, com a instituição universitária na qual se encontravam matriculados. Isso, contando que o processo de aprendizagem poderia ter maior rendimento mediante a essa intenção. Para isso, um dos caminhos percorridos foi a utilização das redes sociais para estreitar os laços entre os estudantes entre si e a universidade.

Nas páginas da área que congrega os cursos mencionados, visível nas redes sociais, foram apresentadas atividades diversas, *lives* ao vivo, imagens, propostas educativas, posts de interação. As atividades de características mais artísticas contavam mais com a participação de alunos dos cursos de Artes Visuais e de Música. Entretanto, nas atividades relacionadas às práticas corporais aconteciam participações dos alunos dos três cursos mencionados nesse trabalho.

As ações foram realizadas tanto no ambiente virtual de aprendizagem como também nas redes sociais facilitando a observação em relação a interação dos estudantes. Isso ocorreu em muitos momentos em que as dicas eram dadas no ambiente virtual de aprendizagem e o estudante buscava no *link* das redes sociais as interações propostas. Foi observado que o número de estudantes envolvidos era cada vez mais significativo e isso porque também foi buscada a linguagem de afetividade com os estudantes.

Logo, foi observado que os estudantes passaram a interagir entre si manifestando as suas ideias e opiniões sobre as questões propostas e contando

também um pouco sobre seus estudos. A partir disso observou-se que já havia alunos que se conheciam entre si e isso favoreceu ainda mais a interação fortalecendo o grupo como comunidade virtual. Conforme aponta Hunter apud Moser:

uma comunidade virtual é definida como um grupo de pessoas que interagem entre si, aprendendo com o trabalho das outras e proporcionando recursos de conhecimento e informação ao grupo, em relação a temas sobre os quais há acordo de interesse mútuo. (HUNTER apud MOSER, 2015, p. 96)

Assim, para cada fase foram pensadas com antecedência ações específicas com o intuito de melhor atender os estudantes da área. As ações eram semanais e visavam, ainda, facilitar a vida acadêmica engajando os estudantes em suas tarefas, estudos e atividades diárias. Dentre as ações destacamos o envio de avisos com mensagens acolhedoras e motivacionais, juntamente com pocket vídeos gravados pelos professores da área e enviados pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), mas também com alguns desses pocket vídeos de boas-vindas enviados pela rede social do Facebook.

Vale destacar que todo o planejamento partia de análises de dados quantitativos e qualitativos coletados no Ambiente Virtual de Aprendizagem, como planilhas e análise de dúvidas enviadas pelos estudantes pelo canal da tutoria. E, ainda, a partir de visualizações, compartilhamentos e mesmo interações nas redes sociais.

Além dessas ações realizadas no AVA, também foram realizadas outras ações de acolhimento nas redes sociais da Área, como Facebook e Instagram, trabalhando com linguagens acessíveis, dinâmicas e bastante acolhedoras. Com isso, foi buscado envolver os estudantes de maneira mais ativa e efetiva nas redes sociais dos cursos, inclusive por termos diferentes programas que ocorrem concomitantemente a esse e que, da mesma forma, buscam envolver todos os estudantes.

O Programa de Acolhimento foi formado a partir de um conjunto de ações conscientes que visavam acolher os estudantes, tanto calouros como veteranos da área. E então o programa foi dividido em duas frentes que norteiam, a partir do perfil dos estudantes, as ações de acolhimento. A primeira frente foi o acolhimento de calouros e a segunda frente foi de acolhimento de veteranos. Obviamente cada uma

das frentes apresentava um perfil específico de estudantes demandando também ações específicas e direcionadas. Não obstante, há ainda ações do programa que foram direcionadas em ambas as frentes.

As ações do programa de acolhimento, tanto de estudantes calouros como veteranos, seguiram os seguintes indicadores para a sua realização:

- AFETIVO;
- CONGNITIVO;
- ORGANIZAÇÃO DE ESTUDOS;
- COMPORTAMENTAL;
- CONTEXTO INSTITUCIONAL;
- INFRAESTRUTURA;
- TECNOLOGIA;
- ATORES EDUCACIONAIS.

Tais indicadores foram orientados pela direção da IES onde o programa de acolhimento foi realizado.

4. AS AÇÕES DE ACOLHIMENTO NAS REDES SOCIAIS

As redes sociais *online* são formas muito atuais de relacionamentos e intercâmbio de informações, que de forma organizada conectam pessoas, de acordo com seus interesses. Segundo Musso (2006, p.34) rede social é “uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos, interações profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos.”

Devido a esse quadro que se apresenta é por meio da interação nessas redes que se faz possível também uma ação de caráter mais pedagógico, que pode ser um complemento no processo de ensino-aprendizagem formal, quando alinhados ao planejamento e cronograma.

Para Levy (1999, p.172), “é preciso explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.” Devemos considerar também que os indivíduos em idade acadêmica se encontram online na maior parte do seu tempo e cabe aos educadores aproveitar essa oportunidade e utilizar esse espaço a favor também da educação.

“Há nas Redes Sociais um grande potencial para as atividades educacionais, desde que consigam ultrapassar a condição de local para diversão, [...], e passem a utilizar seus recursos para a troca de conhecimentos e aprendizagem coletiva” (MOSER; ALENCASTRO, 2015, p. 99).

Por ser um espaço onde indivíduos com interesses em comuns tem a possibilidade de se encontrar, as redes sociais se tornaram um terreno fértil a ser explorado tanto pelo professor quanto pelo aluno em sua jornada acadêmica.

Tendo em vista esse panorama é que analisamos duas redes sociais, onde, por meio de uma pesquisa realizada pela própria instituição, mostrou que são as que temos grande número de alunos como usuários, no caso o Facebook e o Instagram.

Quadro 1: Gráfico de dados Facebook da página da IES.



Fonte: Facebook.

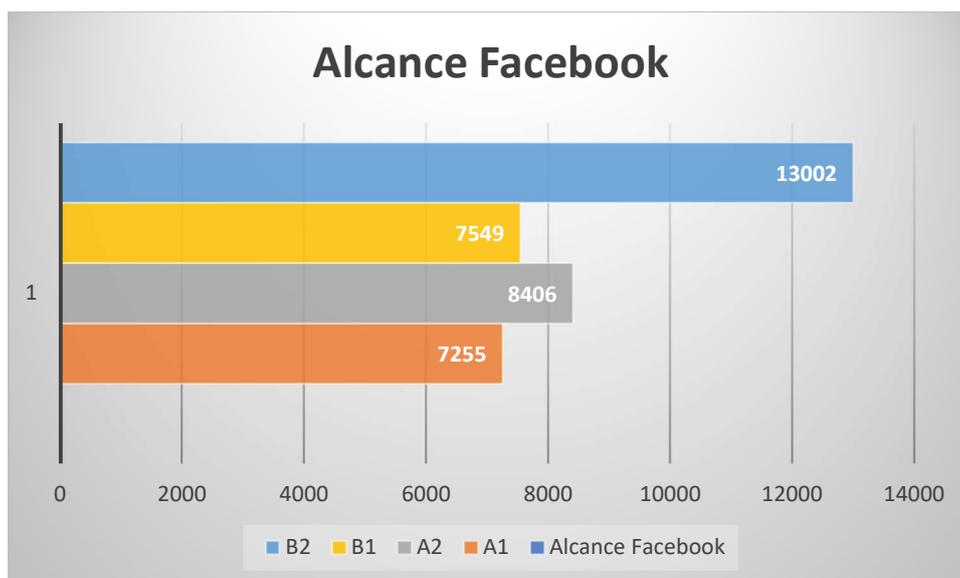
O perfil do usuário do Facebook e do Instagram são diferentes, e por isso o planejamento das postagens obedece às características e demandas desses dois grupos de usuários.

- Facebook: os usuários são pessoas mais velhas (acima de 30 anos), possibilita *link* de compartilhamento clicável no texto da postagem e comentários com fotos.

- Instagram: pessoas mais jovens, uso dos *stories* (que são pequenos vídeos de 15 segundos que ficam no ar por 24 horas) e de links na descrição da bio¹¹.

Os dados das duas redes sociais foram mencionados, entretanto, foram consideradas as postagens realizadas no Facebook. Confira na sequência o gráfico com o alcance (número absoluto de usuários alcançados pelas postagens):

Quadro 2: Gráfico de alcance do Facebook da página da IES.



Fonte: Facebook

O cronograma de postagem foi elaborado a partir, primordialmente, do calendário acadêmico das fases de estudo, considerando os conteúdos, as datas comemorativas, os eventos institucionais e rotinas pedagógicas, de acordo com cada curso, como por exemplo, a realização de provas, simulados, trabalhos, aulas ao vivo, dentre outros. Essas postagens tinham também como objetivo correr em paralelo ao universo acadêmico formal, colocando o aluno frente-a-frente com a experiência nas redes, de forma que pudesse utilizá-la para sua formação e para sua atividade profissional.

Segundo Wenger (2008), a aprendizagem acontece durante toda a vida, nos mais variados lugares e ocasiões, e não necessariamente em ambiente escolar apenas. Devido a essa afirmativa, podemos e devemos explorar esse ambiente virtual,

¹¹ É a descrição da identificação do perfil, onde é possível a inserção de um **link**, sendo a única seção do **Instagram** que permite que sejam colocadas URLs, isto é, que direcionem para outros endereços na web.

que de forma leve, corre em paralelo com o ambiente formal de aprendizagem, levando onde o estudante se encontra, a ideia de leveza do aprendizado.

Nesse novo contexto, o conhecimento é construído também nas interações e no engajamento que o estudante realiza nas redes, com o colega, com o professor, com a instituição, com a sociedade e seus símbolos culturais e até mesmo com quem nunca encontrou pessoalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim finalizamos o presente artigo destacando a relevância dessa pesquisa que destaca a tecnologia como aporte imprescindível para a realização do processo ensino/aprendizagem. Sobretudo, faz-se necessário ainda levantar as questões relacionadas às atuais mudanças mundiais ocorridas a partir de diferentes fenômenos os quais têm influenciado diretamente na cultura, economia e sociedade. Para tanto, podemos concluir que a tecnologia tem se mostrado importante instrumento para a humanidade sendo as redes sociais um notável fenômeno de interação.

Mediante a isso, essa pesquisa além de apresentar fatos a partir de observação e práticas no que se refere ao uso das redes sociais como Facebook no Ensino à Distância ainda contribui para fomentar a continuidade na busca por respostas em tal campo tão profícuo. E isso porque a área educacional vem se expandindo de maneira surpreendente e extrapolando os limites dos ambientes virtuais de aprendizagem formais podendo ocorrer também pelas redes sociais. Nesse caso, foi observado que o Facebook pode principalmente incentivar no público estudante a curiosidade e necessidade de atuação e disciplina no campo de seus estudos.

Não obstante a isso, outras redes sociais também servem como um importante instrumento para o EAD, porém ainda podem não ser tão utilizadas por todos os estudantes. Mas vale salientar que a pesquisa presente intenciona se desdobrar em mais observação e levantamento de dados.

Verificou-se também que a interação entre professores e estudantes no universo virtual por meio do uso do Facebook e do Instagram contribuiu para o processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo habilidades tanto nos docentes

quanto nos discentes. Muitas interações importantes foram verificadas em situações pontuais, tanto na rotina acadêmica ou em eventos virtuais, como por exemplo, nas aulas magnas ou aulas práticas.

A postagem de conteúdos propiciou aos estudantes uma oportunidade de participação que favorecia o aprendizado e aquisição de conhecimento, porém, utilizando a linguagem mais familiar a eles que é a das redes sociais, sem perder a essência do que é ensinar e aprender. Com o uso dessa outra forma de linguagem, o estudante se sentia mais seguro em compartilhar suas contribuições, opiniões e até de participarem ao vivo, oportunizando, em muitas das ocasiões, serem os protagonistas no processo de ensino-aprendizagem. Cabe salientar que tais práticas aproximam alunos e professores, promove acolhimento e fortalece o sentimento de pertencimento à instituição.

Referências

BROWN, J. S.; ISAACS, D. **Fundindo o Melhor dos dois Mundos**. In: SENGE, P. et al. A quinta disciplina: caderno de campo: estratégias e ferramentas para construir uma organização que aprende. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997. p. 478-487.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA JUNIOR, W. L. Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. *Líbero (FACASPER)*. S. PAULO, V. VII, P. 95-106, 2009.

MACHADO, D. **Análise das potencialidades das práticas formativas em um curso de pedagogia na modalidade de educação à distância**. São Paulo, Universidade Pontifícia Católica, Tese de Doutorado, 2015. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/9850/1/Dinamara%20Pereira%20Machado.pdf> >. Acesso em: 25 nov. 2021.

MOSER, A., & ALENCASTRO, M. S. C. (2015). **Considerações acerca da aprendizagem pelas redes sociais**. *REVISTA INTERSABERES*, 8(16 Es), 95–113. Disponível em: < <https://doi.org/10.22169/revint.v8i16.Es.836> >. Acesso em 18 mai. 2023.

MUSSO, Pierre. Sociedade Midiatizada. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 191-224.

PHILLIPS, L. F.; BAIRD, D. E.; FOGG, B. J. **Facebook para Educadores**. (2012, p.3). Disponível em: < <https://educotraducoes.files.wordpress.com/2012/05/facebook-para-educadores.pdf> >. Acesso em: 18 mai. 2023.

TAKIMOTO, T. **Afinal, o que é uma comunidade de prática?** In Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento. Sítio de Internet, s/d. Disponível em: <<http://www.sbgc.org.br/blog/afinal-o-que-e-uma-comunidade-de-pratica>>. Acesso em: 01/set. 2021.

WENGER, E. **Communities of practice: learning, meaning and identity.** New York: Cambridge University Press, 2008.

5

AULAS REMOTAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA: TEMATIZAÇÃO DAS AULAS E PROBLEMATIZAÇÃO DA REALIDADESilva, Morgana Cláudia da¹²Fonseca, Rubiane Giovani¹³**Resumo**

Buscamos neste texto discutir os desafios da docência universitária e a formação em Educação Física, situada como área de intervenção social. Desse modo, apresentamos as práticas de ensino elaboradas por duas docentes atuantes no curso de Educação Física em uma universidade pública do norte do Paraná, em meio ao período de pandemia e a retomada das aulas na condição remota emergencial, nas instituições de ensino superior do estado. Nesse sentido, percebendo a necessidade de contextualizar os componentes organizados nas disciplinas das docentes e acolher os alunos em um novo formato de ensino, foram elaboradas estratégias que pudessem proporcionar reflexões sobre os condicionantes presentes na nova realidade posta ao profissional de Educação Física. Tal desafio, estimulou a necessidade de tematizar as mudanças emergentes no papel dos profissionais e professores, levando os estudantes a pensarem sua própria formação, assim como, ressignificar o papel da formação universitária, a qual deve sempre problematizar a sociedade em transformação na qual está inserida.

Palavras-Chave: Ensino Remoto; Ensino Universitário; Relato de Experiência; Educação Física.

UM RETORNO AO FAZER PEDAGÓGICO UNIVERSITÁRIO

Quando fomos convidadas a escrever esse capítulo de livro, o convite nos fez mergulhar para as ações desenvolvidas ao longo de 2020. Voltamos a pensar nos desafios e dilemas que estavam sendo impostos naquele momento e que definiriam a formação inicial de nossos estudantes, que chegavam à universidade cheios de sonhos e desejos e que foram interrompidos pela chegada do vírus.

¹² Graduada em Educação Física Docente do Departamento de Educação Física – DEF, do centro de Educação Física e esporte CEFE, Universidade Estadual de Londrina, Doutora em Educação Física (UEL) – Núcleo de Estudos sobre Educação Física, Esporte e Lazer – NEFEL.

¹³ Graduada em Educação Física. Docente do Departamento de Educação Física, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Doutora em Ciências da Motricidade (UNESP/RC)

O ano letivo regular da UEL em 2020, tinha sido iniciado no dia 02 de março. Entretanto, no dia 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou o estado de pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Imediatamente, em todo o mundo, os governos determinaram o distanciamento social por meio do fechamento dos estabelecimentos comerciais, institucionais e manutenção do trabalho no ambiente de moradia, iniciando uma extensa fase de teletrabalho. A pandemia mudou o cenário educacional no mundo, e todos foram desafiados a pensar novas formas de organização.

Obviamente, as Universidades foram fechadas e os estudantes, assim como todos os servidores em muitas instituições públicas e privadas, passaram a aguardar alguma possibilidade de retomada dos estudos, em suas moradias. Dessa maneira, fomos forçados a ficar em casa, e ver o mundo passar pelos jornais, rádios e internet entre outros. As informações que chegavam apresentavam um cenário ainda não vivido pela população, e depois de um certo tempo imobilizados, a palavra de ordem foi “não parar” e continuar em frente com o ensino mediado pela tecnologia. E ao retornarmos as aulas, ficou claro as dificuldades que encontraríamos para esse processo. Corroborando com Ali (2020), o fechamento de universidades, escolas entre outros evidenciou a vulnerabilidade no que diz respeito a educação não só no Brasil como também no mundo.

Na universidade a retomada das atividades acadêmicas se concretizou de forma sistemática no mês de julho de 2020. Após muitos debates e consultas com a comunidade de servidores e estudantes, a Universidade Estadual de Londrina (UEL) aprovou a retomada das atividades no formato remoto; de caráter emergencial, e passou a mobilizar os centros de estudos e departamentos para engajar a participação docente e os alunos. No início, foi necessária uma reorganização da universidade para aproximar os professores às tecnologias para as aulas remotas. Um cenário desafiador foi apresentado a toda comunidade, pois exigiu-se novas formas de organização para as aulas que iriam começar. Professores se adequando a espaço, tempo, tecnologias e aprender a lidar com esse novo formato. Para tal, a UEL organizou uma ação chamada VIRTUEL que tinha como objetivo preparar os professores para a utilização das novas tecnologias de forma virtual para o início das aulas remotas. Essa atividade teve a duração de duas semanas no mês de junho/2020.

Nesse momento, um esforço gigantesco era feito para identificar, se toda a comunidade universitária (professores e estudantes) tinha condições mínimas para terem aulas de forma remota, com novas ferramentas que pudessem de alguma maneira possibilitar o processo de aprendizagem aos nossos estudantes, afinal um novo contexto era apresentado, e este caminho era a melhor opção.

Com a emergência da retomada das aulas, uma questão sempre “martelava” nas conversas entre as professoras: como retomar as aulas no curso de bacharelado em EF, considerando as transformações ocorridas no mundo, desde março de 2020? É possível falar apenas de Educação Física? Estudantes, de uma hora para outra, deixam de ser sujeitos ativos no processo ensino aprendizagem e passam a ser sujeitos passivos. Muitos, passaram a ajudar na renda familiar com atividades informais ou precisaram procurar empregos, restando a opção de trancamento do curso. Desse modo, era necessário considerar que em poucos meses, as condições de vida e para os estudos na universidade, foram transformadas. O mundo universitário mudou radicalmente, como o mundo lá fora.

A ação mais difícil naquele momento seria a falta de interação entre professor e estudante, porém o caráter emergencial da situação nos levou a fazer adequações no processo ensino aprendizagem no formato de distanciamento social. O grande obstáculo remetia a estarmos lidando com estudantes que chegaram ávidos de viver uma universidade plural e ímpar, porém foram alçados a não ter essa oportunidade. O grande sonho da universidade estava suspenso, mas a formação teria que continuar. Sendo assim, aqui apresentamos, a partir das experiências de ensino vivenciadas por duas professoras do primeiro ano de um curso de Educação Física, como foram organizadas suas práticas pedagógicas a partir da situação proposta e única: aulas remotas.

O primeiro mergulho: aulas remotas na universidade - tentando pensar diferente

Fevereiro de 2020, ingressam os alunos dos primeiros anos no curso de Bacharelado em Educação Física, da Universidade Estadual de Londrina, no período matutino e noturno, somando 6 turmas, com média de 40 estudantes-turma. Parte destes estudantes são moradores da região e de cidades vizinhas à universidade. Outra parte, são estudantes de outros estados, entre eles Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, entre outros.

No primeiro ano do curso havia a oferta da disciplina “Introdução à Formação Profissional” e “Atividades Lúdicas e Lazer”. A primeira disciplina é semestral e tem a proposta de apresentar a Educação Física como área de conhecimento, profissão e relação com a sociedade. A disciplina de “Atividades Lúdicas e Lazer” era ofertada numa carga horária de 50 horas, de forma anual no primeiro ano, com o objetivo de conhecer as relações do campo de conhecimento do lazer com interface com o trabalho, sociedade, cultura e campo de atuação profissional.

O primeiro encontro com as turmas sempre gera expectativas e ansiedade. É uma fase do desconhecido: o professor ainda não conhece os estudantes; os estudantes não sabem como o professor vai conduzir a disciplina, os conteúdos e o processo de avaliação. No formato remoto, o primeiro encontro após 5 meses de espera para a retomada das atividades, dobrou as expectativas. Como professoras das turmas de ingressantes do primeiro ano, tivemos apenas dois encontros em março quando ocorreu o início do ano letivo de 2020, antes da suspensão das atividades acadêmicas.

Era necessário pensar o retorno às aulas como uma etapa de acolhimento, tanto para o professor que estava passando por um intensivo processo de adaptação em suas convicções e ofício; e para os estudantes, que percorreram longo tempo de indefinição, angústia, ansiedade e expectativas, que certamente impactaram em sua saúde mental e nas percepções sobre sua relação com o curso e a universidade. Era preciso compreender os sentimentos e canalizar as emoções em práticas que pudessem potencializar o falar, o expor e interagir, componentes principais do processo de formação.

Nesse sentido as autoras, professoras das turmas do primeiro ano do curso, decidiram construir um percurso de retomada das aulas, focado no acolhimento dos estudantes e não necessariamente, no conteúdo dos planos das disciplinas. Decidimos que nos primeiros encontros, iríamos tematizar as aulas, por meio de diálogos relacionados ao momento histórico-social vivenciado com a pandemia de SArscovid. Partindo das tematizações, iríamos avançar no conteúdo da disciplina, gradativamente.

1) LENTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA BACHAREL AMPLIADAS: ENCONTROS TEMATIZADOS

Com a pandemia, o formato de aulas remotas foi assumido em grande parte das universidades. Ao mesmo tempo surgiu um dilema entre os professores: como fazer esta retomada das aulas após ter encontrado as turmas apenas duas ou três semanas e trabalhar os conteúdos, mediados pelo computador e pela tecnologia? Os estudantes ingressantes, ainda estavam tentando entender o que é universidade. Era necessário repensar de que maneira poderíamos tratar os conteúdos, sem deixar de lado o que estava previsto nas ementas, mas colocando em primeiro lugar o acolhimento dos ingressantes.

Desse modo, a primeira decisão tomada foi tematizar os primeiros encontros com as turmas para sentir a participação dos estudantes e construir canal para diálogos. Ao invés de ir direto para os primeiros conteúdos, reconhecemos que eles não conheceram os ambientes da universidade e teriam muita dificuldade de visualizar e problematizar a formação hoje. Então, alguns conteúdos foram invertidos em sua sequência apresentada no programa. A universidade seria tematizada ao final da disciplina, onde as chances de compreender tal universo seria maior. Como estratégia inicial, escolhemos abordar temas gerais sobre o momento histórico-social que estávamos vivenciando.

Como falamos de duas disciplinas que tentam dialogar entre si, mas também trazem suas particularidades, vamos apresentar como cada professora iniciou suas aulas. Na disciplina “Introdução à Formação Profissional”, o primeiro encontro com os estudantes na retomada das aulas síncronas remotas, foi mediado por uma reportagem de um veículo de comunicação de variedades. Uma reportagem publicada em 14/04/2020, no site UOL de autoria de Paula Rodrigues, intitulada “E tudo Mudou” (2020) ¹⁴ versa sobre como o novo coronavírus estava afetando as relações humanas. O artigo, foi um gatilho para promover reflexões junto aos estudantes, sobre como estavam percebendo o distanciamento social e dessa maneira, estimular a construção de vínculo entre os alunos e entre a professora e os alunos.

O texto problematiza sobre o que gostaríamos de fazer se não estivéssemos em distanciamento, as ausências que passamos a perceber. Como o abraço é

expressão necessária no fortalecimento das relações, assim como o toque e a sensação de pertencimento quando interagimos com outras pessoas e como estar próximo do outro traz uma certa segurança e conforto. A necessidade de ter planos, e sistematizar nossa realidade com o tempo relógio era algo tão contínuo que a ausência de rotinas, provocava ansiedade e angústias. Logo ficou evidente como as falas dos alunos sobre o texto e sobre si mesmos, se confundiam.

Os fóruns são ótimos recursos para potencializar as interações entre os estudantes, principalmente quando a turma ainda está se conhecendo e construindo relações. Sendo assim, junto ao texto e debate dos encontros síncronos, foi disponibilizado a inserção de um espaço virtual onde os alunos pudessem deixar opiniões, pontos de vista e comentários sobre os assuntos de sala de aula. Suas falas foram organizadas com base em três perguntas: como estou me sentindo – como estou me sentindo com relação ao futuro - o que eu faria se pudesse? Os discursos dos estudantes remetem a vários tipos de emoções que consideramos marcantes:

“Acho que quando a gente tem não dá tanto valor, **eu pelo menos estou sentindo falta desse contato agora que não posso** ter e acredito que seja diferente depois de tudo isso porque a gente se prende demais na tecnologia e esquece o pessoalmente, isso fez eu pensar muito que não demonstro tanto o que sinto”.

“**Vou abraçar primeiro minha mãe que trabalha em hospital** e não estamos tendo contato, **E depois que tudo acabar, vou tentar ser mais social e participar mais dos encontros em família.**”

“Totalmente incerto, **com essa crise a gente percebeu o quanto o mundo é frágil** e tudo pode simplesmente mudar de uma hora pra outra.”

“Receoso. **Não conseguir pensar em uma resposta pras coisas da minha própria vida** por simplesmente não fazer ideia de como o mundo vai estar me gera uma angústia absurda.”

“Um mundo digitalizado está vindo e **o calor humano está se esfriando**”

O objetivo dos primeiros encontros foi construir um vínculo da disciplina com os estudantes. Perceber os estudantes e de alguma maneira promover a comunicação entre eles mesmos e assim, que pudessem oferecer acolhida e amizade. Hoje, temos poucas oportunidades para expor os sentimentos. E considerando que em alguns anos serão futuros profissionais e as relações profissionais são construídas com base em relações de afeto, é importante de alguma maneira colocar em evidência as

dimensões subjetivas da formação e valorizá-las como conteúdos relevantes para o desenvolvimento de competências e profissionalismo (VOGD, 2017).

Em relação a disciplina de Atividades Lúdicas e de Lazer, optamos como estratégia iniciar as aulas nas primeiras semanas procurando conversar um pouco sobre o momento vivido, dificuldades possibilitando partilhas, no qual eles podiam falar abertamente sobre seus sentimentos e medos. Como tudo era muito surreal para eles (e para nós professoras), a fala mais recorrente entre os estudantes era “desistir das aulas” e “como sobreviver sem trabalho (seu e da família)”, sendo assim, o início das aulas serviam como ponto de equilíbrio e desabafo para eles, espaço de conversa aberta de seus medos.

No primeiro encontro com a turma foi trabalhado o texto “Pandemia de coronavírus evidencia ‘velhofobia’ no Brasil, diz antropóloga”, entrevista de Barrucho (2020), publicada em 02/05/2020 pela BBC News Brasil, com a antropóloga Mirian Goldenberg. A entrevista remetia a reflexão de como nesse período inicial da pandemia as pessoas de modo geral, apresentavam atitudes e discursos recheados de estigmas quanto ao velho¹⁵. Durante a aula, os estudantes expressaram suas opiniões sobre o que estava ocorrendo, ainda era recente o entendimento do vírus. Então seus discursos perpassavam por pontos muito específicos que era relativo à proteção de familiares. Ampliamos a discussão para a reflexão sobre os ataques aos velhos, possibilidades de atividades de lazer nesse momento de fechamento do mundo, e principalmente as consequências para eles (velhos) no quesito de saúde mental. No processo de discussão foi possível dialogar com os estudantes ampliando nossas lentes de homem, sociedade e mundo.

Outra forma de reflexão foi utilizar o documentário “Ócio, lazer e tempo livre” produzido pelo Sesc São Paulo durante a 15ª edição do Congresso Mundial de Lazer, serviu para conversarmos sobre as principais restrições à prática de lazer e fazer relações com o tempo de covid vivido no momento. As reflexões mais importantes levantadas giravam em torno do distanciamento social e de como utilizar o tempo livre, tendo como ponto de partida as barreiras simbólicas, econômicas e físicas para as práticas de lazer no momento de distanciamento social, bem como nas práticas diárias pensando na volta das ações em sua normalidade (se é que teremos).

¹⁵ Utilizamos aqui a palavra “velho” porque é assim que autora se refere a eles ao longo de seu discurso na entrevista.

2) PRÁTICAS INOVADORAS: DIÁLOGOS EM REDE TEMÁTICA

Para ampliar o engajamento dos estudantes com os temas correlatos e emergentes da Educação Física, em duas ocasiões foram organizados encontros com personalidades de diferentes áreas da profissão. Uma proposta encabeçada pela professora Morgana Cláudia da Silva, foi chamada “Diálogos em rede temática”. O primeiro diálogo em rede foi promovido com as seis turmas de primeiro ano e contou com a participação de 168 estudantes do curso, assim como o apoio da coordenação e chefia do Departamento de Educação Física¹⁶.

O convidado para o primeiro “Diálogos em Rede” foi o nadador Ricardo Prado¹⁷, recordista mundial na década 80 e recordista olímpico nos jogos de 1984, formado em educação física e atualmente, atua na gestão esportiva e como comentarista esportivo.

O encontro virtual com Ricardo Prado foi repleto de perguntas elaboradas pelos estudantes, sobre curiosidades da vida de atleta e como o ex-nadador identificou oportunidades profissionais e buscou se capacitar para continuar no mundo do esporte, mesmo depois da fase como atleta. Toda esta discussão, gerou um material rico em informações para ser aproveitado em aula pelas professoras em ambas as disciplinas.

Para trabalhar com o conteúdo Universidade e Educação Física, organizamos o segundo “Diálogo em rede”, promovido com o tema - Universidade e Educação Física pelo mundo, com dois professores convidados, os quais estavam atuando em instituições no exterior, mais especificamente nos Estados Unidos e na Austrália. Um dos professores se formou na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e o outro na

¹⁶ É necessário apontar que esses encontros de diálogos em rede aconteciam nos dias de sábado pela manhã, das 9h às 11h, período pré-agendado com os estudantes e com nossos convidados, pois seria impossível levá-los nas aulas (3 dias pela manhã e noite)

¹⁷ Ricardo Prado é formado em economia. Tem mestrado, pela Universidade Metodista de Dallas no Texas em Educação Física. Trabalhou como gerente de esportes do comitê organizador dos Jogos Pan-Americanos de 2007 e é comentarista esportivo da ESPN Brasil. Desde março de 2008, Ricardo Prado é diretor esportivo do Parque Aquático Maria Lenk onde ocorreram as provas de natação dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Marcas e Recordes: Além de bater o recorde mundial dos 400m medley, Prado detinha cinco recordes Sul-Americanos ao mesmo tempo, à época dos Jogos Pan-Americanos de 1983 em Caracas. Em Caracas, Ricardo Prado também quebrou o recorde sul-americano dos 200m borboleta, com o tempo de 1m59s00. Esse recorde só foi batido em 2003, 20 anos depois, por Kaio Márcio de Almeida. Prado quebrou o recorde sul-americano dos 400m medley nos Jogos Olímpicos de 1984, com o tempo de 4m18s45. Este recorde só foi batido 20 anos depois, em 2004, por Thiago Pereira. Nos 200m medley, Prado quebrou o recorde sul-americano em Clovis, Califórnia, em 1983, com o tempo de 2m04s10. Este recorde durou 20 anos e foi derrubado somente em 2003, por Diogo Yabe (Londrinense).

UEL, o que serviu de inspiração aos alunos sobre as inúmeras possibilidades a percorrer no futuro. O segundo encontro aconteceu junto das turmas do primeiro ano e do segundo ano e contou a participação de aproximadamente 173 estudantes.

Essa possibilidade do encontro foi um grande recurso para que a iniciasse a discussão sobre a universidade no mundo e como a formação em Educação Física está organizada nos dois países. As conversas entre os estudantes e os professores, ampliou a perspectiva dos estudantes sobre a Educação Física, como área de conhecimento e como profissão, mediada pela universidade. É importante ressaltar que, com as discussões produzidas pela professora Rubiane Giovani Fonseca sobre formação profissional, a disciplina de Atividades Lúdicas e de lazer pode fazer emergir elementos para trilhar os campos do profissional da área do lazer, no qual elencamos hotéis, hospitais, ONGs, prefeituras entre outros como espaços de profissão dialogando com os objetivos da formação desse profissional e o entendimento das políticas públicas voltadas ao esporte e lazer como campo de atuação profissional. Ficou nítido a possibilidade de aproximações nas duas áreas de formação referente as disciplinas do primeiro ano, e de como poderíamos fazer esses diálogos ir e vir entre elas.

Para a disciplina “Introdução à Formação profissional em Educação Física” o encontro “Diálogos em Rede” com Ricardo Prado, oportunizou apresentar o conceito de carreira na EF. Huberman (2000) em estudo sobre o ciclo de carreira de professores, compreende a carreira como um processo contínuo e não uma série sucessiva de acontecimentos e é marcada pela não uniformidade dos sentimentos vivenciados em cada etapa da vida profissional, as quais seriam: Entrada (1-3 anos), Estabilização, consolidação do repertório teórico (4 – 6 anos), Diversificação e questionamento (7 - 24), Serenidade, distanciamento afetivo (25 – 35 anos), Desinvestimento (35 – 40 anos).

Pensar sobre os desafios e oportunidades de trabalho nas diferentes etapas da trajetória profissional, também exige considerar os condicionantes sociais que afetam as relações de trabalho. Remuneração, precarização do trabalho e características das diferentes áreas de atuação são alguns aspectos. Esse cenário não é diferente na Educação Física (OLIVEIRA, PICCININI, 2011).

Transitamos então, para discussões sobre Educação Física e mundo do trabalho. Como estratégias, utilizamos um trecho de entrevista do programa “Papô de segunda” do canal GNT na qual aponta o trabalho com aplicativo se é liberdade ou

precarização, disponibilizado no Youtube no dia 9 de jul. de 2019. Nos 14:26 minutos do vídeo, o tema “Trabalhar com aplicativo: liberdade ou precarização?” problematizou as condições de trabalho na atualidade, utilizando como base o documentário GIG: A *uberização*¹⁸ do trabalho, com direção de Carlos Juliano Barros, Caue Angeli, Maurício Monteiro Filho.

Junto ao documentário apontado acima, produzimos uma discussão com uma reportagem intitulada “Uber dos personal trainers chega ao Brasil e abre 2 mil vagas para profissionais de educação física” publicada na revista digital “Valor Investe” de autoria da jornalista Naiara Beltrão. O artigo vai apresentar a chegada no Brasil de uma empresa internacional do ramo “*fitness*”, a qual terá uma plataforma para intermediar aulas personalizadas com treinadores. Assim como acontece com os aplicativos de transporte ou entregas de alimentos, o profissional terá seu trabalho mediado pelo aplicativo e será avaliado pelo retorno dos usuários, que por sua vez, poderá ter aulas com profissionais diferentes, conforme disponibilidade de agenda e pelo tempo e valores definidos pelo aplicativo. Tal modelo de trabalho está sendo chamado de “*GIG Economy*”¹⁹, no Brasil conhecida por “Uberização” do trabalho.

Este modelo de trabalho vai se aproximando à esteira da precarização e distancia o profissional da capacidade de controlar os meios e a gestão do próprio trabalho. Ter autonomia e o controle sobre o próprio trabalho são aspectos relacionados ao profissionalismo (FREIDSON, 1998). Ou seja, toda profissão que busca se legitimar e estabelecer com a sociedade uma relação fiduciária, busca garantir aos seus usuários os serviços mais qualificados e voltados ao bem do sujeito e não ao enriquecimento próprio (DINIZ, 2001). No modelo da *GIG Economy*, o controle sobre as relações de trabalho está centralizado nas organizações que gerenciam os aplicativos e pouco poder de decisão é efetivamente exercido pelo profissional ou pelo usuário.

Tal discussão sobre as condições de trabalho do profissional de Educação Física, possibilitou introduzir conceitos sobre o que é profissão, profissionalismo, como podemos reconhecer uma profissão que tem uma forte autonomia diante das

¹⁸ A *uberização* está relacionada à venda de um serviço para alguém ou alguma empresa de forma independente e sem um empregador, através de uma plataforma. É um termo utilizado para caracterizar uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho. Para saber mais, consultar Abilio (2020).

¹⁹ É um conceito que representa a economia das plataformas digitais e está relacionado à força de trabalho mediada por tais plataformas. *Gig Economy* emergiu como tema chave em revisão independente sobre as práticas laborais recentes no Reino Unido, realizada por Taylor et. al., 2017.

demandas do mercado, a ponto de um momento de crise, ela conseguir se autogerenciar (LAWSON, 1984). Esses conceitos são fundamentais para o desenvolvimento da leitura de contexto dos alunos sobre seu trabalho e trajetória profissional.

Ao falar sobre profissão e regulamentação, avançamos para discussões sobre as organizações de representação profissional, tais como as Associações, Sindicatos, os Conselhos e o código de ética da área (BRASIL, 2003). Como exercício para as turmas, os estudantes foram organizados em grupos e trabalharam na análise e discussão de casos, os quais abordavam o erro profissional a partir de dilemas éticos-profissionais (NASCIMENTO, SORIANO, FÁVARO, 2007), que foram analisados em grupos e seus argumentos, fundamentados nos textos e discussões das aulas, foram apresentados para a turma.

Abordar a importância da formação em contexto universitário neste momento já faria mais sentido para os ingressantes. Logo, a “Diálogo em Rede- Universidade e Educação Física no mundo” foi ilustrativa para a disciplina “Introdução à Formação Profissional em Educação Física”, pois permitiu contextualizar a Educação Física como unidade universitária (DIAS, 2015) e como a área vai construir rede de Pós-graduação e novas perspectivas teórico-metodológicas que vão repercutir na qualificação profissional, até os dias de hoje (MASSA, 2002). Como estratégia final, que pudesse representar os conceitos e reflexões aprendidos durante a disciplina, foi solicitada a construção de um mapa conceitual, por cada estudante.

Na disciplina de Atividades Lúdicas e Lazer, no diálogo em rede com Ricardo Prado e sua participação em eventos como o Mundial de Natação e as Olimpíadas realizamos discussões sobre eventos esportivos de pequeno, médio e grande porte, e de como eles se tornam um espaço de lazer para a sociedade. Uvinha (2009) diz que esses eventos podem potencializar a sociedade para atender determinado setor de um país, e podemos apontar que eles abarcam os setores da economia, educação, lazer, turismo entre outros. Muitas vezes esses megaeventos podem se tornar armadilhas no que diz respeito ao pensar que após os eventos, deixariam ou deveriam deixar um legado de materiais/estruturas que poderiam ser usadas pela comunidade local, porém, o que vimos, é que isto não ocorre de forma efetiva. Adams (2009) aponta que o esporte pode ser organizado nas cidades com fins de lazer ou de competição (eventos esportivos), e faz um alerta sobre seus espaços para

apropriação da comunidade como um todo para atividades de lazer, que não sejam elas somente atividades de consumo.

Na fala de Ricardo Prado sobre suas participações nos eventos esportivos competitivos, refletimos com os estudantes sobre as experiências nadador/atleta de alto rendimento e de como esses eventos fascinam a população enquanto manifestação cultural. Partimos da premissa estabelecida na turma que, consideraríamos megaevento uma manifestação esportiva e cultura transmitida para milhares de pessoas em torno do mundo, que sempre é transmitida pelos veículos midiáticos, e em tempos pandêmicos a televisão e a internet ocuparam esse tempo-espaço de lazer para a população. As modalidades esportivas vivenciadas nesses eventos enquanto fenômeno social e esportivo se faz presente para que as pessoas utilizem de seus tempos de lazer, que de acordo com Marcellino (2006) a utilização desse tempo após as obrigações de trabalho, são escolhas pessoais.

Ao apontamos o esporte enquanto fenômeno do lazer, trazemos as categorias: a) esporte social que para Silveira (2013) é representado tendo um caráter socializador; b) esporte participação para Tubino (1992) remete ao bem estar, para a recreação dos participantes, ou seja, o esporte enquanto uma prática de lazer para todos os indivíduos; c) esporte espetáculo que Rodrigues e Montagner (2003) classificam como contemplação e voltado para o consumo do espetáculo esportivo, diferente então do esporte enquanto ação.

É necessário pensar em políticas públicas de esporte e lazer que venham ao encontro do uso das cidades que segundo Santos (1992) é compreendida como local onde ocorre as interações humanas e sociais, então é nela que tudo interage e se processa. Na Constituição Brasileira o esporte e lazer no artigo 217 diz: “[...] o Estado passa a ter o dever de fomentar práticas desportivas não formais e formais, como direito de cada um” (BRASIL, 1988, p. 121). Menezes et al. (2019) vão caracterizar que as políticas públicas de esporte e lazer deveriam fazer parte da criação de uma sociedade ativa visando a garantia dos direitos sociais de todas as pessoas.

No segundo diálogos em rede, com a conversa dos professores em dois países diferentes falando sobre sua formação, dialogamos sobre a atuação profissional no campo do lazer, trazendo à tona como o mercado do lazer foi sendo ampliado ultimamente e apresentando as potencialidades para o pensar nessa atuação profissional. Pudemos voltar nossas lentes para leituras auxiliares que relacionavam o lazer com a educação, com o trabalho, com o turismo, com o campo

de entretenimento, com a religião, saúde entre outros. Buscamos levantar reflexões acerca de possíveis intervenções profissionais, que em sua maioria os estudantes nunca pensaram sobre. Ir além do que eles achavam que era a disciplina, rompendo as barreiras, criando novas concepções a partir do olhar científico.

Questões como os benefícios que as atividades de lazer podem trazer para a vida pessoal dos estudantes foram levantadas e debatidas, e trouxemos o texto “Lazer, educação e cidadania: um diálogo a partir do programa Escola Integrada” de Isayama e Silva (2014) para essa reflexão, pontuando a atuação profissional no campo do lazer podendo trazer contribuições para uma formação cidadã, que segundo os autores estão baseadas em concepções democráticas e emancipatórias sobre a sociedade. Dessa maneira, a atuação nesse campo pode trazer mediações para olhar a sociedade e seu entorno de forma diferente, conduzindo a realidade social e a organização dos modos de vida dos diferentes grupos sociais de uma mesma cidade.

No campo da formação, Linhares et al. (2008) apontam a necessidade de abordagens interdisciplinares que podem trazer o lazer e o esporte para além das ações públicas, por isso a formação do indivíduo deve estar centrada para as demandas da área que vai além de políticas isoladas, mas de ações que estejam vinculadas a educação saúde entre outros. Nesse processo de formação, acreditamos que as professoras trabalharam com suas disciplinas na interdisciplinaridade, pois conseguiram estabelecer relações entre elas.

Outro texto importante para a reflexão foi “Os saberes e a formação profissional em lazer: uma análise no campo das políticas públicas” dos autores Bruno Ungheri e Hélder Isayama, que nos possibilitou refletir sobre que saberes eram necessários para a atuação dos profissionais, e de como a graduação era/é somente o ponto de partida para seu desenvolvimento profissional, sendo assim, ela é o ponto de partida para a intervenção, sendo que os futuros profissionais do lazer não podem “[...] limitar sua atuação no lazer às manifestações físico-esportivas, mas compreender essa atuação como campo multidisciplinar, capaz de levar os indivíduos ao desenvolvimento social e pessoal”(UNGHERI; ISAYAMA, 2017, p. 395).

Falar de gestão pública também foi o foco das discussões, pois para atuar nessa área é necessária uma formação específica, com isso pudemos colocar a sementinha de formar ali entre eles possíveis gestores públicos, que poderiam promover a democracia e os interesse ligados a práticas de lazer, valorizando sua

ação transversal nas políticas sociais (MAGALHÃES PINTO et al., 2011). Desta maneira, possibilitar reflexões sobre a formação profissional, “[..] e valorizar a abordagem multidisciplinar na área do lazer e do esporte segue em direção à solução dos problemas enfrentados pelas políticas de esporte e lazer, mas é preciso ter em mente que se trata apenas de possibilidades” (UNGHERI; ISAYAMA, 2017, p. 397).

TRILHANDO O FECHAR DAS REFLEXÕES SOBRE ESSES TEMPOS DIFERENTES

Ao longo deste capítulo, procuramos apresentar o percurso trilhado, no qual buscamos um olhar mais ampliado sobre o processo de avaliação e formação dos estudantes. A ideia era não considerar as estratégias de avaliação algo fechado, mas que tivesse certa flexibilidade e os estudantes conseguissem ir desenhando sua compreensão sobre os conteúdos tratados ao longo da disciplina.

As professoras das duas disciplinas entendem que esse movimento de conversas para iniciar o ano letivo de forma mais acolhedora, ajudou nossos estudantes a olhar o que estava acontecendo e relacionar com sua própria formação, pois estamos falando de estudantes do primeiro ano. Os textos, reportagens, vídeos e documentários escolhidos pelas professoras em suas disciplinas deram o *start* para as discussões além do conteúdo, dessa maneira, consideramos ter contribuído para o processo de formação integral desses estudantes que chegaram à universidade em um momento totalmente diferentes e sonhado por eles.

Dentre as perspectivas possíveis para reflexões da realidade vivenciada pelas professoras no curso de formação em Educação Física, uma delas é sobre a ótica do ensino universitário como formação profissional. Nessa linha, a formação pode ser entendida como um caminho para um suposto direito ao exercício de uma profissão, e então pensarmos na Universidade com vocação centrada na formação de competências essenciais para resolver problemas emergentes da sociedade. Os encontros representaram a integração entre o ensino e a extensão, aspecto ainda em discussão e pouco incorporado aos currículos de formação em Educação Física.

Compartilhar essas experiências nos abriu uma cortina de possibilidades, mesmo entendendo que nada substitui o processo interrelacional entre estudantes e professor, porém “era o possível para o momento”, e mesmo sendo difícil, podemos apontar que a experiência enquanto produto final da disciplina foi desafiadora e,

mesmo diante de todos os desafios que surgiram no decorrer do semestre, e que foram necessários serem superados, apontamos a necessidade urgente de que nós professores tenhamos um olhar mais apurado a esses novos tempos, pois experiências de ensino remoto continuarão mesmo após o retorno total das aulas de forma presencial.

Como ação que veio para ficar, remetemos aos “Diálogos em Rede”, pois permitiu o intercâmbio entre as turmas e profissionais de locais diferentes. Foi uma rica experiência pedagógica das disciplinas, e com certeza essa ação estará presente no planejamento das professoras em momentos futuros.

Finalizando, o espaço dado a nós para essa breve narrativa de nosso fazer pedagógico, possibilitou um retorno a nossas práticas, e muito mais, somente agora tivemos noção da extensão das nossas ações, rica em detalhes, diálogos, e foi nesse momento de lembrar (buscar nas nossas memórias) que nossas (in)certezas, nossas (im)possibilidades, nossos acertos e erros saltaram aos nossos olhos e nos permitiu esse mergulho, prazeroso e doloroso, porém temos a certeza que suscitamos nos nossos estudantes reflexões, possibilitamos novas visões de homem, mundo e sociedade, e sentimos que fizemos ser mais leve esse momento.

Referências

ABÍLIO, L. C. **Uberização: a era do trabalhador just-in-time?** Estudos Avançados [online]. 2020, v. 34, n. 98 [Acesso 16 Dez. 2021], p. 111-126. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>>. Epub 08 mai.2020.

ADAMS, J. R. B. **Esporte, lazer e cidadania emancipatória: algumas aproximações.** In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, Sociedade e Política em Tempos de Incerteza, Grupo de Trabalho 9 – Estudos Socioculturais do Esporte, 1, 2009, Curitiba. **Anais.** Curitiba: UFPR, 2009.

BARRUCHO, L. Pandemia de coronavírus evidencia ‘velhofobia’ no Brasil, diz antropológa. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

BELTRÃO, Naiara. Uber dos personal trainers chega ao Brasil e abre 2 mil vagas para profissionais de educação física. **Valor Investe**. 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/empreenda-se/noticia/2020/06/07/uber-dos-personal-trainers-chega-ao-brasil-e-abre-2-mil-vagas-para-profissionais-de-educacao-fisica.ghtml>. Acesso em 07 de set. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. **Diário Oficial [da] União**, Poder Legislativo, Brasília, n. 191-A, 1988. p.121.

BRASIL. Conselho Federal de Educação Física. **O Código de Ética**. 5. ed. Rio de Janeiro: CONFEF, 2003.

- DIAS, J. Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)** [online]. v. 20, n. 3, 2015. pp. 581-601. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772015000300002>>. Acessado 16 set. 2021.
- DINIZ, M. **Os donos do saber**. Rio de Janeiro: Renan, 2001.
- FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. São Paulo: Edusp; 1998.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.
- ISAYAMAM, H.F; SILVA, M. S. **Lazer, Educação e Cidadania: um diálogo a partir do Programa Escola Integrada**. In: SAMPAIO, T.M.V. Lazer e Cidadania: partilha de tempo e espaços de afirmação da vida. Brasília: EdUCB, 2014. p. 73-103.
- LAWSON, H. **Invitation to physical education**. Champaign, Human Kinetics Brook, 1984.
- Ali, W. Online and Remote Learning in Higher Education Institutes: A Necessity in light of COVID-19 Pandemic. **Higher Education Studies**, n.10, v. 3, 2020.
- LINHARES, M. A. et. al. **Esporte e lazer na Grande BH: por onde caminham as gestões públicas?** In: ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A. Avaliação de políticas e políticas de avaliação: questões para o esporte e o lazer. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008. p. 13-58.
- MAGALHÃES PINTO, L. M. S. M. et al. **Desafios para a gestão das políticas de lazer no Brasil**. In: ISAYAMA, H. F. et al. (Org.). Gestão de políticas de esporte e lazer: experiências, inovações, potencialidades e desafios. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011. p. 27-50.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas: [s.n.], 2006.
- MASSA, M. Caracterização acadêmica e profissional da educação física. Universidade Presbiteriana Mackenzie. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano 1, Número 1, 2002.
- MENEZES, V. G.; CARVALHO, L. O.; TASHIRO, T; HONORATO, T. Políticas públicas de esporte e lazer na cidade: não só de pista de skate, vive o skatista de Recife-**PE.Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.3, set/2019.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde- **UNA-SUS – Universidade Aberta do SUS**. Notícias: Organização Mundial da Saúde Declara Pandemia de Coronavírus, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> Acesso em 16/09/2021.
- NASCIMENTO, G. Y.; SORIANO, J. B.; FÁVARO; P. E. A perspectiva do erro e a avaliação das consequências da intervenção profissional em educação física: uma análise de conteúdo. **Rev. Bras.Cineantropom**. Desempenho Hum. v.9, n.4, 2007. P. :393-400.

MACHADO, M. **Ócio, lazer e tempo livre**. Gravado durante o 15º Congresso Mundial de Lazer, São Paulo, Brasil. 2018. Produção: MMTV. Serviço Social do Comércio – SESC SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SukDA7vRaX8&t=382s>

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. **Revista de Administração Pública [online]**, v. 45, n. 5, 2011, pp. 1517-1538. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/RRLDDQpJqcDMttw999HpDQS/abstract/?lang=pt>. Acessado 16 Setembro 2021.

PAPO DE SEGUNDA. Canal GNT, **Trabalhar com aplicativo: liberdade ou precarização?**, Youtube, 9 de jul. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgNieWh1PkY&t=2s>.

RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. **Esporte-espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar**. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação Física, 2003. Disponível em: <http://eduardo.fantato.com.br/wp-content/uploads/2013/02/esporteespetaculo...CONEXOES...2003.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

RODRIGUES, P. E tudo mudou. **Ecoa**. UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/coronavirus-afeta-as-relacoes-humanas-e-muda-nosso-conceito-de-normal/>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

SANTOS, M. **Os caminhos da reflexão sobre cidade urbana**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

SILVEIRA, J. Considerações sobre o esporte e o lazer: entre direitos sociais e projetos sociais. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, mar. 2013. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV16N01_ar1.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

TAYLOR, M.; MARSH, G.; NICOLE, D. et al. **Good Work: The Taylor Review of Modern Working Practices**. Available at: <https://www.gov.uk/government/publications/good-work-the-taylor-review-of-modern-working-practices>, 2017. Acessado em setembro de 2020.

TUBINO, M. J. G. **Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1992.

UNGHERI, B. O.; ISAYAMA, H. F. Os saberes e a formação profissional em lazer: uma análise no campo das políticas públicas. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 98, n. 249, p. 389-409, maio/ago. 2017.

UVINHA, R. R. Os megaeventos esportivos e seus impactos: o caso das Olimpíadas da China. **Motrivivência**, v. 0, p. 105-124, 2009.

VOGD, Werner. The Professions in Modernity and the Society of the Future: A Theoretical Approach to Understanding the Polyvalent Logics of Professional Work. **Profession and Professionalism**. Volume 7, No 1 (2017), e1611.

6

BOAS PRÁTICAS NO ENSINO REMOTO ENVOLVENDO A RECREAÇÃO E AS MICROAVENTURAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Risso, Helli Faria Ferreira²⁰
Junior, Cleber Mena Leão²¹
Pimentel, Giuliano Gomes de Assis²²

Resumo

Considerando os desafios no se-movimentar no tempo presente, indagamos sobre as boas práticas relativas à Educação Física no ensino remoto com o ensino de atividades lúdicas que tematizam a aventura (microaventuras). Diante disso, neste capítulo, apresentamos três experiências que expressam e exemplificam nossa busca por boas práticas com o ensino remoto. As ações relatadas foram realizadas na Educação básica, na formação continuada e na recreação, todas mediadas pelo diálogo com as tecnologias de ambientes virtuais. A primeira experiência, relativa à "Educação Física Escolar", retrata uma gincana que desenvolveu os conteúdos das Práticas Corporais de Aventuras (PCA), na perspectiva de microaventuras. O processo aconteceu via plataforma *google meet*, para alunos do 4º ao 6º ano de duas escolas estaduais. Esta ação foi desenvolvida de forma pluridisciplinar e contou com a participação de uma estagiária, professores de outras áreas e o envolvimento dos familiares. A segunda experiência reporta a "Formação Continuada" desenvolvida por meio do Curso de Aperfeiçoamento em PCA, ofertado via plataforma Moodle/UEM. As modalidades ofertadas pelo curso foram: *Parkour*, Escalada, *Slackline*, Orientação e *Skate*. Durante o processo foram desenvolvidos materiais didáticos digitais interativos (MADDIs) para a fruição de PCA por meio de microaventuras. A terceira experiência está centrada na "Recreação", por meio do conceito de Jogos e Brincadeiras Contemporâneas, ao qual tem como objetivo utilizar-se dos jogos eletrônicos como ferramenta interativa com o objetivo educacional ou como objetivo motivacional para

²⁰ Docente na rede pública de Educação do Paraná (SEED). Licenciada em Educação Física (UEL). Mestranda no Programa Associado UEM/UEL de Pós-graduação em Educação Física. Integrante do Grupo de Estudos do Lazer (GEL). E-mail: helli.risso@gmail.com

²¹ Empresário do setor de recreação. Graduado em Educação Física e Pedagogia. Doutorando no Programa Associado UEM/UEL de Pós-graduação em Educação Física. Integrante do Grupo de Estudos do Lazer (GEL). E-mail: prof.cleberjunior@hotmail.com

²² Docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e do Programa Associado UEM/UEL de Pós-graduação em Educação Física. Doutor em Educação Física. Líder do Grupo de Estudos do Lazer (GEL). E-mail: ggapimentel@uem.br

a realização das atividades práticas no ensino remoto. Esta ação recreativa foi desenvolvida via plataforma zoom durante uma festa de aniversário *online*, com a temática dinossauros. A apresentação, decoração, ambientação, narrativas e atividades práticas foram pensadas e organizadas para criar uma atmosfera mimética no que diz respeito à temática. Tais boas práticas só serão efetivas se houverem indivíduos para projetá-las, sendo a virtualidade um meio para a ação.

Palavras-Chave: Boas práticas; Ensino Remoto; Recreação e lazer.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é demonstrar a trajetória de “boas práticas” na Educação Física (EF) que foram experienciadas no ensino híbrido (*online* e presencial), mediadas pelo uso de tecnologias e outras inovações, durante o ano de 2020.

Neste capítulo, apresentamos três experiências que expressam e exemplificam nossa busca por boas práticas com o ensino remoto. As ações relatadas foram mediadas pelo diálogo com as tecnologias em ambientes virtuais.

Considerando os desafios no ‘se-movimentar²³’ no tempo presente, julgamos imprescindível valorizar as boas práticas relativas à Educação Física no ensino remoto, com o ensino de atividades lúdicas que tematizam a aventura nas microaventuras. Este termo é utilizado em diferentes situações, desde uma representação de desenho, ao compartilhar uma tecnologia educacional pautada no lúdico e na simplicidade. Tem como objetivo combinar a lógica interna, característica de cada modalidade, com formas suaves e seguras de aproximação e de iniciação à aventura.

De acordo com Risso, Araújo e Pimentel (2021), microaventuras são conceituadas como sendo vivências recreativas de jogos de aventura, que ligam os aprendizes de maneira segura, lúdica e simples, com o objetivo de desenvolver os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais das PCAs. Trata-se de um método que combina recreação, com a lógica interna da prática corporal de aventura (PCAs). Gera arranjos metodológicos para desenvolver as ‘aventuras’ de forma simplificada, segura e acessível desde o primeiro ano escolar dos participantes.

²³ O se-movimentar é o movimento humano com reflexividade (SOUZA, 2021).

Em suma, microaventuras são estratégias educativas que fazem uso de brincadeiras, jogos, brinquedos e outras dinâmicas recreativas na didática de ensino das práticas corporais de aventura.

A Prática Corporal de Aventura (PCA) é um novo conteúdo estruturante da Educação Física, inserido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que configura-se como documento normativo, no qual são definidas as aprendizagens essenciais das etapas e modalidades de ensino da Educação Básica no Brasil (BRASIL, 2019).

No Paraná, a elaboração das propostas se diferencia da BNCC, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) propõe a unidade das PCAs a partir do 3º ano do Ensino Fundamental I. Para tanto, insere os “Jogos de aventuras”²⁴ como objetos do conhecimento (PARANÁ, 2021).

DESENVOLVIMENTO

Ao pensar na valorização das boas práticas na Educação Física escolar, nos ocorre a lacuna mencionada por diversos autores como Bracht et al.(2012)e Wiggers et al. (2015). Ela se torna maior quando se trata do ensino remoto que está em período de aprendizagem na atualidade. As 3 boas práticas que realizamos no decorrer do ano de 2020, ocorreram:

1) na Educação Básica, por meio de Gincanas;2) na formação continuada, por meio de um Curso de Extensão sobre (PCAs); e 3) na recreação, por meio de duas intervenções *online*. Explicitaremos cada uma delas a seguir.

BOA PRÁTICA 01 – GINCANAS VIRTUAIS

A primeira boa prática, relativa à Educação Básica, constou de duas Gincanas e complementou as ações que foram realizadas na I Gincana Virtual. Segundo

²⁴ Os termos "jogos" de aventura, "jogos" de luta, "jogos" esportivos, é uma forma de expressar a necessidade de adaptação das atividades e evidenciar a intencionalidade de manifestação do lúdico por parte do professor. Na primeira versão do documento o ensino de PCA apresentava desde o 1ºano do EF. Entretanto, após a consulta pública na participação de toda a comunidade, verificou-se um recuo perante a versão anterior. Entendemos que é possível ensinar PCA desde o 1º ano, ou ainda, na Educação Infantil. Porém, conforme a consulta pública, é evidente que este tema ainda precisa de maior proximidade de parte do corpo docente e, portanto, fica a critério dos professores optarem ou não pelas PCA antes do 3º ano. Assim, pensando na formação de professores de Educação Física, o método Microaventuras parece evocar a simplicidade, a recreação e a segurança necessárias para que a docência ocorra em um processo de domínio gradual sobre o conteúdo.

Cavallari e Zacharias (2001), gincanas são atividades de caráter lúdico, físicas ou mentais, regidas por regras e com final previsto.

Segundo Risso, Araújo e Pimentel (2021), a Gincana demonstrou ser uma possibilidade de aprendizagem, desenvolvendo no aluno formação integral. Nas suas práticas híbridas, com sequência de várias tarefas ou provas interligadas, valendo a rapidez para sua conclusão.

Ocorreu conforme cronograma de cada turma integrando as ações de modo pluridisciplinar. Foi articulada com a participação do coordenador do projeto (Doutor em EF e idealizador do Projeto Escola de Aventuras), mestrandos, doutorandos, estagiários(as) do curso em EF (DEF/UEM); da parte do CAP contamos com o envolvimento das professoras regentes e da equipe diretiva.

O trabalho retrata duas Gincanas realizadas distintamente. Foram desenvolvidos os conteúdos das Práticas Corporais de Aventuras (PCAs) na perspectiva de microaventuras. Ambas realizadas virtualmente via plataforma *Google Meet*.

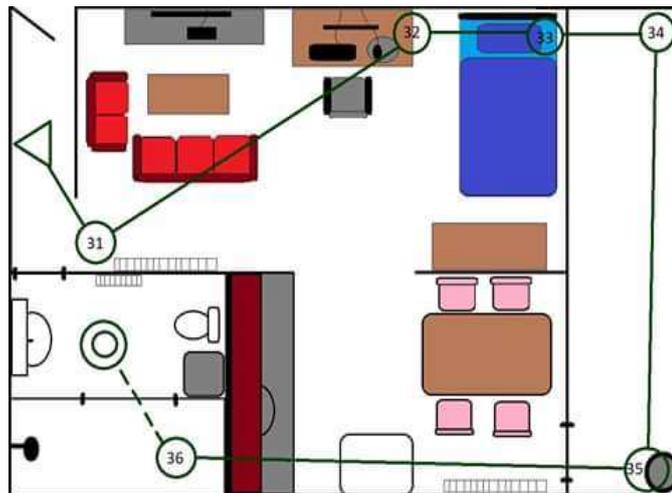
As Gincanas tiveram como objetivo proporcionar atividades lúdicas e recreativas, abordando as modalidades desenvolvidas com alunos partícipes do Projeto Escola de Aventuras, a saber: *Parkour*, Escalada, *Slackline*, Orientação e *Skate*. O processo aconteceu para alunos do 4º e 5º anos iniciais, do Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP)Maringá/PR. Constaram de provas elaboradas em dois momentos: provas antecipadas e provas surpresas que foram reveladas no dia da culminância dos eventos.

1º momento: para a prova antecipada os alunos receberam uma proposta de tarefa individual, na forma de um *portfólio*²⁵, sobre a modalidade Esporte Orientação que deveria ser realizado em suas residências, e apresentado no dia da I Gincana Virtual, como segue:

Atividade 1: em uma folha de sulfite, você deverá fazer um croqui (mapa), planta baixa da sua casa. Nele simbolize os espaços geográficos de forma bidimensional e reduzida. Não é necessário que apareçam no desenho todos os móveis de cada cômodo, somente aqueles que julgar ser mais importantes. Depois, você poderá colorir. Veja no exemplo abaixo:

²⁵O portfólio escolar do aluno consiste em um documento que reúne os trabalhos realizados por estudantes de uma determinada classe durante o ano letivo.

Imagem 1: exemplo de croqui de uma casa.



Fonte: Arquivo Escola de Aventuras (2020).

Atividade 2: Depois do seu mapa pronto, você deverá colocar elementos numerados sobre algumas estruturas ou objetos da casa; como por exemplo na mesa da cozinha, ao lado de uma das camas. Escolha os pontos no croqui que desenhou. Coloque cinco números em seqüências de passagem, como na imagem 1(31 ao 36). Atenção!!! Agora trace um percurso no mapa desenhado, unindo os Pontos de Controle (PC) em linha reta, conforme a orientação abaixo:

- 1.Saída: um TRIÂNGULO;
- 2.Pontos de Controle (PC): um CÍRCULO;
3. Ponto de chegada: DOIS CÍRCULOS CONCÊNTRICOS.

Você deve escolher um movimento corporal, realizar uma tarefa motora, “proporcionaram às crianças momentos em que tiveram oportunidades para criarem e de colocar em prática os movimentos vivenciados” (BOARETTO, 2019 p. 178), para ser realizado em cada um dos PC marcados no croqui. Faça uma legenda indicando as tarefas motoras, por exemplo: no ponto 1) pular corda 10 vezes, no ponto 2) realizar 8 polichinelos e assim por diante. Depois que você realizar o percurso, convide duas pessoas da sua casa para percorrê-lo.

Tire uma foto em cada PC da sua tarefa motora e compartilhar com um colega de turma, para que você possa realizar o desafio dele e ele realizar o seu. Na segunda etapa, no dia do encontro virtual, você poderá apresentar o seu desafio.

No dia da Gincana virtual, os alunos apresentaram seus mapas e comentaram sobre o desafio realizado as quais tiveram a oportunidade de se expressarem.

Segundo Boaretto (2019), as tarefas de reforço que a criança realiza em família tem efeitos positivos comprovados não apenas na diminuição do sedentarismo mas também na melhora da coordenação motora. Elas reportam satisfação em realizar as atividades programadas, com ganhos psicoafetivos que fortalecem os vínculos entre a criança e os adultos.

Nas atividades, foram desenvolvidas a combinação entre conteúdos de jogos e brincadeiras com PCAs. As atividades propostas utilizaram estratégias da recreação com elementos marcantes do método Microaventuras e simulação das atividades realizadas

A segunda Gincana, foi ministrada para 4 turmas do 6º anos das séries iniciais do Ensino Fundamental II, em uma escola estadual, na cidade de Londrina. Teve como objetivo aumentar a participação dos alunos durante as aulas na plataforma *Google Meet*. O processo aconteceu de acordo com o planejamento anual, no período de três meses, de outubro a dezembro de 2020. Essa ação teve a participação de uma estagiária de Bacharelado em EF (DEF/UEM), professores de outras áreas e o envolvimento dos familiares.

O desenrolar das aulas foi utilizado na plataforma *Google Classroom*. Na perspectiva de aula invertida, os alunos pesquisaram antecipadamente os conteúdos do currículo anual que seriam trabalhados, conforme segue: Circo na escola e PCAs.

Em cada conteúdo trabalhado, foram realizadas tarefas individuais e apresentadas para todos, como por exemplo:

- No circo, eles construíram objetos para trabalhar malabares (bola de meia, de papel alumínio, de papel etc.);

- Nas PCAs, apresentaram desenhos (mapas ou croquis do Esporte Orientação); construíram objetos de papelão (*Skate* e parede de Escalada); da Escalada - fizeram nós com pedaços de cordas ou barbantes; realizaram vídeos e fotos das atividades;

- De acordo com as temáticas do mês, por exemplo: em outubro o tema 'Outubro rosa'. Os professores, alunos e seus familiares, se apresentaram para aula com a cor do mês em sua camiseta, boné, laço, enfeitando seus animais de estimação, etc.;- Foram realizados desafios, como: buscar objetos (vassoura, pedra, animais de estimação etc.);

- No último dia de aula foi realizada a Gincana Virtual, semelhante às anteriormente descritas, com adaptações e a participação dos familiares.As

avaliações dos alunos quanto às atividades, foram realizadas de várias maneiras: oralmente, escrita, pelo empenho nas e pelas atividades desenvolvidas.

Recebemos *feedback* espontâneo dos pais. Como exemplo, citamos a mãe de um aluno que foi transferido de uma escola particular em agosto de 2020. A boa prática esteve em criar ambiente acolhedor e inclusivo:

“...queria te agradecer pelo que vocês significaram e ressignificaram na vida do meu filho que era um menino que fugia das aulas de Educação Física no colégio. Fisicamente ele tem as limitações por causa da asma. Sofria *bullyings*... e durante a pandemia a Educação Física era um caos, ele não queria saber de nada e se encantou com os conteúdos que vocês passaram... Trabalho mágico e encantador que vocês fazem com esses meninos, sem diferenças de classe social, de cor, muito inclusivo e que é um trabalho maravilhoso... Que Deus te abençoe. Você não sabe o quanto isso significou pra ele; a forma como vocês ‘chamaram’ ele porque ele anda com a autoestima baixa, problema de sono, ‘né’... Não tem preço isso ‘né’ de estar oportunizando aprendizagens de forma leve, feliz, ‘né’... Só tenho que te agradecer...”

Portanto, a microaventura foi percebida como efetiva e até mesmo afetiva por ser mais acessível e combinar a técnica da aventura com a animação da recreação. A questão de ocorrer virtualmente foi amenizada por ocorrer em tempo síncrono, com a docente interagindo com os alunos.

BOA PRÁTICA 02 – FORMAÇÃO CONTINUADA

A experiência reporta a Formação Continuada desenvolvida por meio do Curso de Extensão “Educação para o lazer por meio de Práticas Corporais de Aventuras (PCAs)”. O curso foi realizado na modalidade de aperfeiçoamento (180 horas). Teve apoio do Grupo de Estudos em Lazer (GEL) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em parceria com a rede CEDES (Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer) e a Rede MADDIs-EF (Materiais Didáticos Digitais Interativos para a Educação Física).

Este curso de aperfeiçoamento foi realizado, pela primeira vez, via plataforma *Moodle/UEM*, entre os meses de junho à setembro de 2020, com carga horária de 180 horas. Foram ofertadas para inscrição 300 vagas, entretanto percebemos que a procura foi maior que a oferta de vagas. O curso de aperfeiçoamento foi dividido em 5 módulos, a saber:

1. Introdução aos estudos do lazer na perspectiva da Educação Física abordou os conceitos úteis ao desenvolvimento da educação do lazer e do ensino de atividades

de aventura; as principais vertentes teóricas do lazer ao longo da história; as possibilidades de acionar conhecimentos por meio da Rede CEDES; e sugestões de leitura;

2. Planejamento, ensino e avaliação de Práticas Corporais de Aventura na Escola abordou os aspectos pedagógicos do ensino de Educação Física, especialmente na escola; Como avaliação, também teremos Clubes de leitura em equipes, visando que vocês estejam prontos teoricamente para os próximos módulos;

3. Técnicas de *Slackline*, *Parkour*, *Skate*, Escalada e Orientação foi desenvolvido como um módulo prático, com vivências entre si; consideramos fundamental vivenciar para sentir em si as dificuldades no aprendizado das técnicas mais elementares de cada prática corporal de aventura;

4. Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de Práticas Corporais de Aventura, buscando discutir estratégias de ensino para cada prática corporal de aventura; tendo em vista que cada aluno planejará aulas para sua realidade;

5. Produção de materiais didáticos interativos de Práticas Corporais de Aventura teve como objetivo desenvolver o conhecimento sobre os métodos ativos é fundamental para pensarmos na criação de materiais didáticos que sejam interativos.

O curso teve como objetivo geral a formação continuada de professores, capacitando-os na implementação e elaboração de estratégias metodológicas para o uso de diferentes materiais didáticos interativos (MADDIs). Esses materiais foram desenvolvidos com enfoque nas PCAs, por uma educação para e pelo lazer a ambientes escolares e não escolares. As modalidades ofertadas foram: *Parkour*, Escalada, *Slackline*, Orientação e *Skate*.

No decorrer do processo as atividades estavam inseridas na plataforma, para cada modalidade, onde os cursistas deveriam acessar: atividades do fórum; entrevistas; links de vídeos; portfólios; tutoria com diversos aplicativos no youtube. De acordo com cada modalidade, a equipe pedagógica era responsável por ministrar os conteúdos via Meet em horários mais votados pelos participantes.

Ao concluir este último módulo, foi o momento de apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para avaliação final e recebimento do certificado. Este consistiu em produzir um MADDIs de microaventura.

Na avaliação final os alunos deveriam escolher uma modalidade que mais se aproximava do seu fazer pedagógico. Para a finalização foram desenvolvidos MADDIs para a fruição das PCAs por meio de microaventuras. Para finalização do curso os

participantes produziram o TCC. Neste processo o orientador dava os feedbacks, com sugestões para reapresentação dos trabalhos finais. Deste modo, os concluintes se observaram como produtores de tecnologia educacional.

BOA PRÁTICA 03 – NA RECREAÇÃO

A atuação profissional com a Recreação Contemporânea era embrionária, pensada como tendência. Um acontecimento (COVID-19, pandemia, isolamento) potencializa sua adoção. Profissionais em crise buscam por ajustar-se ao novo contexto, requerendo aparatos tecnológicos como as videoconferências por meio do zoom, meet, team. Todavia, uma lacuna ainda não explorada diz respeito às mudanças no modo de operar o trabalho recreativo na perspectiva da Recreação Contemporânea²⁶, uma vez que a experiência com Recreação Tradicional ou a mera posse de equipamentos digitais pode não ser suficiente para uma atuação profissional bem conduzida.

A pandemia tomou proporções mundiais e afetou a maneira como o ser humano vive e convive no mundo ao seu redor. Diante dessa realidade foi necessário uma mudança no que diz respeito às várias ações em nosso dia a dia, sejam elas, correspondentes ao trabalho e finanças, a prática de atividade física e cuidados com a saúde, relacionamentos em relação ao distanciamento social, aulas remotas como novas possibilidades de ensino, e também, relacionadas ao brincar.

O profissional que atua diretamente com o brincar, conceituado aqui como Recreador, desenvolve sua ação prática por meio de atividades recreativas. Tal profissional, não ficou de fora das mudanças. Haja vista que a Recreação Contemporânea – que são as relações do brincar por meio das tecnologias – já era uma possibilidade pré-COVID-19, diante de um isolamento geográfico²⁷. Contudo, houve uma migração dos profissionais para a utilização da Recreação Contemporânea durante o COVID-19, pois as atividades de Recreação Tradicional – que são as práticas do brincar e entreter no formato de relações presenciais – foram pausados diante da impossibilidade.

Diante desta nova roupagem, após a pandemia forçar um *lockdown*, ou seja, um bloqueio total ou confinamento, sendo ele, um protocolo de isolamento que

²⁶ A Recreação Contemporânea são as relações do brincar por meio das tecnologias.

²⁷ O isolamento geográfico consiste na separação de uma população por uma barreira geográfica, formando assim subpopulações. A barreira geográfica pode ser um rio ou uma montanha, por exemplo.

geralmente impede o movimento de pessoas ou transporte de cargas (alimentos, produtos, etc). Conseqüentemente, não havendo a possibilidade da realização da Recreação Tradicional, inicia-se o movimento da Recreação Contemporânea.

Leão Junior (2013), ao propor uma nova classificação de Jogos e Brincadeiras, com o intuito de apresentar o brincar e jogar com tecnologias, desenvolve o conceito de “Jogos e Brincadeiras Contemporâneos” que tem como premissa a união e utilização das tecnologias e do brincar. Na época, só um conceito teórico embrionário, no tempo presente, com a grande divulgação e aplicação prática, podemos chamar de “Recreação *Online*”.

Tal “Recreação *Online*” não surge com técnicas e tecnologias novas, pensadas e criadas únicas e exclusivamente para esse momento, o que houve, basicamente, foi a transposição das ações práticas realizadas na Recreação Tradicional, apenas embaladas com um papel de presente mais novo e menos amassado, e apresentados e executados na Recreação Contemporânea.

As experiências de Recreação Contemporânea são apresentadas por meio do conceito de Jogos e Brincadeiras Contemporâneas, que tem como objetivo utilizar-se das ferramentas interativas com o objetivo educacional ou como objetivo motivacional para a realização das atividades práticas, ou seja, utilizar-se no *online* para realização de movimentos corporais.

Estas ações recreativas foram desenvolvidas via plataforma meet durante uma festa de aniversário *online*, com a temática fada e outra com a temática dinossauros. A apresentação, decoração, ambientação, narrativas e atividades práticas foram pensadas e organizadas para criar uma atmosfera mimética no que diz respeito à temática escolhida pelo cliente.

Diante disso, pretendemos elencar boas práticas para o desenvolvimento da Recreação Contemporânea no tempo presente. Frente a essas considerações, apresentamos duas experiências produzidas em 2020, na perspectiva da Recreação Contemporânea: (1) dia das mães *online* com o tema: fada, e (2) festa de aniversário *online* com o tema: dinossauros. Metodologicamente, selecionamos relato de experiência, por meio de um passo a passo das ações com relatos de como a atividade se desenvolveu.

Esta relato de experiência, ambas as experiências, foram realizadas virtualmente via plataforma *Google Meet*, com duração de 50 minutos, para crianças de 5 anos, no primeiro semestre de 2020, realizadas pela Empresa Clube dos

Recreadores. Porém, a primeira ocorreu apenas com a mãe e suas duas filhas e a segunda com parentes e amigos do aniversariante.

De acordo com a visão da empresa, cada cliente tem suas particularidades, desejos, sonhos e isso tudo é levado em consideração na organização de uma programação, sempre pensando na experiência do cliente.

Diante disso, a intervenção recreativa é sempre realizada de forma personalizada, contudo, ela segue um padrão metodológico, que elencamos aqui como boas práticas: apresentação (do recreador e participantes); quebra gelo (integração do grupo); atividade de envolvimento (aproximação do grupo); atividades principais com a temática do evento (relacionadas ao tema, que está ligado diretamente com o sonho do cliente/aniversariante); fechamento apontando e enaltecendo o motivo do evento (evento temático ou festa de aniversário); finalização (parabenização); pós-evento (recado direcionado).

Apresentação (do recreador e participantes). Para o bom andamento de qualquer relacionamento, seja ele presencial - ou nesse caso *online*, é imprescindível uma comunicação de alinhamento das expectativas e os combinados.

Quebra gelo (integração do grupo). Para que o andamento da atividade seja prazeroso, deve-se haver minimamente uma comunhão e conhecimento dos participantes por meio de uma integração, se não for possível, então que haja um momento de descontração e alegria, em que todos realizem uma tarefa com dificuldade baixa e sintam-se motivados por cumprí-la.

Envolvimento (aproximação do grupo). Esse é o momento mais importante antes das atividades principais, ela deverá ser a atividade principal, e que a partir dela, os participantes possam ter um entendimento de como serão as próximas

Tema: atividades principais com a temática do evento (relacionadas ao tema, que está ligado diretamente com o sonho do cliente/aniversariante). Como trabalhamos com temas, e tal tema foi escolhido pelo cliente, isso significa que ele gosta desta temática. Logo, todas as atividades, independente do seu objetivo, deverão ter relações com o tema.

Fechamento apontando e enaltecendo o motivo do evento (evento temático ou festa de aniversário). Independente do objetivo do evento, temos que relembrar a todos pelo motivo deles estarem ali. Os participantes são importantes sim, porém, a pessoa mais importante é o cliente que contratou (um aniversariante, uma empresa). Ao final, o foco deve estar voltado para ele.

Finalização (parabenização). Este é o final, é o último grande momento, quando direcionamos a concentração de todos para cantar os parabéns ao aniversariante, ao vídeo de comemoração institucional da empresa, a homenagem destinada para algo ou alguém.

Pós-evento (recado direcionado). Este sétimo ponto é algo fundamental, pois é uma ação que visa consolidar o contratante de trazer uma experiência diferenciada. Se for em uma festa de aniversário, gravar um vídeo desejando os parabéns após a festa, um agradecimento a empresa, ou se for um evento com algum personagem - imagine - receber uma vídeo mensagem do seu herói ou heroína preferida? E para fechar, enviar um formulário para que o cliente informe um *feedback* dos seus serviços prestados.

Você pode estar pensando sobre as questões referentes aos conhecimentos das técnicas e tecnologias: Plataformas para reuniões *online*, recursos para captação de áudio e vídeo, etc. Bom, esses recursos são pré-requisitos para as boas práticas em recreação contemporânea, assim como, o conhecimento teórico/prático relacionado ao conhecimento específico desta área de atuação.

Contudo, diante destes relatos de experiências, propomos a utilização do conceito de microaventuras, que é utilizado em diferentes situações, desde uma representação de desenho, ao compartilhar uma tecnologia educacional pautada no lúdico e na simplicidade. Em suma, microaventuras são estratégias educativas que fazem uso de brincadeiras, jogos, brinquedos e outras dinâmicas recreativas na didática de ensino das práticas corporais de aventura (PIMENTEL, 2020). Diante da realidade vivenciada, respectivamente, caracteriza-se como aventura do imaginário de FADA, e também, a época dos DINOSSAUROS.

As boas práticas devem ser validadas por experiências práticas pois, conforme Heidegger (2007), a essência da técnica, se sobrepõe a técnica aplicada, ou seja, não estamos engessando boas práticas ou transformando elas em uma cartilha a ser seguida. Para tanto, o processo criativo é essencial ao trabalho inovativo no ambiente virtual, resultando em novas formas empíricas, tecnológicas e didáticas de desenvolver a “Recreação *Online*”.

A Recreação Contemporânea abre uma possibilidade de interação com outras pessoas, unindo outras pessoas (mesmo que de forma virtual) e além disso, por algum tempo, tendo a atenção das crianças, e para além disso, possibilitando aos pais um “descansando” ou participação ativa nas relações do brincar. Após o acontecimento

COVID-19, qualquer pessoa pode se utilizar da Recreação Contemporânea nas relações do brincar. Porém, como aponta Heidegger (2007), simplesmente saber a técnica, não é o suficiente, pois a essência da técnica é agir com sentido, para assim, podermos dominar a técnica com habilidades e entendimento. Diante disso, acreditamos que seja fundamental aos recreadores se apropriarem dos conhecimentos de Heidegger, pois a técnica muda o fazer. Logo, simplesmente reproduzir as técnicas da Recreação Tradicional na Recreação Contemporânea pode não fazer sentido como essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta demonstra ser relevante e imprescindível, em função da possibilidade de os alunos poderem vivenciar, interagir e participar de atividades que evocam as PCAs por meio de jogos. Essa combinação entre conteúdos de jogos e brincadeiras com PCA por meio de estratégias de recreação é um dos elementos marcantes do método Microaventuras. Ficou demonstrado que a gincana representa uma possibilidade real de aprendizagem, formação e integração, podendo se constituir numa das ações articulares entre currículo do Paraná e prática híbrida, no diálogo com as condições objetivas da realidade. E, ao observar as boas práticas propostas no âmbito da intervenção da recreação em festas, conseguimos acumular casos que redundam na importância do agente (professor recreador) na relação autêntica com a tecnologia, de modo a produzir as interações humanas necessárias à diversão, aventura e aprendizado.

REFERÊNCIAS

BOARETTO, J. D. **Educação Física na Educação Infantil: da estruturação à implementação pedagógica**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Maringá; Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, 2019.

BRACHT, V.; FARIA, B. de A.; MORAES, C. E. A.; FERNANDES, E. S.; Almeida, F. Q. de; GHIDETTI, F. F.; GOMES, I. M.; ROCHA, M. C.; MACHADO, T. da S.; ALMEIDA, U. R.; PENHA, V.M. A Educação Física escolar como tema de produção de conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980 -2010): parte II. **Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 11. 37, abr./jun. 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 11 de junho de 2021.

CAVALLARI, V. R.; ZACHARIAS, V. **Trabalhando com recreação**. 5. ed. São Paulo. Editora Ícone, 2001.

HEIDEGGER, M.. A questão da técnica. **Sci. stud.** v.5, n.3 p.375-398, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662007000300006&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1678-3166. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.

LEÃO JUNIOR, C. M. **Manual de jogos e brincadeiras**: atividades recreativas para dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

PARANÁ, **Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP)**. 2021. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep2021_educacaofisica_seriestiniciais.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

PIMENTEL, G. G. de A. **1º Webinar Chão de Quadra**. Contribuições da recreação para o ensino das práticas corporais de aventura: o caso das microaventuras. 2020. [online]. Disponível em: <https://youtu.be/lglKs0cqPsA>

RISSO, H. F. F.; ARAÚJO, P. do S. C. de A.; PIMENTEL, G. G. de A. Gincana de microaventura em realidade virtual no Ensino Fundamental. **Anais... XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS DO LAZER**, Maringá, Paraná. 2021. Disponível em: <https://cleber-junior.wixsite.com/seminariodolazer/anais>. Acesso em: 1 ago. 2021.

SOUZA, J. **Do homo movens ao homo academicus**: rumo a uma teoria reflexiva da Educação Física. São Paulo: LiberArs, 2021.

WIGGERS, I. D.; REIS, N. S.; SILVA, L. R. T. ; LIMA, M. M. de; FREITAS, T. da C.; PRAÇA, T. R. de M.; FARIAS, M. J. A.. Um “Raio-X” da Produção do Conhecimento sobre Educação Física Escolar: análise de periódicos de 2006 a 2012. **Movimento**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 831- 845, jul./set. 2015.

7

CENÁRIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM ÉPOCA DESARS-COV-2Camargo, Gustavo Machado²⁸Gouveia, Thatiane Alves²⁹**Resumo**

O ano de 2021 começou com esperança e perspectivas de melhoras no cenário da pandemia de Covid-19. Porém, aos poucos, foi avistada uma segunda onda do vírus, mais mortal que a primeira, com ela, o ensino da educação física a distância passou por mais uma prova, se sustentar e mostrar a sua eficácia no combate às comorbidades fatais que levam o vírus a se desenvolver. Professores e alunos passaram a ter papéis fundamentais nesse processo de permanecerem ativos durante os *lockdowns* instaurados pelos governantes na pandemia. Por anos os pais e responsáveis pela educação das crianças em fase escolar se mostraram contra a alta exposição ao tempo de tela, sendo ela de computador, celular, entre outros. Nos dias atuais, é por meio desses canais de comunicação que as aulas e atividades são transmitidas, gerando uma adaptação da prática ao vivo, para uma prática ativa online. Nesse sentido, é papel da escola proporcionar às crianças atividades seguras e que estimulem a manutenção do comportamento ativo, mesmo em casa na pandemia. Se manter ativo com o pleno desenvolvimento físico e, principalmente, mental nesse período, se torna essencial para que tenhamos segurança e um futuro melhor.

Palavras-Chave: Educação Física; Educação à Distância; Covid-19.

INTRODUÇÃO

Desde o começo de 2020 o mundo tem lutado para se adaptar à nova realidade imposta pelo vírus Sars-Cov2, mais conhecido como COVID-19, que teve seu primeiro caso na China, na cidade de Wuhan, província de Hubei. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020c) chegou ao Brasil no dia 26 de fevereiro, em São Paulo, e se espalhou de uma forma avassaladora,

²⁸ Centro Universitário Internacional - UNINTER – Aluno da Pós-Graduação Gestão e Marketing no Esporte/ Educação Física/ Bacharel e Licenciado – Grupo de Pesquisa: Entre o EAD e presencial: vários cenários de docência, aprendizagem e políticas públicas, ligado ao Centro Universitário Internacional.

²⁹ Universidade de Marília - UNIMAR – Graduada em Psicologia/ Psicologia/ Bacharel - Grupo de Pesquisa: Entre o EAD e presencial: vários cenários de docência, aprendizagem e políticas públicas, ligado ao Centro Universitário Internacional.

causando pânico e urgência para que as autoridades responsáveis pudessem criar meios de frear o avanço da pandemia.

Em relação à educação, uma mudança que houve foi a troca do ensino educacional presencial para o ensino remoto emergencial. Novas metodologias de ensino, novas estratégias para cada faixa etária da instituição foram criadas para tentar suprir a necessidade do contato físico, do ambiente presencial, para que os alunos tivessem o pleno desenvolvimento para cada etapa da Educação Básica. Mas dificuldades foram sentidas ao longo desse processo e ainda serão sentidas até que seja reestabelecida a normalidade completa, tais como: a dificuldade de acesso aos meios de passagem de conteúdo, plataformas usadas por algumas entidades, a dificuldade de acesso a novas tecnologias e à internet, a relação de ajuda familiar para o auxílio do aluno com dificuldade, falta de materiais adequados usados nas aulas, entre outros.

O papel da escola e dos responsáveis por essa educação é tornar a aprendizagem e desenvolvimento dos educandos uma etapa prazerosa. É guiar, orientar e propiciar ferramentas e mecanismos de aprendizagem de habilidades e competências, formando assim, um ser humano integral para o futuro do país.

Com relação à educação física escolar, a pandemia trouxe uma realidade diferente, fazendo com que os alunos e responsáveis pudessem se conhecer, conhecer o seu próprio corpo, tirando-os do sedentarismo imposto pelo distanciamento e isolamento social.

De acordo com Raiol (2020) toda essa movimentação em torno da pandemia chega de uma forma que nos causa ansiedade, estresse, medo e outros sintomas que prejudicam o pleno desenvolvimento mental e físico. Sendo assim, exercícios e atividades físicas auxiliam a regular a taxa de hormônios importantes para o organismo, por exemplo a endorfina, que é responsável pela sensação de bem-estar e, portanto, pode melhorar a disposição física e mental (CRUZ; ALBERTO FILHO; HAKAMADA, 2013).

Com isso, o presente estudo se baseou no seguinte problema de pesquisa: qual o cenário e dificuldades da educação básica brasileira em relação às aulas de educação física escolar durante a pandemia de COVID-19? De antemão, parece que a educação básica brasileira não estava preparada para uma mudança tão abrupta, fato que contribuiu para apontar as desigualdades e níveis diferentes de acesso à

educação física escolar e aos materiais adequados para que houvesse o mínimo de condições necessárias no processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi compreender o cenário educacional no período da pandemia de Sars-Cov2 no Brasil e no mundo, identificando os meios de aprendizagem e metodologias adotadas no ensino remoto emergencial e, apresentando as dificuldades de acesso e casos de sucesso observados na educação básica, com ênfase na educação física. A escolha do tema foi relevante pois mostrou a defasagem da educação brasileira em relação aos meios tecnológicos e metodológicos no período de instabilidade no cenário educacional do Brasil.

A PANDEMIA NO MUNDO E NO BRASIL

O novo coronavírus (Sars-Cov2 - *Severe Acute Respiratory Syndrome Corona Virus 2*, ou Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2), causador da doença COVID-19, foi registrado pela primeira vez na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, em 12 de dezembro de 2019. Em 28 de Janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) admitiu o risco de endemia (doença de causa e atuação local). De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020c) a doença se espalhou rapidamente por todo o mundo e o primeiro caso registrado no Brasil foi no dia 26 de fevereiro, em São Paulo. Em 11 de Março de 2020, foi decretado pela OMS o estado de pandemia no novo coronavírus (a classificação não se deve à gravidade da doença, e sim à sua disseminação geográfica).

Os sintomas apresentados pelos indivíduos infectados incluem tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda do olfato (anosmia), alteração do paladar (ageusia), distúrbios gastrintestinais (vômito/náuseas/diarreia), cansaço (astenia), diminuição do apetite (hiporexia) e dispneia (falta de ar). Segundo a OMS a maior parte dos indivíduos (80%) que contraem a COVID-19 apresentam sintomas leves e podem até mesmo ser assintomáticos ou oligo sintomáticos (poucos sintomas), mas, aproximadamente 20% dos infectados precisam de internação hospitalar por complicações provocadas pelo vírus e desses, cerca de 5% apresentam necessidade de suporte ventilatório em UTI (BRASIL, 2020c).

De acordo com o Ministério da Saúde, a transmissão do vírus ocorre de um sujeito infectado para outro através de contato físico próximo, aperto de mãos contaminadas, gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro e objetos ou superfícies

contaminadas. Como meios de proteção indica-se lavar as mãos com água e sabão ou utilizar álcool 70% para higienizá-las, cobrir boca e nariz ao tossir ou espirrar, manter distância de outras pessoas e a utilização de máscara em todos os ambientes (BRASIL, 2020c). Essas medidas servem para preparar o sistema de saúde do país e controlar a situação do vírus, mas necessita da conscientização da população em geral, para que não tenha o colapso do sistema de atendimento às vítimas, com isso afetando as áreas como a política, economia e educação.

Em relação à educação, conforme Arruda (2020) o setor escolar possui grande foco de propagação, pois é um dos ambientes sociais com maiores trocas de contato com indivíduos de faixas etárias diferentes, tornando-se um dos espaços de maior probabilidade de contaminação em massa. Diante desse cenário, escolas públicas e privadas da educação básica de todo Brasil suspenderam a partir do fim de março de 2020 as suas atividades, cumprindo determinação do Ministério da Educação, portaria publicada no Diário Oficial da União (nº 343/2020) que passou a permitir que as aulas presenciais fossem substituídas por aulas remotas durante este período. A UNESCO (2020a) afirma que aproximadamente 53 milhões de estudantes brasileiros foram afetados pelo fechamento das escolas e foram encaminhados para o ensino remoto emergencial (ERE).

As informações diárias e atualizações no número de casos e de vítimas da COVID-19 causam ansiedade, estresse, medo, depressão entre outros (RAIOL, 2020). Nesse sentido, exercícios e atividades físicas contribuem para amenizar esse quadro emocional, ajudando a regular a taxa de hormônios importantes para o bom funcionamento do organismo, dentre eles a endorfina, responsável pela sensação de bem-estar e que atua no alívio de dores, contribui para a melhora do humor, além de melhorar a disposição física e mental (CRUZ; ALBERTO FILHO; HAKAMADA, 2013).

Com isso, o momento exige uma série de mudanças no comportamento perante o isolamento social, fazendo com que milhares de pessoas fiquem em suas casas e se adaptem à nova realidade. A ausência de aulas práticas de educação física de forma presencial mudou a realidade dos educandos, como por exemplo: aumentou o nível de inquietude pelo não contato com os demais em sala de aula, aumentou a necessidade de liberar hormônios resultantes de movimento corporal e principalmente aumentou o sedentarismo provocado pelo isolamento em determinadas regiões precárias do Brasil.

Sendo assim, professores e entidades educacionais tiveram que se adaptar a essa nova realidade, fazendo reuniões e modificando o modo da passagem do conteúdo, que antes era de uma forma ativa presencial, para uma forma remota e virtual. Conteúdos precisaram ser renovados e adaptados para centenas de realidades dos educandos, pensando em materiais acessíveis a todos, ao espaço mínimo para a realização das atividades, formas avaliativas por meio do vídeo, entre outras formas de ter o total desenvolvimento para a faixa etária educacional da instituição.

DO PRESENCIAL AO REMOTO EMERGENCIAL

Segundo a UNESCO (2020b), desde que a pandemia começou, centros educacionais foram fechados totalmente ou parcialmente em aproximadamente 100 estados e em pelo menos 85 países as escolas tiveram suas atividades interrompidas completamente como forma de tentar conter o avanço do vírus. A organização aponta ainda que o fechamento dessas unidades escolares afetou a rotina de 1,7 bilhões de alunos no mundo todo (UNESCO, 2020a). Assim, gestores educacionais, professores e comunidade escolar precisaram se adaptar à nova realidade imposta pela pandemia, criando estratégias para minimizar a defasagem da suspensão das atividades educacionais, da mudança do ensino presencial para o ERE, mediante o uso de novas formas de tecnologias da informação e comunicação (TICs) e novos canais criados para facilitar e intermediar as aulas online.

É de suma importância notar a diferença entre a educação a distância (EaD) e o ensino remoto emergencial. No caso da primeira, existem concepções teóricas metodológicas e especificidades desta modalidade de ensino que dão sustentação para a EaD. Por sua vez, no ERE há uma adaptação curricular temporária para dar continuidade as atividades de ensino durante o distanciamento social, envolve o ensino remoto ou o ensino híbrido, este último que alterna atividades a distância e presenciais quando isso for possível (HODGES *et al.*, 2020).

Observando a educação como direito constitucional, segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, a educação é um direito de todos e dever do estado e da família, com a participação e colaboração da sociedade, visando o desenvolvimento pleno, o preparo do sujeito para exercer a cidadania e para o mercado de trabalho (BRASIL, 1988). O grande desafio do Brasil era montar uma

estratégia para essa adaptação de um estilo totalmente presencial para o remoto em tão pouco tempo. Entidades educacionais, alunos e os professores tiveram que se reinventar, criar estratégias e metodologias para cada faixa etária, levando em consideração as diferenças de localização, gênero, diferenças das escolas públicas em relação as escolas particulares, materiais existentes, entre outros fatores de dificuldades para a realização das aulas remotas.

Por este ângulo, existe uma preocupação em como o calendário escolar do país seria reorganizado levando em consideração essas mudanças para o ensino remoto emergencial. De acordo com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, o país tem uma carga horária de 800 horas para o Ensino Médio e Fundamental distribuídos em 200 dias letivos no ano. Porém, precisamos pensar na qualidade do ensino prestado, além da carga horária, observando os diferentes contextos e realidades da educação.

Em 1 de abril de 2020 foi publicada a Medida Provisória 934, que estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da Educação Básica decorrentes das medidas de enfrentamento da COVID-19. De acordo com o artigo 1º:

O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do disposto no inciso I do caput e no § 1º do art. 24 e no inciso II do caput do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino (BRASIL, 2020, s/p).

Para se fazer benéfica a aprendizagem dos educandos, o papel da escola é orientar, guiar e propiciar ferramentas e mecanismos para o desenvolvimento de habilidades e competências novas ou aflorar as já existentes em relação ao motor e ao digital, explorando a vasta gama de possibilidades e atribuindo-lhes novos significados. Já Santana e Costa (2016) apresentam a importância do professor de educação física escolar exercendo um papel preponderante na qualidade de vida e na saúde dos estudantes por meio da atividade física, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento de aspectos específicos da cultura corporal como ginástica, dança, esporte, lutas, além dos jogos e brincadeiras. Assim, as aulas remotas tiveram que ser adaptadas com relação as situações das crianças que foram afetadas com a paralização presencial das escolas, buscando minimizar ao máximo o comprometimento na saúde dos educandos e na qualidade do conteúdo proposto para

cada faixa etária e séries, fazendo com que o conhecimento fosse adquirido de maneira mais leve e plausível.

Os conteúdos abordados nas aulas presenciais de educação física, são praticados em grandes e pequenos grupos de alunos, com variadas habilidades e conhecimentos acerca de tais movimentos, e sabendo que esse ambiente é caracterizado por uma grande troca de contatos pessoais e de materiais, sendo um dos principais canais de transmissão do coronavírus. O profissional e a entidade educacional precisavam transformar as aulas para o meio remoto. Fazer essa transição para a aprendizagem individual no ambiente domiciliar, com no máximo um membro da família para o auxiliar a criança, torna-se uma dificuldade. Com isso, houve aumento da inatividade física dentre as crianças e fazê-las se movimentarem de uma maneira leve e saudável tornou-se um desafio para os seus responsáveis. Em contraponto a essa prática de exercícios físicos, estavam as telas dos computadores ou celulares, que proporcionaram a crescente utilização e consumo das TICs.

Fazendo valer dessa ideia, Mendonça (2019), em seu estudo afirma que o uso dessas tecnologias nas aulas de educação física é capaz de auxiliar o professor no método de ensino, favorecendo o aprendizado e o acesso a conteúdo que poucos têm oportunidade. Assim, para Boto (2020) o novo coronavírus aproximou, finalmente, a escola da tecnologia e os profissionais precisaram mergulhar no momento que a história os colocou. Porém, para que as aulas fossem implementadas por meio digital, necessitava-se de um treinamento adequado para cada disciplina, mostrando os meios que poderiam ser utilizados e os conteúdos que deveriam ser lecionados em determinado período letivo. O cronograma de conteúdos programáticos propostos para cada série precisou se adaptar à realidade e tempo para cada matéria, de maneira que todas as unidades escolares andassem em conformidade e aprendizagens próximas, para que assim, o ano terminasse com todos os conteúdos propostos no início do ensino remoto concluídos e os alunos tivessem aprendido, efetivamente.

Com a aplicação adequada das TICs, os alunos podem se desenvolver e serem estimulados a praticarem atividades físicas no ambiente domiciliar, com a utilização de diversos métodos de aprendizagem, materiais e com o auxílio dos componentes familiares, ajudando assim, na integração e convívio no lar. Muitos professores já se utilizavam dessas TICs em suas aulas, porém com a mudança para

o ERE, tiveram que se reinventar e modificar o modo de dar esses conteúdos que antes eram lecionados de maneira mais prática.

De acordo com Gongalvez, Furtado e Congallves (2019), frente ao cenário no qual as crianças e adolescentes se comunicam com facilidade e destreza, e navegam com leveza por conteúdos diversos, as mídias digitais podem ser usadas para pesquisa e aprendizagens diversas. Diante da evolução das TICs nas práticas educacionais em geral, a educação física não se mostra alheia ao movimento de informatização. Ainda que geralmente esteja associada à exclusividade de práticas corporais e atividades físicas, esta área tem acompanhado o movimento tecnológico no meio educacional”.

O uso das TICs, quando bem conduzido pode promover a interação entre professores e alunos, o intercâmbio de informações e experiências, agindo como uma ‘janela para o mundo’, isto é, permite que o educando conquiste outros e novos espaços. Uma das principais características da educação, envolvendo as TICs é o de promover o acesso às informações que acaba provocando uma descentralização do poder de comunicar em sala de aula, anteriormente, centrado na figura do professor (BIANCHI; HATJE, 2007, p. 293).

Assim como afirma Bianchi e Hatje (2007), o contínuo progresso tecnológico na sociedade acaba facilitando o acesso às informações, ou seja, é possível identificar umas democratizações desse acesso, além de possibilitar um largo acesso a diversos dispositivos digitais.

Mas, os responsáveis pelo educando devem ficar atentos aos conteúdos tecnológicos consumidos pelas crianças, para que o desenvolvimento seja adequado em relação à idade e que não acarrete malefícios pelo excesso e mal uso dos aparelhos eletrônicos.

PROFESSORES E SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA

A OMS considera o estresse como uma condição global com características multicausais. Fatores estressores e depressivos ocasionados pelo trabalho podem levar a comorbidades, como o aparecimento de doenças mentais e crônicas, também intensificadas pela pandemia da COVID-19 (WHO, 2009; UNITED NATIONS, 2020). Os professores podem chegar ao esgotamento profissional com desempenho e satisfação no trabalho diminuídos por conta do estresse e de emoções negativas, tais

efeitos podem afetar negativamente também o desempenho dos alunos (LAYBOURN; FRENZEL; FENZEL, 2019).

Estágios extremos de estresse podem levar à Síndrome de Burnout, que por sua vez, é uma síndrome psicológica de estresse e esgotamento no trabalho com três dimensões, a exaustão emocional, a despersonalização e redução da realização profissional (MASLACH; MAREK; SCHAUFELI, 2017). Portanto, a Síndrome de Burnout foi reconhecida como um grave problema de saúde pública, atualmente relacionada a doenças laborais, fato que prova a importância de estudos que investiguem sua prevalência em diferentes profissões, como é o caso dos professores de Educação Física (GUEDES; GASPAR, 2016).

Como forma de prevenção a tais doenças, considera-se o combate a fatores de risco, tais como: uso de tabaco, álcool, poluição do ar e sonora e o sedentarismo, aumentados pela pandemia do COVID-19. Para combater esta realidade e também o sedentarismo, é importante que as pessoas aumentem o nível de aptidão física, mantendo sua saúde física com energia para atividades de lazer e evitem a fadiga (ACSM, 2018).

Sendo assim, muitos são os fatores capazes de afastar ou aproximar as pessoas da atividade física, dentre eles os sociais, os ambientais, como a acessibilidade, a própria história pessoal do indivíduo em relação à atividade física, o apoio social para a vida ativa e o emprego que possui grande influência como o tipo de ocupação, do total de horas trabalhadas por semana, de horas extras realizadas, sendo trabalho fixo diurno, por turnos e trabalhos em tempo integral (CHOI *et al.*, 2017). Assim, essas horas trabalhadas, turnos desgastantes e afazeres domésticos, impedem dos professores em tempo integral de realizarem atividades físicas essenciais para o bom funcionamento do organismo, acarretando assim, problemas a curto e a longo prazo, como por exemplo: Síndrome de Burnout, artrite, depressão e esgotamento mental.

Em relação aos profissionais de educação física, Rufino (2017) traz como principais barreiras para o trabalho, a análise do plano de carreira, com cargas elevadas de trabalho e baixa remuneração; a falta de infraestrutura (materiais e locais inadequados à prática profissional); a elaboração do currículo sem a participação ativa dos professores, embora sejam eles quem apliquem o currículo na prática; por fim, imposto quanto os professores pouco participam da organização a falta de reconhecimento social.

Em contraponto aos fatores negativos, estão os fatores positivos, que na maioria das vezes ficam à mercê no dia a dia de trabalho, sendo a paixão pela área escolhida a principal motivação para fazer a cada momento o seu melhor e acreditar na transformação integral do ser humano para poder ter uma sociedade cada vez mais igualitária e tolerante a diversidades do país (ABED, 2014).

Com a ajuda de alguém especializado em cuidar da saúde mental, os professores e ajudantes da educação básica do país devem fazer o acompanhamento periódico, para que possam exercer as suas atribuições profissionais de maneira adequada.

METODOLOGIA

Este é um estudo de revisão bibliográfica, que parte do princípio que pesquisa é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002. p.17).

Desse modo, para realizar este estudo foram analisados documentos oficiais, artigos científicos e livros que apresentaram relação com o tema educacional frente à pandemia do Sars-Cov2. Por se tratar de um novo cenário mundial, os procedimentos de busca foram feitos pelas palavras-chave: coronavírus e educação. O critério de seleção dos textos foi com o que mais se adaptou ao tema e ao objetivo da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo nos propiciou fazer uma análise dos cenários da educação brasileira no contexto do COVID-19, as dificuldades do uso das novas tecnologias nas aulas de educação física escolar, assim como os cenários de desigualdades de acesso a elas em pleno século XXI e em meio a uma crise mundial.

Reforça-se que é possível, por meio das aulas regulares de educação física, explorar todas as dimensões que se exigem, como os domínios motor, afetivo-social e cognitivo dos alunos, e deve encontrar formas de contemplar o disposto na LDB (BRASIL, 1996), que é a formação integral do indivíduo, e, as finalidades previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino, através de um currículo que contemple estas demandas, utilizando das TICs para contribuir neste processo.

Se torna de suma importância a discussão dos referenciais teóricos que serão desenvolvidos em sala de aula e o planejamento das ações pedagógicas que serão passadas aos alunos com conteúdo estruturados que façam o uso dessas novas TICs.

Assim, diante da COVID-19, a educação física contribuiu para a mudança de visão da população em geral, contribuindo não só com a formação esportiva, mas de um modo que auxilie no desenvolvimento do conhecimento das demais abordagens e práticas, tornando o ser humano mais íntegro e vendo a importância de conhecer o seu corpo e cada vez mais de entendê-lo.

Diante do atual cenário, é imprescindível uma maior procura por pesquisas e estudos na área, podendo explicar os cenários e possibilidades de atuação dos docentes e responsáveis pela Educação Básica brasileira no pós pandemia do COVID-19. Com o avanço das informações e momentos diferentes em relação ao resto do mundo, no Brasil por muitos anos precisarão fazer uma comparação e estudos pré e pós pandemia, para que possa ser analisado os pontos positivos e negativos em relação à educação no país, possibilitando assim, uma adaptação e em muitos casos uma educação totalmente nova para atender a realidade dos alunos.

Referencias

ABED, A. L. Z. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** São Paulo. p.132. 2014.

ACSM. AMERICAM COLLEGE OS SPORTS MEDICINE. **ACSM's guidelines for exercise testing and prescription.** Ed. Wolters Kluwer, 2018.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de covid-19. **Em Rede: Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v.7, n.1, p.258-275, 14 maio 2020.

BIANCHI, P.; HATJE, M. A formação profissional em Educação Física permeada pelas tecnologias de informação e comunicação no centro de Educação Física e desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. **Pensar e Prática**, 2007.

BOTO. C. A educação e a escola em tempos de coronavírus. 2020. **Jornal da USP.** Disponível em: <http://jornal.usp.br/a-educacao-e-a-escola-em-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Brasília, 1988.

_____. Secretarias Estaduais de Saúde. Portal Coronavírus. Disponível em: <http://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus: o que você precisa saber.** 2020c. Disponível em: <http://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 23 maio 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei nº 9.394** – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

CHOI, J. *et al.* Correlates associates with participation in physical activity among adults: a systematic review of reviews and update. **BMC public health**, v.17, n.1, p.356-368, apr. 2017.

CRUZ, J. R.; ALBERTO FILHO, P. C.; HAKAMADA, E. M. Benefícios da endorfina através da atividade física no combate a depressão e ansiedade. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 18, nº 179, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONGALVEZ. P. S.; FURTADO, A. O. S.; GONGALVES, C. M. R. O uso das tecnologias da informação e comunicação nas aulas de educação física: um relato de experiência. **BIOMOTRIZ**. V.13, n.1, p.5-17. 2019.

GUEDES, D. P.; GASPAR, E. “Burnout” em uma amostra de profissionais de Educação Física brasileiros. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.30, n.4, p.999-1010, out./dez. 2016.

HODGES. C. *et al.* **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. March 27, 2020. Recuperado em: <http://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Obtido em: 22 de agosto de 2020.

LAYBOURN, S.; FRENZEL, A.; FENZEL, T. Teacher Procrastination, Emotions, and Stress: A Qualitative Study. **Frontiers in psychology**, v.10, p.2325, 2019.

MASLACH, C.; MAREK, T.; SCHAUFELI, W. B. **Professional Burnout: Recent developments in treory and research**. 1. Ed. Routledge, 2017.

RAIOL, R. Praticar exercícios físicos é fundamental para a saúde física e mental durante a Pandemia da COVID-19. **Brazilian Journal of health Review**, v.3, n.2, p.2804-2813, 2020.

RUFINO, B.; GUSTAVO, L. O trabalho docente na perspectiva de professores de educação física: análise de alguns fatores condicionantes e suas restrições para o desenvolvimento da prática pedagógica. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1257-1270, 2017.

SANTANA, D. P.; COSTA, C. R. B. Educação Física escolar na promoção da Saúde. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 01, Edição 01, Vol. 10, pp.171-185, nov. 2016.

UNESCO. **Coronavírus deixa mais de 776 milhões de alunos fora da escola, diz UNESCO**. 2020b. Disponível em: <http://nacoesunidas.org/coronavirus-deixa-mais-de-776-milhoes-de-alunos-fora-da-escola-dia-unesco>. Acesso em:22 maio 2020.

UNESCO. **Disrupção educacional e resposta COVID-19**. 2020a. Disponível em: <http://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 23 maio de 2020.

UNITED NATIONS, **Policy brief: COVID-19 and the need for actions on mental health**. U. Nations, 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global health risks: mortality and burden of disease attributable to selected major risks**. World Health Organizations, 2009.



ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Maffei, Willer Soares³⁰

SILVA, Wesley Raimundo Pereira³¹

Resumo

O presente estudo se propôs a investigar as consequências do ensino remoto para as aulas de Educação Física, segundo a perspectiva dos alunos. Por meio de um questionário aplicado a alunos dos anos finais do ensino fundamental de escolas de um município do interior paulista, buscou-se compreender como os alunos estão realizando as atividades propostas neste período, o meio e a condição de acesso aos conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física por Ensino Remoto. Após análise das informações coletadas percebeu-se que grande parte dos alunos não realiza todas as atividades propostas. Verificou-se também, disparidade no tipo de acesso a recursos tecnológicos, o que, acarretou dificuldades pedagógicas e insatisfação do aluno em relação as aulas de Educação Física por meios remotos. Sem desprezar o caráter emergencial que o cenário propôs, percebeu-se a existência de obstáculos para que o processo de ensino-aprendizagem por meio remoto seja de qualidade, igualitário e universalizado, sendo que, tais obstáculos podem e devem ser superados através de políticas públicas e esforços coletivos que venham a convergir com as necessidades básicas de acesso e educação no meio e com o meio.

Palavras-Chave: Educação Física; Ensino Remoto; Pandemia do Covid-19.

INTRODUÇÃO

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde foi notificada a respeito do crescente número de casos de pneumonia sem causa definida, na cidade de Wuhan, localizada na República Popular da China. Após a notificação, em poucas semanas foi identificado o agente transmissor. Se tratava de

³⁰ Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Professor Assistente Doutor – Departamento de Educação Física – willer.maffei@unesp.br

³¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Licenciado em Educação Física – wesley.rmnd@hotmail.com

uma variação do Coronavírus, que foi nomeado como Sars-CoV-2, vírus causador da Covid-19 que pode levar a síndrome respiratória aguda, hospitalização e a morte. No dia 12 de março, a OMS declara o surto como pandemia.

Diante do cenário, como medida de contenção do vírus, as escolas foram fechadas e as aulas foram ministradas a partir do uso de tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC), e o ensino passou a assumir o formato *remoto*. As instituições escolares da Educação Básica, os professores, famílias e alunos tiveram que se adaptar ao formato de ensino que utiliza estratégias do ensino a distância (EAD) e, nesse contexto de isolamento social, TDICs ganharam espaço na área de educação, sendo extremamente importante para continuação do ano letivo.

Por consequência, a Educação Física – componente curricular obrigatório da Educação Básica, que tem como tradição e principal característica a interação físico-corporal – também teve que se adaptar ao formato de ensino por meios digitais, o que, representa um grande desafio para a área.

Em função do contexto apresentado e da tradição experimentada pelo ensino escolar presencial e, em especial, das características presentes nas aulas de Educação Física, algumas indagações se tornam pertinentes e comuns: Qual o impacto do Ensino Remoto nas aulas de Educação Física? Como estão sendo realizadas as aulas de Educação Física durante o período de afastamento social? Como o aluno está realizando as aulas de Educação Física por meios remotos? O aluno tem a condição de acesso aos conteúdos ministrados?

Responder a tais questões não parece uma tarefa fácil, até porque, a educação e as condições sociais em que se encontra a população brasileira em idade escolar, bem como, o acesso a equipamentos de informática e o domínio das TDCI para as finalidades de ensino, se diferem em contextos particulares, não somente nas diversas localidades do país, mas também, nas diferentes realidades vivenciadas em uma mesma escola. Portanto, o objetivo desta produção é investigar as consequências do ensino remoto para as aulas de Educação Física, segundo a perspectiva dos alunos.

DESENVOLVIMENTO

Com objetivo de conter a pandemia no Brasil, no mês de março de 2020, foi publicada no Diário Oficial da União, a Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020,

alterada pela Portaria Nº 343, de 19 de março de 2020, que “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19” (BRASIL, 2020). Entre outras providências, o documento autoriza as instituições de ensino a substituir aulas presenciais em andamento, por aulas que utilizem de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Prevê ainda, a autonomia das instituições para escolha das ferramentas que permitam aos alunos o acompanhamento das aulas e a realização de avaliações durante o período que vigorar as aulas remotas.

Como nos outros estados da nação, para atender aos dispositivos legais, o governo do Estado de São Paulo criou o Plano São Paulo (plano estratégico para conter a pandemia), propondo que, durante as fases críticas da doença, o ensino seja realizado no formato remoto, com possibilidade do retorno gradual das aulas nas redes públicas e privadas de ensino, podendo atender até 35% de sua capacidade de alunos por dia. Com a pandemia COVID-19 a possibilidade do retorno gradual das aulas, motivou as redes de ensino a se adaptarem ao ensino híbrido, ou seja, parte das aulas com ensino presencial e parte a distância.

A nova organização do tempo e espaço escolar, fez com que os alunos tivessem que utilizar TDICs, vistas anteriormente como ferramentas de lazer e entretenimento, como *salas de aulas virtuais*, um desafio para quem sempre encarou a escola como obrigação e as tecnologias como libertação.

Ainda que essa nova situação tenha surpreendido a comunidade escolar, autores como Oliveira et. al (2021) entendem que uma das grandes apostas para o processo de ensino/aprendizagem no século XXI é o ensino híbrido.

Para Diniz et. al. (2018) o ensino híbrido aparece como uma potencialidade transformadora dos tempos e espaços educativos, não sendo possível pensar a educação atual sem a presença das TDICs, até porque, os jovens já teriam seu desenvolvimento cognitivo vinculado as TDICs, e isso reflete na forma como esses sujeitos aprendem e processam as informações. Consideram que o ensino híbrido possui as características necessárias para atender essa demanda, visto que, associam as interações pessoais do ensino presencial aos espaços virtuais.

Contudo, não se trata da utilização das Mídias/TDICs na escola, mas sim, sua utilização fora da escola, nos lares. Elas estão sendo utilizadas como meio para estabelecer a ligação entre a escola e o aluno, entre o professor e o aluno, entre a

escola e as famílias, entre ensino e aprendizagem. É um fato novo, é emergencial, não há outra forma de ministrar aulas neste momento.

Escolas, professores, famílias e principalmente os alunos estão enfrentando um grande desafio, tentando garantir a aprendizagem através de aparelhos tecnológicos que talvez nunca tenham sido utilizados da forma como estão sendo no período de pandemia.

Pensando nas limitações, possibilidades e dificuldades surgidas com essa forma emergencial de tratar a educação, entende-se a importância de ouvir a concepção do aluno a respeito da experiência com o ensino remoto, visto que, como assegura Charlot (2000), a aprendizagem escolar deve considerar a experiência do aluno, sua interpretação do mundo e a atividade. Também nesse sentido, Betti e Ushinohama (2014), afirmam que é imprescindível *ouvir* as percepções que os alunos têm em relação à escola, para que se possa levantar os problemas didático-pedagógico da disciplina.

Portanto, o exercício da escuta pode auxiliar na compreensão do ponto de vista do aluno a respeito do ensino remoto na aula de Educação Física.

TEORIA DA RELAÇÃO COM O SABER: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Charlot (2000) propõe a teoria da *Relação com o saber* para investigar as relações que os alunos estabelecem com os saberes propostos pela escola, na tentativa de compreender as situações de *estado de fracasso escolar*. Segundo o autor, a compreensão dos motivos que levam o aluno ao insucesso é condição para a aprendizagem, uma vez que, ela está condicionada ao desejo do conhecimento impulsionar o aluno para alimentar o processo, mobilizando-o para a atividade. Por esse motivo, segundo o autor, no processo de aprendizagem a atividade tem que ter significado, desejo, sentido e valor para o aluno.

A esse respeito, BETTI et. al. (2015) asseguram que somente é possível a aprendizagem quando se toma como referência as expectativas, a concepção de vida, as relações com os outros, a imagem de si mesmo e dos outros. Aprender significa, portanto, exercer uma atividade em uma situação e momento particular da história de vida do aluno e com ajuda de alguém. Ela ocorre por meio de sua percepção, imaginação, pensamento e interesse, ou seja, o conceito de relação com o saber está

profundamente ligado ao de interesse, visto que, todo sujeito se interessa por alguma coisa.

Buscando associar as ideias dos autores ao momento de pandemia do COVID 19, novos desafios se apresentam ao aluno em situação de aprendizagem, uma vez que, se trata da aprendizagem em um momento particular de sua história de vida e em um local diferente. Desafios no sentido de repensar o local de aprendizagem, antes a escola e nessa nova condição, em sua casa ou em outro local adaptado. Desafio de enfrentar uma nova forma de lidar e interagir com o conhecimento, antes de forma presencial e durante a pandemia no formato remoto. Ou seja, o desafio está relacionado a construção de sentido/significado, a busca de interesse e desejo de aprender em um formato diferente daquele *convencional* utilizado na escola.

Em sua teoria, Bernard Charlot (2000), apresenta três importantes conceitos, *mobilização, atividade e sentido*. Mobilização é o movimento interior do indivíduo; atividade, está relacionada a aprendizagem, pois se relaciona ao conjunto de ações voltadas a uma meta; e sentido, que é produzido pelo sujeito por meio das relações que ele estabelece com o mundo e com o outro, é algo significativo e de valor a quem aprende.

A atividade em si possibilita que o sujeito se relacione com o mundo, sendo que, aprender é interiorizar algo externo a ele, enquanto o ensinar é a ação que propicia um *movimento interior* no sujeito, ou seja, o sujeito precisa mobilizar-se, pôr-se em movimento para aprender algo.

Porém, não é possível ao sujeito se apropriar de tudo, e por isso ele é seletivo em relação aos saberes, ou seja, um sujeito se mobiliza para aquilo que ele tem interesse, que lhe desperta o *sentido*, pois o *sentido* é como fonte para a *mobilização* do sujeito que aprende.

Para Venâncio (2014), os sujeitos aprendentes encontram sentido no modo como aprendem, quando têm prazer, entretanto, atenta para o fato de que a qualidade das relações estabelecidas com a experiência é determinante para a construção de sentido. Entretanto, com a pandemia e a utilização do ensino híbrido, novas experiências foram propostas para os alunos, que tiveram que encontrar novos sentidos para o modo como aprendem, visto que, tanto o lugar como o formato

causaram modificações na forma como os alunos se relacionam com os saberes tratados nas aulas.

Em síntese, a construção de sentido tem relação direta com as *experimentações* (atividades) a que o aluno se submete. São elas que possibilitam que o sujeito se mobilize ou não para a ação e, conseqüentemente construa sentidos em função dos saberes relacionados.

Partindo dessas aproximações, em consonância com o momento vivido por jovens em idade escolar e, preocupado com as conseqüências das aulas remotas para o ensino da Educação Física na escola, segundo a perspectiva do aluno, propôs-se um questionário para levantamento da percepção dos alunos sobre as condições de utilização e relação com a aprendizagem por meio remoto no contexto da pandemia do Coronavírus.

DADOS CONTEXTUAIS E METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo descritivo que utilizou como instrumento para levantamento de informações um questionário respondido por 67 alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, de quatro escolas públicas estaduais de um município do interior paulista. Para composição do grupo de colaboradores, o município foi dividido por região geográfica (Norte, Sul, Leste e Oeste) e as escolas foram escolhidas por conveniência, sendo uma de cada região.

Composto por 05 questões fechadas e 05 questões abertas, o questionário elaborado pelos próprios pesquisadores objetivou levantar dados referentes às conseqüências do ensino remoto para as aulas de Educação Física, segundo a perspectiva dos alunos, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 1 Questionário utilizado para levantamento de informações

Questionário
1 - Série/ano:
2 - Qual o tipo de equipamento você está utilizando para acessar as aulas de Educação Física? Tablet () Notebook () Smartphone () Computador () Outro ()
3 - Durante a pandemia, as suas atividades da disciplina de Educação Física foram realizadas por você: De forma integral () De forma parcial () Não foram realizadas ()
4 - Você teve dificuldade de ACESSAR as atividades de Educação Física durante a pandemia? Sim () Não ()

4 a - Se sim, qual foi a sua dificuldade?

5 - Você teve dificuldade para REALIZAR as atividades de Educação Física?

Sim () Não ()

5 a - Se sim, qual foi a dificuldade?

6 - A sua escola disponibilizou alguma ajuda para facilitar o acesso aos conteúdos das aulas?

Sim () Não ()

6 a - Se a resposta for sim, escreva a seguir que tipo de ajuda a escola forneceu:

7 - Até o momento, como você avalia as aulas de educação física realizadas por meio digital (formato remoto)?

Fonte: Próprio autor

As informações coletadas por meio das questões fechadas foram organizadas a partir de três fases: “seleção, codificação e tabulação” (MARCONI e LAKATOS, 2003. p. 166.). No tratamento das questões abertas foi utilizada análise de conteúdo, composta por Pré-análise (organização), exploração do material (codificação) e tratamento dos resultados obtidos, seguidos pela inferência e interpretação dos dados (BARDIN, 2011). Para preservar a identidade dos participantes, os mesmos estão enumerados e, quando citados, se utilizará a vogal “A” precedida pelo respectivo número do participante.

Para coletar as informações, encaminhou-se o link do questionário em formulário *Google Docs* aos participantes, sendo que, o acesso aos alunos se deu por meio dos docentes da Disciplina de Educação Física das escolas participantes, após contato telefônico com eles. O questionário ficou disponível para preenchimento durante quinze dias. Nas primeiras páginas do documento foram encaminhados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru, conforme Parecer N° 1353569 e atendeu aos preceitos éticos requeridos às pesquisas com seres humanos. Antes de responder a pesquisa os alunos assinalaram a intenção de participar da pesquisa (termos de assentimento) e o responsável o termo de consentimento, ambos por meio do formulário eletrônico.

RESULTADOS

QUESTÕES FECHADAS

O acesso ao formulário foi enviado a mais de 600 alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, porém, apenas 67 responderam o formulário, 7 alunos do 6º ano (10,4%); 14 alunos do 7º ano (20,8%); 16 alunos do 8º ano (23,8%); 17 alunos do 9º ano (25,3%) e 13 alunos (19,4%) não identificaram o ano em curso.

Como esse estudo tem como tema a percepção do aluno em relação a aula de Educação Física realizada por meio das TDICs, a primeira preocupação levantada se relaciona à forma com que o aluno teve contato com a aula, ou seja, qual equipamento tecnológico ele utilizou para acompanhar as aulas no formato remoto. Em resposta a essa indagação, 44 alunos (66%) assinalaram o Smartphone como equipamento mais utilizado. O Computador foi indicado por 10 alunos (15%), o Notebook 9 alunos (13%) e o Tablet 4 alunos (6%).

Apesar de que, o Smartphone talvez não seja o meio mais indicado para a realização das tarefas escolares, em função das dificuldades que possam surgir na sua utilização em aula, seja na leitura de textos ou para a realização de atividades escolares, 38 (57%) alunos responderam realizar as atividades de forma integral por esse meio, enquanto, 23 (34%) realizam as atividades de forma parcial, 4 (6%) não às realizam e 2 (2,9%) não responderam.

Mesmo que a posse de equipamentos Smartphone esteja acessível a boa parte da população brasileira, ainda existem fatores relacionados à lógica interna e externa³² que dificultam o acesso ou a realização das atividades propostas por meios remotos.

A respeito das dificuldades encontradas nas aulas de Educação Física realizadas por meios remotos, 55 alunos (82,1%) alegaram não ter dificuldades para acessar as atividades, enquanto, 58 alunos (86,5%) alegaram não ter dificuldades para realizar as atividades propostas, ainda que, parcialmente.

³² Os termos lógica interna e externa que interferem na utilização dos Smartphones foi utilizado aqui como referência à forma de acesso à tecnologia, sendo que, a lógica interna está relacionada ao domínio ou aos próprios componentes internos do Smartphone, enquanto a lógica externa estaria relacionada ao contexto em que o Smartphone se insere (contexto social; acesso a rede de internet; tempo para e de utilização; divisão com outras pessoas da casa, entre outras).

Mesmo que 12 alunos (17,9%) tenham apresentado algum tipo de dificuldade para acessar as aulas, os dados mostram que 27 alunos (40%) não realizam todas as atividades de forma integral ou parcial, ou seja, o acesso não foi o motivo principal para a não realização das atividades.

Sobre o auxílio fornecido pela escola para facilitar o acesso ao conteúdo das aulas, 45 (67%) alunos responderam ter recebido algum tipo de auxílio da escola, enquanto, quase um terço 22 (33%) indicaram a falta de auxílio da escola. Dos alunos que receberam auxílio, para 22 alunos (33%), a escola forneceu auxílio por meio das tecnologias de informação e comunicação; para 15 alunos (22%), a escola forneceu material físico como livros, apostilas, xerox, etc.; enquanto, 8 alunos (12%), receberam chip de acesso à internet; indicaram não ter recebido auxílio da escola 22 alunos (33%).

QUESTÕES ABERTAS

Nos quadros apresentados a seguir, estão elencadas palavras contidas nas falas dos alunos. Conforme propõe Bardin (2011), a partir da leitura flutuante, foram assinaladas palavras-chave que atendiam ao objetivo da pesquisa. Essas palavras foram agrupadas por critério semântico e agrupadas por unidade de registro, para em seguida serem reagrupadas em categorias temáticas.

A organização das Palavras-chave em Unidade de Registro possibilitou a organização de três Categorias Temáticas finais: Dificuldades Técnicas; Dificuldades Pedagógicas; Percepção sobre as aulas de Educação Física.

Na categoria temática “Dificuldades técnicas” foram incluídos todos os registros sobre dificuldades técnicas de acesso ou realização das aulas de educação física por meios remotos: Ausência de TDICs; Domínio das TDICs; Problemas de acesso à internet e plataformas utilizadas para as aulas.

Quadro 2 – Dificuldades técnicas

UNIDADE DE REGISTRO	PALAVRAS-CHAVE
Domínio das TDICs	eu não sei mandar para o notebook fotos e vídeos do celular; É difícil filmar as coisas; Eu não estava acostumada a usar tablet; no celular é muito ruim de escrever; É complicado fazer; tem gente com bastante dificuldade;
Ausência de TICS	eu não tenho computador; eu uso o celular da minha tia, emprestado; Eu não tenho computador e celular; Ganhei o tablet da patroa da minha mãe;

Problemas de acesso a internet e a plataforma de aula	eu não encontrava as atividades; fico um pouco perdida; de entregar as atividades; o “Google Sala de Aula” não me permitia realizar as atividades e nem enviar arquivos; De acessar a Centro de Mídias; O aplicativo é muito mal otimizado; a internet trava;
---	---

Fonte: Próprio autor

Na segunda categoria “Dificuldades pedagógicas” foram incluídos os registros sobre dificuldades pedagógicas durante as aulas de educação física por ensino remoto: Compreensão ou Realização das Atividades e Adversidades domésticas.

Quadro 3 – Dificuldades pedagógicas

UNIDADE DE REGISTRO	PALAVRAS-CHAVE
Compreensão ou realização das atividades	eu não entendia; Eu não sabia fazer; fazer danças); fazer as atividades; não temos tantos objetos para realiza-los; não tem o professor do lado; eu não sabia mexer nas coisas da aula; Foi escrever as respostas porque eu sou muito devagar; mais difícil de estudar porque parece ter muito mais atividades; está sendo um pouco difícil porque chega uma atividade enquanto estou fazendo outra; Prefiro as aulas normais;
Adversidades domésticas	cuidar dos meus irmãos; Tenho 2 irmãos e fica difícil dividir e eles fazem muito barulho; em casa tem muitas distrações;

Fonte: próprio autor

Na terceira e última categoria “Percepção sobre as aulas de Educação Física” foram incluídos registros sobre a percepção dos alunos a respeito das aulas de educação física durante o ensino remoto: Sentidos atribuídos às aulas por meio do ensino remoto; Dificuldade e facilidades das aulas de Educação Física por meio do ensino remoto.

Quadro 4 – Percepções dos alunos sobre as aulas de Educação Física por meio remoto

UNIDADE DE REGISTRO	PALAVRAS-CHAVE
Sentidos atribuídos às aulas de Educação Física por meio do ensino remoto	Não é tão legal; Não é uma experiência muito boa, mas também não é ruim; Dá muito trabalho; uma droga; Fraco; Bom; Boa; Gosto das aulas; acho que tive que me acostumar e estudar da forma possível; muito boas; Muito boas e bem explicadas; As aulas são ótimas; Prefiro na escola; mas eu preferia que fosse presencial; prefiro que as aulas voltem, não gosto de estudar em casa; É chato, eu gosto de jogar bola; Eu acho legal, mas prefiro aula presencial; É ruim aula on-line; Eu não gosto de ter aula remota; não gosto de aula no computador;
Dificuldade e facilidades das aulas de Educação Física por meio do ensino remoto	Difícil; Complicadas; Dá muito trabalho; Nenhuma, porque Educação Física é um pouquinho fácil; Fácil; Foi bem simples; não foi difícil de fazer;

Fonte: próprio autor

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ainda que o formulário tenha sido encaminhado para mais de seiscentos alunos das quatro escolas participantes do estudo, apenas 67 alunos responderam o formulário. A baixa taxa de resposta nesse tipo de pesquisa não causa surpresa, visto que, a taxa de resposta de pesquisa realizada no formato online é baixa (BABBIE, 2005; MALHOTRA, 2006; CALLEGARO ET AL., 2015, apud TORINI, 2016). Portanto, o retorno do questionário online se difere muito do realizado pessoalmente ou por telefone e as respostas podem chegar a “[...] um percentual que varia de 10% a 30% dos potenciais respondentes (TORINI, 2016, p.66).

Mesmo que a maioria dos alunos se mobilize para a realização de todas as atividades propostas para a aula de Educação Física, é notável que aproximadamente metade dos alunos nem sempre a realiza por diferentes motivos.

É aparente que o ensino híbrido propiciou aos alunos uma nova forma de se relacionar com o saber. As dificuldades apresentadas pelos alunos na utilização de tecnologias, a não realização das atividades e a falta de auxílio da escola para sanar problemas com o ensino híbrido, são indicadores de que muitos alunos não se mobilizaram para ação. Se a construção de sentido se efetiva a partir da atividade, é possível inferir que muito do que foi proposto ao aluno não promoveu sentido para ele, uma vez que, 40% dos alunos não realizaram todas as atividades de forma integral ou parcial.

A seguir, são apresentados alguns motivos que levam os alunos a não se mobilizarem para a realização das atividades propostas para a aula de Educação Física no formato remoto.

DIFICULDADES TÉCNICAS

Mesmo que o uso de aparelhos de tecnologia, em especial os smartphones, esteja acessível a grande maioria da população brasileira, identificou-se no decorrer do estudo a falta de domínio das TDICs, conforme relatado por alguns colaboradores:

Como eu não posso usar o celular, eu teria de mandar fotos e vídeos pelo notebook sendo que eu não sei mandar para o notebook fotos e vídeos do celular (já tentei) (A45)

Eu não estava acostumada a usar tablet e demorei para me acostumar. Eu perdi as primeiras aulas (A63)

É difícil filmar as coisas, mas minha irmã me ajuda (A62)

Entretanto, alguns alunos como (A64) e (A59) relataram que há dificuldades com os celulares também.

É complicado fazer tudo no celular, mas eu consigo. Tem gente da minha turma que tem bastante dificuldade (A59)
A escola deu chip de celular, mas no celular é muito ruim de escrever(A64)

Percebe-se que as dificuldades de domínio das TDICs não são específicas de um aparelho, mas sim, nos diferentes aparelhos utilizados para acessar as aulas no formato remoto.

Além do domínio do aparelho, também foram relatadas dificuldades no acesso ao conteúdo nas plataformas digitais.

Algumas vezes eu não encontrava as atividades para fazer então tinha que entrar depois do prazo (A16)
Às vezes fico um pouco perdida para procurar, mas agora melhor em relação a isso (A32)
De entregar as atividades, mas já estou indo atrás (A32)
Ao tentar acessar pelo celular, o “Google Sala de Aula” não me permitia realizar as atividades e nem enviar arquivos (A45)
De acessar a Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) (A34)
O aplicativo é muito mal otimizado, já entreguei duas atividades e que não foram entregues por causa do app (A39)

Os relatos sugerem que os colaboradores tiveram certa dificuldade de utilização, seja da plataforma, programa ou aplicativo utilizado nas aulas, inclusive deixaram de realizar atividades em razão da fragilidade no manuseio dessas tecnologias.

Em razão dos comentários, entende-se a necessidade de se levar em consideração o contexto. A urgência propiciada pela situação de afastamento social, pouco contribuiu para que os docentes e discentes se apropriassem das ferramentas tecnológicas para utilização em aula, o que, em muitos casos foi um dificultador para o processo de ensino/aprendizagem.

Segundo Ponte (2000 apud Leite e Ribeiro, 2012) para que seja aproveitado todo o potencial de melhora no processo de ensino-aprendizagem que a inserção das TDICs proporciona à educação, é necessário um processo de apropriação para a utilização dessas tecnologias, esse processo “envolve claramente duas facetas que seria um erro confundir: a tecnológica e a pedagógica” (p. 175). Portanto, a apropriação e utilização TDICs na educação como um todo e na Educação Física em especial pressupõe um processo de formação no meio e para o meio, ou seja, perceber as possibilidades que o meio oferece para utilização, mas também, a compreensão a respeito do como utilizar tais ferramentas na aula, processos que requerem, portanto, tempo e condição de acesso, sem os quais, o processo de apropriação se torna fragilizado.

Por outro lado, ainda que apropriar-se do uso das tecnologias seja fundamental ao processo de ensino/aprendizagem, a exclusão digital é um fator a ser considerado quando se propõe utilizar as TDICs como meio para educar. A esse respeito, Leite e Ribeiro (2012), asseguram que a taxa de exclusão digital, influenciada pela forma como as TDICs são incorporadas pela educação, é muito grande no Brasil. Segundo os autores, a educação no Brasil “sofre sérios problemas relacionados à inserção e utilização das TICs. Ainda existe uma série de deficiências que precisam ser superadas para se conseguir alcançar os resultados esperados” (LEITE e RIBEIRO, 2012, p. 175.).

Com relação ao apoio recebido da escola, ainda que a escola tenha auxiliado os alunos com materiais físicos (materiais didáticos, livros, apostilas), Chip para acesso à internet, manual de acesso ao CMSP e canais de TV que transmitem as aulas, criando alternativas interessantes para disponibilizar meios para alcançar os alunos, independente da condição de acesso à internet, os problemas de *educação no meio e com o meio* permaneceram, o aluno teve que buscar outra forma de minimizar a ausência de TDICs, ou ainda, não entregar as atividades propostas.

Não se trata de uma crítica relativa ao tipo de auxílio, até porque, o momento exige austeridade, mas de certa forma, mostra como a escola está fragilizada frente as dificuldades tecnológicas e pedagógicas surgidas ao se adotar o ensino remoto como meio e fim da aprendizagem no atual cenário.

Ainda assim, Charlot (2000); Venâncio (2014) assinalam que a qualidade das experiências são fundamentais para a mobilização do sujeito para a atividade e, conseqüentemente, para a construção de sentido. Entretanto, o formato oferecido pelo ensino híbrido e os problemas de ordem técnica relacionados à sua utilização para muitos alunos foram problemas que os impediram de se mobilizar para a ação e se relacionar com o saber.

DIFICULDADES PEDAGÓGICAS

As adversidades domésticas ou problemas encontrados por alunos nos seus lares no período das aulas, foram citados como fatores que acarretam problemas pedagógicos, visto que, são situações que dificultam o aluno a se concentrar, compreender e realizar as atividades.

*Tenho que cuidar dos meus irmãos e nem sempre consigo gravar os vídeos (A68);
Tenho 2 irmãos e fica difícil dividir e eles fazem muito barulho (A68);*

Está um pouco difícil de entender porque em casa tem muitas distrações, mas até que está legal (A33);

As responsabilidades e distrações fazem com que a compreensão e a realização das atividades encontrem obstáculos não recorrentes na aula presencial, dificultando a vida escolar do aluno.

As dificuldades pedagógicas apresentadas à educação no formato remoto são diversas e, para o professor de Educação Física, o desafio parece ser ainda maior. Professores e alunos têm – e não deveria ser diferente – a quadra como sua sala de aula e, mesmo que não haja quadra, uma característica da Educação Física é a utilização de espaços e objetos além da sala de aula, que possibilitam ao aluno vivenciar e se apropriar do conteúdo.

A apropriação do conteúdo da Educação Física e, conseqüentemente, a realização das atividades por meios remotos são dificultadas por diversos fatores pedagógicos, como a compreensão das atividades, forma, condições físicas e materiais para realizar as atividades.

*Em algumas atividades que eu não entendia (A11);
Eu não sabia fazer direito (A18);
Não estava conseguindo fazer as atividades (A40);
Até agora estou gostando muito, porém está um pouco mais difícil de estudar porque parecem ser muitas mais atividades (A16);
Bom...eu estou acostumada a ir a aula normal, mas está sendo um pouco difícil porque chega uma atividade enquanto estou fazendo outra. Prefiro as aulas normais (A35);
Senti dificuldades para realizar as aulas por não ter os objetos para cumprir as atividades (A32).
Foi em fazer danças (A38);*

Em linhas gerais, os colaboradores relatam mudanças no formato de realizar a aula, o que, promove falta de clareza sobre como devem ser realizadas as atividades e excesso de atividades propostas. As falas demonstram a percepção a respeito da mudança no perfil da disciplina.

A especificidade pedagógica da Educação Física, pressupõe que, na escola ela lide com *um saber fazer e um saber sobre o saber fazer*, entendido como *movimento-pensamento* (BRACHT, 1996). Associado aos conhecimentos relativos à cultura constituída sobre o corpo, o componente curricular não trata de um conteúdo estático, mas sim, constituído na dinâmica cultural. Nesse sentido, o trato didático da Educação Física pressupõe o que Betti e Zuliani (2002) entendem como uma ação pedagógica com a Educação Física. Em ambas as situações a experiência corporal antecede ou precede uma análise (lógica interna) ou reflexão (lógica externa) sobre a ação, realizadas coletivamente.

Partindo das considerações apresentadas por autores como Bracht, Betti e Zuniani, o *saber* proposto para a aula de Educação Física no formato remoto parece restrito, uma vez que, nas variadas situações de aula remota são propostas experiências individualizadas permitidas pelo formato, tempo e contexto da pandemia (BETTI, 2017). Ação restrita também, porque a Educação Física lida com emoções, desejos e sentimentos. Lida com a indissociação entre o sentir-pensar-agir (BETTI, 2017). Trata-se de uma característica particular ao componente curricular, e que, o formato remoto dificulta a sua realização, por não proporcionar o contato concreto com a experiência, levando o aluno apenas a uma abstração do real, e a dificuldade de construir sentido na e sobre-a-ação.

Por outro lado, a fala dos participantes são portadoras de diferentes concepções, que se pautam na forma como o sujeito se relaciona com o saber. A esse respeito, Betti e Ushinohama (2014, p.11) afirmam que “O sujeito do saber busca, por sua própria ação/mobilização, argumentar, verificar, experimentar, demonstrar, provar e validar um saber” e por isso, as experiências propiciaram diferentes sentidos aos sujeitos.

A *busca*, conforme citada pelos autores tem o sentido de engajamento proposto por Charlot (2000, p.54) “Não há saber senão para um sujeito engajado em uma certa relação com saber”. O termo engajamento citado pelo autor se refere à forma como o sujeito se mobiliza para a ação, ou seja, pela fala dos alunos pode-se inferir que a proposta de experiência direcionada a todos os alunos (atividade) foi a mesma, entretanto, os meios para que os alunos se mobilizassem para a atividade não, o que, pressupõe a construção de diferentes sentidos e formas de se relacionar com o saber.

Percepções sobre as aulas remotas de Educação Física

As percepções gerais dos alunos em relação à Educação Física por meios remotos apresentam um grau de satisfação variado, por exemplo, “As aulas são ótimas” (A46); “Gosto das aulas” (A27); “Muito boas e bem explicadas” (A43), por outro lado, “Uma droga” (A66); “Fraco” (A67).

Por outro lado, os colaboradores destacam preferência pelas aulas presenciais, conforme mostram os relatos.

Prefiro na escola (A12);

Eu achei bom, mas eu preferia que fosse presencial (A15);

Bem... prefiro que as aulas voltem, não gosto de estudar em casa (A54);

É chato, eu gosto de jogar bola, mas o professor conversa bastante com a gente (A57);

Eu acho legal, mas prefiro aula presencial (A25);

Os relatos apresentados pelos colaboradores assinalam a preferência por atividades realizadas na escola. Além desses, outras palavras-chave trazidas no Quadro 4 também destacam o sentimento de negatividade em relação ao ensino remoto nas aulas de Educação Física “Não é tão legal”; “Não é uma experiência muito boa”; “fraco”; “Prefiro na escola”; “preferia que fosse presencial”; “É ruim”; “não gosto de aula no computador”; “não gosto de ter aula remota”; “É chato Complicadas”. É importante acrescentar ao sentimento de negatividade dos alunos que 40% dos colaboradores alegaram não fazer ou não fazer sempre as atividades propostas.

Em relação aos dados apontados é importante salientar que, conforme indica Charlot (2000), a aprendizagem escolar somente ocorrerá se o desejo do aluno pelo conhecimento o mobilizar para a atividade, ou seja, a atividade tem que ter significado, desejo, sentido e valor para ele. Em função disso, pode-se inferir que, o formato proposto para as aulas de Educação Física durante a pandemia não tem motivado muitos alunos para a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que os dados de forma isolados não possam responder às diferentes realidades vividas no contexto de ensino remoto o presente estudo constatou que os alunos participantes estão com diversos tipos de problemas de acesso e realização das atividades. Entre eles destacam-se o auxílio promovido pelas instituições escolares, falta de acesso à recursos tecnológicos que possibilite a universalização do processo de ensino-aprendizagem da Educação Física por meios remotos; falta de domínio das TDICs e de acesso e domínio das plataformas de aulas. São fatores desencadeadores de problemas pedagógicos que impedem os alunos de se relacionarem com os saberes e se mobilizarem para as atividades.

Tal contexto promove experiências restritas na Educação Física e a dissociação entre o sentir-pensar-agir, não mobilizando boa parte dos alunos para as atividades propostas, deixando as aulas sem sentido e valor para o aluno. Diante disso, somos provocados a refletir com Moran (2015, p.13), quando ele nos convida a “encontrar na educação novos caminhos de integração do humano e do tecnológico; do racional, sensorial, emocional e do ético; de integração do presencial e do virtual; da escola, do trabalho e da vida”.

Referências

ALVES, É. C. R. et al. Análise da percepção dos alunos do cepi dom veloso frente a aprendizagem remota em tempos da pandemia COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 1578-1598, jan. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BETTI, M. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Educação Física do Ensino Fundamental. "Ruim com Ela, Pior Sem Ela". **Blog do Cev. Bauru, São Paulo**, v. 1, n. 05, 2017.

BETTI, M. et al. Os saberes da Educação Física na perspectiva de alunos do Ensino Fundamental: o que aprendem e o que gostariam de aprender. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, v. 1, n. 1, p. 155-165, 2015.

BETTI, M.; USHINOHAMA, T. Z. Os saberes da Educação Física nas perspectivas dos alunos: panorama da literatura e uma proposta de investigação a partir da 'teoria da relação com o saber'. **Pulsar**, v. 6, n. 4, p. 1-18, 2014.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, 2002.

BRACHT, Valter. Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 23-28, 1996.

BRASIL. MEC. **Portaria nº 343, de 19 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19.

CETIC.br. Centro Regional de Estudos de Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **Pesquisa TIC Domicílios 2018**.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artimed, 2000.

DINIZ, I. J. D. *et al.* Ensino Híbrido Na Educação Brasileira: Uma Revisão Bibliográfica. **Personalização e tecnologia na educação**, Anais do III Congresso sobre Tecnologias na Educação, p. 431-437, 2018.

LEITE, W. S. S.; RIBEIRO, C. A. do N.. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Revista Internacional de Investigación em Educación**, Bogotá, v. 5, n. 10, p. 173-187, dez. 2012

LESSA, H. T. Aulas de dança em tempos de pandemia:(oscil) ações de uma professora-artista. **Incomum Revista**, v. 1, n. 2, p. 1-18, dez. 2020

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (Orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa, PR: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015, p.15-33.

OLIVEIRA, M. B.; SILVA, L. C. T.; CANAZARO, J. V.; CARVALHIDO, M. L. L.; SOUZA, R. R. C. D.; NETO, J. B.; RANGEL, D. P.; PELEGRINI, J. F. de M. O ensino híbrido no Brasil após pandemia do covid-19. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 918–932, 2021.

RIBEIRO, S. D. As tecnologias: do software livre às experiências com a Educação Física e Mídia. **Motrivivência**, n. 34, p. 87-105, 2010.

TORINI, D. Questionários on-line. **ABDAL, Alexandre; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas**, p. 52-75, 2016.

VENÂNCIO, L. O que nós sabemos? Da relação com o saber na e com a educação física em um processo educacional-escolar. 2014. 294 f. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014

9

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROFESSOR DURANTE A QUARENTENAGiovanni de Almeida Andreotti³³**Resumo**

A experiência relatada neste capítulo é a de um professor de Educação Física de Educação Fundamental, que durante a pandemia, saiu de uma realidade de escola em região central de uma cidade de tamanho médio (Itatiba – SP) e foi transferido para uma escola de zona rural desse mesmo município, conhecendo e aprendendo a ensinar alunos de realidades de vida distintas. Embora essa mudança de contexto apresentasse os naturais desafios à prática didática, percebeu-se que em ambas as localidades, essas realidades convergiam na mesma necessidade de adaptação ao novo, na motivação para continuar estudando, aprendendo nas dificuldades do ensino a distância devido à nova realidade que se impôs: o distanciamento social em decorrência da pandemia do SarsCov2. Ao longo do capítulo, será detalhado como foi realizada essa transição e como a escola e a secretaria de educação do referido município se organizaram para conseguir atingir de forma satisfatória o engajamento dos alunos às novas práticas ao longo da quarentena. Será também abordado o trabalho realizado para reforçar e manter o vínculo com os estudantes durante esse período, auxiliando e os ajudando, tanto na questão do aprendizado quanto no aspecto emocional. As reflexões deste relato têm como base os estudos dos professores (2004), Doug Lemov (2011) e Joaquim Martins Junior (2014) que, com seus escritos, contribuem grandemente para a melhoria da prática pedagógica.

Palavras-Chave: Educação Física; Ensino Remoto; Pandemia do Covid-19.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como objetivo demonstrar as dificuldades enfrentadas por um professor em escolas de realidades diferentes no contexto da pandemia que teve início em 2020, evidenciando a importância de se conhecer e considerar as necessidades de cada aluno e sua comunidade para

³³ ³³ Especialista em Iniciação e treinamento em Lutas pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Especialista em Educação Física Adaptada pelo Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB); Graduado em Educação Física (Bacharelado/Licenciatura) pela Universidade Paulista (UNIP); Graduado em Pedagogia pelo Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB)

o planejamento das práticas didáticas, e também compreender que a escola pode funcionar como um refúgio para os alunos, contribuindo para sua saúde mental em momentos delicados como esse. Por fim, destacar que a comunidade escolar deve estar unida para dar prosseguimento à educação dos alunos e que o professor deve estar preparado para um trabalho ainda mais árduo no enfrentamento de realidades imprevistas.

Ao longo deste texto, relatarei minha experiência como professor e como tenho lidado com os impedimentos impostos pelo distanciamento social durante a regência das aulas de Educação Física. Além disso, apresentarei as particularidades da transição de uma escola localizada em área urbana para outra em área rural e as dificuldades impostas por ela, tais como falta de acesso dos alunos à internet em suas residências.

O INÍCIO DA PANDEMIA E DA QUARENTENA

Quando a pandemia começou, em questão de dias, tivemos que nos reinventar e criar cenários possíveis para dar continuidade ao trabalho iniciado em ambiente escolar, porém, com alunos e professores em casa. O desafio era recriar espaços leves, saudáveis e divertidos que viabilizassem boas práticas de saúde.

Sou professor há pouco mais de dois anos na rede pública municipal de Itatiba, cidade localizada no interior de São Paulo. Em fevereiro de 2020, lecionava em uma escola central da cidade, onde boa parte dos alunos possuía recursos e condições para acessar a internet, o que diminuía as dificuldades para a realização das atividades a distância. Com o início da pandemia da Covid-19 e subsequente quarentena no final de março daquele ano, foi antecipado o recesso escolar para alunos e professores em toda a rede. E em abril iniciaram-se os teletrabalhos para todos os professores e as aulas remotas para os alunos.

Sendo professor de Educação Física escolar, logo me encontrei em meio à problemática de como transferir todas as atividades que fazíamos na escola regularmente para o ambiente virtual, considerando-se a possibilidade de algum aluno se machucar durante essa aula ou haver outro problema que a distância me impedisse de ajudá-lo. Outras questões precisavam ser consideradas: todos os alunos possuíam

acesso à internet? Conseguiria dar conta de atender e monitorar o aprendizado de todos os alunos?

Encerrado o recesso escolar e iniciados os teletrabalhos, a rede municipal se organizou para trabalhar com blocos de atividades, contemplando os conteúdos de cada um dos bimestres (ITATIBA, 2020). Ao todo, durante o ano, foram oito blocos de conteúdos de todas as matérias, atingindo todas as fases de ensino (Fundamental I e II EJA e Classes Especiais). Como era tudo novidade, os três primeiros blocos foram impressos para os alunos, estipulando-se uma data limite para serem entregues e retiradas as atividades. A partir do quarto bloco, foi introduzida uma plataforma digital para ensino remoto chamada “Aulapp” desenvolvida pela empresa “Inovação, Educação e Soluções Tecnológicas” - IES2, na qual os mesmos conteúdos trabalhados nos blocos impressos passaram a ser disponibilizados digitalmente apenas para alunos do Fundamental II.

Então a secretaria de educação do município, com a assistência de professores da rede, especialistas em cada disciplina, desenvolvia e disponibilizava as atividades a serem trabalhadas e os demais professores faziam vídeos explicativos para os alunos e marcavam encontros virtuais para correções e explicações, via plataformas digitais Google Meet e Zoom.

No caso dos alunos do Fundamental I, foi feito um contrato com a emissora de TV local para realizar um trabalho de aulas televisionadas para os alunos. Na grade programada, em cada dia da semana era atendido um ano de ensino, tendo aulas do 1° ao 5° ano. Juntamente a esse trabalho, foram disponibilizadas a todos os alunos folhas dos blocos de atividades elaboradas pela escola para que eles realizassem as tarefas com os professores durante as aulas na TV.

Tive o privilégio de ser convidado, entre outros professores da rede, a dar algumas dessas aulas televisionadas de Educação Física. Foi um novo desafio para mim, pois as atividades a serem passadas precisavam ser muito bem elaboradas para que não colocassem em risco a segurança dos alunos, ocasionando neles possíveis problemas de lesões físicas, além de pensar em materiais simples que eles pudessem ter em casa para utilizar nessas práticas.

Como lecionava para o Fundamental I e II, participei dos dois trabalhos: a elaboração das aulas na TV e no Aulapp. Não pude me furtar a oferecer o maior número possível de opções aos meus alunos, pois, segundo Lemov (2011, p. 129), “um grande professor deve buscar envolver seus alunos, então tentei passar os conteúdos de maneiras diferentes.” No Livro “Aula nota 10”, o professor ensina muitas técnicas de como manter os alunos focados no trabalho acadêmico e no aprendizado constante. Então essa foi uma obra na qual me inspirei nas minhas práticas didáticas.

Acredito que por ser um professor recém-formado e com bastante facilidade para utilizar as novas tecnologias não sofri muito para aprender a operar os aplicativos e gravar videoaulas. As dúvidas que surgiam eram logo sanadas por pesquisas na internet. Porém, percebi e presenciei alguns colegas de trabalho com dificuldades para utilizar essas novas tecnologias. Pessoas que dedicaram a vida inteira para a educação de forma analógica, em poucos dias se viam solicitadas a aprender uma nova maneira de lecionar e adaptar seus conteúdos.

No início, houve uma resistência de muitos professores, porém, conforme foi passando o ano, perceberam que a atual situação que estávamos vivendo iria se prolongar ainda mais. Então, iniciou-se um movimento de apoio da equipe escolar e da secretaria de educação para ajudar esses professores, com indicação de cursos e realização de palestras para que pudéssemos agir e suprir as demandas da nova realidade.

No conteúdo de Educação Física, trabalhei da seguinte forma: criei uma conta em três redes sociais e ambientes virtuais (Instagram, Facebook e Gmail) e disponibilizei para todos os alunos da escola, dando a eles total liberdade para me solicitar e conversar sobre possíveis dúvidas ou questões relacionadas ao aprendizado.

Semanalmente, realizava encontros via Google Meet para realizar correções e explicações de conteúdos, além de postar vídeos nas redes ensinando algumas brincadeiras e explicando os conteúdos a serem trabalhados.

Lemov (2011, p.223) diz que “uma mensagem durante a aula pode ser interpretada em diferentes intensidades.” Então, um cuidado que sempre tomei foi como transmitir o que precisava em determinados momentos aos alunos, pois a

comunicação nesta faixa etária, de Ensino Fundamental, e ainda mais em ambientes desafiadores, como a escola, em que os temperamentos sofrem alterações constantes merece atenção e sensibilidade, sobretudo em aulas on-line. Uma mensagem mal transmitida pode destruir um elo duramente conquistado com o aluno. Por isso é importante sempre ficar atento a como cada aluno reage a diferentes estímulos.

Era o segundo ano que lecionava para essas mesmas turmas e tinha uma boa relação de professor com os alunos, não apresentaram muitos problemas comportamentais nas turmas. Tudo que era proposto era realizado por todos, em turmas de 28 a 32 alunos. Destes, geralmente entrava uma média de 8 ou 9 alunos nas chamadas do Google Meet. Os que não participavam, entravam em contato pelas redes sociais com constância e muitos explicavam o porquê não entravam (geralmente os motivos apresentados eram: ajudar a cuidar de irmãos ou primos, contribuir nos afazeres de casa, entre outros).

Durante todo o ano letivo foi muito difícil essa adaptação para nós professores e para os alunos também. Foi uma constante troca de experiências e assistência entre professores e alunos, e vice e versa.

Nesta quarentena pude perceber que professores e alunos possuem ritmos diferentes – professores, nos quesitos ensinar e preparar aulas, alunos no quesito aprender e realizar atividades. “No contexto de ensino, ritmo é “a ilusão da velocidade”, pois não é a velocidade com que o conteúdo é apresentado, mas sim a velocidade com que ele parece ser exposto” (LEMOV, 2011, p. 245).

Nas aulas de Educação Física via Google Meeting, muitos dos alunos não ligavam a câmera, não conversavam por áudio e raramente escreviam algo na aba do chat da plataforma. Foi um início complicado. Como educador, não queria forçá-los a fazer algo que não quisessem, sobretudo por conta das dificuldades já impostas pela conjuntura. A intenção era proporcionar um ambiente no qual eles pudessem contar com o professor, e não criar mais um ambiente de estresse.

Um acontecimento que me marcou durante o período de aulas on-line foi o dia em que precisei muito da ajuda dos alunos. Minhas aulas estavam sendo feitas em um notebook muito antigo e que já estava na hora de ser trocado. Porém, com a

situação em que estávamos vivendo, não era viável financeiramente investir em um novo, então continuei usando o mesmo.

Certo dia, na primeira aula, que seria para a turma do 7º ano, quinze minutos antes do horário, o notebook não ligava. Já era hora da aula e não conseguia iniciar o computador, sendo que todo meu material estava disponível apenas neste computador. Então resolvi entrar na reunião utilizando meu celular, relatei aos alunos a situação em que me encontrava. Sem hesitar, os alunos representantes da sala logo compartilharam os documentos que eles possuíam da minha aula e um deles disse *“Professor, não se preocupe, vamos te ajudar. Nós já lemos os textos que o senhor vai explicar pra gente”*. Fiquei emocionado, porque durante todas as aulas os alunos estavam quietos e tímidos, era muito difícil interagir com eles. Porém, naquele momento, eles se voluntariaram a me ajudar, o que fez com que me sentisse mais tranquilo, e a aula fluiu muito melhor do que havia planejado. Surgiram muitas perguntas, conseguimos compartilhar experiências e assistir a alguns vídeos sobre o conteúdo. A partir de então, durante todo o ano as aulas no Google Meet foram bem divertidas e proveitosas para todos nós.

Ao chegar o quarto bimestre, foi realizado o Conselho de Classe Final, junto à apresentação do quinto conceito de nota, no qual decidimos se os alunos seriam ou não aprovados. Todos os professores precisariam ter as tarefas dos blocos dos alunos feitas, ou ao menos 60% delas, para fechar as notas. Foi então que a busca teve início: professores procuravam alunos para avisá-los sobre os blocos faltantes e que ainda deveriam ser entregues, e alunos procuravam professores para entregar os blocos que não ainda não haviam sido feitos ou que deveriam ser refeitos. Enfim, a realidade era nova, mas os problemas eram os mesmos.

Na disciplina de Educação Física não houve nenhuma reprovação, havendo uma boa porcentagem de alunos que entregaram todas as atividades, diferentemente do relato de alguns professores, que tiveram dificuldades para encontrar os alunos e solicitar as atividades que estavam faltando. Assim percebi a grande importância de se ter um bom relacionamento com os alunos, com respeito mútuo e compreensão mútua das dificuldades um do outro para o enfrentamento desse novo contexto.

MAIS UMA MUDANÇA DE CONTEXTO ESCOLAR

Após completar um ano letivo do ingresso na rede, em 2021, tornou-se compulsória a minha participação no “Concurso de Remoção de Escolas do Município”, isto é, deslocamento de uma instituição de ensino para outra. Consegui então me efetivar em uma unidade localizada na zona rural da cidade, bastante afastada da área urbana. Peguei as turmas dos 3º anos até as dos 9º anos. Ao conversar com os novos colegas de trabalho, professores e equipe gestora, percebi, um tanto preocupado, que a realidade da escola era totalmente diferente do que eu havia imaginado, com base no que eu havia experienciado até então.

Num primeiro momento, percebi que meu celular estava sem serviço, então provavelmente não havia sinal naquela região. A escola possuía sinal de wi-fi, com apenas oito megabytes para todos usarem. Portanto, provavelmente o bairro não tinha uma internet de qualidade disponibilizada para os alunos em suas residências, na maior parte pequenas chácaras e sítios. Notei ainda que as turmas eram de 15 a 18 alunos, bem menores que as da escola onde trabalhava anteriormente, que tinham quase o dobro. A realidade da nova escola era diferente da que eu vivia há dois anos com os alunos que estudavam no centro da cidade.

Iniciou-se o ano letivo no dia 5 de fevereiro de 2021, havendo inicialmente uma reunião sistematizada no Rodízio de Pessoas entre todas as turmas, para que fossem passadas as primeiras informações de como ocorreriam as aulas neste ano letivo. Aproveitamos a ocasião e já realizamos a entrega das primeiras atividades impressas para os alunos. Com a mudança no quadro da Secretaria de Educação, a nova diretriz era que ficasse a cargo dos professores de cada unidade elaborar suas próprias atividades, seguindo o currículo municipal, já então em conformidade com as normas da BNCC – Base Nacional Comum Curricular de 2018.

Foi estipulado aos alunos uma regularidade de 15 em 15 dias para entregarem as atividades. Após as incertezas do começo do mês de fevereiro, por conta dos casos de covid-19 aumentarem na região, estávamos apreensivos sobre como funcionaria a rede escolar, quantos alunos poderiam participar das aulas presenciais na mesma sala, quais os cuidados para a proteção de todos e mesmo se haveriam aulas presenciais ou apenas on-line. No dia 19 de fevereiro as aulas reiniciaram com o Google Meet, juntamente aos grupos de WhatsApp organizados pela escola.

Não esperava conseguir ter um número grande de alunos presentes nas reuniões do Meet no contexto da escola em zona rural do que eu tinha na escola em área urbanizada. Na primeira reunião, juntando-se as duas salas de 6º ano, ao todo havia 31 alunos. E tive on-line, nos grupos, 18 alunos, percentual bem maior do que eu tinha na outra escola.

Conhecendo um pouco mais daquela unidade, reconheci que alguns dos alunos não participavam das reuniões por falta de acesso à internet. A maioria usava o sinal de vizinhos, tomava emprestado de amigos ou se deslocavam até o centro da cidade, evidenciando que a realidade era outra.

Passei então a trabalhar com os alunos de três maneiras diferentes: 1) plantões de dúvidas no WhatsApp, no qual ficava todo horário de aula disponível para auxiliá-los em suas possíveis dificuldades e questionamentos; 2) preparo semanal de vídeos e atividades, posteriormente disponibilizados no Facebook e no YouTube; 3) atividades no grupo ou na escola (impressas), disponibilizadas apenas para retirada. Por fim, mantive reuniões diárias fixas no Google Meet para fazer atividades físicas e brincadeiras pedagógicas, corrigir tarefas, compartilhar vídeos relacionados às aulas, além de conversar sobre assuntos diversos: família, momentos, receios e anseios.

COMO FUNCIONAVAM OS BLOCOS DE ATIVIDADES?

A pandemia nos atingiu de uma forma muito súbita e, por ser um setor público, difícil é pensar em algo que permita alcançar a todos. Parecia muito simples quando foi definido que as aulas seriam on-line e que tudo seria organizado pelo *Google Forms* ou encontros pelo Google Meet, mas muitos alunos tiveram dificuldade para acessar as plataformas. Então, uma maneira rápida que para solucionar o problema para uma grande parte da população foi a elaboração dos já mencionados blocos de atividades.

Fundamental I e II: Geografia, História, Matemática, Língua Portuguesa, Práticas de Leitura e Produção Textual, Educação Física, Artes, Inglês e Ciências.

Todas as disciplinas possuíam formadores da prefeitura, que eram professores convidados a auxiliar e ajudar na formação de cada colega. Esses profissionais escolheram então dois professores da rede para auxiliar na elaboração do material a serem distribuídos para todos os alunos da rede. Os conteúdos eram sempre

elaborados de acordo com o previsto para os bimestres de forma colaborativa entre os integrantes do grupo. Em seguida, os blocos eram enviados para todas as unidades escolares da rede municipal, aplicando assim atividades do mesmo nível para todos os alunos.

Após um período de “quarentena” desse material (por questão de segurança, os blocos permaneciam intocados por 15 dias), os professores retiravam essas atividades nas escolas e as levavam para casa para corrigi-las e alimentar as planilhas de notas, que posteriormente seriam utilizadas como base para aplicação de notas nos diários escolares. Caso o professor precisasse que o aluno corrigisse algo ou refizesse a tarefa, a escola entrava em contato com a família, avisando-a de que este deveria buscar o bloco levá-lo para casa novamente. E, para ajudá-lo, o professor disponibilizava plantões no Google Meet ou da maneira que cada profissional decidisse trabalhar.

Ao todo foram oito blocos de atividades em 2020. Por volta do 4º bloco, os alunos do Fundamental II começaram a realizar as atividades pelo aplicativo disponibilizado pela prefeitura, o Aulapp. Entretanto, como nem todos tinham acesso à plataforma, então a escola preparava cópias para aqueles que delas precisassem, conseguindo, deste modo, atingir a maior quantidade de estudantes possível.

O TRABALHO EMOCIONAL NECESSÁRIO PARA LIDAR COM A PANDEMIA

Durante este período de pandemia, percebi que para fazermos algo, precisamos de motivos, alguma coisa que nos norteie e motive, conforme nos ensina o professor Martins Junior (2014). E esse entendimento precisa ser trabalhado com os nossos alunos também. Nossa vida mudou, sem que tivéssemos quaisquer direcionamentos seguros sobre como viver este dito “novo normal” e tivemos que, ao longo dos dias, nos adaptar. Algumas pessoas o fizeram com maior facilidade, ao passo que outras, nem tanto. E há, ainda, aquelas que se desmotivaram, por falta de perspectivas em relação ao futuro.

No atual cenário, percebo que a tecnologia tem dois lados: um positivo e um negativo. De positivo, temos notícias de todo o mundo em tempo real, conseguimos ter acesso a infinitos sites, informações etc. De negativo, temos as consequências de tanta informação, dentre elas a perda da motivação pela consciência da dificuldade

em se mudar o cenário atual de pandemia. Por isso precisamos nos motivar constantemente, buscando soluções para conseguirmos lidar com esses problemas e recobrar nossa paz e nossa saúde física e mental.

Percebo que muitos dos alunos, tanto do centro da cidade como da zona rural, não têm motivos sólidos para estudar ou seguir uma carreira. Como professores, precisamos valorizar o trabalho em equipe e mostrar como ele é importante. Além disso, precisamos indicar a eles caminhos alternativos, auxiliando-os nas melhores escolhas, porém sempre deixando que optem livremente por aquilo que lhes pareça mais adequado. Tal ação se mostra cada vez mais salutar, sobretudo num momento delicado como o atual.

No livro “Educação: a solução está no afeto”, o professor Gabriel Chalita (2004, p.61) apenas confirma tudo o que vivencio na minha realidade na escola rural.

Por conta do êxodo rural, houve um crescimento desorganizado da sociedade, focando muito nos problemas da zona urbana e esquecendo dos problemas geográficos, estruturais e financeiros das áreas restantes, e a escola, conseqüentemente, foi afetada.

Hoje, como professor, vejo que, antes de lecionar, precisamos conhecer nossos alunos, bem como suas realidades, de modo que possamos saber quais são suas principais necessidades e objetivos. Alguns deles precisam apenas ser ouvidos e expressar o que estão sentindo, pois muitas vezes não encontram em suas realidades canais possíveis para que possam fazê-lo. Por isso, sempre me coloco à disposição para ouvi-los e fazer o que estiver ao meu alcance para reduzir este fardo emocional, de sorte que a aprendizagem flua sem maiores dificuldades e impedimentos.

INVESTIMENTOS PARA SE ADEQUAR À NOVA REALIDADE

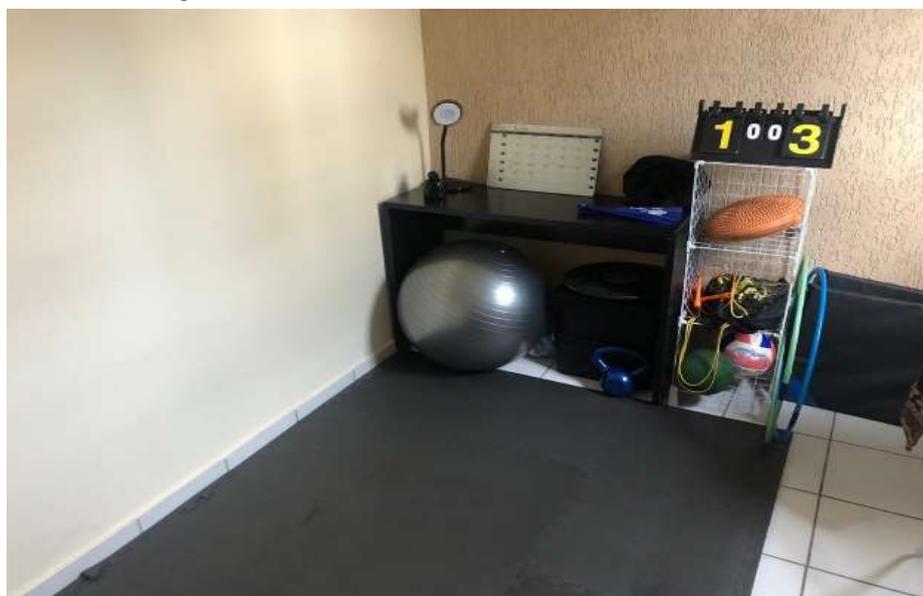
Segundo o senso comum, o trabalho em casa é um facilitador. No entanto, diferentemente disso, ele apresenta uma série de dificuldades, sobretudo para aqueles profissionais que se viram obrigados a adotá-lo de uma hora para outra. Além da minha própria experiência, vários outros colegas relataram ter devotado um tempo muito maior ao trabalho do que acontecia regularmente, pois, além de terem de aprender a operar as novas ferramentas tecnológicas, havia ainda as dificuldades enfrentadas pelos alunos e que também precisavam de auxílio. Portanto, houve e

ainda há um maior investimento do tempo dos professores, que muitas vezes se sentem sobrecarregados, física e mentalmente.

Com o início das aulas no formato EAD, os professores se viram obrigados a fazer investimentos, muitas vezes sem contrapartida municipal, em ferramentas de trabalho e materiais pedagógicos diferenciados, tais como ampliação da largura de banda de internet, aquisição de novos aparelhos para gravação das aulas e cursos de capacitação para operação das novas tecnologias. Neste período, muitos professores ficaram desamparados, sem qualquer preparação profissional ou psicológica para o novo cenário.

Por outro lado, na Educação Física foi possível trabalhar uma série de atividades e brincadeiras com materiais recicláveis com os alunos do Fundamental I. Os direcionamentos eram feitos por meio de conferências via Google Meet e gravações de vídeos postados no YouTube. Consegui, por exemplo, trabalhar com eles conteúdos de “Jogos e Brincadeiras de Matriz Indígena e Africana”, ensinando-os a fazer petecas, bilboquês, bonecas de pano e jogos, utilizando papel e lápis. E esse trabalho funcionou muito bem.

Figura: Materiais construídos nas aulas com uso de recicláveis.



Fonte: Próprio autor.

Figura: Materiais construídos nas aulas com uso de recicláveis.



Fonte: Próprio autor.

Costumo dizer que os alunos do Fundamental I são “ponta firme”, pois aproveitaram muito bem sua hora de aula semanal pelo Google Meet, participando de todas as atividades e brincadeiras propostas, como “Alongamentos com o Alfabeto”, “Morto e Vivo” com variações, “Estátua”, Pega-objeto”, dentre outras. Aprendi diariamente com eles, e isso foi fantástico para a minha carreira.

Considerações finais

Lecionar durante a pandemia foi um trabalho complicado, pois desfavoreceu a proximidade com os alunos, fator que incentivava a estabelecer vínculos necessários para fortalecer o aprendizado. Neste contexto, restou buscar uma rápida adaptação ao modelo EAD e enfrentar a quarentena auxiliando os alunos a superar seus desafios, ressignificando o conceito de proximidade.

À minha experiência profissional, acrescentam-se ainda as mudanças de contexto social, que dificultam o acesso dos alunos ao melhor modelo possível no momento, que são as aulas e as atividades on-line. Esta talvez seja a realidade de grande parte dos professores em nosso país, mas, como educadores, cabe a nós buscarmos as melhores maneiras de oferecer aos alunos a continuidade dos seus estudos.

Não é possível acreditar que todo este movimento súbito na Educação restará sem consequências ao final da pandemia. Porém, já é possível afirmar que há ganhos, pois toda esta imersão no universo virtual já era pensada para a nossa área e foi acelerada nas escolas. Sendo assim, demos grandes passos em direção ao que o futuro já exigiria, o ensino híbrido.

Portanto, a escola permanece sendo a oportunidade de nossos estudantes melhorarem suas realidades e suas chances profissionais no futuro. O aprendizado ganha contornos dramáticos, porém importantes, que são os esforços colaborativos da comunidade escolar e a confirmação da resiliência, que certamente, transforma-se numa lição para todos nós.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto, São Paulo, Editora Gente, 2001 1ª edição, 2004 edição revista e atualizada.

ITATIBA, Secretaria da Educação. **Banco de Atividades**. 2020. Disponível em: <http://www.itatiba.sp.gov.br/bancodeatividades/>. Acesso em: 25 de mar. 2021.

LEMOV, D. **Aula Nota 10**: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência. 4ª ed. São Paulo: Livros de Safra, 2011.

MARTINS JUNIOR, J. **Conceitos básicos da motivação**: teorias e aplicações. In: SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV NETO, A. (Org.). Fatores de motivação para as atividades esportivas. 1ª ed. Várzea Paulista. SP: Fontoura, 2014, v. 1, p. 13-54.

10

Reflexões sobre os caminhos para o Ensino a Distância para Educação Física

ALBANO, Marcos Vinícius de Moraes³⁴

Resumo

Considerando a atividade escolar como atividade humana essencial e dinâmica que vem "moldando-se" no tempo e no espaço, para atender o protagonismo atual, onde o discente ocupa, através da participação nos projetos educacionais, sobretudo na Academia. Diante disso e, sensível às necessidades deles, os protagonistas, ocorreu uma aproximação e logo, a percepção do que poderia ser realizado. Assim, foram, "de maneira democrática", sendo aprimorados e oferecidos nessa modalidade. O EAD, antes discriminado, alcançaria a plenitude (Ensino, Pesquisa e Extensão). Como se constata, prima pela excelência na formação acadêmica em todos os aspectos. Das áreas que foram sendo inseridas, passou-se, em tempos de pandemia, para a busca de capacitação para as disciplinas que, tempos atrás, estariam sem cogitação para EAD e, entre elas, a Educação Física. Em tempos de dificuldades, surgem grandes soluções. Sim, essas dificuldades acabaram se "cruzando" com boas ideias e obteve-se soluções. Para ilustrar, observe-se a aptidão da população jovem aos meios digitais; vivem com normalidade e, até parece que estavam esperando as atividades escolares e acadêmicas, para serem "levadas no bolso". Das diversas áreas do conhecimento, desejamos, modestamente, tratar da Educação Física como conhecimentos disseminados também agora, através dos meios e recursos digitais.

Palavras-chave: Ensino à distância; Educação Física; Recursos digitais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO

Com sentimento de gratidão, e sabendo desde já que, a pretensão de ser inédito com certeza me levaria à frustração, vou escrevendo sobre minhas impressões, pensamentos e reflexões que me ocorrem sobre o tema. A mídia nos proporciona muito material de estudo, pesquisa e reflexão. Mesmo com todos os recursos possíveis, muitos profissionais graduados, dotados de uma riqueza que são como seres humanos, possuidores de mentes brilhantes que estão, também,

³⁴ ³⁴ Graduado em Educação Física pela Universidade Nove de Julho.

nos nossos cursos de Educação Física, acabam migrando para outras carreiras profissionais, quando não abandonam, totalmente a área, provocando uma lacuna entre os que se formam e os que, realmente atuam, frustrando até as políticas educacionais, no que se refere à Educação Física, especificamente. Então, é comum conversar com alguém ou ver um currículo e encontrar lá graduação em Educação Física. Alguns conseguem manter-se na carreira e permanecem ou permaneciam sem uma atualização, uma especialização na área, ficando isso superado com o surgimento dos cursos de pós-graduação na modalidade Ensino à Distância (EAD), resultando em estímulo para o aperfeiçoamento, criando expectativas de progresso e valorização da profissão.

As expectativas e o amadurecimento são alcançados e avaliados, como é comum acontecer, nesse período na universidade e da aquisição do conhecimento. Pela observação e pelo convívio, o que se recebe de conhecimento nos momentos iniciais, chega a causar estranhamento dos métodos aplicados e daí que percebemos que estamos na Universidade e que é chegada a hora de se garantir, como acadêmico, adaptando-se. Isso assusta, se se considerar a formação dos alunos provenientes do Ensino Médio, em via de regra, sem o preparo desejado.

Daí em diante vamos percebendo, vamos notando a diferença daqueles que estão mais preparados emocionalmente para enfrentar o novo. E, ao final da jornada da graduação, de apresentar-se como um profissional, com autoconfiança, mesmo com um breve período de estágio profissional. Ao final fica a impressão que faltou alguma coisa. Talvez, com uma criação de uma identidade profissional que muitas vezes só vai ser oferecido numa pós-graduação, ou curso de desenvolvimento pessoal com foco profissionalizante. Como já me manifestei são apenas considerações e, portanto, como regra os que escrevem dizem, me mantereí pronto para as críticas, venha de onde vier.

Na sequência apresentarei aspectos que são frutos da minha experiência e observação que obtive durante treinos, curso de graduação, cursos complementares, projetos de pesquisa e extensão, leitura de revistas especializadas, livros e outras publicações, apresentações em simpósio. E, também, do dia a dia, uma vez que como seres sociais precisamos observar ao nosso redor não só aquilo que se refere a nossa atividade, mas também sob essa ótica. Então, pode ocorrer que nalgum momento da nossa apresentação poderemos retomar algum tema.

PERCURSO - NOVOS CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Considerando a atividade escolar como atividade humana essencial e dinâmica que vem "moldando-se" no tempo e no espaço, para atender o protagonismo atual, onde o discente ocupa, de maneira ideal, através da participação nos projetos educacionais, sobretudo na Academia, que, sensível aos desejos e necessidades deles, os protagonistas, caminharam para a aproximação e "ouvindo" e percebendo o que poderia ser realizado, foram, "de maneira democrática", aprimorando e oferecendo o ensino à distância, outrora discriminado e tido como um ensino "capenga" e sem qualidade. Entretanto, hoje o EAD, prima pela excelência na formação acadêmica em todos os aspectos. Das áreas que foram paulatinamente sendo inseridas no ensino EAD, passamos, em tempos de pandemia, para a necessidade de termos que nos capacitar para oferecer disciplinas que, tempos atrás, estaria fora de cogitação. "Em tempos de dificuldades, parecem surgir grandes soluções". E isso, é o que ocorre. Essas dificuldades acabaram se "cruzando" com grandes ideias e soluções.

Vejamos a aptidão da população jovem aos meios digitais; vivem com normalidade até e, parece que estava faltando as atividades escolares e acadêmicas, para serem "levadas no bolso". Algo impensável a algum tempo. Acesso amplo às grandes enciclopédias, brilhantes trabalhos acadêmicos, são frutos do empenho e do desejo dos envolvidos, num resultado excelente. Das diversas áreas do Conhecimento, desejamos, modestamente, tratar da Educação Física como disciplina que, num país de clima predominantemente tropical, encontra adeptos mais fiéis nas Corporações Militares que, primam pela saúde e higidez da Tropa, criando uma visão positiva e tornando sua prática um estilo de vida e bem-estar.

Diferente da vida cotidiana em que a visão que se tem da Educação Física, como algo que "leva ao sofrimento, ao castigo" predominando as práticas coletivas e populares pelo incentivo dado pelo Estado e pela mídia. Sobretudo para o futebol, resultando um uma menor representação noutras modalidades nos certames nacionais e internacionais. Das instalações, os clubes de futebol, detentores de patrocinadores além de recursos e incentivos do Estado, por proporcionarem entretenimento e de movimentar vultuosos valores de marketing e mídia, acabam por "colocar em planos inferiores", outras modalidades. Permaneceram os nomes "históricos". Por exemplo, "Clube Atlético, Clube de Regatas, Clube Náutico, Esporte

Clube do Remo" e assim por diante. Alguns clubes mantêm atletas nessas várias modalidades por exigência de alguns diretores ou por força estatutária, sempre sob a égide do aspecto do patrocínio e do marketing.

O entendimento de que a prática da Educação Física resulta em "bem-estar e saúde", num sentido amplo, porém com a restrição da sua cultura, da sua modalidade à determinado grupo ou agremiações é apequená-la. Melhor seria se todos que detém conhecimentos nessa área fizesse uso para o bem coletivo, no local onde estão, uma vez que isso reproduziria a ideia e logo, o comportamento que, a prática da Educação Física resulta em benefício para todos.

Aqueles que se interessam pelo estudo da Educação Física e a prática, sabe da importância para si e para os outros. Aquele que é dedicado e entende isso, percebe que seu "papel" é relevante pois aborda a condição de bem-estar físico e mental pela prática do Desporto. O interesse em compartilhar informação sobre a Educação Física vem, através dos tempos, sendo alvo de interesses e adaptações, conforme a época e a disponibilidade de meios. O adensamento das cidades provocaria novidades e, para ilustrar, com o aparecimento da TV, não tardaria a surgirem ideais para transmitir aos telespectadores, técnicas para manter-se em forma, em programas especialmente preparado para as mulheres donas de casa, num primeiro momento.

DO CAMPO PARA A CIDADE - COMO E QUEM PRATICAVA ATIVIDADE FÍSICA?

Das atividades que mais foram impactadas pela Revolução Industrial e, depois pela Tecnológica, a atividade física foi, aos poucos sendo relegada aos menos qualificados e considerado como "ignorantes". A ideia de que as atividades laborais que indicavam ou lembravam atividades "menos nobres" ou típicas de "escravos", atividades que demandavam esforço físico ou lidas com essas profissões discriminadas foram sendo vistas como indicadas para aqueles que não buscavam ou que não conseguiam alfabetizar-se, por algum motivo. Ouve-se, ainda hoje, manifestações de pessoas que exercem atividades vistas como "ruins" do tipo: - Tenho que fazer isso, tenho que sofrer porque não pude estudar; meus pais não puderam me dar estudo; ou tive que ir trabalhar e não estudei!!

Disso tudo, a questão de manter-se sem fazer qualquer esforço, não viver ao ar livre, não tomar sol, não se exercitar de maneira o bastante foi passando de

geração para geração e, "viver dessa maneira" e, agora mais ainda com a tecnologia, a proporção tornou-se expressiva. Nas indústrias, nas fases incipientes, o trabalho sem regulamentação, servia-se de todas as faixas etárias. Todos trabalhavam muitas horas e as condições insalubres, esforços superiores à capacidade da pessoa e muitas vezes repetitivos, ao que poderia um trabalhador suportar, acabou resultando em afastamentos por causa de males inerentes às características das indústrias e, até óbitos, provenientes da atividade laboral.

Não se pensava em Equipamento de Proteção Individual (EPI) ou Equipamento de Proteção Coletivo (EPC). Essas condições promoveram "pensamentos" de que deveria haver outras atividades em que os filhos não tivessem que seguir os mesmos destinos dos pais. Diferentemente das "atividades de ofício" onde filhos seguiam a profissão dos seus antepassados. Surgiam, então, outras atividades "satélites" com a industrialização. Se os pais eram operários, os filhos eram orientados, quando podiam, para atividades administrativas, fora daquilo que exigia algum esforço físico demasiado. "Trabalhar no escritório" era algo desejado. Roupas e sapatos sociais limpos. Parece ter havido "associação" entre trabalho com esforço físico a algo indesejável ou de menor valor.

Fazer esforço físico através de um trabalho ou outra atividade, poderia demonstrar falta de escolaridade então, aos poucos, por motivos que já tratamos anteriormente, "agachar, levantar e empurrar" ficou com os operários "chão de fábrica". As legislações trabalhistas surgem, os Tratados Internacionais interferem e a "proteção ao trabalhador" vai reduzindo os esforços também com o surgimento da automatização/robotização nas indústrias e o trabalhador passa a operar essas máquinas através de comandos, com o mínimo ou nenhum esforço físico.

EDUCAÇÃO FÍSICA - NECESSIDADE PARA A SAÚDE DA HUMANIDADE

Desde as atividades eminentemente braçais ou com ajuda de tração animal, foram substituídas pela máquina que tornou o homem ocioso, com consequente alteração no organismo das pessoas. A obesidade se alastrou. O uso de veículos até o uso do controle remoto nos deixou acomodados e obesos.

Uma leve lembrança, encontramos as legislações que visam amparar o homem no seu lugar de trabalho, onde, por causa de grande número de acidentes e afastamentos, "percebeu-se" que o ser humano que trabalha precisa receber uma

atenção adequada. Então surgem empresas que criam espaços de descanso e até, as que promovem atividades físicas laborais, o que, demonstra que o homem que procura as cidades e passa a conviver com a rotina industrial e com cumprimento de metas, horários etc., tendo deixado assim, aquela interação que possuía quando por necessidade do ambiente e pela própria subsistência praticava atividades físicas no seu dia-dia. As "facilidades" oferecidas pela vida urbana limitou os movimentos.

A utilização de veículos, ao invés de andar e ter que viver em espaços menores, sem proximidade com a natureza e por movimentar-se menos e não ter um ar puro. Com esse quadro, outras gerações surgem com esta disponibilidade e com predisposição aos hábitos urbanos.

Então, parece surgir males que são, reconhecidamente por causa da falta de atividade física e da vida ao ar livre. Uma das mais significativas e de âmbito mundial é a obesidade, que promove outras tantas comorbidades, isto em todas as faixas etárias pois, a correria que predomina exige alimentação rápida e sem os nutrientes essenciais para o desenvolvimento pleno.

Dessa forma, falta de exercícios combinados com alimentação processada e não saudáveis, vai resultar nisso que assistimos hoje. Podemos também, considerar que, em dado momento a Educação Física, para a sua execução, vai exigir providências em outros âmbitos. E, a alimentação adequada é um deles.

QUAL NOSSO FOCO?

São reflexões simples que buscam estabelecer uma forma de "enxergarmos" o público a quem nos dirigiremos com a nossa formação. E onde está esse público? Sim, ele está a nossa volta. O planeta todo. Então, enquanto e depois de ser acadêmico de Educação Física, em tese, deve começar cuidando de si. Não necessariamente para ser, um padrão de beleza estético, mas alguém funcionalmente capaz de ter uma vida saudável e ativa. Diferente de outras ciências ou disciplinas que demandam mais abstração (o que não é desculpa para deixar de fazer atividades físicas) do que coisa experimental, onde se pode ver o resultado, não ficando somente no campo da abstração, "sendo" não só "devendo ser".

Passando de um estado de imanência, potência para um estado de desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades motoras, capacidades físicas, emocionais e cognitivas.

Com essas considerações anteriores, o que fazer com uma disciplina eminentemente dinâmica e prática, no âmbito de estudo EAD? O estudo EAD é uma modalidade que alcança a todos; certamente, a modalidade mais inclusiva que existe. A aquisição de conhecimento nessa modalidade vai, aos poucos, fazendo com que o aluno adquira autonomia no estudo, onde quer que esteja. Ainda que as disciplinas sejam apresentadas de forma digital, o estudante vai conseguindo, com a sua criatividade, ir de encontro onde e como executar o conhecimento transmitido, dentro da sua realidade e local que vive. Assim, o estudante no EAD tem a oportunidade de desenvolver-se dentro do seu tempo; dentro do seu ambiente.

PARA TEMPOS DE MUDANÇAS, TEMPOS DE ADAPTAÇÃO

Avançando sobre reflexão, naquilo que a vida no campo proporciona, considerando, em tese, que o ideal seria a interação do homem com os elementos da natureza, dos quais ele mesmo faz parte, e que por motivos próprios e incontroláveis, do nosso tempo ele parece perder essa percepção, de que ele faz parte, de tudo isso.

A tecnologia alcança lugares afastados, e com ela as mazelas do homem urbano no que tange aos hábitos alimentares, devido às facilidades que aparentam ter, fazendo com que deixem o que tem de melhor e que estão ao seu alcance.

Estando no meio rural, no campo, natural seria que as pessoas que ali habitam se servissem de uma alimentação natural obtida no seu próprio local de produção. No entanto, o que se percebe é que é introduzido desde cedo nas escolas alimentação processada, desde os lácteos, carnes et., o que denota uma perda de capacidade dos próprios nativos de reconhecerem o valor do que possuem, bem como não sabem como utilizá-los. Então, parece haver um contraste entre o que se oferece e do que é necessário, causando com isso desinteresse na obtenção de produtos típicos de onde se vive.

Podemos considerar também que as necessidades nutricionais de um habitante do campo, possivelmente, sejam diferentes do homem urbano. Assim, a pressa de produzir maiores quantidades e buscando livrar esses alimentos de pragas, tratam de utilizar herbicidas e outros produtos que colocam essas produções "sob suspeita" da sua utilização. A própria terra sofre contaminações. O caminho buscado, sempre é o mais fácil e lucrativo. Apesar de espaços amplos tratam de ocupar habitações precárias, sem o menor trato sanitário. Enquanto isso, nas regiões

urbanas o homem reduz drasticamente sua alimentação orgânica optando pelo mais fácil, propagado pela mídia não considerando o que é de mais nutritivo e, nessa altura nem os reconheça mais. Habitam casas em desacordo com o ideal, tecnicamente desejável para servir de moradia. Cômodos pequenos, janelas pequenas, baixa altura do pé-direito, ambiente sem arejamento, instalações sanitárias com esgoto sem tratamento, sem quintal, então, o que dizer dessa saída do campo para cidade nesse incessante estímulo para tornar o homem um ser urbano. E como consequência, um potencial sedentário.

A precariedade das políticas referente à urbanização, "anda" de arrasto, "copiando" o que fazem noutras metrópoles do mundo e de outras regiões, sem a menor preocupação em chamar profissionais capacitados para buscar resolver essa questão que vai desde a questão ambiental, sanitária, urbanística, e outras que vão, diretamente, afetar quem deveria ser o "beneficiário" desse "embrólio" que fazem, em troca de "maquiar" tudo que é possível. O homem, está sendo afastado da possibilidade de viver como tal. Impossibilitado por não receber instruções suficientes e deixar-se levar por detentores de poder e interessados em dominar uma população que aumenta, sem escolaridade, sem saúde básica, sem trabalho, sem lazer.

EDUCAÇÃO FÍSICA – TRANSFORMANDO PARA TRANSFORMAR

Durante a formação acadêmica, esses aspectos de ordem social, que interferem diretamente na perspectiva da população, de tal forma a condicioná-los ao que é nocivo à sua saúde física e mental, poderiam ser tratados nalguma disciplina de conhecimento geral, para dar embasamento ao estudante e para ele desenvolver o espírito crítico da realidade que, nalgum momento vai se defrontar na sua carreira e, também, perceber e colaborar como agente do aprimoramento humano.

Mas, de alguma forma, mesmo sem essas informações que provavelmente possuam empiricamente, percebe-se que, a perspectiva vai se transformando e, parece aumentar o ceticismo sobre a carreira, considerando as manifestações nem sempre favoráveis dos próprios docentes. Soma-se a isto, o aspecto individual daqueles que buscam o conhecimento "em causa própria", quase numa prática narcisista, fechando-se. Se esses aspectos resultam em profissionais inseguros e "narcisistas", o que restaria para os discentes? De certa forma podemos considerar que "herdamos" dos professores alguns comportamentos que modelamos

inconscientemente deles, nossos instrutores?

Talvez nos cursos de pós-graduação, na formação de professores de educação física poderiam ser explorados esses aspectos dentre outros, para que se percebesse que, o objetivo é atender os alunos especificamente naquilo que é necessário oferecer e, nisso, o EAD elimina esses contratempos que ocorrem no presencial. Assim, num aspecto de busca de resultados no que interessa, são aqueles obtidos pelos estudantes, ausente assim, manifestações de egos e outras manias indesejáveis, como podem ocorrer num sistema presencial.

O parâmetro é o resultado alcançado com os alunos. Ainda que, isso que falamos esteja no campo privativo do indivíduo, de como ele vê ou pensa sobre isso ou aquilo, certamente promoveria alguma mudança nos profissionais de Educação Física e, de preferência, para melhor. Muito comum encontrarmos ainda na formação acadêmica, alunos que sob influência do pessimismo disseminado, de antemão desiste da carreira, graduando-se apenas para ter um curso superior. Dessa forma perdemos um investimento de todos. E sobretudo, o de um resultado esperado, de um ideal.

EDUCAÇÃO FÍSICA SOB ASPECTO EXTERIOR

Numa observação mais singela vamos encontrar, quase sempre, a Educação Física como algo voltado para o aspecto exterior; da aparência física e, com isso, também da valorização dos mais bem "aquinhoados", considerando os padrões de beleza vigente, pois é muito comum, vemos outdoors, propagandas televisivas, internet, de personagens com essas características. Sabemos que a Educação Física serve para todos. E então, como era de esperar nos cursos vê-se o interesse maior nos "modismos" predominantes, relegando a parte científica do curso para segundo plano, não despertando maiores interesses. O foco permanece na superficialidade. Essas considerações que fizemos anteriormente podem levar a uma ideia de discriminação das pessoas que possuam algumas características. Na medida que, sutilmente, procura eliminar pessoas com esses caracteres, daqueles tido como "normais" ou "mais perfeitos".

A propósito do que estamos falando, vamos encontrar em artigos recentes falando disso, modificando a perspectiva do mercado de trabalho, sobre pessoas que, a princípio, estariam excluídas de qualquer tipo de seleção, considerando que, o que

seria uma deficiência, para ótica mais humanizada e real, como se fosse um "superpoder" por causa dessas características. Talvez a melhor definição seja a que: sejamos o melhor naquilo que podemos ser.

O IMPORTANTE É O ESSENCIAL

O fato de a pessoa ter os atributos que, normalmente, a colocariam em destaque em tese, poderia "maquiar" outros distúrbios de âmbito interno. E, portanto, imperceptíveis. O que implicaria de, no final das contas, estarmos todos no mesmo caminho, cada qual com seus interesses e com as suas habilidades. Nada justificando que questões de menor importância, venha impedir uma pessoa de estudar ou praticar Educação Física. Aqueles que durante a Academia conseguem perceber o quanto podem ser úteis para os outros é um vencedor.

Aqueles que conseguem "aproveitar" todas as oportunidades e nuances que o curso de Educação Física proporciona, sobretudo quando é ministrado por docentes perspicazes que, também olham para o futuro pois, a Educação Física, sobretudo a escolar que, de certa forma "abandonada", ainda não inspira aos pequenos para a prática tão nobre que é a Educação Física. Nesses passos iniciais, a criança aprende conviver em equipe, a ter empatia, fair play, o respeito pelo próximo, essas coisas que levarão para suas vidas.

Sendo a modalidade EAD amplamente inclusiva, certamente reduzirá, significativamente, as situações em que os participantes estejam afetados pelo ambiente ou mesmo sob pressão do coletivo. Pela nossa experiência, de ter tido a oportunidade de estudar presencialmente, de ter participado de iniciação científica, da monitoria, com a possibilidade de estar com várias turmas percebe-se que, no caso presencial, há "espaços vazios" e que ocorrem uma dispersão quanto a finalidade de cada um desses momentos. No caso do EAD todas essas possibilidades existem e, no caso, sem sair do trabalho e do foco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar do tempo, e o surgimento de novas modalidades e a demanda e a necessidade de formação específica e mais rápida, para atender as exigências do mercado de trabalho, os cursos superiores de menor duração passaram a ter uma preferência dos estudantes por causa do formato, com a concentração do interesse

no aspecto técnico propriamente pode ter gerado um entendimento de que algumas disciplinas de formação humanística seriam dispensáveis, que fazem além do conhecimento, o discente se lembrar de onde ele vem e da finalidade do seu curso.

Então, nada contra o curso de tecnólogo, que aliás tem formado excelentes profissionais. E no caso da Educação Física, por ter como já discorremos nas nossas considerações anteriores sobre seu aspecto eminentemente experimental, que sobre a nossa ótica torna-se desejável a formação técnica sem dispensar a perspectiva humanista. Repetimos que é necessário perceber onde estamos e por que estamos aqui com a nossa formação. Deve existir um entendimento da razão disso tudo. É necessário saber nosso papel no contexto em que vivemos. Falamos no início que o curso EAD põe o aluno diante de si mesmo, quando percebe que o seu interesse e dedicação que fará diferença. Ouve-se, ainda, que muitas pessoas buscam o Ensino à Distância, desde o tempo que era feito por correspondência.

Hoje, se existe alguma dificuldade, talvez seja por falta de equipamento ou sinal insuficiente, porém vê-se que muitas instituições promovem o fornecimento desses equipamentos aos matriculados. Garantindo assim, o aproveitamento desejável para os alunos. O EAD atende todos os requisitos para a formação acadêmica. Podemos considerar que o ensino presencial como é notório exige instalações e outros aparatos para atender o seu público. E como observamos tem sua função subutilizada. Então, com os constantes aprimoramentos encontram-se meios para transmitir aos discentes, através das aulas, com os recursos cada vez mais aprimorados os valores humanos que são indispensáveis para a formação de um acadêmico. São essas nossas manifestações para o momento.

11

OS JOVENS EM ISOLAMENTO SOCIAL: UMA PROPOSTA DE VIVÊNCIAS DE PRÁTICAS CORPORAIS E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE POR MEIO DAS MÍDIAS SOCIAIS

Júnior, Arestides Pereira da Silva³⁵
Doebber, Gabriela Dalpissol³⁶
Tosti, Lauana de Lima³⁷
Souza, Dayane Cristina de³⁸

Resumo

Com a necessidade de isolamento social devido a Pandemia Covid-19, crianças e adolescentes diminuíram severamente os níveis de atividade física, substituindo as atividades mais ativas por outras com menor gasto energético, como por exemplo as aulas remotas, os jogos *online*, a *internet*, a televisão, dentre outras. Dessa forma, esse capítulo objetiva apresentar o relato de experiência de ações realizadas pelo projeto de extensão “Educação física escolar: a prevenção e o combate à obesidade por meio de práticas corporais”, fazendo uso das mídias sociais (*Facebook* e *Whatsapp*), numa possibilidade de ensino à distância, para a realização de uma proposta educativa de estímulo à prática de atividade física e a promoção da saúde de jovens, durante o período de isolamento social. Essa iniciativa atendeu diariamente cerca de 300 crianças e adolescentes do município de Marechal Cândido Rondon, com a realização de práticas corporais, que pudessem ser vivenciadas em casa junto com os familiares, considerando as limitações de espaço físico, de materiais e de participantes. Além disso, foram elaborados e disponibilizadas postagens com informações relevantes sobre orientações de saúde e qualidade de vida, no intuito de promover a educação em saúde dos beneficiados do projeto de extensão e outros jovens interessados.

³⁵ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Doutor em Educação Física – Grupo de extensão e pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE) – arestides.junior@unioeste.br

³⁶ ³⁶ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Licencianda em Educação Física – Grupo de extensão e pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE) – gabrieladoebber@gmail.com

³⁷ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Licencianda em Educação Física – Grupo de extensão e pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE) – lautosti.15@gmail.com

³⁸ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Doutora em Educação Física – Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Atividade Física – daynycs@gmail.com

Palavras-Chave: Isolamento social; Mídias sociais; Práticas corporais; Educação e saúde.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado pela Pandemia Covid-19 e suas consequências drásticas no mundo. O impacto foi sentido em todos os setores, necessitando de ajustes, adaptações e transformações no intuito de viver o chamado “novo normal”. Esse novo formato de viver repercutiu de forma significativa na sociedade em geral, tendo em vista que o isolamento social das pessoas juntamente com outras medidas sanitárias e preventivas foram as consideradas mais eficientes para evitar a contaminação e reduzir a quantidade de mortes (JÚNIOR, PAIANO, COSTA, 2020; PITANGA, BECK, PITANGA, 2020).

Em relação ao isolamento social, Júnior, Paiano e Costa (2020) ressaltam que foram realizadas medidas, como por exemplo: trabalhos em formato *home-office*, valorização de atividades *online*, serviços pela *internet*, atividades de ensino realizadas de forma remota e em casa. Toda essa nova dinâmica repercutiu de forma negativa nos aspectos ligados à saúde, principalmente em crianças e adolescentes que diminuíram severamente os níveis de atividades físicas. Se antes realizavam uma diversidade e grande quantidade de atividades físicas nas escolas e nas ruas, com a pandemia e o isolamento social, os jovens permaneceram mais tempo em atividades menos ativas, como aulas remotas, jogos *online*, *internet*, televisão, dentre outros.

Uma pesquisa realizada por Sá *et al.* (2021) confirma essa premissa referente a diminuição do nível de atividades físicas por crianças brasileiras. Na investigação os pesquisadores identificaram que durante o isolamento social houve um aumento do tempo diário das crianças destinados a atividades mais sedentárias (atividades intelectuais, tempo lúdico de tela e brincar sem atividade física) e uma diminuição de atividades mais ativas (somatório do brincar com atividade física e da atividade física).

Nesse sentido, pesquisas recentes reforçam a importância do movimentar-se, da prática de atividade física e do brincar como aspectos fundamentais no desenvolvimento integral das crianças, na prevenção de doenças e na promoção da saúde, sobretudo durante a Pandemia Covid-19, tendo em vista a importância da prática de atividade física como forma de fortalecer as defesas do organismo e o sistema imunológico, assim como na moderação de consequências negativas do isolamento social, como o estresse, a ansiedade e a depressão (JÚNIOR, PAIANO,

COSTA, 2020; IMPULSIONA, 2020; PITANGA, BECK, PITANGA, 2020; SÁ *et al.*, 2021).

Considerando o exposto, os projetos educacionais, esportivos e sociais também tiveram que paralisar as suas atividades presenciais e se reestruturarem para atender os participantes em outros formatos à distância. Nesse sentido, logo no início da Pandemia, o projeto de extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), denominado de “Educação física escolar: a prevenção e o combate à obesidade por meio de práticas corporais” precisaram reestruturar o seu planejamento e reinventar a sua dinâmica metodológica das aulas e ações desenvolvidas, uma vez que durante o ano de 2020 os jovens foram “impedidos” de participar presencialmente das atividades propostas.

Nesse sentido, uma alternativa viável para a manutenção do projeto foi pensar em uma estratégia que possibilitasse o aprendizado dos conhecimentos e das vivências práticas do projeto, pautado em estratégias do ensino à distância.

Dessa forma, o objetivo desse capítulo é apresentar o relato de experiência das ações realizadas pelo referido projeto de extensão, com ênfase na proposta educativa de estímulo à prática de atividade física e a promoção da saúde de crianças e adolescentes, durante a Pandemia Covid-19.

O presente capítulo será apresentado conforme a seguinte estruturação: Descrição geral do projeto “Educação física escolar: a prevenção e o combate à obesidade por meio de práticas corporais”; Descrição das ações da proposta de práticas corporais, saúde e educação para crianças e adolescentes durante a Pandemia Covid-19; Apresentação das publicações; Considerações finais.

DESCRIÇÃO GERAL DO PROJETO “EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A PREVENÇÃO E O COMBATE À OBESIDADE POR MEIO DE PRÁTICAS CORPORAIS”

O projeto de extensão é vinculado ao curso de Educação Física - Licenciatura da Unioeste, campus Marechal Cândido Rondon, tendo como objetivo principal promover práticas corporais no intuito de prevenir e combater o sobrepeso/obesidade e sedentarismo em crianças e adolescentes. Os objetivos específicos são os seguintes: Fornecer informações sobre a importância da prática de atividade física, comportamento alimentar e hábitos saudáveis; Fortalecer o exercício da autonomia

de crianças e adolescentes frente as questões relacionadas à prática de atividade física; Fornecer apoio psicológico frente as adversidades que envolvem a obesidade na infância e adolescência; Proporcionar aos acadêmicos do Curso de Educação Física uma oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas para o ensino das diversas práticas corporais ligadas à Educação Física Escolar.

O projeto de extensão “Educação física escolar: a prevenção e o combate à obesidade por meio de práticas corporais”, desde a sua criação no ano de 2017, vêm se mostrando como um importante meio de promoção da saúde dos adolescentes participantes, possibilitando a obtenção dos objetivos propostos e o desenvolvimento integral dos jovens atendidos. O projeto atende de forma gratuita crianças e adolescentes, com faixa etária entre 9 e 14 anos de idade, de ambos os sexos, devidamente matriculados nos Anos Finais do Ensino Fundamental, em escolas públicas do município de Marechal Cândido Rondon-PR.

As aulas acontecem nas dependências do Complexo Poliesportivo (ginásio de esportes, pista de atletismo, campo de futebol, quadra de areia, tatame, pátio) da Unioeste, campus Marechal Cândido Rondon – Paraná, com frequência de duas vezes por semana e com duração de duas horas cada encontro.

A equipe de trabalho do projeto é composta por professores e acadêmicos do curso de Educação Física, os quais são responsáveis pelo planejamento, execução e realização das ações. Essas etapas favorecem a qualificação do projeto e, sobretudo a formação dos acadêmicos de Educação Física, uma vez que esses assumem funções e responsabilidades, com supervisão e orientação dos docentes vinculados ao projeto.

As atividades e práticas corporais que são realizadas durante a execução do projeto são sustentadas com base na coleção Práticas corporais e a organização do conhecimento, elaborada por Gonzáles, Darido e Oliveira (2017). Conforme planejamento anual das aulas, as práticas corporais/modalidades propostas são as seguintes: esportes de invasão (basquetebol – futebol – futsal – handebol – *ultimate frisbee*); esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote (*badminton* – peteca – tênis de campo – tênis de mesa – voleibol – atletismo); ginástica; dança; atividades circenses; lutas; capoeira e práticas corporais de aventura.

O projeto estabelece parcerias com escolas e instituições, no intuito de agregar participantes, proporcionar a troca de experiências entre estudantes e profissionais, ampliar as possibilidades de intervenção e fortalecer os princípios educativos.

Também são realizadas palestras aos participantes e seus familiares com profissionais de outras áreas, com destaque para a Nutrição e Psicologia, no intuito de proporcionar conhecimentos que agreguem na intervenção e objetivos do projeto.

Durante a realização do projeto são realizadas avaliações com os participantes, no intuito de verificar os efeitos da intervenção e identificar aspectos que possam favorecer a execução e o acompanhamento das atividades e ações do projeto. Também são realizadas reuniões com os pais/responsáveis, objetivando estabelecer uma relação de proximidade com a família, compartilhar informações sobre as ações do projeto, fornecer os resultados das avaliações, assim como conversar sobre os hábitos e comportamentos de atividade física, alimentares e psicológicos dos jovens e de seus familiares.

Nesse sentido, destaca-se que o projeto tem alicerce de suas ações numa visão ampliada de promoção da saúde, na qual o enfoque não fica restritivo a prevenção de doenças, ou seja, amplia-se as possibilidades a partir de uma perspectiva positiva do conceito de saúde, na qual privilegia o processo educativo e formativo, de forma que fortaleça o exercício da autonomia dos indivíduos no gerenciamento de sua saúde. Nesse direcionamento, Silva Júnior, Miranda e Velardi (2012, p. 27) afirmam que:

o papel da Educação Física, na perspectiva da Promoção da Saúde, é o de promover a prática das atividades físicas utilizando-se de estratégias educacionais que transcendam as práticas motoras e, por meio delas, tornam possível o ensino de conhecimentos que permitam às pessoas gerenciarem melhor suas condições de saúde.

Dessa forma, a finalidade do projeto transcende a realização e execução da prática de atividades físicas pelos jovens, ou seja, espera-se que os participantes do projeto de extensão além da realização das atividades práticas, fortaleçam o processo educativo que possibilitem que os benefícios da atividade física para a promoção da saúde sejam atingidos, numa possibilidade ampliada e não restritiva aos domínios físicos e fisiológicos.

DESCRIÇÃO DAS AÇÕES DA PROPOSTA DE PRÁTICAS CORPORAIS, SAÚDE E EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19

Pesquisas comprovam que a prática regular de atividade física para crianças e adolescentes é de suma importância como forma de prevenção de doenças, promoção da saúde e uma ampliada possibilidades de benefícios para a vida das pessoas. Além disso, é destacado a importância do processo educativo e de conscientização para os domínios ligados a atividade física e a saúde, de forma a estabelecer uma base consistente para gerenciar com autonomia durante a sua vida (MATSUDO *et al.* 2003; SILVA JÚNIOR, MIRANDA, VELARDI, 2012).

De acordo com pesquisas recentes realizadas em plena pandemia, evidencia-se a importância da manutenção e/ou aumento dos níveis de atividade física pelos jovens como forma de diminuir os efeitos adversos do isolamento social e do sedentarismo (JÚNIOR, PAIANO, COSTA, 2020; PITANGA, BECK, PITANGA, 2020).

É importante destacar que durante a pandemia, os projetos educacionais, aulas e outras ações que tradicionalmente ocorriam de forma presencial tiveram que se “reinventar” para possibilitar a participação do seu público-alvo. Nesse sentido, as estratégias de ensino à distância, ensino remoto, utilização de mídias sociais, dentre outras possibilidades digitais, virtuais e *online* foram rapidamente evidenciadas como uma alternativa para a educação tradicional. Nesse sentido, Santos e Brognoli (2020) ressaltam que durante a pandemia essa foi a possibilidade mais rápida e viável no momento emergencial para que os alunos não ficassem em casa ociosos e sem atividades e, apesar de algumas limitações, se mostrou eficaz e com grande importância para esse período delicado. Os autores ressaltam que esses formatos não substituem a essência do presencial, mas é uma opção plausível para o momento, destacando que embora as pessoas estejam fisicamente distantes, mas continuam virtualmente conectadas.

No contexto da Educação Física, as dificuldades são maiores, tendo em vista que a sua essência é o movimento, o que limita as suas possibilidades de realização num formato à distância. Nesse sentido, Machado *et al.* (2020, p. 13) afirmam que as práticas de Educação Física realizadas nesse momento de pandemia são distintas das vivenciadas tradicionalmente, sendo que:

o trabalho em conjunto - de troca, de vibração em grupo, de aprendizagens coletivas - foi deslocado para um trabalho voltado para o individual [...]. O coletivo, pelo individual. O jogo, o esporte, a brincadeira, por gestos isolados [...]. O espaço da escola foi substituído pelo espaço da casa.

Apesar dessa crítica e das inúmeras dificuldades da realização de práticas corporais, é importante destacar que esse formato a distância não substitui o presencial, mas pode ser considerado uma importante alternativa para determinados momentos e que poderá, inclusive ser um aliado do modelo tradicional presencial. A tendência é que os recursos tecnológicos utilizados na educação à distância estejam cada vez mais presente e venham a somar na educação e na vida das pessoas.

Nesse sentido, logo no início da Pandemia Covid-19 os integrantes do projeto decidiram por uma alternativa de elaboração de um material de orientação para a prática de atividades físicas em casa, tendo em vista a paralisação das atividades da Unioeste e conseqüentemente do atendimento ao público participante.

Dessa forma, o projeto de extensão, desde o mês de março de 2020 publicou diariamente na página do *Facebook* ([@ProjetoPraticarUNIOESTE](#)) e em grupos de *Whatsapp*, posts com a divulgação de dicas de práticas corporais, que poderiam ser realizadas em casa nesse momento de isolamento, auxiliando pais e filhos no convívio saudável familiar. Além disso, foram elaborados e disponibilizadas postagens com informações importantes sobre orientações de saúde e qualidade de vida, no intuito de promover a educação em saúde dos beneficiados do projeto de extensão.

O objetivo é que o material produzido durante o período de pandemia possa direcionar e orientar as crianças/adolescentes e seus pais, no intuito de possibilitar a vivência de práticas corporais nesse momento em que os jovens estavam sem aulas presenciais nas escolas e isolados em suas casas, contribuindo para que se mantenham ativos.

O processo de planejamento do material envolveu professores e acadêmicos do projeto que se reuniam diariamente, de forma remota, para estudo e produção do material. O planejamento considerava as unidades temáticas apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura) (BRASIL, 2017), assim como o referencial pedagógico da coleção *Práticas Corporais* e a *Organização do Conhecimento* (GONZÁLES; DARIDO; OLIVEIRA, 2017).

Também é importante mencionar que a elaboração dos materiais foi um momento de grande aprendizado para todos os integrantes do projeto, seja na busca de novos conhecimentos apropriados ao momento atual da pandemia, na criatividade e diversidade de publicações, no aprendizado sobre programas gráficos e recursos tecnológicos, dentre outros.

A elaboração do material prezou pelos seguintes aspectos:

- i. Linguagem simples e acessível, tendo em vista que deve ser compreendido pelos jovens e seus familiares;
- ii. Valorização de atividades simples e tradicionais da cultura corporal;
- iii. Valorização de práticas corporais ativas, nas quais estimulem maior gasto energético das crianças e adolescentes;
- iv. Estímulo para participação dos pais junto com seus filhos, como forma de fortalecer os laços familiares;
- v. Possibilidade de flexibilização e adaptação das atividades, de acordo com as limitações de espaço físico, de materiais e de número de participantes;
- vi. Valorização do aspecto lúdico no desenvolvimento das atividades;
- vii. Apresentação de ilustrações para exemplificar e orientar a realização das atividades;
- viii. Apresentação de dicas e variações das atividades propostas;
- ix. Apresentação de sugestões de vídeos no *Youtube* para exemplificar, detalhar e aprofundar as atividades;
- x. Consideração de valores como cooperação, solidariedade, senso de justiça, respeito, ética, dentre outros.

Além desses aspectos mencionados é importante destacar que várias publicações enfatizaram a construção de brinquedos com materiais alternativos ou recicláveis, de fácil acesso e baixo custo para as famílias. A construção de brinquedos pelas crianças é uma importante estratégia para o desenvolvimento de suas habilidades, estimulando a criatividade e a autonomia das crianças (TOLOCKA; PEREIRA; POLETTTO, 2018). Além disso, é uma forma de aproximar pais e filhos na construção e na vivência do brincar.

Cada publicação atingiu diariamente cerca de 300 crianças e adolescentes através dos meios digitais, comprovados pela certificação da página do projeto. Ressalta-se que todas as postagens estão disponíveis na página do *Facebook* ([@ProjetoPraticarUNIOESTE](https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE)).

Para ampliar a abrangência de divulgação das ações, foi realizada uma parceria com a Secretaria de Educação do município de Marechal Cândido Rondon, na qual a equipe do projeto enviava os *posts* diariamente para a referida Secretaria

que encaminhava às coordenações das escolas e estas direcionavam para os alunos vivenciarem as atividades em casa.

APRESENTAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES

Como forma de exemplificar e ilustrar esse relato de experiência, a seguir é apresentada a relação de todas as publicações das práticas corporais que foram compartilhadas com os jovens. Considerando o limite de espaço para a elaboração desse capítulo, foram selecionadas oito postagens referentes às práticas corporais e duas relacionadas à questões de saúde. Destaca-se que ao total foram elaboradas mais de 120 postagens divulgadas no ano de 2020 e 2021.

Quadro 1 – Relação das postagens de práticas corporais

Acerte o copo	Circuito motor	Lançamento de bolinhas
Alongamento	Claves	Lançamento de dardo
Alvo com balões	Coordenando bolinhas	Lutas
Amarelinha	Corrida do ovo	Malabares com tule
Arremesso de peso	Corrida do saco	Memória dos objetos
Avião de papel	Crossfit Kids	Mini-croquet
Badminton	Dança	Mini-golfe
Balangandã	Dança no jornal	Mini-hand
Bambolê	Desafio de embaixadinhas	Mini-tênis
Beisebol	Desafio de ginástica I	Missão impossível
Bilboquê	Desafio de ginástica II	Origami
Bobinho	Desenho com linha	Parkour
Bocha	Dinâmica com balões	Pé de lata
Bola ao cesto - basquete	Dominó	Pebolim
Bolhas de sabão	Duelo de tampinhas	Pega vareta
Boliche com garrafa pet	Esconde-esconde	Perna de pau
Bolinha ao alvo	Esgrima - espada de jornal	Peteca
Bolinha de gude	Espelho humano - dança	Pião
Bolinhas de malabares	Estilingue	Ping-pong
Brincadeira com caixa	Falsa baiana	Pulando elástico
Brincadeira musical	Fantoches	Pular corda
Brinquedos cantados	Foguete divertido	Raqueteball
Bumerangue	Futebol	Saltos - atletismo
Cabo de guerra	Futvolei adaptado	Sinuca adaptada

Cabo de guerra-tabuleiro	Goalball	Sinuca de sopro
Caça ao tesouro	Hóquei	Skate
Caça ao tesouro sensorial	Imagem e ação	Stop
Caçador - queimada	lototi	Tampinhas ao alvo
Cai não cai	Jogo da meia	Teia humana
Capoeira - ginga	Jogo da memória	Tobdaé
Captura de bolinhas	Jogo da velha gigante	Ultimate frisbee
Carrinho de garrafa pet	Jogo de argolas	Vai e vem
Carrinho de Rolimã	Jogo do alerta	Vôlei às cegas adaptado
Circuito da memória	Jogos de oposição	Voleibol adaptado
Circuito de bike	Just dance	Xadrez

Fonte: elaborado pelos autores

Quadro 2 - Relação das postagens relacionadas à saúde

A importância do sol na quarentena	Exercícios de respiração
Alimentação saudável	Hidratação
Benefícios da atividade física	Higienização das mãos
Combate à dengue	Hipertensão arterial
Dia do desafio	O uso de máscaras
Diabetes	Obesidade infantil
Doação de sangue	Prevenção ao Covid
Economia da água	Qualidade do sono

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 1 – Prática corporal - Pião

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).



PIÃO





O Pião é um brinquedo tradicional construído de madeira, mas que pode ser adaptado de forma mais simples de plástico, E.V.A., folhas de jornal ou papel, tampinhas de garrafa, dentre outros.

Nesse *post*, ensinaremos a construção de um Pião de tampinhas de garrafa.

COMO FAZER:

- Pegue uma tampinha e faça um pequeno furo no centro (o furo precisa ser no centro, senão o pião não irá rodar corretamente);
- Coloque um palito de dente no furo com uma gota de cola;
- Pode-se utilizar tinta colorida para enfeitar seu pião.

DICAS DE COMO BRINCAR

- ✓ Procure uma superfície plana para brincar (mesa ou chão). Também pode ser utilizado um prato, bandeja ou outro objeto plano;
- ✓ Pode ser jogado de forma individual, em duplas ou grupos pequenos;
- ✓ **Recomenda-se que cada um tenha o seu pião, mas ele também pode ser emprestado aos demais;**
- ✓ Para brincar, pegue o pião pelo palito e faça o movimento como se fosse estalar os dedos. Pode ser realizado com a mão direita, esquerda ou com as duas simultaneamente;
- ✓ Poderão ser realizados desafios, como: deixar mais tempo rodando; fazer um desenho e rodar respeitando esse espaço; fazer rodar sobre uma parte do corpo (ex: palma da mão).

MATERIAIS:

- Palito de dente
- Tampinha de garrafa pet
- Cola
- Tintas coloridas
- Pincel

Sugestão de vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=MnshCmh8e6s>



BRINQUE COM SUA FAMÍLIA!!

Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticatUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 2 – Prática corporal – Bolinhas de malabares

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).

BOLINHAS DE MALABARES



Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

BOLINHA DE MEIA

Para fazer esta bola necessita de meias brancas ou coloridas de algodão, tesoura e espuma de enchimento ou algodão.

COMO FAZER:

Pegue numa meia e encha com espuma de enchimento ou algodão. Também pode utilizar outras meias como enchimento. Torça a meia, vire-a do avesso e assim sucessivamente até chegar ao fim da meia, deixando-a em forma de bola.



BOLINHA DE PAINÇO

Será necessário painço, balões, tesoura, funil, uma caneca ou copo.

COMO FAZER:

- Encha e esvazie um balão.
- Coloque o painço na caneca e com a ajuda do funil, encha o balão no tamanho aproximado de um punho.
- Faça um nó para fechar.
- Encha e esvazie outro balão que servirá como revestimento. Corte o bico do balão e cubra a bolinha.
- Para cada bolinha use pelo menos 4 bexigas de revestimento.



DICAS DE COMO BRINCAR:

- Inicie lançamentos para o alto com a mão dominante e depois com a outra;
- Aumente a altura dos lançamentos;
- Realize com duas bolinhas ao mesmo tempo e depois alternado;
- Realize com duas bolinhas, de forma a alterná-las entre as mãos;
- Coloque uma terceira bolinha;
- Persista com as tentativas.

Dicas para aprender malabarismo com 3 bolinhas:

<https://www.youtube.com/watch?v=6K9EZFKRGUw>

Tutorial de como fazer bolinhas de malabares com painço:

<https://www.youtube.com/watch?v=1nfkMaquCXM>

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).



Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 3 - Prática corporal - Badminton

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).

BADMINTON



Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

Organizando o jogo com materiais recicláveis

Você precisará de cabides flexíveis, meia-calça feminina (raquete); Garrafas pet, embalagem de desodorante roll-on (Peteca); corda ou fita demarcatória ou elástica (rede); corda, giz ou fita crepe (marcação).



Raquetes com meia

É um esporte jogado individualmente ou em duplas, em uma quadra dividida por uma rede no meio. Muito parecido com o tênis, é jogado com raquetes e, ao invés da bolinha amarela, o objeto a ser rebatido é uma peteca.



Como montar:

Raquete - serão construídas com a contorção dos cabides em forma de raquete, para serem cobertos com pedaços de meias-calças (conforme ilustração ao lado).

Petecas - As bases serão feitas da bolinha de desodorante roll-on ou de bolinhas de isopor e as penas, de tiras de garrafas pet.

Rede - Será estendida uma corda, dividindo a quadra ao meio.

Quadra - Realizar as demarcações da quadra e estender uma corda (que será a rede), dividindo-a em duas partes.

Como jogar:

- ✓ Pode-se jogar 1x1 ou 2x2;
- ✓ O objetivo é derrubar a peteca no campo adversário e não deixar a "peteca" cair em seu campo, utilizando a raquete para rebater a peteca.
- ✓ O jogo é iniciado com o saque.
- ✓ Cada vez que a peteca cai no chão ou que ocorre um erro é considerado um ponto.
- ✓ Vence quem tiver mais pontos.

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).



Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 4 - Prática corporal – Mini-tênis

*Dias de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).



UNIOESTE
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

MINI-TÊNIS



O Mini-tênis é jogado em uma quadra reduzida, podendo ser adaptada em um pequeno espaço do quintal de casa ou da garagem.

Como jogar:

- A quadra é dividida por uma rede, e o objetivo do jogo é rebater uma pequena bola com uma raquete para o lado do adversário.
- Para marcar um ponto é preciso que a bola toque no solo em qualquer parte dentro da quadra adversária, fazendo com que o adversário não consiga devolver a bola antes do segundo toque, ou que a devolva para fora dos limites da outra meia-quadra.
- Combine a pontuação e as demais regras.
- Desafie seus familiares para confrontos de Mini-tênis.

Materiais necessários:

- 1 bolinha de tênis ou de borracha;
- Giz para desenhar a quadra;
- 1 par de raquetes de tênis, frescobol ou construa uma raquete adaptada;
- 1 rede, que pode ser uma corda amarrada, lençol ou toalha.



*Dias de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).



Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 5 - Prática corporal – Pulando Elástico

*Dias de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).



PULANDO ELÁSTICO



MATERIAIS e COMO PREPARAR:
2 metros de elástico de costura.
Amarre as pontas e o seu brinquedo está pronto.

REGRAS:

Duas pessoas seguram o elástico entre as pernas e uma terceira pula. Se não tiver mais participantes, a opção é prender o elástico em uma ou duas cadeiras ou algo fixo;

Quem errar passa a vez para o outro participante.

O elástico geralmente começa no tornozelo, depois sobe para o joelho, para a coxa e para o quadril. Algumas crianças pulam com o elástico na altura dos ombros e da cabeça.

Cada vez que o participante acerta a sequência toda, o elástico sobe; passa do tornozelo para o joelho, por exemplo.



COMO BRINCAR??

- Na primeira fase, o elástico fica na altura do tornozelo. Quem participa pula para dentro, para fora, para dentro, pisa no elástico, pisa para fora e cruza o elástico. Depois o elástico sobe e a pessoa repete a sequência.
- Na segunda fase, o participante tem que fazer a mesma sequência anterior, mas precisa raspar os pés para trás em cada movimento.
- Na terceira fase, também se repetem os movimentos da primeira, mas, em vez de raspar os pés para trás, é preciso galopar.
- Na quarta fase, troca o galope por um giro em cada movimento.
- Na quinta fase, repete todas as sequências (normal, raspa os pés, galopa e gira)

Existem outras formas de vivenciar a brincadeira. Utilize a criatividade, compartilhe a experiência e pesquise na internet.

DICA DE SITE: <http://mapadobrinhar.folha.com.br/brincadeiras/elastico>

*Dias de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).

Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 6 - Prática corporal - Parkour

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).

PARKOUR





Você conhece o Parkour?

É uma prática corporal de aventura extremamente estimulante, divertida e dinâmica, que consiste no deslocamento de um ponto para outro, usando habilidades corporais para a superação de obstáculos.

É possível realizar essa prática em casa?

SIM, realizando de forma adaptada, utilizando os espaços e materiais disponíveis. Assim como praticando essa atividade com **SEGURANÇA**, respeitando os **RISCOS** e tendo o **ACOMPANHAMENTO** de um **ADULTO**.

Realize essa prática com prudência, responsabilidade e segurança.

Dicas para brincar em casa

- Explore os obstáculos: as crianças, sob supervisão dos pais, deverão experimentar manobras, utilizando obstáculos presentes no quintal da casa e sua proximidade (muretas, paredes, vãos, corrimãos, pneus, bancos, escadas, dentre outros).
- Procure explorar as manobras sugeridas, conforme ilustração ao lado. →
- Desse modo é possível explorar a criatividade e contextualização dos conceitos e possibilidades do Parkour.

Sugestões de manobras


jump


pass


back flip side


hand stand


bedouin flip


speed







Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticatUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 7 - Prática corporal – Esgrima com espada de jornal

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).

ESGRIMA COM ESPADA DE JORNAL





Materiais:

- Folhas de jornal e fita adesiva.

Como fazer:

- 1 - Comece enrolando uma folha de jornal na diagonal, de uma ponta até a outra. Quando terminar, prenda a ponta com um pedaço de fita adesiva.
- 2 - Em seguida, dobre uma ponta do canudo.
- 3 - Logo após, amasse esta parte dobrada e fixe a ponta no canudo, com o auxílio de um pedaço de fita adesiva, formando a alça da sua espada.

Passo a passo ilustrado:



Dicas para brincar:

- Pode ser realizado no pátio, na garagem ou numa sala ampla;
- Realizar movimentos de ataque, utilizando o braço direito e esquerdo;
- Realizar movimentos de ataque, acertando um alvo;
- Luta: em duplas, um de frente para o outro, o objetivo de cada um será tocar na outra pessoa sem que ela toque de volta. Para cada toque completado no corpo da outra pessoa, efetua-se 1 ponto.

Vamos brincar!!!



Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticatUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 8 - Prática corporal – Mini-golfe

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).



MINI-GOLFE







✓ *Vamos aproveitar os materiais recicláveis para a construção de um jogo?*
✓ *Você conhece o Golfe?*
✓ *Você sabia que o esse esporte pode ser adaptado e realizado em casa?*

✓ O Minigolfe é uma adaptação do esporte Golfe, prático e ideal para brincar com a família e amigos em espaços menores. Além de ser divertido, o jogo trabalha a coordenação motora, cálculos e cores.

MATERIAIS

- 2 caixas de papelão
- Papel colorido
- Fita adesiva
- Tesoura
- Cola
- Régua
- Estilete
- Cabo de vassoura ou outra madeira



Desafie seus familiares e vamos praticar!

REGRAS E DICAS BÁSICAS DO JOGO

- # Realize o jogo preferencialmente num gramado, mas pode ser realizado em outros ambientes;
- # Coloque os buracos (caixas) em diversos lugares;
- # O objetivo é o jogador acertar no buraco utilizando o mínimo de tacadas;
- # Pode-se estipular pontuações para cada buraco;
- # Por se tratar de um jogo adaptado, as regras poderão ser combinadas e ajustadas entre os participantes.

Passo a passo de como montar o minigolfe:

<https://escolasdobem.com.br/passo-a-passo-mini-golf/>

Dicas para jogar o Minigolfe

<https://www.youtube.com/watch?v=IttW6vRFYbc>  **YouTube**

Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 9 – Dicas de saúde – Benefícios da atividade física

*Dicas de brincadeiras e brinquedos para serem vivenciados pela família em casa (COVID-19).

Benefícios da atividade física







As atividades físicas e as práticas corporais são importantes aliadas da saúde e do bem-estar. Veja alguns benefícios da prática regular de atividades físicas:

- ✓ Fortalecimento dos ossos e músculos;
- ✓ Melhora do condicionamento muscular e cardiorrespiratório;
- ✓ Redução do risco de doenças cardiovasculares, diabetes, osteoporose, fibromialgia, alguns cânceres, entre outras doenças;
- ✓ Melhora da saúde mental e do humor;
- ✓ Redução do estresse;
- ✓ Controle da pressão arterial e níveis de açúcar no sangue;
- ✓ Melhora em quadros de depressão;
- ✓ Aumento da autoestima e da sensação de bem-estar;
- ✓ Aumento da expectativa de vida;
- ✓ Melhora da qualidade do sono;
- ✓ Controle de peso;
- ✓ Manutenção da autonomia nas atividades diárias e prevenção do risco de quedas para pessoas de terceira idade.





Curta a nossa página no Facebook e receba as notificações:
<https://www.facebook.com/ProjetoPraticarUNIOESTE/>

Fonte: elaborado pelos autores

Figura 10 - Dicas de saúde - Hidratação

The infographic is enclosed in a blue border and contains the following elements:

- Top Left:** Logo for 'Projeto Praticar' featuring stylized green figures and the text 'Projeto Praticar'.
- Top Center:** A red heart with a white pulse line and the text 'DICAS DE SAÚDE' next to a green apple.
- Top Right:** Logo for 'EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA Unioeste' featuring a stylized runner.
- Center:** A large blue box with the title 'MOTIVOS PARA BEBER ÁGUA'.
- Left Side:** A photograph of a young child drinking from a clear plastic water bottle.
- Right Side:** A photograph of water being poured from a blue plastic bottle into a clear glass.
- Center-Right:** A vertical list of five benefits in white boxes with blue borders:
 - Regula a temperatura corporal;
 - Absorve e transporta os nutrientes;
 - Auxilia no emagrecimento;
 - Desintoxica o corpo;
 - Ajuda na hidratação da pele.
- Bottom Center:** A large white box with a blue border containing the text 'HIDRATAR-SE FAZ BEM A SAÚDE!!!' in bold blue letters.
- Bottom Right:** A small white box with a blue border containing the text '• Dicas de saúde para serem seguidos pela família em casa (COVID-19)'.

Fonte: elaborado pelos autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto tem sido de grande importância na educação, conscientização e mudança de hábitos dos participantes, no intuito de promover a saúde das crianças e adolescentes. No caso específico dessa ação educativa de estímulo à prática de atividade física e a promoção da saúde de jovens, durante o período de isolamento social em virtude da Pandemia Covid-19, constatou-se como proposta inovadora e qualificada que possivelmente contribuirá de forma significativa na vida dos participantes do projeto e daqueles outros que utilizaram o material elaborado para praticar atividades físicas, brincar, se divertir, aprender com o conteúdo e interagir com os seus familiares.

Ressalta-se também a importância dessa proposta como forma de reflexão e reinvenção da prática pedagógica por parte da equipe do projeto, uma vez que tiveram que adequar o planejamento, a execução e a avaliação das ações propostas, de forma a deixá-las apropriadas às implicações da Covid-19.

O material foi elaborado objetivando o período de isolamento social, mas certamente será uma estratégia pedagógica importante para o retorno das atividades presenciais, conciliando os conhecimentos e vivências em aula com as possibilidades de realização das práticas corporais em casa, como forma de incentivo ao aumento dos níveis de atividades físicas e dos conhecimentos acerca de sua saúde.

Por fim, é importante ressaltar que a Educação Física no formato à distância, e nesse caso em especial com a utilização das mídias sociais, não substitui o modelo presencial, contudo é capaz de ser uma notável estratégia para determinadas circunstâncias e uma forma de agregar na dinâmica do ensino tradicional, uma vez que possibilita aos praticantes uma forma de reforçar, ampliar, criar, adaptar e reconstruir práticas. Além disso, destaca-se que atualmente os recursos tecnológicos estão cada vez mais inseridos no cotidiano das pessoas, sendo uma tendência na área educacional e nas demandas contemporâneas da sociedade.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Práticas corporais e a organização do conhecimento**, Maringá: Eduem, 2017.

IMPULSIONA. O papel da atividade física no retorno às aulas presenciais. Disponível em: <https://impulsiona.org.br/volta-as-aulas-atividade-fisica/>, 2020.

JÚNIOR, P. G. F.; PAIANO, R.; COSTA, A. S. Isolamento social: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 25, p. 1-2, 2020.

MACHADO, R. B.; FONSECA, D. G.; MEDEIROS, F. M.; FERNANDES, N. Educação física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, v. 26, p. 01-17, 2020.

MATSUDO, V. K. R.; ANDRADE, D. R.; MATSUDO, S. M. M.; ARAUJO, T. L.; ANDRADE, E.; OLIVEIRA, L. C.; BRAGGION, G.; RIBEIRO, M. A. “Construindo” saúde por meio da atividade física em escolares. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 4, p.111-118, 2003.

PITANGA, F. J. G.; BECK, C. C.; PITANGA, C. P. S. Inatividade física, obesidade e COVID-19: perspectivas entre múltiplas pandemias. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 25, p. 1-4, 2020.

SÁ, C. S. C.; POMBO, A.; LUZ, C.; RODRIGUES, L. P.; CORDOVIL, R. Covid-19 social isolation in Brazil: effects on the physical activity routine of families with children. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 39, p. 1-8, 2021.

SANTOS, S. A.; BROGNOLI, M. O. Educação À Distância: Benefícios e desafios em tempos de pandemia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 11, Vol. 11, pp. 92-100. Novembro de 2020. ISSN: 2448-0959

SILVA JÚNIOR, A. P.; MIRANDA, M. L. J.; VELARDI, M. **Atividade física para crianças e adolescentes**: a questão da promoção da saúde. In: FONSECA, P. H. S. Promoção e avaliação da atividade física em jovens brasileiros, São Paulo: Phorte, 2012. 240 p.

TOLOCKA, R. E.; PEREIRA, M. F.; POLETTI, J. Brinquedos alternativos em escolas infantis de uma cidade do interior de São Paulo. **Journal of Physical Education**, v. 29, p. 1-9, 2018.

12

OS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA PANDEMIA: PRÁTICAS CORPORAIS ONLINE NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EAD

Carlos Alberto Holdefer³⁹
Marina Toscano Aggio⁴⁰
Eduardo Emílio da Costa⁴¹

Resumo

O desenvolvimento das aulas práticas dos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física passou por um processo de reformulação, devido ao cenário gerado pela pandemia do novo Coronavírus. O que antes era realizado pelo orientador de Educação Física dos polos de apoio, em situação de isolamento social, teve de ser de forma remota, orientado pela coordenação dos cursos, via plataformas digitais e adaptado às condições dos estudantes. Visando dar continuidade na qualidade do ensino promovido pelas atividades práticas presenciais, uma IES da capital paranaense buscou nos recursos tecnológicos a possibilidade de reinvenção do ensino e aprendizagem em momentos de pandemia e organizou condições dos alunos de realizar as práticas corporais ao mesmo tempo em pudessem interagir via chat com os professores das disciplinas. Com isso, o objetivo principal deste estudo é analisar a importância da apresentação dos conteúdos teórico-práticos aplicados nas aulas remotas. Como objetivos específicos, buscou-se analisar o aprendizado dos movimentos a partir dos depoimentos obtidos via chat e tutorias; verificar se o recurso tecnológico foi eficaz no entendimento do conteúdo aplicado. A metodologia utilizada no estudo foi a análise das aulas remotas de Atletismo, Jogos e Brincadeiras e Educação Física Adaptada, aplicadas no ano de 2021 e que permitiram compreender este cenário a partir do levantamento dos dados. À luz desse cenário, compreende-se que o aprendizado das práticas corporais não pôde ser paralisado e diante disso, coube à coordenação dos cursos reinventar-se, adaptando a dinâmica de aplicação das aulas à nova realidade. A partir das percepções durante as aulas ao vivo, compreendeu-se que a tecnologia é uma grande aliada da educação, promovendo a continuidade do trabalho, possibilitando aprendizado de qualidade na formação dos graduandos.

³⁹ Especialista em Gestão de projetos em eventos. Professor dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNINTER. carlos.h@uninter.com

⁴⁰ Especialista em Fisiologia do Exercício – Prescrição do Exercício. Professor dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNINTER. Eduardo.co@uninter.com

⁴¹ Mestre em Educação. Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNINTER. Marina.p@uninter.com

Palavras-chave: Educação Física; EaD; Pandemia; Prática corporais; Aula remota.

INTRODUÇÃO

As práticas corporais nos cursos de Educação Física na instituição pesquisada seguem as orientações das DCNs dos cursos, que prevê 30% da carga horária para atividades práticas para que os alunos possam aliar o aprendizado da teoria com as práticas, a partir das vivências corporais.

Visando dar continuidade na qualidade do ensino promovido pelas atividades práticas presenciais, uma IES da capital paranaense buscou nos recursos tecnológicos a possibilidade de reinvenção do ensino e aprendizagem em momentos de pandemia e possibilitou as condições para que os alunos realizassem as práticas corporais ao menos tempo em que interagem via chat com os professores das disciplinas. O que antes era realizado pelo orientador de Educação Física dos polos de apoio, em situação de isolamento social, também pôde ser realizado de forma remota, orientado pela coordenação dos cursos, via plataformas digitais e adaptado às condições dos estudantes.

O objetivo principal deste estudo foi analisar a percepção dos estudantes quanto aos conteúdos teórico-práticos aplicados nas aulas remotas aplicadas no momento de pandemia. Como objetivos específicos, buscou-se analisar o aprendizado dos movimentos propostos via plataformas digitais, com retornos obtidos via chat e tutorias; verificar se o recurso tecnológico foi eficaz no entendimento do conteúdo aplicado.

O presente estudo é análise qualitativa e foi realizado a partir de revisão de literatura e pesquisa documental. Primeiramente, apresentou-se um referencial teórico das práticas corporais no EAD e como ocorrem todos os processos a partir da coordenação dos cursos; na sequência discorreu-se sobre o uso dos recursos tecnológicos como ferramenta de ensino e aprendizagem e por fim, contextualizou-se sobre a Educação Física no EAD, isso para que o leitor compreendesse os cenários das práticas corporais nos cursos de Educação Física. Após isso, e com possibilidade de analisar os depoimentos via chat das aulas remotas das disciplinas de Atletismo, Jogos e Brincadeiras e Educação Física Adaptada, aplicadas no ano de 2021 e que

permitiram compreender o aprendizado das práticas corporais realizadas de forma remota.

À luz desse cenário, compreende-se que o aprendizado das práticas corporais não pôde ser paralisado e diante disso, coube à coordenação dos cursos reinventar-se, adaptando a dinâmica de aplicação das aulas à nova realidade.

A partir das percepções dos envolvidos (estudantes e professores) durante as aulas ao vivo, compreendeu-se que a tecnologia é uma grande aliada da educação, promovendo a continuidade do trabalho, possibilitando aprendizado de qualidade na formação dos graduandos.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO – PRÁTICAS CORPORAIS NO EAD

Como ponto de partida, vamos conceituar o termo prática corporal que vem sendo utilizado com maior frequência na Educação Física nos últimos vinte anos (FRAGA, 1995), logo após o movimento de renovação que a disciplina sofreu nos anos de 1990. O conceito é utilizado em artigos, teses de mestrado e doutorado e consta no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como tópico de destaque na disciplina de Educação Física.

De acordo com Smolka (2000, p. 29) prática corporal é produção simultânea de signos e sentidos, relacionada à constituição de sujeitos, na dinâmica dessas interrelações [...], diferentes valores, diferentes significados, diferentes sentidos emergem na diversidade dessas elaborações”.

Portanto, entende-se que as práticas corporais se constroem a partir de relações dinâmicas que acontecem em um ambiente norteado de símbolos entre os sujeitos, a fim de que as relações se estabeleçam norteados de valores, significados e sentidos, respeitando o mais íntimo da diversidade.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 213)

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

Corroborando com o entendimento do autor supracitado, a BNCC amplia o conceito de prática corporal destacando que são possibilidades de manifestações

entre os sujeitos de diferentes grupos sociais, mas que não se limita a um espaço, um tempo, um corpo e movimento.

Na concepção de Silva (2014, p.18) pode-se dizer que as práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras.

Para Lazzarotti Filho e colaboradores (2010) e Silva (2014), não é possível definir o que são práticas corporais, pois não é um conceito propriamente dito, mas um “conjunto de produções” de culturas que expressam o movimento corporal, intimamente ligado às diversas manifestações como danças, esportes, lutas, ginásticas, atividades expressivas e tantas outras formas de movimentar-se.

Oliveira, Oliveira e Vaz (2008, p. 306) vão além da análise da prática do movimento com o corpo, dizendo: “as práticas corporais que fazem parte do diálogo entre os indivíduos, encontram-se em contextos sociais organizados pelas relações de poder, linguagem e trabalho”. Para estes autores, as práticas corporais vão além dos movimentos do corpo e que se traduzem na inter-relação social, a fim de promover significado entre os elementos socioculturais. Diante desses conceitos, os autores concordam que as práticas corporais são construídas a partir dos conteúdos da Educação Física, mas que vão além muito além do movimentar-se sem significado.

Na Educação Física na modalidade à distância (EaD) as práticas corporais também são muito importantes e seguem a legislação vigente que devem ter no mínimo de 30% da totalidade das suas horas cursadas de forma prática, sendo 20% reservados aos estágios e 10% às demais atividades práticas (BRASIL, 2018).

Respeitando as atribuições acima, os cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física da instituição pesquisada buscou neste momento de pandemia ofertar as práticas corporais das disciplinas vigentes na fase (período em que as disciplinas são ofertadas aos alunos dos cursos em EaD) de forma remota. O objetivo principal era manter a qualidade das práticas corporais presenciais desenvolvidas antes a pandemia nos polos de apoio presencial, orientadas pelos “orientadores educacionais” dos cursos de Educação Física, profissionais graduados na área e com registros nos respectivos CREFs. Diante disso, a coordenação dos cursos

desenvolveu as aulas práticas corporais remotas, utilizando-se das plataformas digitais como meio de participação e interação dos alunos dos cursos.

A proposta das práticas corporais na EaD é que os alunos possam participar das atividades práticas adaptando às próprias condições, possibilitando ainda a participação dos seus familiares no processo de aprendizagem, uma vez que essas aulas podem acontecer em seu domicílio. Abaixo segue uma possibilidade de cronograma, de modo a organizar e facilitar a compreensão das atividades e possibilidades de aplicação de uma aula remota:

- O setor de mídias deve agendar o dia e horário da transmissão da aula remota;
- O professor responsável pela disciplina na fase deve organizar um roteiro da aula prática baseado no conteúdo da disciplina disponibilizada no AVA (Ambiente virtual de Aprendizagem) dos alunos, aliando teoria e prática;
- A coordenação deve convidar dois orientadores educacionais para participarem da aula, bem como, convidar um estudante;
- A coordenação organiza os avisos para que sejam serão inseridos nas disciplinas, convidando os alunos a participarem;
- A coordenação envia comunicados a todos os polos que ofertam os cursos de Educação Física, a fim de que se organizem e participem;
- Dois dias que antecedem a aula remota, a coordenação deve se reunir, via plataformas digitais internas, com os demais participantes para alinhar o roteiro das atividades;
- No dia da aula remota a coordenação deve testar os links das plataformas que serão enviadas aos participantes;
- No mesmo dia, todos os participantes devem organizar-se para entrar na sala com 30 minutos de antecedência;
- A proposta de duração da aula remota é de 01h40, dividida em 40 minutos na primeira parte e 40 minutos na segunda parte, tendo 10 minutos de intervalo;
- Todas as atividades elaboradas para a aula remota devem ser eminentemente práticas e individuais, com orientações realizadas pelos professores durante as atividades;
- A aula remota deve ser coordenada por um professor principal, dois orientadores educacionais convidados que participam ativamente das

orientações das atividades, um aluno convidado, um professor que permanece no chat interagindo com os alunos e um professor que interagem nas redes sociais dos cursos, a fim de estimular a participação dos alunos;

- Para possibilitar o acesso às aulas deve ser disponibilizado o acesso via link nas disciplinas; os orientadores educacionais também devem receber os links das aulas em programa de formação de orientadores, específico dos cursos de Educação Física, a fim de que possam ter acesso ao conteúdo;
 - No dia seguinte ao evento, os professores devem se reunir para a análise da aula. Com isso, a coordenação dos cursos em conjunto com outros setores elabora uma programação previamente enviada aos polos e orientadores dos cursos, para que desta forma, eles possam mobilizar os alunos a participarem das aulas.

O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Com a necessidade de oferecer recursos atualizados para aplicação de conteúdos na modalidade de Educação a Distância (EaD), o professor vê a necessidade, cada vez mais emergencial de atualizar os seus conhecimentos no que tange aos recursos tecnológicos para proporcionar um aprendizado eficaz. Para Guerreiro e Battini (2014, p. 297):

A reflexão sobre as novas tecnologias como ferramenta pedagógica, subsidiada por um processo de formação contínua aos professores, que além de possibilitar a aprendizagem da utilização das tecnologias, articula a construção de uma metodologia onde as mídias tecnológicas podem ser recursos didáticos eficazes no processo de ensino aprendizagem.

Essas percepções são imprescindíveis para o sucesso de uma aula ou ação com os estudantes. A utilização das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) vem sendo aflorada de maneira exponencial, sobretudo quando está em voga a importância de formação específica para utilização das TICs. De acordo com Macêdo et al. (2020), os docentes que atuam na EaD estão envolvidos em desafios, pois dependem que as instituições de ensino ofereçam uma formação continuada adequada e apesar de haver grande oferta de cursos de formação continuada no

Brasil, nem todos entendem que esses cursos propiciam benefícios para a atuação profissional.

Para além do campo educacional, a tecnologia evolui abruptamente e impacta em diversos setores sociais. De acordo com Moreira & Schlemmer (2020, p. 2):

A evolução das tecnologias digitais e das redes de comunicação também digitais propiciaram o surgimento de uma sociedade reticular marcada pela conectividade entre diferentes entidades, o que tem provocado mudanças acentuadas na economia e no mercado de trabalho, impulsionando o nascimento de novos paradigmas, modelos, processos de comunicação educacional e novos cenários de ensino e de aprendizagem.

Ainda para Moreira & Schlemmer (2020), o fato de considerarmos as tecnologias como fontes de inovação, integração, inclusão, flexibilização, abertura e personalização não é uma utopia e exige uma mudança de paradigma, sobretudo pelas imposições e restrições da pandemia do novo coronavírus, que de certa forma “aproximaram” territórios geográficos e comunidades educativas.

EDUCAÇÃO FÍSICA EAD

Para iniciarmos uma reflexão sobre a Educação Física na modalidade EaD, precisamos entender que nos últimos anos, “todo processo de formação profissional passou por inúmeras transformações, e uma característica marcante no cenário de formação docente, é a incorporação das TIC’s – tecnologias da informação e comunicação” (QUARANTA; PIRES, 2013, p. 186).

Em meados dos anos 90, a EaD foi reconhecida como ferramenta educacional no processo de formação educacional em todas as modalidades de ensino, sob uma perspectiva legal em todo território nacional. “O surgimento e a evolução desta modalidade, trouxe benefícios e comodidade para a sociedade, quebrando barreiras e reduzindo a dificuldade de acesso à educação” (SILVEIRA; PIRES, 2017, p. 61).

Existe uma reflexão sobre os meios de intervenção para atendimento aos alunos, no que se refere a mediação e interação, alguns sujeitos afirmam não conseguir se desvincilhar do antigo modelo (presencial), por acreditarem que apenas o diálogo direto estabelece conexão entre aluno e professor. Porém, assim que “imersos e ambientados ao universo tecnológico, suas ferramentas e funcionalidades, este conceito acaba por completo” (SOARES, et. al. 2016, p. 995).

Segundo Coquerel et. al. (2012, p. 63):

Aqui cabe ressaltar uma grande vantagem da (EaD), a abrangência do alcance das informações. Quando se trata das relações espaciais e temporais do processo de ensino aprendizagem em (EaD), constata-se que ocorre uma flexibilização do ensino e da aprendizagem, pois o aluno pode auto gerenciar os seus estudos, adaptando-se mais facilmente aos horários e minimizar os deslocamentos em trânsito, bem como ter acesso à aulas via videoconferência e ou teleconferência e materiais didático-pedagógicos elaborados por professores renomados dos grandes centros de pesquisa nacionais e, também, internacionais.

No mundo contemporâneo, o surgimento de novas atividades e segmentos (academias, clubes, serviços individualizados) trouxeram alterações que foram sinalizadas no processo de formação, e com isso o curso foi dividido em licenciatura (espaços escolares) e bacharelado (atuação profissional fora da escola), para de fato atender às expectativas da formação humana na escola e às demandas que ultrapassam os limites neste cenário. Com uma visão mais abrangente e um olhar clínico para o novo, percebe-se que há uma maior busca por uma formação específica e muitas destas buscas encontram-se no EaD (PIMENTEL; MORAES, 2020, p. 85).

O campo de atuação voltado para a Educação Física evolui de forma exponencial em suas intervenções e possibilidades na sociedade moderna. “Desde 1929, com o início dos primeiros cursos de formação em Educação Física, até sua regulamentação com os sistemas CONFEF/CREF’s em 1998, muitas ocorrências foram verificadas”. (SOARES, et. al. 2016, p. 990).

Com isto podemos citar dois momentos históricos no processo de formação de novos professores de Educação Física, sendo o primeiro deles a criação da primeira Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD) em 1939 e em 2005 a criação do primeiro curso de Educação Física à distância. A formação em Educação Física vem se modificando ao longo dos últimos anos, de modo geral, atribuindo disciplinas da cultura esportiva, disciplinas teórico-práticas, disciplinas práticas, e desde os anos 2000 percebeu-se uma maior preocupação na formação profissional, com foco na aprendizagem através das vivências e domínio do conhecimento através da relação atividade-objetivo (FILHO; SILVA; PIRES, 2013).

O início do ano de 2020 foi marcado por uma grande alteração em nossas rotinas. A reconfiguração do cenário mundial, afetado pela pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (Covid-19), trouxe alterações significativas para realidade de todos os cidadãos, e todos os segmentos. Uma destas alterações, foi a implantação de estratégias para continuidade no processo de formação educacional. Haja vista, que todos os cidadãos foram orientados a manter-se em suas casas por períodos

conhecidos como lockdown (confinamento), as manutenções de algumas atividades tornaram-se quase que inviáveis. Acreditava-se que muitas de nossas atividades, não seriam possíveis de forma que não fosse presencial, porém verificou-se a possibilidade de várias alternativas – com utilização das TIC's – para suprir esta demanda. De acordo com Quaranta & Pires (2013, p. 188) “podemos inferir que o curso de licenciatura é um espaço de ressignificação das suas trajetórias construídas ao longo da educação básica em contato direto com os conhecimentos pertinentes ao campo acadêmico em que estão situados (Educação Física)”.

Sendo assim, os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, reafirmaram sua possibilidade e continuidade na modalidade EaD. A formação através do letramento digital é a principal contribuição para acadêmicos de instituições EaD, somado à interação entre os saberes pedagógicos desenvolvidos no curso e os saberes das práticas corporais. De acordo com a proposta das Instituições de Ensino Superior (IES), os cursos contam com um significativo percentual na carga horária total em estágios supervisionados, que tem grande importância na formação inicial do candidato a docência, uma vez que estas experiências contribuem para a formação de conceitos e valores para a vida profissional. “Tais experiências, associadas a formação acadêmica, direcionarão o futuro profissional ao seu “melhor” campo de trabalho” (SILVEIRA; PIRES, 2017, p. 68).

METODOLOGIA

O presente estudo é análise qualitativa e foi realizado a partir de revisão de literatura e pesquisa documental. Primeiramente, apresentou-se um referencial teórico das práticas corporais no EAD e como ocorrem todos os processos a partir da visão da coordenação dos cursos; na sequência discorreu-se sobre o uso dos recursos tecnológicos como ferramenta de ensino e aprendizagem e por fim, contextualizou-se sobre a Educação Física no EAD, isso para que o leitor compreendesse os cenários das práticas corporais nos cursos de Educação Física. Depois disso, analisamos a partir dos depoimentos chat das aulas remotas das disciplinas de Atletismo, Jogos e Brincadeiras e Educação Física Adaptada, aplicadas no ano de 2021 e que permitiram compreender o aprendizado das práticas corporais realizadas de forma remota.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com objetivo de compreender o aprendizado dos alunos na aplicação das aulas remotas, este estudo procurou, por meio das percepções de estudantes e professores responsáveis pelas respectivas disciplinas dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, compreender a importância e eficácia do método de aplicação de aulas práticas remotas. Para tal, buscou-se compreender como os recursos tecnológicos proporcionam a possibilidade de continuação do processo de ensino e aprendizagem, mesmo em momentos de pandemia mundial, ocasionado pelo coronavírus. A partir das percepções dos professores, buscou-se a melhoria contínua, visto que essa não era uma prática corriqueira para os profissionais de educação. Diante da situação supracitada, os professores tiveram que reinventar, mudar conceitos, buscar familiaridade com as tecnologias, para garantir que o estudante não fosse prejudicado em seus estudos.

Pode-se observar uma interação direta dos professores com os estudantes durante as aulas, por meio das interações via chat. Esse recurso possibilitou que todas as dúvidas, oriundas dos conteúdos apresentados, fossem imediatamente respondidas pelo professor responsável pela aula. Dúvidas sobre conteúdos teóricos a partir da vivência das práticas reproduzidas nas aulas, bem como contribuições eram prática corriqueira durante as transmissões. Ainda, notou-se que os estudantes questionavam os movimentos a partir das vivências práticas, isso pode corroborar com o processo de aprendizagem ativa dos alunos. Diante disso, compreendeu-se que os recursos tecnológicos utilizados na transmissão das aulas, foram eficazes no entendimento dos conteúdos aplicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz desse cenário, compreende-se que o aprendizado das práticas corporais não pôde ser paralisado e diante disso, coube à coordenação dos cursos reinventar-se, adaptando a dinâmica de aplicação das aulas à nova realidade, considerando o auxílio das tecnologias.

A partir das percepções de professores e estudantes durante as aulas ao vivo, compreendeu-se que houve aprendizado de qualidade nas aulas remotas e a partir

do uso das tecnologias via chat, onde os alunos puderam tirar suas dúvidas sobre as disciplinas e ainda, interagiram com os seus colegas e professores.

A título de conclusão, o estudo aponta que, as tecnologias são grandes aliadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e se tornou mais evidente com a chegada da pandemia, pois o que antes era realizado apenas de maneira presencial, agora pode ser realizado de forma remota, promovendo a continuidade do trabalho, possibilitando aprendizado de qualidade na formação dos graduandos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física.

REFERÊNCIA

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 6, DE 18/12/2018. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Brasília: MEC, 2018.

FRAGA, Alex Branco. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 2, n. 3 1995.

LAZZAROTTI FILHO, Ari e colaboradores. O termo prática corporal na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./ mar., 2010.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda; OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física. **Pensar a prática**, n. 11, v. 3, P. 303-318, set./ dez., 2008.

SILVA, Ana Márcia. Entre o corpo e as práticas corporais. *Arquivos em movimento*, v. 10, n. 1, p. 5- 20, jan./ jun., 2014.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Caderno Cedes**, Campinas, v.20, n.50, p.26-40, abr. 2000.

VAZ, Alexandre Fernandez. Certa herança marxista no recente debate da educação física no Brasil. **Movimento**, v. 25, e25069, 2019.

MOREIRA, J. António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista uFG**, v. 20, n. 26, 2020.

SILVA, Taís Cristina; DA SILVA, Karol; COELHO, Marcos Antonio Pereira. O uso da tecnologia da informação e comunicação na educação básica. In: **Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online**. 2016.

GUERREIRO, Jackeline Rodrigues Gonçalves; BATTINI, Okçana. Novas tecnologias na educação básica: desafios ou possibilidades. **III Jornada de Didática: desafios para a docência e II Seminário de Pesquisa do CEMAD**, p. 297-307, 2014.

MACÊDO, Tatiana Andrade et al. Os desafios do professor-tutor à distância no ensino superior. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 55065-55082, 2020.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Metodologia de projetos: aprender e ensinar para a produção do conhecimento numa visão complexa. **Coleção Agrinho**, 2014.

QUARANTA, André M; PIRES Giovani De L. Formação de professores de Educação Física na EAD: inserção na cultura escolar através do estágio supervisionado, **Revista brasileira de Ciência e Movimento** v. 21 n. 1 p. 51-65, 2013.

SILVEIRA, Juliano; PIRES Giovani De L. Educação Física, Formação de Professores e Educação a Distância (Ead): Investigando A Produção do Conhecimento no Âmbito das Ciências do Esporte, **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 1 p. 61 – 75 jan./mar. 2017.

QUARANTA, André M; PIRES Giovani De L. Histórias de vida e experiências docentes no estágio supervisionado de licenciandos em Educação Física - modalidade EAD, **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 185 – 205, abr/jun de 2013.

SOARES J. L. et. al. Revisão integrativa das produções acadêmicas sobre o curso de Educação Física na modalidade a distância – EaD, **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 4, out./dez. 2016.

PIMENTEL F. C; MORAES R. A. As tendências ideológicas dos cursos de licenciatura em educação física na modalidade a distância, **ETD – Educação Temática Digital** Campinas, SP v.23 n.1p. 82 – 97 jan./mar. 2021.

COQUEREL P. R. S. et. al. Graduação em Educação Física no Brasil na modalidade EAD, **4º Congresso Internacional de Educação, Pesquisa e Gestão** UEPG, 2012.

FILHO A. L; SILVA A. M; PIRES G. L. Saberes e práticas corporais na formação de professores de Educação Física na modalidade a distância, **Revista Brasileira de Ciência do Esporte** v. 35 n. 3, set. 2013.

13

POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER E SUA (DES)CONTEXTUALIZAÇÃO COM O SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS

Rosa, Ricardo Lemes da⁴²
Silva, Jéssica Adriane Pianezzola⁴³
Eyng, Ana Maria⁴⁴

Resumo

Este estudo tem como propósito analisar o subcampo das políticas públicas de esporte e lazer focalizando suas aproximações e distanciamentos em relação ao subcampo da garantia de direitos destinados à criança e ao adolescente. Para esta discussão, assumimos o esporte como um fenômeno multidimensional que é produzido, fruído e consumido pela sociedade, e que ao assumir um caráter normativo constitucional passa a receber o status de uma política social. E, na condição de uma política pública, materializada em um programa ou projeto social esportivo governamental, é mister reconhecer as contribuições e limites que o esporte possui enquanto política setorial normatizada e institucionalizada pelo Estado Brasileiro, a fim de promover a garantia do direito da criança e adolescente ao esporte. Os limites tangem dissonâncias entre os propósitos e ações dos agentes situados nos subcampos, formação limitada, perspectivas individualizadas e fragmentadas e a ausência de políticas estruturantes. A partir do reconhecimento desses desafios, se identifica a necessidade de os profissionais compreenderem a intersetorialidade do esporte e o seu papel no Sistema de Garantia de Direitos, por meio de aspectos norteadores de sua prática: o conhecimento do contexto social, das políticas, da legislação e o desenvolvimento técnico-político.

Palavras-chave: Políticas Públicas; Esporte e lazer; Sistema de Garantia de Direitos.

INTRODUÇÃO

⁴² Doutor em Educação (PUCPR). Mestre em Educação Física (UFPR). Membro do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Direitos Humanos e Formação de Professores. Professor do Curso de Educação Física da PUCPR. Email: ricardorosa100@yahoo.com.br.

⁴³ Doutoranda e Mestre em Educação (PUCPR). Membro do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Direitos Humanos e Formação de Professores. Professora da Rede Municipal de Ensino de São José dos Pinhais. Email: jessica.adriane.ps@gmail.com.

⁴⁴ Pós-doutorado em Ciências Humanas e Sociais na área de Políticas Públicas / Estudos de Minorias (UFP/Portugal); Professora e Pesquisadora do PPGE/PUCPR. Líder do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Direitos Humanos e Formação de Professores. E-mail: eyng.anamaria@gmail.com.

O estudo tem como tema o campo do esporte e lazer, analisado a partir do subcampo das políticas públicas em articulação com o Sistema de Garantia de Direitos da Criança e Adolescentes. Para tal, partimos da premissa de que o esporte se configura como um direito social, previsto nas políticas nacionais e internacionais destinadas às infâncias.

Em diálogo com sua percepção enquanto direito, o esporte é um fenômeno mundialmente reconhecido e que historicamente permeia o desenvolvimento da sociedade ao mesmo tempo que foi e ainda continua sendo influenciado por ela.

Dentre os vários entendimentos e conceitos atribuídos a este fenômeno, assumimos a interpretação proposta por Marchi Jr. (2015 p. 59).

O esporte é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, constituído dinâmica e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização.

Com base nesta definição, Marchi Jr. (2015) apresenta um modelo de análise para o esporte denominado de Modelo Analítico dos 5 E's, que se expressa na articulação de cinco dimensões com características próprias: emoção, estética, ética, espetáculo e educacional.

As cinco dimensões de compreensão acerca do fenômeno esportivo evidenciam a complexidade que envolve o esporte para além de uma prática físico-corporal, como por exemplo, em uma aula de educação física, uma atividade de ginástica ou na forma de programas que acompanhamos pela televisão das mais variadas modalidades esportivas.

Para maior entendimento, explicitaremos, no Quadro 1, a característica central e exemplos ilustrativos de cada dimensão apontada por Marchi Jr. (2015).

Quadro 1 - Características das dimensões presentes no modelo analítico dos 5 E's

Dimensões	Característica central	Exemplos
Emoção	<u>Descontrole controlado das emoções.</u> - Situações de desafios e riscos controlados. - Intenso nível de excitação. - Contraposição à rotina ou rotinas do cotidiano.	Atividades esportivas denominadas como "extremas" geralmente praticadas em ambientes naturais como montanhas, mar, selva, desertos, estradas etc.

	- Presença de aparato tecnológico.	
Estética	<p><u>Associação determinista do esporte ao conceito de saúde.</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Esporte vinculado diretamente a saúde, sem levar em consideração as diferentes formas de manifestação e práticas que ao contrário, podem trazer prejuízos ao bem-estar geral dos praticantes. - Presença dos estereótipos e padrões corporais de beleza enfatizadas pela sociedade de consumo. - Hiper individualismo contemporâneo: compartilham em rede sua autoafirmação vivida na inserção no mundo do exercício e do esporte. 	Academias especializadas e personalizadas, tecnologias, suplementos nutricionais e os modismos se fazem presentes de forma efêmera e sazonal no contexto dessas práticas.
Ética	<p><u>O esporte a partir dos pressupostos da Ética.</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Discurso recorrente ao <i>fair play</i> no esporte profissional e amador. - “Pseudo-ética” esportiva presentes apenas nos protocolos e convenções esportivas. 	No campo de jogo (de alta performance e até no esporte recreativo) ocorrem tentativas de burlar as regras, manifestação da violência (física ou simbólica) por torcedores, corrupção entre árbitros, dirigentes e atletas.
Espetáculo e Econômico	<p><u>Estágios de espetacularização do esporte</u></p> <p>“Amadorismo, institucionalização, profissionalização e mercantilização”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico. - Geração e constituição de ofertas e demandas. - Plasticidade e viabilidade midiática. - O esporte assume a perspectiva da constituição de um produto globalizado e mercantilizado. - Sociedade do Espetáculo. 	Os canais televisivos e fechados exclusivos para as transmissões esportivas. Realização de um evento show para apresentação de um novo atleta contratado (sinônimo de um <i>popstar</i>). Os licenciamentos para vendas dos produtos esportivos. - Abertura de eventos esportivos acompanhados por uma parcela significativa da população mundial.
Educacional	<p><u>Intencionalidade formativa.</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Dimensão que deve dialogar com as demais. - Subsídia a formação tão desejada e retoricamente defendida da reflexividade e criticidade do ser humano na sociedade contemporânea. - Associa as diversas dimensões sociais do esporte numa perspectiva formativa e correlacional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Princípios formativos do esporte. - Dimensão que interconecta todos os demais “E’s” - Valores éticos pré-estabelecidos nas relações humanas.

Fonte: adaptado de Marchi Jr. (2015, p. 60-64).

Com base nas reflexões trazidas por Marchi Jr. (2015), entendemos que o esporte enquanto fenômeno multidimensional, é produzido, fruído e consumido pela sociedade, e que ao assumir um caráter normativo constitucional passa a receber o status de uma política social.

Na condição de uma política pública, materializada em um programa ou projeto social governamental, o seu conteúdo traz implicitamente aspectos gerais presentes nas dimensões: estética; ética; espetáculo e econômico; emoção e educacional.

Entretanto, os agentes que operacionalizam essas ações têm consciência dos impactos que as diferentes perspectivas do esporte produzem na efetivação de uma política pública de caráter social esportiva destinadas à criança e ao adolescente?

Para responder esta indagação realizamos uma análise a partir do referencial teórico de Pierre Bourdieu (1983; 2009) objetivando aproximar dois diferentes espaços sociais: o campo esportivo, mais especificamente o subcampo das Políticas Públicas de Esporte e Lazer e o Sistema de Garantia de Direitos com foco na Criança e no Adolescente (SGDCA), evidenciando as contribuições e limites que o esporte possui enquanto política setorial normatizada e institucionalizada pelo Estado Brasileiro.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE O CAMPO ESPORTIVO E SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Ao observarmos a aproximação entre os espaços sociais da Garantia de Direitos e das Políticas Públicas, identificamos uma interseção a qual nos possibilita ampliar nossa compreensão acerca de tais campos (BOURDIEU, 1983).

Essa interseção vincula os agentes que ocupam esses espaços, nos distintos subcampos que decorrem deles, e que podem ser aqui representados pelas Secretarias Municipais de Educação, Secretarias Municipais da Assistência Social, Secretarias Municipais do Esporte, os Conselhos de Defesa de Direitos, as organizações não governamentais (ONG), os institutos, as fundações, os grupos de pesquisa vinculados às Universidades, entre outros, que atuam na composição tanto do subcampo das Políticas Públicas de Esporte quanto da Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente.

Esses agentes, dotados de seus *habitus*, estruturam e são estruturados por esses lócus, e que por meio deles, estão inseridos no jogo social, destacando que há distribuição desigual do poder que define a posição que cada um dos agentes ocupa, na interseção em questão, sendo que é nessa diferença de forças que temos os polos opostos que regem o campo: os dominados e os dominantes.

Nessa aproximação, destacamos que tanto as secretarias de Assistência Social, de Educação e Esporte são estruturas públicas burocráticas e sendo assim, se observarmos separadamente os dois referidos subcampos, perceberemos que elas compõem o campo político por se tratar de estruturas administrativas, fazendo parte da gestão governamental em nível federal, estadual e municipal.

Essa constatação nos permite refletir que cada uma das instituições, ao mesmo tempo que por força de lei devem conjugar suas ações dentro de um sistema de garantias, possuem uma trajetória histórica que antecede o SGDCA, e isso implica observar que seus capitais, *habitus* e os objetos que disputam dentro de um campo maior, como por exemplo, o campo educacional e o campo esportivo, podem ser discrepantes quando aproximados e interconectados pelo sistema de garantias.

Tomemos como exemplo o campo esportivo, em que grande parte das suas ações focam o esporte de alto rendimento e profissional, desdobrando em práticas que exigem uma seletividade dos participantes, formação de treinadores, espaços físicos padronizados conforme referências internacionais para sua utilização e outras questões técnicas que vão sendo incorporadas e reproduzidas, condicionando o *habitus* comum dos profissionais que orbitam o campo.

Isso significa dizer que quando há uma aproximação do subcampo das Políticas Públicas de Esporte ao Sistema de Garantia de Direitos, identifica-se além dos entraves operacionais e de financiamento, limitadores em nível de conhecimento funcional, político e de formação. Temos como hipótese que parte dos agentes do campo esportivo desconhecem o SGDCA, o que diminui a contribuição desses no desenvolvimento do Sistema, caracterizando o que Bourdieu (2009) denomina como *histerese*, ou seja, um *habitus* defasado que não condiz com aquilo que esses agentes/profissionais estão acostumados a jogar.

Então, o *habitus* do campo esportivo, historicamente não foi constituído de ações que levassem em consideração de forma equitativa as diferentes manifestações do esporte, mas ao contrário, sempre ocorreu uma sobreposição do esporte de alto rendimento a ditar as regras e a reproduzi-las em espaços como as escolas e as secretarias e/ou departamentos municipais de esporte.

Isso implica dizer que na prática quando se utiliza apenas desse viés, como possibilidade de oferta, tendemos a reduzir as oportunidades de acesso e de número de participantes que no caso são simbolizados pelas crianças e adolescentes. Pois, a lógica do esporte de alta performance ou profissional é a seletividade dos participantes. Entretanto, os programas e projetos sociais se pautam na manifestação educacional e de participação no esporte, o qual focaliza, a vivência e a aquisição de valores e aprendizagens como resultados principais, conquistados e fruídos por meio do esporte.

Porém, para que esses princípios e aprendizagens sejam efetivadas, é necessário ter clareza das principais dificuldades e limites que envolvem os agentes do subcampo das políticas públicas de esporte e lazer em relação ao SGDCA. Da análise dos limites, observamos indicativos para possíveis estratégias às quais podem os profissionais da área da educação física lançar mão para promover o esporte como um meio de desenvolvimento humano e, sobretudo, estabelecer a intersetorialidade entre o subcampo das políticas públicas de esporte e o SGDCA.

Um destes limites é observado no reconhecimento de que **os *habitus* e capitais presentes em cada subcampo apresentam características e objetivos discrepantes**. Tal afirmativa implica observar que os capitais e *habitus* vividos em cada campo específico, como, por exemplo, o campo educacional e o campo esportivo, podem apresentar finalidades diferentes, e dessa forma, ao se aproximarem para constituírem parte da ação intersetorial, os *habitus* pertencentes aos seus campos de origem, podem gerar barreiras no desenvolvimento de um trabalho inter-relacionado.

Isso é constatado, quando analisamos o campo esportivo em específico, no qual parte significativa das suas atividades focam a perspectiva de alta performance, influenciando que as práticas ali presentes visem principalmente a seletividade dos participantes, a utilização de espaços físicos padronizados internacionalmente, a formação especializada do treinador e outras questões de ordem técnicas que vão sendo incorporadas e reproduzidas na condição do *habitus* comum dos profissionais que transitam nesse campo.

Então, os agentes do campo esportivo ao se inter-relacionar com o SGDCA, podem num primeiro momento apresentarem dificuldades de transferências do *habitus* comum de classe (BOURDIEU, 2009) vinculado ao esporte profissional, para as ações atreladas as políticas públicas esportivas de cunho social e educacional, experimentando uma sensação de deslocamento do habitat natural, denominado por Bourdieu (2009) de *histerese*. Nesse sentido, quando esses espaços sociais se aproximam, identifica-se além dos entraves burocráticos, operacionais e de financiamento, outros limitadores como o *habitus* de classe.

Coexiste um segundo limite, no qual se identifica **conhecimento limitado dos agentes do subcampo das políticas de esporte acerca das premissas do SGDCA**. Na aproximação entre esses dois espaços, se identifica a necessidade dos profissionais da setorialidade do esporte, compreenderem o seu papel no sistema de

garantia de direitos. Nessa ótica, consideramos dois aspectos que podem ampliar qualitativamente a ação desses agentes. São eles: o conhecimento da legislação e o desenvolvimento técnico-político. Esses dois momentos ocorrem pela ampliação de seu posicionamento no subcampo a partir dos seguintes aspectos:

- I. Compreensão da legislação e das diretrizes que amparam o desenvolvimento do esporte e suas políticas, programas e projetos conectados a garantia de direitos.
- II. Conhecimento técnico qualificado da área de ensino da Pedagogia do Esporte e da Educação Física.
- III. Reconhecimento enquanto agentes políticos de que estes compõem uma rede de proteção com característica interdisciplinar responsável pela garantia de direitos.

Tais proposições visam ampliar o debate acerca do papel que os professores de Educação Física possuem, ao atuarem diretamente com programas sociais, oportunizando uma autorreflexão sobre a responsabilidade que exercem nesse espaço, pois, necessitam desenvolver concomitantemente o conhecimento técnico da área, vinculado ao conhecimento da legislação e das políticas públicas.

Essa postura exige das instituições e dos agentes, a necessidade de conquistarem por meio do estudo e da reflexão, o empoderamento técnico-político, que possibilite aos profissionais romperem com o ciclo histórico e hierárquico das políticas de esporte enfatizarem a lógica da alta-performance em detrimento do esporte de participação.

Ao conhecer a legislação e as diretrizes do sistema de direitos e das políticas esportivas, os agentes vão ampliando a compreensão sobre as diferentes dimensões esportivas e percebendo que muito mais do que ensinar uma determinada modalidade esportiva, eles são responsáveis por assegurar que o esporte seja integrado às políticas sociais, e assim, se tornar um meio potencial para promoção do desenvolvimento humano e da garantia de direitos.

A partir dessa apropriação, poderão produzir mudanças positivas ao identificarem o compromisso técnico-político que possuem diante das crianças e adolescentes, ao ensinarem o esporte como um componente social e cultural, ou seja, como meio de promoção social nas suas mais diversas dimensões.

Há, ainda, a preocupação com a **formação deficitária dos profissionais de Educação Física em relação ao subcampo das políticas públicas de esporte**. A

formação acadêmica dos agentes atuantes no subcampo das políticas de esporte, integra um dos aspectos que pode fragilizar ou potencializar sua atuação no interior de rede de proteção. É imprescindível que os agentes tenham discutido, vivenciado e incorporado durante a sua formação inicial e continuada, um rol de condições teórico-prático sobre o espectro que envolve a compreensão do seu papel como agente político na promoção do esporte enquanto um direito social.

Cabe destacar que nessa perspectiva, que as estruturas burocráticas possuem uma enorme responsabilidade nesse quesito, pois seu envolvimento é determinante na oferta de estudo, discussão, orientação e acompanhamento das políticas e do trabalho dos seus profissionais, o que impacta diretamente na formação dos profissionais.

No tocante à atuação dos agentes, observa-se o **predomínio da perspectiva individualista e fragmentada na atuação das secretarias em detrimento da ação intersetorial em rede**. As políticas públicas de esporte, de educação e assistência social, entre outras, devem ser inseridas na rede de modo articulado, ou seja, aproximando as instituições, os agentes e suas ações de forma inter-relacional, assumindo seus respectivos papéis que somados entre si, criam uma rede de interdependência recíproca e assimétrica, pois as áreas trabalham nas suas especificidades, o que exige tomada de decisão e a realização de tarefas distintas, mas complementares (BAPTISTA, 2012).

Sendo assim, as políticas de cada setor desenvolvidas nas esferas governamentais pelas suas respectivas estruturas burocráticas, devem estar em consonância, ou seja, em diálogo constante, promovendo espaços para o debate entre os seus profissionais, para que suas atividades sejam planejadas levando em consideração a legislação e as políticas nacionais, estaduais e municipais.

Mencionamos como exemplo desse diálogo e planejamento em conjunto, o cuidado na otimização de recursos financeiros e dos espaços físicos como as escolas, os núcleos de esporte, os CRAS, as ONG's, e as unidades básicas da saúde, além da potencialização do conhecimento interdisciplinar dos profissionais das respectivas áreas no acompanhamento e avaliação das políticas públicas convergentes na rede de proteção.

A ausência de políticas estruturantes em nível federal, estadual e municipal que valorizem e orientem o desenvolvimento do esporte como

elemento de promoção social constitui-se como um último desafio observado nesta articulação.

O Esporte enquanto política pública, ao contrário das áreas da Educação, Saúde e Assistência Social, não dispõe de um sistema único que organize as diretrizes e políticas, ficando a cargo de cada ente federativo desenvolver ações voltadas esse setor. Nessa perspectiva as políticas esportivas vão assumindo principalmente na esfera municipal, o modo de ser e agir, ou seja, o *habitus* vinculado a dimensão esportiva espetacularizada e profissional (ROSA, 2011; TOLEDO; 2014).

Nosso entendimento é de que o *habitus* do campo esportivo não foi construído de maneira equitativa entre as diferentes manifestações do esporte, mas sim, marcado pela sobreposição da dimensão profissional e espetacularizada em relação as outras dimensões como a educacional por exemplo. Tal sobreposição incide nos modos do fazer esportivo, em que as características do alto rendimento, tendem a influenciar e se reproduzir em espaços como as escolas e os núcleos de iniciação esportiva.

O desdobramento da utilização desse viés esportivo reduz as oportunidades de acesso a participação, pois essa lógica acentua a seletividade dos praticantes quando comparado aos programas sociais que se pautam na manifestação educacional do esporte, que focam a vivência e a aquisição de princípios e aprendizagens como resultados conquistados e fruídos por meio do esporte.

Em termos objetivos, o comportamento e visão acerca do esporte profissional influencia os aspectos estruturais presentes no cotidiano de secretarias e departamentos, como no caso da priorização do orçamento, na aquisição de equipamentos, na seleção dos profissionais, no uso dos espaços físicos, no perfil do público a ser atendido, dentre outras questões de ordem político partidárias e operacionais. Então, parte dos agentes acabam reproduzindo a maneira e as formas do pensar e do fazer esportivo impregnados pela lógica ditada e consumida da dimensão do esporte espetáculo, desconsiderando elementos das outras dimensões esportivas que visam ampliar a oferta, a democratização e universalização do esporte.

Como forma de minimizar esse limitador, os profissionais responsáveis pelo diagnóstico, planejamento, execução e avaliação das políticas públicas de esporte necessitam ampliar o seu olhar e atuação diante das demandas presentes no SGDCA relacionadas a formação educacional e esportiva, considerando a diversidade de sujeitos e contextos em que elas acontecem. Essas características, portanto, exigem

das instituições e dos agentes a necessidade de conquistarem por meio do estudo, da reflexão e do posicionamento individual e coletivo o empoderamento técnico-político que os possibilite alterar a tradição histórica e hierárquica das políticas públicas de esporte subsidiarem com muito mais ênfase a lógica do esporte de alta-performance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que na aproximação entre esses dois espaços, se identifica a necessidade de os profissionais compreenderem a intersetorialidade do esporte e o seu papel no sistema de garantia de direitos. Nessa ótica, consideramos quatro aspectos que podem ampliar qualitativamente a ação desses agentes. São eles: o **conhecimento do contexto social, das políticas, da legislação e o desenvolvimento técnico-político.**

Esses aspectos, tem como característica a inter-relação, ou seja, para que o desenvolvimento técnico-político ocorra de maneira satisfatória é imprescindível que os agentes do subcampo das políticas públicas de esporte tenham conhecimento, compreensão e apropriação do contexto social, das políticas, e da legislação que orientam e normatizam o trabalho em rede no interior do SGDCA.

Identificamos nessa interdependência um ciclo de retroalimentação, que possibilita ao agente um alastramento da visão, para além da compreensão apenas técnica da área da Educação Física.

O referido ciclo enfatiza a importância da atuação harmônica do agente no SGDCA em relação ao seu conhecimento, técnico, social, político e da legislação, a fim de evitar práticas profissionais alienadas, como a de alguns professores que atuam em projetos sociais esportivos com razoável conhecimento metodológico do esporte, mas que desconhecem o sentido do projeto, os porquês da sua ação, a realidade geral da comunidade, as diferenças e diversidades dos alunos e a rede local que atua na garantia de direitos.

Exemplo, como esse, demonstra que o esporte enquanto política pública, exige dos seus profissionais além do conhecimento da pedagogia do esporte, o conhecimento e atitude como agentes políticos que compõem uma rede vinculada as políticas sociais.

Se evidencia aqui, não uma responsabilização individual desse agente, mas um fator limitante que se refere a ausência de diretriz da própria instituição em que o agente atua, ao não esclarecer e fundamentar conceitual e politicamente as principais atribuições dos programas esportivos e sociais com foco na criança e no adolescente.

Portanto, as instituições ao não definirem seus objetivos e papéis, acabam permitindo aos agentes atuarem a partir do que consideram pertinente. E na prática, em muitos casos, vão reproduzindo comportamentos vinculados à dimensão esportiva espetacularizada, o que em si, apresenta limitações para favorecer a inclusão social por meio do esporte.

A partir dessa constatação, chamamos mais uma vez a atenção para a necessidade do conhecimento do contexto social, das políticas, da legislação e das normatizações que norteiam o SGDCA, no qual o esporte se constitui como um dos setores.

Ao ter contato, estudar e discutir as leis e normas do sistema de direitos e das políticas esportivas, os agentes vão ampliando a compreensão sobre as diferentes dimensões esportivas e percebendo que muito mais do que ensinar uma determinada modalidade esportiva, eles são responsáveis por assegurar que o esporte seja integrado às políticas sociais, e assim, se tornar um meio de enorme potencial para promoção do desenvolvimento humano e da garantia de direitos.

Dessa forma, cabe as instituições públicas de esporte, da educação e da assistência social, promoverem espaços para o debate entre os seus profissionais, para que suas atividades sejam planejadas levando em consideração a legislação e as políticas nacionais, estaduais e municipais.

Para reverter essa perspectiva, reafirmamos como premente que o diagnóstico, o planejamento, a execução e avaliação das políticas públicas de esporte se fundamentem na legislação e diretrizes que orientam o SGDCA, pois tal ação, contribuirá para que os agentes ampliem seu olhar e atuação para além do conhecimento técnico do ensino do esporte, e assim o aproximem para aquilo que consideramos como outra significativa possibilidade que é a atuação qualificada, que se dá por meio do desenvolvimento técnico-político do agente.

Nesse viés, quando o profissional se reconhece como agente político pautado na legislação e no saber técnico, tende a levar em consideração as demandas e especificidades das crianças e adolescentes presentes nos espaços de formação educacional e esportiva, sendo capaz de observar as diferentes aptidões físicas dos

alunos, adequar os espaços físicos e os recursos materiais, a promover a reflexão pedagógica no planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades considerando a diversidade dos contextos em que elas acontecem.

Todas essas características, portanto, exigem das instituições e dos agentes a necessidade de conquistarem por meio do estudo, da reflexão e do posicionamento individual e coletivo o empoderamento técnico-político que possibilite aos profissionais (gestores, professores, acadêmicos) romper com o ciclo histórico e hierárquico das políticas públicas de esporte subsidiarem com muito mais ênfase (financeira e estrutural) a lógica do esporte de alta-performance.

Com base nas possibilidades e na superação dos limites anunciados, é que consideramos possível, um efetivo processo qualificado de atuação profissional entre as instituições e os agentes, na re-contextualização da política pública de esporte, objetivando que se torne uma política de Estado que contribua como eixo estratégico no sistema de garantia de direitos.

Por último, consideramos, que a reflexão aqui empreendida possa contribuir para estudos futuros sobre a relação entre o esporte e o sistema de garantia de direitos com foco na criança e no adolescente, bem como subsidiar a gestão de políticas públicas de esporte nas três esferas governamentais.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. V. Algumas reflexões sobre o sistema de garantia de direitos. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 109, p. 179-199, jan./mar. 2012.

BOURDIEU, P. **Algumas propriedades dos Campos**. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MARCHI JR., W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. In: **The Journal of the Latin American Socio-Cultural Studies of Sport**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

ROSA, R. L. **A Política Nacional do Esporte e sua relação entre o global e o local**. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

TOLEDO, R. M. As políticas públicas e o direito “social” ao esporte: uma análise a partir do estado do paraná (1995-2010). 293f. 2014. **Tese** (Doutorado) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná., Curitiba, 2014.

14

Práticas pedagógicas para o ensino de Educação Física no Ensino Médio na modalidade EAD

Bravalheri, Rubens de Sousa⁴⁵
Santos, Felipe Haleson Ribeiro dos⁴⁶

Resumo

A Educação Física Escolar vem passando por mudanças substanciais ao longo dos últimos anos na busca por uma ressignificação da disciplina que transcende o esporte em si mesmo. Nesse sentido, desde a implementação dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) em 1996 e mais recentemente em 2017, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a Educação Física se consolidou enquanto disciplina obrigatória no Ensino Médio e responsável pelo desenvolvimento de competências e habilidades. Também é preciso considerar que essa geração de alunos, conhecidos como nativos digitais, apresenta características diferenciadas em relação ao uso da tecnologia. Este novo contexto gera desafios àqueles que atuam no ensino, com a necessidade de se adequarem ao novo estilo de aprendizagem e utilização de recursos tecnológicos em sala de aula. Em março de 2020, com o advento da pandemia pelo Coronavírus, professores se viram forçados a reformular e se reinventar enquanto didática, já que os conteúdos passaram a ser transmitidos via online. Adotando a metodologia do relato de experiência, esse capítulo tem a finalidade de exemplificar algumas atividades desenvolvidas desde então, com o objetivo de propiciar o desenvolvimento dessas competências e habilidades necessárias nesse novo contexto e buscar um maior engajamento dos alunos que também tiveram as suas rotinas acadêmicas alteradas.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Educação Física; Educação à Distância; Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A Educação Física no Brasil que hoje visa a Cultura Corporal de Movimento, passou por diferentes momentos desde sua inserção no meio escolar. Inicialmente chamada de Ginástica (SOARES, 1996), preocupava-se em exercitar o corpo de

⁴⁵ Licenciado em Educação Física /Especialista em Educação Física Escolar/Mestre em Ciências Farmacêuticas pela FCFRP-USP Colégio Sesi Internacional de Curitiba (PR) – rubens.bravalheri@gmail.com

⁴⁶ Universidade Federal do Paraná – Doutorando em Gestão da Informação (UFPR) – fehaleyson@yahoo.com.br

maneira sistêmica e repetitiva visando somente a preparação do físico para que fosse saudável e equilibrado. Concomitantemente a esse pensamento de natureza militar, a Educação Física foi tratada com fins higienistas (para modificar os hábitos populacionais) e eugenistas (para educar em relação a não miscigenação de raças, principalmente em discriminação aos escravos).

A década de 80 representa uma enorme revolução para a disciplina no contexto escolar. Segundo Machado e Bracht (2016) esse período, também chamado de Movimento Renovador da Educação Física buscou reordenar os pressupostos orientadores da disciplina e garantir a qualidade de disciplina escolar. Silva e Bracht (2012, p. 80-81) afirmam que esse movimento propôs “um ensino nas escolas que possibilitasse aos educandos uma apropriação crítica do acervo da cultura corporal de movimento”. Além disso, esse período marca uma maior profissionalização e preparação dos profissionais que trabalhavam com essa disciplina.

Já na década de 90, os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) que estabeleciam as diretrizes para o ensino, afirmavam que a Educação Física precisava buscar sua identidade como área de estudo fundamental para a compreensão e entendimento do ser humano, enquanto produtora de cultura e orientava que era necessário buscar uma educação para a saúde a fim de concretizar sua pretensão enquanto disciplina (BRASIL, 2000).

Atualmente, deve-se cumprir o quanto estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, para o Ensino Médio, deve contribuir para formar sujeitos capazes de usufruir, produzir e transformar a cultura corporal de movimento, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas sobre o papel das práticas corporais em seu projeto de vida e na sociedade (BRASIL, 2017, p. 475).

Em relação ao trato com a cultura corporal, a BNCC passou a tematizar as práticas corporais na escola concebendo-as como um conjunto de práticas sociais que envolvem movimento, enquanto os PCN visam introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la.

Contudo, em um cenário recente, mais precisamente a partir de março de 2020, o cenário mundial mudou e as escolas tiveram que se adaptar a um novo momento vivido pela sociedade mundial, a pandemia pelo Coronavírus. Tudo que era presencial, passou a ser digital e graças a internet, a escola pode continuar funcionando e proporcionando aos alunos, momentos de interação com professores

e com conteúdos programáticos. Santana e Sales (2020) esclarecem que a educação buscou estratégias necessárias para o enfrentamento da pandemia e acelerou as mudanças em relação à infraestrutura física e tecnológica.

A partir de então, os professores de Educação Física tiveram que reformular sua prática pedagógica e encontrar meios de proporcionar aos alunos atividades que promovessem o conhecimento e reconhecimento da cultura corporal de movimento. Não houve muito tempo para o desenvolvimento de novos estudos, como por exemplo a aplicação de experimentos ou análise de ferramentas educacionais. As aulas tiveram que depender muito da inovação destes professores e adaptação às novas ferramentas tecnológicas.

Assim, para este capítulo o relato de experiência é a metodologia escolhida para apresentar ao leitor as medidas que foram adotadas pelos professores neste processo de adaptação e necessidade de continuarem a lecionar.

Nesse sentido, esse capítulo visa o compartilhamento de experiências vividas pelos autores na escola em suas práticas pedagógicas durante esse período com alunos do Ensino Médio em uma escola particular no município de Curitiba (PR). As atividades aqui propostas, em sua maioria, foram construídas de forma inter e transdisciplinar, no sentido que não é uma mera interação entre disciplinas, mas sim algo que transcende a sala de aula e pode ser aplicado no cotidiano do aluno, visando um aprendizado mais global e preparando o aluno para a resolução de problemas reais da vida adulta.

METODOLOGIA

Com o advento da pandemia, as aulas presenciais foram canceladas, e todas as matérias, incluindo a Educação Física, passaram a ser realizadas de modo virtual. Apesar de haver muito conteúdo que era passado em sala de aula, as atividades físicas deixaram de ser realizadas, e foi necessário criar uma nova forma de fazer os alunos interagirem, ainda no contexto do tema proposto.

A instituição de ensino possuía naquela época outras ferramentas tecnológicas, como por exemplo um contrato com a *Microsoft*® para fornecimento de ferramentas como o office para todos os alunos. Apesar disso, tais ferramentas auxiliaram no processo, mas muito dependeu da inovação na forma de ensino que foi aplicada.

Diante disto, emerge o Relato de Experiência como ferramenta metodológica utilizada neste capítulo, pois ele atua como uma forma de compartilhamento do conhecimento baseada na memória do sujeito que participou do processo, e como resultado podem ser produzidos novos conceitos teóricos (DALTRO; FARIA, 2019).

Além do mais, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, os resultados produzidos pelos alunos também representam o material de pesquisa analisado, pois é a partir destes resultados que o professor conseguiu avaliar se o objetivo da disciplina foi cumprido.

No ramo da educação, este tipo de metodologia já foi adotado como é possível visualizar nos artigos de Filho e Farias (2020) e Padrão (et al.2021).

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS: CONSTRUINDO ESPAÇOS ESPORTIVOS USANDO O MINECRAFT EDUCATION®

A partir do movimento renovador na Educação Física que ocorreu na década de 80, surgiu uma diversidade de compreensões epistemológicas e pedagógicas que colaboraram para uma mescla com outras áreas de conhecimento e a partir disso, surge uma possibilidade de transcender a Educação Física baseada em esportes para mesclar-se com outros componentes curriculares, dentre eles, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) (JUNIOR e OLIVEIRA, 2016) e da mídia através da Mídia-Educação (Física), expressão que expressa a tentativa de aproximação e apropriação teórico-metodológica desse conceito (PIRES, LAZZAROTTI FILHO e LISBÔA, 2012).

Com base nesses pressupostos, optou-se por realizar uma atividade que visasse o desenvolvimento de habilidades com a tecnologia e ainda aproximasse os alunos da construção de campos esportivos e a exploração de suas regras.

Os alunos foram distribuídos em equipes e cada equipe recebeu, através de sorteio, um esporte para pesquisar. A pesquisa envolvia as regras, que deveriam ser explicadas de forma resumida. Foi dada a instrução que a explicação das regras deveria ser suficiente para que se um dia alguém estivesse acompanhando esse esporte pela televisão, pudesse entender como funciona e seus objetivos.

Os esportes foram escolhidos de forma aleatória pelo professor, que visou os menos conhecidos, com a finalidade de fazer com que os alunos, além de pesquisar

sobre um esporte pouco praticado, ainda tivessem a possibilidade de aprender e despertar a curiosidade para sua prática.

Além da pesquisa em relação às regras mais básicas e os objetivos, o professor pediu para que os alunos fizessem uma maquete em 3D usando o *Minecraft Education*®, já que é uma ferramenta bastante utilizada pelos adolescentes atualmente. Deveria ser respeitada a proporção dos campos/quadras/mesas sendo que cada bloco, equivalia a 1m².

As tarefas foram divididas entre os integrantes das equipes e primeiramente, foi pedido para que os alunos fizessem uma pesquisa e anotassem as informações mais importantes. Após essa etapa, os alunos iniciaram o desenvolvimento da maquete em si. Permitiu-se que equipamentos como “rede do tênis” fossem substituídos por blocos que simulassem esses itens.

Durante todo o período de elaboração do trabalho, o professor auxiliou os alunos para que as pesquisas fossem direcionadas a sites de federações e confederações e que a maquete ficasse o mais fiel possível ao real, respeitando as medidas de proporção.

Os alunos acharam a atividade bastante divertida porque utilizaram um programa que normalmente usam para jogar para desenvolver uma atividade educativa que depois foi compartilhada com a turma. A apresentação da quadra/campo/mesa, juntamente às regras foram apresentadas para a turma utilizando o *Microsoft*® *Powerpoint*® ou *Microsoft*® *Sway*®.

Seguem algumas imagens de maquetes desenvolvidas:

Figura 1: Maquete de uma quadra de basquete.



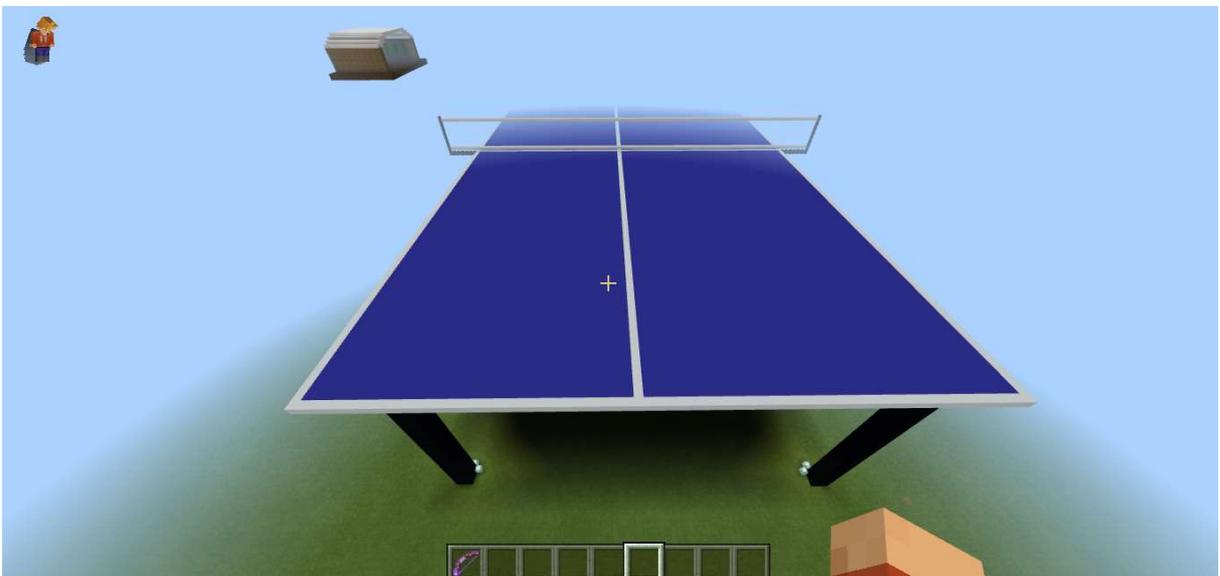
Fonte: Próprio autor.

Figura 2: Maquete de um campo de beisebol.



Fonte: Próprio autor.

Figura 3: Maquete de uma mesa de tênis de mesa.



Fonte: Próprio autor.

A DANÇA A PARTIR DE ASPECTOS CULTURAIS

A dança é um dos conteúdos a serem trabalhados no Ensino Médio segundo quanto estabelecido pela BNCC. Sobre a dança, é importante que os alunos entendam sobre sua representatividade cultural e como ela se entrelaça com a cultura corporal de movimento, conforme afirmam Gariba e Franzoni (2007, p. 156) quando

dizem que “a dança se insere no universo cultural, expressando significados, simbolizando a existência humana.”

Em se tratando de evidenciar os aspectos culturais existentes na dança, é papel do professor de Educação Física despertar no aluno a sensibilidade para uma comunicação que ultrapasse a linguagem verbal e se estenda para a corporal que também estão presentes na música e dança expressas por diferentes grupos étnicos e composições regionais típicas para uma melhor compreensão do mundo onde vivemos (BRAVALHERI, 2020).

Sendo assim, surgiu a ideia entre os professores de História, Arte, Biologia, Nature, Educação Física, Physical Education, Produção Textual e Língua Portuguesa de compartilharem uma atividade a ser desenvolvida em equipe com 6 alunos envolvendo a criação de uma cultura.

Os critérios para a elaboração da atividade foram:

1. Sua equipe receberá um planeta/civilização criado no Individual assessment.
2. A missão de vocês é criar uma base neste planeta e fazer contato com esta civilização.
3. Escolha um nome para sua equipe, para a nave e para a base de vocês.
4. Descreva o que interessaria à Terra neste planeta e nesta civilização (ex.: recursos naturais, cultura, artefatos tecnológicos).
5. Descreva quais serão as dificuldades e adaptações necessárias para que sua equipe sobreviva neste planeta. Neste contexto, descreva como a base será montada pensando em produção de alimentos, geração de energia, tratamento dos resíduos gerados e manutenção da atmosfera.
6. Descreva qual e como será a abordagem do seu time neste processo: quais profissionais seriam necessários? Decidirão pela colonização ou outra forma de relação com este planeta/civilização?
7. Pensando na dança como representação/manifestação de cultura, faça um desenho de como seria uma roupa típica desse povo (pode ser usado qualquer programa de computador ou desenhado a mão) e grave um vídeo mostrando a dança e a música que representam essa civilização. O vídeo precisa ter pelo menos 2 minutos e todos os integrantes da equipe devem participar de alguma forma (sendo que pelo menos 3 precisam mostrar a dança).
8. Para todas estas descrições solicitadas, utilizar a norma-padrão da língua portuguesa de modo a fazer-se entender.

Especificamente na Educação Física, o professor lançou um desafio: as equipes deveriam estabelecer alguns aspectos culturais importantes para o entendimento dessas civilizações e então criar uma dança que fosse típica desses povos.

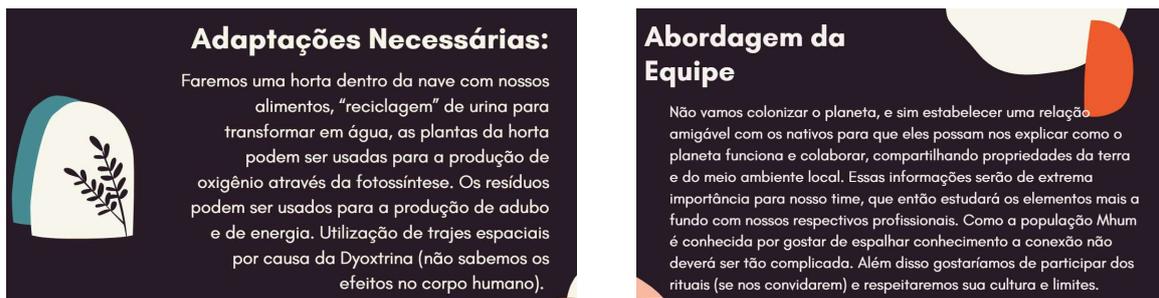
Os aspectos culturais que foram pensados eram em relação a: qual a roupa típica desses povos? Por que eles se vestiam assim? Quais eram as características físicas desses povos que deveriam ser levadas em consideração para um melhor desenvolvimento da dança? Nessa dança, existia algum tipo de pintura corporal?

Durante todo o período de elaboração do trabalho em equipe, os alunos foram encorajados a se aprofundarem nessas culturas para entender quais traços poderiam ser simbolizados através da dança. Após as discussões, os alunos montaram uma apresentação em forma de slides onde contextualizavam esses aspectos que foram levados em consideração para a criação da dança em questão e em casa, cada aluno deveria gravar um vídeo expressando como essa dança seria executada pela civilização criada.

Abaixo, seguem algumas imagens do que foi feito por duas equipes:

Figura 4: Exemplos de slides montados pelos alunos para apresentação dos trabalhos sobre dança.





Fonte: Próprio autor.

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

A alimentação saudável tem sido um grande problema mundial e precisa ser discutida no contexto escolar. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2021, tradução nossa) “de 1975 a 2016, a prevalência de crianças e adolescentes com sobrepeso ou obesidade entre 5 e 19 anos aumentou mais de quatro vezes, de 4% para 18% em todo o mundo.”

Além dos dados alarmantes disponibilizados pela OMS, o Ministério da Saúde também alerta que

Dados obtidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) mostram como a situação no Brasil já é bastante preocupante. Em 2019, entre as crianças acompanhadas na Atenção Primária à Saúde do SUS, 14,8% dos menores de 5 anos e 28,1% das crianças entre 5 e 9 anos tinham excesso de peso. Destas, 7% e 13,2% apresentavam obesidade. Ainda em 2019, 5% das crianças com idade entre 5 e 10 anos foram classificadas com obesidade grave (Ministério da Saúde, 2021, n.p.)

Corroborando para essa preocupação em relação a alimentação, podemos afirmar que a pandemia pelo Coronavírus mudou radicalmente os hábitos da população em relação a prática de atividade física e aumentou os níveis de estresse de depressão que, muitas vezes, se somam a uma alimentação desequilibrada.

Pensando nesse cenário, foi elaborada uma atividade a ser realizada em equipe que envolvesse a pesquisa por alimentos saudáveis e funcionais. Pensou-se também na classe dos alimentos funcionais porque “devem apresentar propriedades benéficas além das nutricionais básicas, sendo apresentados na forma de alimentos comuns” (MORAES e COLLA, 2006, p. 110).

Assim, as equipes inicialmente fizeram uma pesquisa sobre alimentos funcionais e então procuraram na internet por receitas (doces ou salgadas) que

tivessem como característica esses alimentos em sua composição. As pesquisas foram enviadas ao professor e então, validadas.

A próxima etapa foi composta pela elaboração de um vídeo em que os alunos executariam a receita pesquisada. O critério para a gravação é que ele deveria seguir os moldes de programas culinários tradicionais, mostrando os ingredientes e explicando os benefícios deles ao corpo, o modo de preparo e o resultado.

Durante o processo de elaboração da atividade, o professor voltou a atenção dos alunos sobre a importância da atividade física para a melhoria da qualidade de vida, propondo programas variados que iam desde a caminhada até exercícios funcionais.

MELHORANDO A QUALIDADE DE VIDA ATRAVÉS DO EXERCÍCIO FÍSICO: ELABORAÇÃO DE PROJETO

Sabemos que a atividade física é um dos pilares estabelecidos pela OMS para uma boa qualidade de vida. Esse tema se torna um revés quando percebemos que a inatividade física ainda é a causa de muitos problemas relacionados a saúde, conforme alerta a OMS (2021, tradução nossa) em relação aos dados que 81% dos adolescentes são sedentários e quando falamos de países desenvolvidos economicamente, esse percentual pode chegar a 70%, em decorrência das mudanças comportamentais, valores socioculturais e aumento do sedentarismo.

Pensando na construção de um projeto com aprendizagem baseada em problemas, foi dado aos alunos a tarefa de fazer um levantamento bibliográfico sobre inatividade física e qualidade de vida e como isso impacta na vida das pessoas. Foram encontrados dados alarmantes sobre o tema e os alunos perceberam que se trata de uma situação que pode ser facilmente alterada se as pessoas forem mais estimuladas no seu dia a dia através da mudança de hábitos.

Olhando no espaço da escola onde estudam, os alunos perceberam que poderiam ser implementados projetos que tornassem a prática de atividade física mais divertida e natural, melhorando assim o aspecto relacionado a qualidade de vida. Com base nessa percepção, o professor estimulou os alunos a escreverem um projeto e uma maquete virtual a serem apresentados a direção do colégio. O projeto consistia em uma revisão da literatura sobre o problema da inatividade física e o impacto para a saúde do cidadão, a resolução do problema com a implantação da ideia obtida pela

equipe, uma maquete virtual simulando onde esse projeto seria implementado e a ilustração da ideia obtida e no final, as referências.

Em data estipulada pelo professor, cada equipe apresentou as ideias aos demais alunos da sala e foi feita uma votação das melhores, que foram encaminhadas à direção do colégio.

O JUDOKA – A HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA ÉPOCA DA DITADURA

Lutas é outro tema a ser abordado pela Educação Física no Ensino Médio e quando se trata de buscar ferramentas que despertem nos alunos a vontade de aprender esse conteúdo, no EAD isso se torna um desafio.

Em pesquisas realizadas na internet, percebeu-se que na época da ditadura foi publicada uma revista chamada O Judoka. Se tratava de uma revista em quadrinhos com publicação mensal disponibilizada a partir de abril de 1969 e fazia menção ao judô, caratê e jiu-jitsu que eram populares no fim dos anos 60 (MARTA, 2008). Como essa revista, de origem americana, foi trazida ao Brasil durante a Ditadura Militar (1964 – 1985), várias mudanças foram feitas, inclusive em relação ao uniforme do herói que continha as cores brasileiras.

Com base nessas informações, os professores de Arte, Educação Física e História se conversaram para que fosse criada uma história em quadrinhos visando uma reprodução do material da época, obedecendo as características e regras impostas pela ditadura.

A história em quadrinhos foi feita em formato de fotonovela, assim, os alunos tiveram que treinar os movimentos para que parecessem reais durante a execução para as fotografias e a história foi criada com a finalidade de exaltar o nacionalismo existente na época.

O processo de produção foi de 4 semanas e para a produção do material, foi necessária uma pesquisa na internet sobre as características da ditadura, documentos sobre a história em quadrinhos “O Judoka” e a criação de uma fotonovela. Na impossibilidade do encontro presencial devido a pandemia pelo Coronavírus, a fotonovela foi feita através de fotomontagem. Na impossibilidade de confeccionar as roupas necessárias para o herói, foi permitido que os alunos entregassem um desenho de como seria a vestimenta na prática.

GINÁSTICAS

Conteúdo obrigatório a ser ofertado pela Educação Física no Ensino Médio, as Ginásticas também apresentam uma vasta possibilidade de abordagens pelo professor durante as práticas em EAD. Segue uma sugestão de como esse conteúdo pode ser abordado durante as aulas.

No nosso caso, visou-se trabalhar com vários tipos de ginásticas e as pesquisas foram realizadas semanalmente pelos alunos. O objetivo foi estimular a pesquisa e orientar quanto a produção e execução de movimentos ginásticos construídos ao longo dos anos.

Os critérios para a elaboração do trabalho de pesquisa foram:

- As equipes deverão desenvolver pesquisas semanais sobre os seguintes tópicos:
 1. Ginástica alemã, sueca e francesa
 2. Ginástica artística
 3. Ginástica rítmica
 4. Ginástica geral
 5. Ginástica aeróbica
 6. Ginástica circense
- Para a elaboração das pesquisas, as equipes deverão se organizar para ver quais integrantes serão responsáveis pela produção do material escrito e quais integrantes serão responsáveis pela parte prática.
- Para a elaboração do conteúdo teórico, as equipes deverão procurar por textos contidos na internet sobre o tema a ser pesquisado, evitando blogs ou depoimentos pessoais.
- Os itens teóricos a serem pesquisados envolvem: histórico, características, modalidades (quando existir), histórico de participação e conquistas brasileiras no esporte pesquisado, citando nomes.
- Importante colocar as referências bibliográficas pesquisadas no final do documento.
- Para a parte prática, a equipe deverá designar 1 ou mais integrantes para produzir vídeos da ginástica pesquisada, mostrando como realizar alguns movimentos.

- Todas as equipes deverão produzir um documento no *Microsoft® Sway®* e os vídeos deverão ser anexados no mesmo documento.
- A entrega do material ocorrerá semanalmente, em data a ser estipulada pelo professor, tendo as equipes 1 semana de tempo para realizar a entrega referente a cada item listado acima, totalizando 6 semanas de produção.

A pesquisa teve o intuito de despertar nos alunos a curiosidade pela historicidade dos movimentos ginásticos executados atualmente e fazer com que eles percebessem que muito do que executamos nessas práticas são provenientes de escolas europeias que influenciaram na nossa construção cultural e padrão de movimentação corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas pedagógicas inerentes a Educação Física que sempre foram muito esportivizadas, passaram por uma ressignificação a partir dos anos 80 e isso permitiu que a disciplina tivesse mais abrangência e possibilidades de atividades inter e transdisciplinares. Em março de 2020 as escolas foram obrigadas a adaptarem suas práticas devido a pandemia do CoronaVírus e o professor de Educação Física precisou se reinventar para continuar proporcionando aos alunos atividades que visassem o desenvolvimento da cultura corporal de movimento.

As práticas descritas nesse capítulo aconteceram a partir dessa nova realidade e os alunos puderam continuar seu processo de aprendizagem desenvolvendo projetos a distância e desenvolvendo outras habilidades importantes para a vida adulta.

O relato de experiência como metodologia foi fundamental para compreender como as práticas educacionais podem ser adaptadas devido a mudanças contextuais, e apontou que o professor deve utilizar a inovação como ferramenta moderna no ensino.

É importante que o profissional estabeleça objetivos levando em consideração a realidade local e escolar para que os alunos possam obter grandes resultados e consigam se desenvolver mesmo em situações mais complicadas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Parte II. 2000.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRAVALHERI, R. S. Cultura africana numa perspectiva interdisciplinar: Educação Física na cultura corporal de movimento. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-22, 2020.
- DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de Experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** v. 19, n.1, 2019.
- FILHO, E. N. F.; FARIAS, C. R. O. Duas Décadas da Política Nacional Ambiental: percepções dos professores no contexto de uma escola pública de Pernambuco. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 101, n. 258, 2020.
- GARIBA, C. M. S.; FRANZONI, A. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 13, n. 2, p. 155-171, 2007.
- GOVERNO FEDERAL. **Ministério da Saúde**. 2021. Obesidade Infantil: como prevenir desde cedo. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quer-ter-peso-saudavel/noticias/obesidade-infantil-como-prevenir-desde-cedo>> Acesso em 07 de ago. 2021.
- JÚNIOR, J. R. F.; OLIVEIRA, M. R. Educação Física escolar e tecnologias digitais de informação e comunicação na Base Nacional Curricular Comum... Como é que conecta!?. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 150-167, 2016.
- MACHADO, T. D. S.; BRACHT, V. O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 22, n. 3, p. 849-860, 2016.
- MARTA, F. E. F. Artes marciais e ditadura brasileira: as histórias se cruzam? Incurções pelas páginas de O Judoka. **Dialogia**, v. 7, n. 1, p. 53-62, 2008.
- MORAES, F. P.; COLLA, L. M. Alimentos funcionais e nutracêuticos: definições, legislação e benefícios à saúde. **Revista eletrônica de farmácia**, v. 3, n. 2, 2006.
- PADRÃO, M. R. A. V.; TOMASINI, A. J.; ROMERO, M. L. A. M.; SILVA, D.; CAVACA, A. G; KOTCKE, L. S. Educação Entre Pares: protagonismo juvenil na abordagem preventiva do álcool e outras drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 26, n. 7, 2021.
- PIRES, G. L.; LAZZATOTTI FILHO, A.; LISBOA, M. M. Educação Física, Mídia e Tecnologias - incurções, pesquisa e perspectivas. **Kinesis (Santa Maria)**, v. 30, p. 45-79, 2012.
- SANTANA, C. L. S.; SALES, K. M. B. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, v. 30, n. 1, 2012.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 6-12, 1996.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. 2021. **Obesity**. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/obesity#tab=tab_1> Acesso em 06 de ago. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. 2021. **Physical Activity**. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/physical-activity#tab=tab_1> Acesso em 06 de ago. 2021.

15

**PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E MONITORIA EM
CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM EAD**Correia, Evelyne⁴⁷Calve, Tatiane⁴⁸Milleo, Thaisa⁴⁹**Resumo**

O avanço tecnológico e as necessidades da vida contemporânea fizeram com que o Ensino à Distância (EaD) se tornasse uma das melhores possibilidades de formação profissional com qualidade. Para isso, diferentes metodologias de ensino estão sendo aplicadas para facilitar e ampliar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, sem deixar de seguir as diretrizes legais de educação, pesquisa e extensão, tripé do ensino superior que permite uma formação global do graduando. Entre os facilitadores do processo de ensino, aprendizagem e formação profissional do graduando, estão os Programas de Monitoria e Iniciação Científica, que estimulam a prática docente, auxiliam os estudantes com dificuldades e desenvolvem a autonomia na aquisição de conhecimento de seus participantes. Assim sendo, o presente estudo tem por objetivo expor as características e benefícios dos Programas de Monitoria e Iniciação Científica dos cursos de Educação Física em EaD de uma Instituição de Ensino Superior e a relação da prática da monitoria e da pesquisa com a formação do estudante universitário.

Introdução

A evolução social e o avanço tecnológico proporcionaram o desenvolvimento da Educação a Distância (EaD), modalidade de ensino cada vez mais presente no ensino superior, possibilitando o acesso de pessoas das mais diversas e distantes localidades à educação de qualidade e formação profissional.

Por se tratar de uma forma de conectar professores e estudantes de diferentes locais do Brasil e do mundo, a EaD está interligada com as inovações das Tecnologias

⁴⁷ Especialista em Fisiologia do Exercício e Formação docente para EAD. Graduada em Educação Física e Pedagogia. Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNINTER.

⁴⁸ Doutora em Ciências da Saúde, Mestre em Ciências da Motricidade e Doutora. Bacharel em Educação Física. Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura da UNINTER.

⁴⁹ Mestre em Educação. Especialista em Gestão das organizações educacionais. Graduada em Educação Física e Pedagogia.

da Informação e a expansão de novas formas de aprendizado no ambiente virtual, permitindo a produção e a disseminação do conhecimento de maneira global e com velocidade exponencial.

Para que a aquisição do conhecimento ocorra e a aprendizagem seja efetiva, a EaD precisa ser constituída de uma ação coletiva, na qual professores e estudantes sejam protagonistas do processo educativo (SILVA; RUFATO, 2020).

Nesse sentido, a educação a distância (EaD) é uma modalidade que exige do aluno e do professor envolvimento e compromisso com sua própria aprendizagem e a do outro, ou seja, daquele que estará aprendendo com você, assim como com a produção do conhecimento (KNECHTEL, 2014, p.16).

Com o mercado de trabalho cada vez mais competitivo, é primordial que as instituições de ensino superior (IES) busquem desenvolver em seus estudantes a autonomia, habilidade e competência na aquisição, produção e multiplicação do saber, visando lançar no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, profissionais com iniciativa e ideias inovadoras para ampliar a capacidade produtiva.

Entre as diversas estratégias para promover e estimular os estudantes que visam se destacar neste mercado de trabalho cada vez mais competitivo, as IES oferecem os Programas de Monitoria e Iniciação Científica, os quais oportunizam aos seus participantes experiência didática, acadêmica e científica, tornando os acadêmicos mais críticos e ativos.

A proposta das IES em oferecer os Programas de Monitoria e Iniciação Científica, além de cumprirem as diretrizes do Ministério da Educação, reforça a importância de aliar teoria e prática no processo de formação acadêmica.

Pensando nessas questões, a proposta desse texto é oferecer ao leitor informações sobre os Programas de Monitoria e Iniciação Científica de uma IES, fazendo uma reflexão sobre as características e benefícios da participação dos estudantes nas atividades oferecidas nos programas.

DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE MONITORIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Os Programas de Monitoria, ofertados nas IES, estão de acordo com a Lei nº 9.394/1996, indicando que:

os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de

monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos (BRASIL, 1996, s/n.).

As atividades de monitoria, oferecidas nos cursos de graduação em Educação Física, também estão em consonância com a RESOLUÇÃO Nº 6, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018, a qual Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências (BRASIL, 2018). O Art. 13, das diretrizes do Ministério da Educação sobre os a formação do profissional da área de Educação Física, indica que 10% da carga horária do curso deverá estar direcionada ao desenvolvimento de estudos integradores para enriquecimento curricular, compreendendo a participação dos estudantes em projetos de iniciação científica, iniciação à docência, residência docente, monitoria e extensão, entre outras atividades de formação profissional (BRASIL, 2018).

Segundo as DCNs do curso de graduação em Educação Física, a formação acadêmica do monitor, nas diversas vertentes educativas, viabiliza o desenvolvimento das habilidades e competências do estudante, para sua formação profissional e como cidadão.

O estudante monitor tem como um dos objetivos, entre os vários propostos no Programa de Monitoria, auxiliar nas atividades de outros alunos com menos tempo e experiência no ambiente acadêmico, utilizando diálogo e fala mais simples, cooperando com o processo de aprendizagem e ajudando com a transmissão do conhecimento. Assim, o estudante, no papel de monitor, deve minimizar as dificuldades de aprendizagem de seus pares universitários, motivando-os e estimulando-os nos estudos e na realização dos processos avaliativos como provas, estudos de caso, portfólios, entre outras atividades do curso.

Os estudantes monitores orientam e facilitam o acesso de outros estudantes do curso no processo de compreensão dos conteúdos e das atividades avaliativas das disciplinas, dos procedimentos dos estágios curriculares obrigatórios e da construção do trabalho de conclusão de curso. Ser monitor é estar disposto a mediar, de maneira humanizada, os processos de ensino-aprendizagem, apresentando novas formas estratégicas de fixação do conteúdo, com participação ativa nas aulas e formulação de pesquisas e materiais didáticos (DINIZ, 2021).

Além das atividades facilitadoras do processo de aprendizagem dos outros estudantes, os estudantes monitores são importantes, também, nas aulas de práticas

corporais, nas quais professores e tutores aplicam e mediam as atividades e os monitores auxiliam os demais estudantes na realização das tarefas.

Dessa maneira, a participação dos estudantes de graduação em Programas de Monitoria nos cursos de Educação Física, pode ser o primeiro contato e experiência docente, facilitando a futura prática profissional seja como professor nas aulas de Educação Física escolar ou como profissional de Educação Física nas áreas da saúde, lazer ou esportiva.

Segundo Haag et al. (2008) e Reis et al. (2019) apud Diniz (2021), a monitoria é um programa de caráter educacional que propicia a interação entre estudantes e professores, na busca do aperfeiçoamento das ferramentas de aprendizagem, avaliação e outras atividades no âmbito da didática. Além disso, os estudantes que participam dos programas de monitoria são contemplados com diferentes experiências acadêmicas e de vida, o que corrobora com Freire (1979) quanto ao processo de aprendizagem proporcionar, além de conhecimentos amplos, experiências individuais e coletivas, que são aspectos fundamentais para uma formação integral.

Outra vertente dos Programas de Monitoria é a iniciação à pesquisa, com participação em grupos de pesquisa, discussões de textos e contato com a leitura e escrita acadêmico científica. Nos programas de monitoria, os estudantes são orientados por docentes que os auxiliam nas pesquisas e na redação de resumos, para submissão em congressos, e de artigos científicos, para publicação em revistas científicas.

Assim, os estudantes que participam de Programas de Monitoria concluem o curso de graduação mais humanizados e com melhores condições de suprir as exigências do tão concorrido mercado de trabalho.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE MONITORIA OFERTADO EM CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM EAD

O Programa de Monitoria dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, na modalidade EaD, está vinculado ao Setor de Coordenação de Pesquisa e Extensão da Instituição de Ensino Superior (IES) e visa contribuir para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação da instituição, estimular a iniciação à

docência e promover a cooperação entre docentes e estudantes, além de viabilizar a produção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades, possibilitando a iniciação do aluno na docência e na pesquisa.

Para integrar o Programa de Monitoria, os estudantes devem participar do processo seletivo ofertado anualmente, pelos editais de seleção, disponibilizados pela reitoria e Setor de Coordenação de Pesquisa e Extensão da IES. O edital do processo seletivo é amplamente divulgado entre todos os docentes, estudantes e polos de apoio presencial (PAP) da instituição por meio de comunicados, e-mail e avisos pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). No edital são disponibilizadas informações sobre documentação, processo e data de inscrição, processo de seleção e informações sobre bolsa e atividades a serem desenvolvidas pelos monitores durante a participação no programa.

O processo de seleção do Programa de Monitoria é composto por uma avaliação teórica objetiva, disponibilizada na sala Edital de Monitoria, na qual o candidato deve obter o mínimo de 70 pontos. Para se candidatar a uma vaga no programa, o estudante deve postar no link Trabalhos, na sala do AVA, a Carta de interesse na monitoria, o Atestado de disponibilidade de tempo e o Currículo Lattes. Após análise da documentação, os concorrentes pré-selecionados – com nota igual ou superior a 70 na prova objetiva - passam por entrevista nos polos de apoio presenciais, uma vez que os selecionados irão atuar diretamente em seus polos.

Após aprovação da documentação e entrevista, uma lista com os estudantes selecionados é encaminhada ao setor de coordenação e pesquisa da IES, que publica edital com o resultado dos estudantes aprovados. São ofertadas vagas em caráter voluntário e vagas em caráter remunerado com título de bolsa-auxílio. No caso da bolsa-auxílio o candidato aprovado deve cumprir uma carga horária de 5 a 10 horas de atividades presenciais no polo de apoio; sendo 5 horas para os estudantes com 50% de bolsa-auxílio ou voluntários e 10 horas para os estudantes contemplados com 100% de bolsa-auxílio.

Após a aprovação no processo seletivo do Programa de Monitoria, os estudantes são inseridos em uma sala de aula do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), exclusiva para o programa. Cada sala virtual é composta por um roteiro de aulas explicativas sobre os procedimentos do programa, bem como informações sobre calendário, modelo de relatório e trabalhos acadêmico-científicos, fóruns para leitura e debate de textos e artigos científicos da área e o link para envio dos relatórios

bimestrais, os quais devem ser postados para leitura e análise pelos professores do curso de Educação Física da IES.

Os estudantes do programa de monitoria realizam atendimento virtual ou presencial nos polos de apoio presenciais (PAP) da IES, com cargas horárias distintas, como indicadas anteriormente. O atendimento dos estudantes monitores a seus pares, com necessidade de auxílio nos estudos, ocorre à distância, em grupos ou individualmente, por meio de aplicativos como WhatsApp, Zoom, entre outros. Nos PAPs, os estudantes do curso de Educação Física realizam as práticas corporais de diferentes disciplinas, denominadas de Aulas de Campo. As atividades práticas são mediadas pelos orientadores educacionais com formação em Educação Física e os estudantes monitores auxiliam no processo de aprendizagem de seus pares graduandos, procedimento que estimula a iniciação à docência dos estudantes monitores e promove a socialização dos estudantes do curso de Educação Física da modalidade EAD.

Os estudantes integrantes do Programa de Monitoria também são convidados a participarem do grupo de pesquisa dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física. Os encontros do grupo acontecem quinzenalmente, via plataforma colaborativa de reuniões Teams, e conta com a presença do coordenador do curso, docentes, estudantes e membros convidados externos. As discussões sobre textos e artigos científicos ocorrem de forma síncrona nas reuniões e de forma assíncrona por meio de fóruns, na sala do Programa de Monitoria, no AVA.

Integrando as atividades relacionadas às pesquisas científicas, além da participação nas reuniões e discussões do grupo, os estudantes monitores são divididos em pequenos grupos, orientados pelos professores da IES, para a realização de pesquisas e redação de trabalhos para submissão em eventos científicos, como congressos, seminários etc. Entre as atribuições obrigatórias que constam no edital, está a produção e redação de um artigo científico para submissão a uma das Revistas Científica da IES e a participação em eventos científicos.

As orientações para estas produções e participações em eventos acontecem em diferentes momentos ao longo do ano, em pequenos grupos, com interesses comuns em relação aos temas a serem pesquisados. As ferramentas utilizadas para a realização dos encontros entre estudantes e docentes são as plataformas colaborativas de reuniões Teams, Zoom e Reuni (plataforma digital própria da IES).

Os professores orientadores também realizam o controle de entrega dos relatórios e demais devolutivas obrigatórias por parte dos monitores. Os estudantes monitores que não cumprem as atividades obrigatórias de realização de pesquisa, participação em eventos científicos, produções científicas e entrega de relatórios, têm cancelada a participação no Programa de Monitoria e os bolsistas deixam de usufruir da bolsa-auxílio. Os PAPs destes monitores são contatados para emissão e envio de carta de cancelamento da participação no programa e o documento é encaminhado ao setor de Coordenação de Pesquisa e Extensão da IES.

Ao final do período do programa, os estudantes monitores que realizaram e cumpriram todas as atividades previstas em edital recebem um certificado de participação, emitido pela Coordenação de Pesquisa e Publicações Acadêmicas da IES.

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO SUPERIOR

Os Programas de Iniciação Científica foram idealizados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência de fomento governamental que financia pesquisas em nível de graduação e pós-graduação, no Brasil.

Com o objetivo de ampliar o conhecimento científico e o desenvolvimento do país, o CNPq estabelece parcerias com IES para incentivar e apoiar as pesquisas realizadas por estudantes, como ocorre nos Programas de Iniciação Científica (PIC) e Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) (ERDMANN et al., 2010), os quais buscam promover a qualificação, aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, ampliação do conhecimento científico de estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação (CNPq, 2003).

A produção do conhecimento pela pesquisa, em conjunto com as atividades de ensino e de extensão à comunidade, ofertadas pelas IES é um dos pilares que formam o tripé ensino – pesquisa – extensão que institui a universidade e oferece à comunidade interna conhecimento, desenvolvimento pessoal e profissional e à comunidade externa, prestação de serviços (BRASIL, 1998).

Os PICs e PIBICs, atividades ofertadas pelas IES, são responsáveis pela introdução dos estudantes de graduação na pesquisa científica, ampliando a formação

de pesquisadores, produção de conhecimento científico, com estudos básicos e aplicados que influenciem na realidade acadêmico científica e na realidade social, seja em nível local, nacional ou global.

Os estudantes que participam dos programas de iniciação científica experienciam a aprendizagem sobre as técnicas e normas da redação acadêmico científica, produção de resumos e tipos de apresentações de trabalhos (banners/apresentação oral) em eventos científicos, artigos de revistas científicas e, até mesmo, capítulos de livros. Outros aspectos da pesquisa aprendidas pelos estudantes são como utilizar os descritores para pesquisa em bases de dados e buscas online, classificação de revistas científicas, tipos, métodos e características dos mais diversos tipos de pesquisa.

Para Severino (2009) a participação de estudantes de graduação em programas de iniciação científica é uma experiência importante para a qualificação e formação no ambiente universitário.

Para Frangozo:

A iniciação científica surge na graduação como possibilidade de aproximação com a futura realidade profissional e de intervenção sistemática nessa realidade, extraindo dados de campos específicos de pesquisa e buscando formas de tratar as problemáticas evidenciadas nestas realidades (FRANGOZO et al., 2020, p. 2).

O contato com os programas de iniciação científica e a pesquisa, além de influenciar em sua formação acadêmica e profissional, também permitem que o estudante possa relacionar a teoria aprendida com a prática profissional e o leva ao interesse a formação continuada, com cursos de pós-graduação.

Com o exposto, é possível afirmar que os programas de iniciação científica auxiliam na formação integral dos estudantes de graduação, encaminhando ao mercado de trabalho profissionais mais críticos, autônomos e criativos.

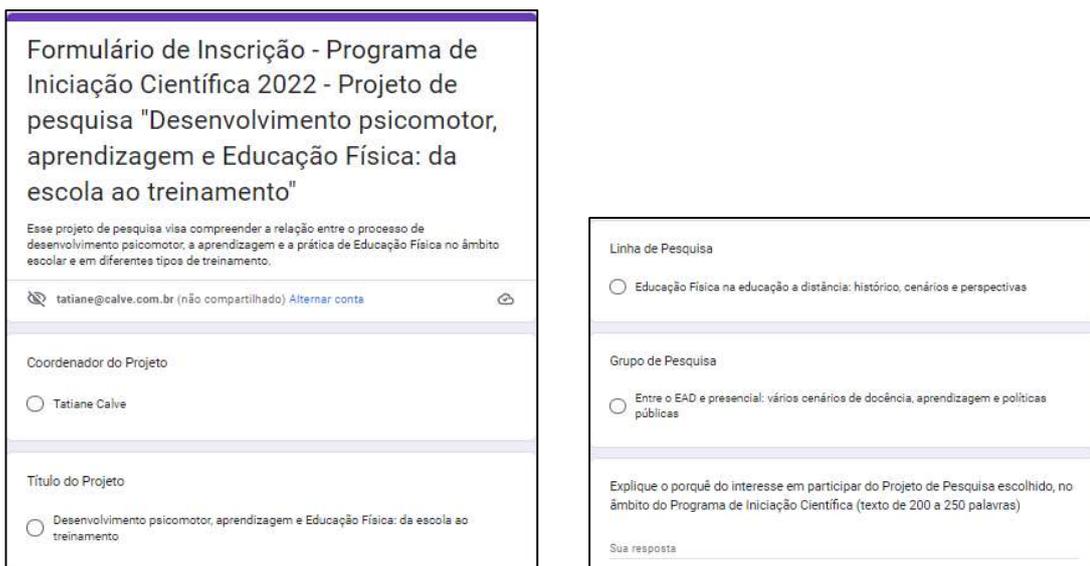
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA OFERTADO EM CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM EAD

Assim como ocorre no Programa de Monitoria dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, na modalidade EaD, o Programa de Iniciação Científica (PIC) está vinculado ao Setor de Coordenação de Pesquisa e Extensão da Instituição de Ensino Superior (IES) e tem como objetivo estimular e encaminhar os estudantes para a pesquisa e produção do conhecimento.

Nos cursos de Educação Física em EaD da IES, o processo de seleção para participação no PIC é iniciado com a disponibilização do Edital do Programa de Iniciação Científica no AVA dos estudantes.

As inscrições para participar do processo seletivo são efetuadas por meio do envio de um formulário de inscrição via Google Forms. (Figura 1).

Figura 1: Exemplo de formulário para seleção de estudantes para o Programa de Iniciação Científica.



Formulário de Inscrição - Programa de Iniciação Científica 2022 - Projeto de pesquisa "Desenvolvimento psicomotor, aprendizagem e Educação Física: da escola ao treinamento"

Esse projeto de pesquisa visa compreender a relação entre o processo de desenvolvimento psicomotor, a aprendizagem e a prática de Educação Física no âmbito escolar e em diferentes tipos de treinamento.

tatiane@calve.com.br (não compartilhado) [Alternar conta](#)

Coordenador do Projeto

Tatiane Calve

Título do Projeto

Desenvolvimento psicomotor, aprendizagem e Educação Física: da escola ao treinamento

Linha de Pesquisa

Educação Física na educação a distância: histórico, cenários e perspectivas

Grupo de Pesquisa

Entre o EAD e presencial: vários cenários de docência, aprendizagem e políticas públicas

Explique o porquê do interesse em participar do Projeto de Pesquisa escolhido, no âmbito do Programa de Iniciação Científica (texto de 200 a 250 palavras)

Sua resposta

Fonte: Projeto de Pesquisa dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física da IES

A seleção de candidatos para a iniciação científica (bolsistas e voluntários) é feita pelo professor coordenador do Projeto de Pesquisa dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física da IES, com a ciência do líder de seu Grupo de Pesquisa, de acordo com a entrevista realizada, Currículo Lattes e a justificativa do estudante em relação ao seu interesse em participar do programa, informada no formulário de inscrição.

Os candidatos aprovados com bolsa-auxílio de 100% do valor da mensalidade do curso devem cumprir 20 horas semanais de pesquisa e os aprovados com 50% de bolsa, 10 horas semanais.

Após a aprovação no processo seletivo, os estudantes são inseridos na sala do projeto de pesquisa do qual fará parte, no AVA. Cada sala virtual é composta por um roteiro de aulas explicativas sobre os procedimentos do programa, bem como informações sobre o calendário de reuniões e entrega de relatórios e trabalhos acadêmicos e fóruns para leitura e debate de textos científicos da área.

Mensalmente é disponibilizado um link para que os estudantes possam enviar os relatórios, os quais são avaliados pelo professor coordenador do programa.

Os estudantes integrantes do PIC da IES participam, além das atividades do AVA, de reuniões mensais, via plataformas colaborativas Teams e Zoom. A utilização deste tipo de plataforma permite que todos possam participar, independentemente da sua localidade de residência. Nestas reuniões são abordados temas como normas de redação acadêmico científica, tipos e métodos de pesquisa, como realizar buscas em bases de dados online, classificação de revistas científicas e elaboração/atualização do Currículo Lattes.

Os estudantes, no início do programa, são divididos em pequenos grupos, de acordo com o interesse comum dos temas de pesquisa dos docentes do curso, nos quais são orientados pelos professores da IES, na realização das pesquisas e produções científicas, que resultam em resumos e artigos científicos submetidos a eventos científicos e revistas científicas.

A participação em eventos científicos, tanto internos quanto externos, é um dos compromissos assumidos pelos estudantes participantes dos programas. As orientações acontecem em diferentes momentos, ao longo de todo o ano, com o uso das ferramentas de reuniões online.

Os professores orientadores também realizam o controle de entrega dos relatórios e demais devolutivas obrigatórias por parte dos estudantes. Estudantes que não realizam as atividades obrigatórias têm as suas bolsas canceladas automaticamente e os voluntários são desligados do programa, sem direito ao certificado de participação.

Outra atividade, não obrigatória, para os estudantes integrantes do programa de iniciação científica da IES, é a participação nas reuniões do grupo de pesquisa dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, que acontecem

quinzenalmente, via plataforma Teams e contam com a presença do coordenador e dos docentes do curso. A participação no grupo de pesquisa oportuniza uma relação mais próxima e direta com a pesquisa, leitura e discussão acadêmica e científica, além de possibilitar a socialização com a equipe de docentes e pesquisadores da instituição.

Ao final do programa, além da aquisição de conhecimento sobre pesquisa e produção científica, os participantes recebem um certificado de atividades complementares, desde que tenham cumprido com todas as obrigações dispostas no edital de seleção, com o plano de atividades e com os estudos previstos. O certificado é emitido pela Coordenação de Pesquisa e Publicações Acadêmicas da IES e encaminhado aos estudantes por e-mail.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço da tecnologia e as necessidades da sociedade moderna fizeram com que houvesse desenvolvimento e aumento na procura pela Educação à Distância (EaD) no ensino superior.

A graduação em EaD, entre outros benefícios, possibilita a formação acadêmica e profissional de pessoas com menor disponibilidade de tempo e dificuldade de deslocamento.

Os graduandos, com as novas tecnologias e diferentes métodos de aprendizagem, podem adquirir conhecimento específico, se conectar aos professores e ter experiências práticas, mesmo estando em diferentes localidades do Brasil e do mundo.

O ambiente virtual de aprendizagem, na EaD, permite que os estudantes adquiram, produzam e disseminem o conhecimento específico da graduação cursada e os conhecimentos gerais, pertinentes à formação acadêmica.

Entre as diversas possibilidades de aquisição e promoção de conhecimento, na graduação, estão os Programas de Monitoria e Iniciação Científica, que objetivam preparar os graduandos para o mercado de trabalho tão competitivo, ampliando o desenvolvimento da criatividade e autonomia.

Nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física em EaD da IES analisada neste estudo, os estudantes com interesse em participar dos

Programas de Monitoria e Iniciação Científica têm os editais dos programas disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e participam do processo de inscrição e seleção, também virtualmente. As inscrições e postagem de documentos indicados nos editais são efetuadas pelo AVA ou pelo Google Forms. Além disso, as entrevistas são feitas pela ferramenta de reuniões online Teams.

Após seleção e aprovação dos estudantes nos referidos programas, todos são inseridos em salas disponibilizadas no AVA, nas quais, monitores e estudantes pesquisadores obtêm informações e realizam atividades online.

As reuniões com os docentes para orientações das atividades e das pesquisas também são realizadas de forma online, pelas ferramentas Teams e Zoom. Nas reuniões, os estudantes têm contato com outros estudantes, com docentes e demais pesquisadores da instituição, proporcionando troca de experiências e saberes.

Tanto o Programa de Monitoria, quanto o Programa de Iniciação Científica, proporcionam aos estudantes experiência docente, conhecimento sobre pesquisa e redação acadêmico científica, inserindo no mercado de trabalho profissionais mais cooperativos, críticos e criativos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998).

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq. Resolução Normativa nº 017/2006. Acesso em: 27 abril de 2022. Disponível em: http://cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352#rn17062>

DINIZ, G. S. C. Breve reflexão prática sobre a importância da monitoria na educação de jovens e adultos (EJA). **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 10, n. 30, p. 29-38, 2021.

ERDMANN, A. L.; LEITE, J. L.; NASCIMENTO, K. C. do; LANZONI, G. M. de M. Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Revista da Enfermagem**. v. 14, n. 1, jan-mar, p.26-32, 2010.)

FRANÇOZO, I. G.; RINALDI, I. P.B.; PIRES, A. F.; TEIXEIRA, F. C.; ORLANDO, A. G. **A iniciação científica na formação inicial em educação física: a percepção dos discentes**. Acesso em 29 de abril de 2022. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/eaic2020/anais/artigos/4413.pdf>

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

KNECHTEL, M.do R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: InterSaber, 2014.

MASCARENHAS, S.A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MASSI, L. E.; QUEIROZ, S. L. Estudos sobre iniciação científica no Brasil: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**. v. 40, n. 139, p. 173-197, 2010.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa – abordagem teórico-prática**. Ed. Papyrus, 2019.

PEROVANO, D. G. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: InterSaber, 2016.

SANTOS, K. J.; LIMA, G. S. R.; CRUZ, L. D.; CALVE, T. Do profissional de educação física dos cursos em EaD: uma revisão sistemática. **Caderno Intersaber**. v. 9 n. 17 – 2020.

SILVA, R. N. O.; RUFATO, J. A. Educação física no ensino a distância: uma revisão. **Caderno Intersaber**. v. 9 n. 17 – 2020.

SEVERINO, A. J. **Ensino e aprendizagem na universidade: a pesquisa como princípio pedagógico da formação geral**. In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.), 2009.

Apresentamos neste livro uma coletânea de estudos e reflexões voltados para um desafio relevante: a implementação de aulas de Educação Física híbridas e remotas. Nesse contexto, o objetivo é explorar estratégias pedagógicas inovadoras que promovam uma experiência de ensino-aprendizagem efetiva, mesmo à distância.

Ao longo dos capítulos, pesquisadores e profissionais da área compartilham suas experiências, conhecimentos e práticas, que abrange uma ampla gama de temas relacionados à Educação Física presencial, híbrida e remota, explorando desde a adaptação de atividades tradicionais para o ambiente virtual até a criação de novas propostas de ensino que aproveitem plenamente as possibilidades oferecidas no novo contexto. Além disso, são discutidos aspectos relacionados à avaliação, engajamento dos alunos, formação de professores e superação de desafios comuns nesse novo cenário, com embasamento científico e experiências práticas.

Por meio da leitura deste livro, os professores de Educação Física, coordenadores pedagógicos e demais interessados na área encontrarão subsídios valiosos para aprimorar suas práticas e enfrentar os novos desafios.

Bem-vindo a um novo horizonte na Educação Física.

Os organizadores